

**MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA**  
**HISTÓRIA, PESQUISA E VIVÊNCIAS**

***Narrativas Escolares: Contexto de Trabalho e de Ensino no Cotidiano dos Professores de História nas escolas estaduais e municipais da cidade de Rio Grande***

Trabalho apresentado como requisito final para aprovação no Programa de Pós-graduação em História, Mestrado Profissional em História, pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a orientação do Prof. Dr. Jussemar Weiss Gonçalves.

Rio Grande

2014

*EPÍGRAFE*

“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal maneira que num dado momento a tua fala seja a tua prática.”

—Paulo Freire

## **DEDICATÓRIA**

A minha mãe, apoio incondicional para todas as horas, e meu filho, por sua paciência.

## **AGRADECIMENTOS**

Este é o momento em que me desafio a agradecer àqueles que de inúmeras maneiras participaram e colaboraram para o andamento deste longo processo que acabou culminando construção dessa dissertação.

A universidade federal, pública e gratuita.

Ao meu orientador, professor Jussemar Weiss Gonçalves, agradeço por sua disponibilidade, compreensão e paciência, respeitando meu tempo e incentivando para que eu pudesse superar minhas limitações.

As direções das escolas que abriram suas portas sem restrições e aos professores, que depositaram sua confiança na proposta da pesquisa, se disponibilizando a mostrar seu trabalho, suas ideias, suas limitações, vontades e interesses.

Aos meus amigos que, com muita paciência souberam conduzir meus momentos de angústia.

Minhas colegas de trabalho pelo suporte prático para construção dessa dissertação.

Minhas colegas de mestrado, pela edificação de novas amizades e pelos inúmeros encontros, onde juntas fomos incentivando umas as outras.

## **RESUMO**

O presente trabalho apresenta uma etnografia da educação. O recorte da dissertação apresenta uma narrativa sobre trabalho e ensino do cotidiano escolar dos professores de história, a partir da construção de um estudo etnográfico. A pesquisa foi realizada com 8 professores em 6 escolas da rede municipal e estadual da cidade de Rio Grande. Com a construção dos diários do campo, foi possível encontrar no cotidiano dos professores falas comuns que foram organizadas em núcleos de sentido, nomeados como ensino de história, dificuldades de ensino, carreira, família, formação-gestão-hora-atividade, estrutura física e sala dos professores, sendo dois deles enfocados neste estudo: as dificuldades de ensino que os professores se deparam na prática docente e o ensino de história, suas visões, conhecimentos e experiências.

**PALAVRAS-CHAVE: etnografia – escola - história – professores - ensino**

## **ABSTRACT**

This work presents a study on ethnography of education. The dissertation is outlined by a narrative about daily routine of history teachers, based on the construction of an ethnographic study. The survey was conducted with 8(eight) teachers in six public schools the city of Rio Grande. With the construction of the field journal, the daily speech of those teachers was able to be organized in units of meaning, named as teaching history, teaching difficulties, career, family, training-management-time-activity, physical structure and staff room. Two of these units were focused in this study: the teaching obstacles faced by the teachers in their practice and the teaching of history, their views, knowledge and experience

**KEY-WORDS:** ethnography - school - history - teachers - teaching

## Sumário

<b>Introdução: A pesquisa etnográfica em educação .....</b>	<b>8</b>
<b>O universo da pesquisa.....</b>	<b>8</b>
<b>Os caminhos do meu fazer etnográfico.....</b>	<b>14</b>
<b>1. A construção dos diários: dos diários aos núcleos de sentido.....</b>	<b>29</b>
<b>1.1 Entrada nas escolas... desconfianças a serem superadas.....</b>	<b>36</b>
<b>2. A construção do espaço-escolar: dificuldades de ensino.....</b>	<b>43</b>
<b>3. A construção do espaço-escolar : reflexões sobre o ensino de História.....</b>	<b>68</b>
<b>4. Conclusão: Amarrando nós, tecendo sentidos.....</b>	<b>94</b>
<b>5. Anexos:.....</b>	<b>109</b>
<b>6. Referências Bibliográficas :.....</b>	<b>213</b>

## **INTRODUÇÃO: A ETNOGRAFIA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

Este trabalho visa a apresentar uma trajetória de professores de História da cidade de Rio Grande, em seu lugar de vida e trabalho, isto é, a escola. A partir da construção de um estudo em que busquei dar visibilidade ao fazer docente de uma forma mais direta, sem que houvesse uma grande interferência do pesquisador. Assim uma aproximação mais satisfatória foi obtida através da pesquisa etnográfica.

Sendo a pesquisa etnográfica uma abordagem de pesquisa qualitativa, já que tem como foco de investigação, a compreensão dos significados que os sujeitos atribuem às suas ações, e para que esses significados sejam compreendidos, é preciso inseri-los dentro de seu contexto, neste estudo, a escola.

### **O universo da pesquisa**

Hoje a cidade de Rio Grande conta com um total de 65 escolas da rede municipal, entre elas estão: Escolas de Ensino Fundamental, Educação Infantil, AMAR (Associação de Pais e Amigos dos Autistas de Rio Grande) e Belas Artes, com aproximadamente 48 professores de História, e em torno de 32 escolas na rede pública estadual entre elas escolas de Ensino Fundamental, Médio e Técnico. O sistema conta com um número de professores de História de 45 profissionais em média, em um total de 93 professores de história na cidade de Rio Grande. A pesquisa foi construída a partir de visitas semanais e mensais durante o ano de 2013 e meses de março e abril de 2014, gerando os diários de campo.

A construção do universo da pesquisa se efetivou com profissionais que trabalham em escolas da zona central e na periferia, ou seja, escolas com diferentes perfis, para possibilitar uma visão dos diferentes espaços onde atuam e procurar identificar como os docentes se organizam e relacionam suas práticas vinculadas a esses espaços.

As escolas foram selecionadas por sua localização, conforme já mencionado, em diferentes espaços da cidade, iniciou-se com seis escolas, e os pontos que caracterizam



esses espaços física, administrativa e estruturalmente são bastante importantes já que influenciam a prática diária dos professores.

Essa influência em relação ao espaço físico pode ser apontada devido às condições de locomoção para a chegada, o tempo deste traslado, as condições das ruas e a chegada até o prédio da escola. Isso, inclusive, é condição para o material que pode ser carregado pelos professores.

Em relação à administração, representada pela equipe diretiva, sua influência está nas próprias relações profissionais, de respeito ao trabalho do professor, de organização do espaço escolar, da intermediação do contato entre comunidade escolar e corpo docente. Essas atitudes dão suporte pedagógico para organização do trabalho, que, indiscutivelmente está relacionado à questão estrutural da escola. Embora ela não seja de responsabilidade exclusiva da equipe diretiva, esta pode e deve oferecer condições mínimas de trabalho para os professores.

Dentre as características que diferenciam as escolas estão as suas instâncias: municipal e estadual, e, portanto, sistemas de funcionamento diferenciados, pois nas escolas municipais os contatos administrativos são mais próximos. Isso facilita a administração das mesmas, inclusive no que diz respeito ao acesso ou não aos recursos financeiros, tudo funciona de uma forma mais direta.

Nas escolas estaduais, a distância da secretaria torna o seu funcionamento mais burocrático, agravado pela escassez dos recursos financeiros, ‘sacrificando’ ainda mais as questões pedagógicas. Como professora das duas redes públicas de ensino, posso avaliar o funcionamento de ambas, as funções que desenvolvo me permitem percorrer diferentes espaços de funcionamento.

Sou membro da direção na rede municipal, o que me qualifica para descrever a forma pela qual o contato com a mantenedora se faz, e na rede estadual, sou membro do Conselho Escolar e do Conselho da Merenda Escolar. Sempre procurei manter essa proximidade com os meios de funcionamento das escolas em que trabalho, de forma a poder ter, minimamente, um olhar sobre o todo. Como noventa por cento do meu tempo de profissão foi vivenciado sempre nas mesmas escolas, isto me permitiu ir conhecendo o funcionamento das mesmas.

As escolas municipais apresentam uma estrutura física, administrativa e estrutural mais funcional, pois tem um espaço físico um pouco mais adequado para o

ensino. Não significa que são os melhores, pois apresentam problemas na sua arquitetura, muitas têm os prédios voltados para espaços ao ar livre, o que prejudica no inverno, pois as salas ficam expostas ao frio, gerando desconforto durante a aula. É preciso que exista um mínimo de condições físicas adequadas para o estudo, de forma que docentes e discentes sintam-se bem durante todo o turno. Além do fato de que ao serem ampliadas, não existe um planejamento, fazendo com que os anexos não tenham ligação uns aos outros.

Soma-se a isso, a realidade de muitas escolas terem problemas na rede elétrica. Porém a administração das mesmas em comparação as escolas estaduais é menos burocrática. Por exemplo, em relação à merenda escolar, que nas escolas municipais é fornecida pela Secretaria Municipal de Educação - SMED, enquanto que nas escolas estaduais é a direção que tem a responsabilidade de abrir concorrência e comprar os alimentos. O mesmo acontece com o material didático-pedagógico e de expediente entre tantas outras atribuições burocráticas.

Entretanto, foi possível perceber que nenhuma das duas instâncias tem os espaços mais apropriados para o ensino. Em sua maioria, vão sendo adaptadas conforme as necessidades surgem, especialmente no que diz respeito ao aumento do número de alunos. A ampliação das escolas é uma das características nesse sentido, mas não como uma preocupação pedagógica, pois em sua maioria, são espaços desconexos, compartimentando a prática. Dessa forma, afasta os contatos entre os sujeitos. Em termos estruturais, nenhuma delas pode ser identificada como um lugar que facilita a prática pedagógica.

Como forma de organização da escrita para manter o sigilo, as escolas foram identificadas através de números, e os professores através de letras. Duas escolas tiveram como sujeitos dois professores de História, por isso foram numeradas duas vezes. Sendo assim, tenho escola 1, 2/3, 4, 5, 6/7, 8 e 9, professores A, B, C, D, E, F, G, H, I.

Essa opção de sigilo foi adotada para que os professores pudessem sentirem-se à vontade em agir naturalmente, sem o receio de que palavras ditas e ações realizadas pudessem virar instrumento de análises de indivíduos específicos se seus nomes fossem revelados. Sendo assim o leitor pode usar sua interpretação sem colocar em questão o

trabalho de um ou outro, mas do conjunto de sujeitos específicos, como amostra da vivência do trabalho dos professores de história da cidade de Rio Grande.

As escolas 1, 4 e 9 localizam-se em bairros afastados do centro da cidade, no meio de comunidades que se caracterizam, em geral, por viverem com escassos recursos econômicos. Em geral são trabalhadores informais, sem renda fixa, ou com ganhos de baixa renda. Sendo a escola, muitas vezes, o espaço para que algumas carências sejam supridas, como alimentação. Um lugar onde os alunos passam a ter acesso a recursos e práticas que não têm em outros lugares, como contato com as tecnologias ou a prática de esportes.

Esses dados foram colhidos através de conversas informais, em que fui fazendo questionamentos aos próprios membros da comunidade aos quais mantive contato nas visitas às escolas, aos alunos e professores, pois não existe nas escolas, nenhum meio oficial de recolhimento de dados socioeconômicos<sup>1</sup>.

As escolas 2/3 e 8 localizam-se em bairros mais próximos à zona central da cidade, onde as comunidades se constituem de famílias com melhor situação financeira. Embora isso não exclua a escola de ser o lugar de busca para prover necessidades que algumas famílias também carecem, como aquelas mais voltadas a questões de ordem de saúde.

A escola 6/7 fica na zona central e possui uma característica muito peculiar, é um local que, por tradição, recebe, em geral, filhos de famílias em situação econômica mais estável, pois a mesma possui um *status* de ensino privado, embora na sua base ela enfrente questões de ordem estrutural e administrativa tão emblemáticas, quanto as de outras escolas. O que a diferencia é que existe um olhar muito mais crítico por parte da comunidade, e controlador por parte da instância administrativa em detrimento das demais escolas.

Esse olhar mais direcionado acontece, justamente, pela característica da comunidade que frequenta o espaço da escola. São filhos de professores, profissionais liberais, trabalhadores do comércio e militares que acabam, em situações de conflito, se

---

<sup>1</sup> De acordo com os dados colhidos por órgãos oficiais, no município de Rio Grande, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0.744, segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2013).

reportando diretamente à Secretaria Municipal de Educação, o que faz com que esta exerça um controle maior sobre a escola.

A escola 5, também faz parte da pesquisa, mas não pôde ser apresentada de forma tão enfática, já que, por motivos alheios<sup>2</sup> à pesquisa, não foi acompanhada tão de perto.

No total, foram nove professores de História, sendo que desses, ao longo de 2013/2014, oito profissionais foram acompanhados. Um deles em situação bastante reduzida pois, percalços pessoais foram surgindo, o mesmo se afastou por questões de saúde. Destaque-se ainda alguns empecilhos: a negativa de uma escola e da própria professora, alegando que possuem muitos estudantes, estagiários e projetos em desenvolvimento. Com essa justificativa não seria possível mais uma pessoa “estranha” dentro da escola, não haveria quem pudesse me dar a devida atenção.

Em uma outra escola, apesar da boa disposição da professora em participar da pesquisa, houve um entrave. Por ser uma escola distante, o diretor deveria ficar bem a par do que seria feito. Por inúmeras vezes ele não foi encontrado, o que acabou excluindo a pesquisa desse espaço.

Além desses docentes, minha própria prática associada às minhas relações profissionais nas escolas em que trabalho tem sido objeto de reflexão. Mesmo contendo oito participantes, meu olhar não se restringiu a eles. Professores de outras áreas e setores foram observados como forma de compreender as inserções do professor de História no grande grupo e entender esse universo construído dentro do espaço escolar.

O grupo se caracteriza por ser composto por três professores do sexo masculino, com tempo de experiência profissional bastante diferenciados, característica semelhante aos cinco sujeitos do sexo feminino.

O número maior de professoras é reflexo da escola como um ambiente marcado pela presença dominante de pessoas do sexo feminino, uma vez que a profissão docente, tem sido associada como uma atividade tipicamente feminina, pois a escola, durante muito tempo foi vista como uma extensão do lar, universo de domínio feminino.

Além disso, a escola é lugar mais propício ao sucesso das meninas do que dos meninos, isso se explica diante do fato de ainda subsistir a ideia de que a escola é um

---

<sup>2</sup> O professor sofreu um acidente de trânsito e se afastou do trabalho.

ambiente, que apesar das problemáticas, protege da rua, espaço ainda de domínio masculino, e onde as meninas ficam resguardadas.

Por outro lado, são os meninos que acabam abandonando a escola para trabalhar, quando se faz necessário ajudar no sustento da família, bem como, quando apresentam baixos resultados, ou problemas de indisciplina, são encaminhados ao trabalho. Em geral, isso não acontece com as meninas.

Outra questão que envolve esse predomínio do feminino, especialmente no corpo docente, justifica-se diante da ideia da escola como uma extensão da educação do lar, a maioria de responsabilidade das mulheres. Diante disso, é “natural” que essa educação se estenda até o espaço escolar e seja por elas administrada.

Isso acarreta uma problemática na própria instituição escolar, pois essa informalidade educacional, em perceber o predomínio feminino no quadro docente como uma continuidade do ambiente doméstico. O próprio uso da expressão “tia”, mais expressivamente nos anos iniciais, confirma essa ideia de familiaridade. Portanto, a informalidade faz com que exista uma desvalorização da escola e da própria carreira docente, especialmente nos Ensinos Fundamental e Médio.

Foi possível perceber, ao longo dos diários e diante da minha própria experiência escolar, que não existe uma discussão de gênero dentro das escolas, as professoras veem como “natural” o fato de trabalharem 60 horas, em três escolas. Têm como sua obrigação dos cuidados da casa e dos filhos, perpetuando uma desigualdade social e de gênero.

Do conjunto dos professores acompanhados, somente um dos homens tem filhos, desloca-se de Pelotas para trabalhar em Rio Grande, sendo o docente pesquisado com mais tempo de carreira. Do conjunto das cinco professoras, quatro têm filhos, sendo que duas são as únicas provedoras da família. O que acaba também gerando a situação de necessidade de trabalhar mais horas.

Nenhum dos professores mora na comunidade onde trabalha, por isso se faz necessária uma inserção maior no espaço de forma a conhecer seu entorno. Os professores A, B, C, F, G trabalham na mesma escola há mais de três anos, os professores D, E, H têm menos de três anos em atividade, sendo que os professores D, H têm pouco tempo de atuação na carreira também.

O grupo de professores pesquisados trabalha somente na rede pública, mas no mínimo em duas escolas. Apenas uma professora trabalha somente em uma escola, o que lhe deu maior disponibilidade de buscar melhorar sua qualificação, mas à custa de privações materiais, segundo sua própria colocação.

Todos são concursados nas duas redes, estadual e municipal, com exceção da professora que trabalha apenas em uma escola, e por isso eles têm olhares bastante críticos em relação às suas carreiras, já que vivenciam diariamente dificuldades referentes a sua constituição profissional, especialmente no que diz respeito a sua qualificação. Não existe uma política de incentivo por parte das mantenedoras, também no que se refere a questões salariais, é de conhecimento público o jogo de forças travado entre as instâncias de governo e o magistério público no sentido de fazer valer uma política de valorização.

A pesquisa foi edificada e sustentada a partir da escrita do entendimento do que os professores dizem ser o seu universo e o que eu percebi. Assim fui compondo uma visibilidade do que eles revelam ser, com objetivo de compreender os professores no seu fazer cotidiano, no interior das suas relações, constituído de suas múltiplas facetas, que os fazem agir de uma ou outra forma, seguir um ou outro caminho. São elas: sua formação em relação ao ensino, suas leituras, sua visão de mundo, suas relações no espaço escolar, seu trabalho, sua atuação, as teorias e metodologias que concebem sua prática, ou a inexistência delas. Para isso, a pesquisa etnográfica foi o suporte fundamental para este estudo.

### **Os caminhos do meu fazer etnográfico**

É fato inegável que o desenvolvimento de estudos através da prática de diferentes tipos de pesquisa é, talvez, o meio mais antigo de se produzir conhecimento. Desenvolver atividades de pesquisa é uma possibilidade de construir uma reflexão crítica sobre a realidade escolar e contribuir para que, através do observar, refletir e interpretar, seja possível compreender algumas das características que compõem o complexo cotidiano escolar.

Para que esta pesquisa fosse realizada, tomamos como aporte teórico os estudos etnográficos, uma vez que os mesmos são utilizados em diferentes sociedades e

culturas, e tem ampliado seu campo de atuação ao buscar compreender outros grupos que compõem a sociedade, especialmente no meio urbano, fugindo um pouco dos estudos apenas das sociedades primitivas, seu campo de pesquisa de origem.

A pesquisa etnográfica tem como características básicas, segundo André (2007, p.27) a adoção de técnicas para coleta de dados sobre valores, hábitos, crenças práticas e comportamentos, que resultam em um relato escrito das observações conduzidas pelo uso dessas técnicas. Apresenta elementos em sua concepção que me permitiram explorar o campo de pesquisa o qual escolhi. Em um sentido mais amplo, a educação dentro da escola com foco em um dos componentes deste universo: o professor.

O interesse pela pesquisa etnográfica em educação amplia-se a partir do final dos anos 70, quando o foco passou a ser o estudo da sala de aula e a avaliação curricular. Para isso, foi importante a associação com diferentes áreas do conhecimento: psicologia, pedagogia, linguística, sociologia e antropologia.

É importante destacar que existe uma polêmica no uso do termo etnografia nas pesquisas em educação devido ao seu uso em sociedades que não as tribais. Embora reconheça essa discussão, optei por sua adoção uma vez que entendi ser o que mais satisfazia minhas necessidades na busca pelo entendimento da escola através de uma experiência mais reflexiva.

De acordo com André (2007, p.36), foi o livro intitulado *Explorations in classroom observation (Explorações da observação em sala de aula)* organizado por Michel Stubbs e Sara Delamont, publicado em 1976, que “marcou um ponto importante na história do uso das abordagens etnográficas em educação”. Essa obra enfatiza o uso da observação participante, uma vez que, neste tipo de pesquisa, o observador

“busca descrever a situação, compreendê-la, revelar os seus múltiplos significados, deixando que o leitor decida se as interpretações podem ou não ser generalizáveis, com base em sua sustentação teórica e sua plausibilidade.”  
( André, 2007, pág. 38)

No Brasil, dentre outros, o momento importante por marcar a disseminação das ideias sob essa nova perspectiva de investigação foi, de acordo com André (2007), o *Seminário de Pesquisas da Região Sudeste*, realizado em Belo Horizonte, em 1980, através da mesa-redonda nomeada “A pesquisa qualitativa e o estudo da escola”. Os debates acabaram sendo publicados nos *Cadernos de Pesquisa nº 49*, ampliando a divulgação das ideias.

Portanto, o trabalho do etnógrafo é realizado dentro de uma dada realidade, que será desvelada através do olhar do pesquisador, a partir do seu entendimento do significado que os sujeitos dão para organizar seus pensamentos, suas formas de comportamentos e suas relações pessoais com o meio em que vivem. É importante salientar que neste tipo de pesquisa, o pesquisador tem que ter claro que um indivíduo, dentro de seu ambiente, constrói sua personalidade a partir de sua subjetividade<sup>3</sup>, mas também dos múltiplos significados que se originam de uma produção cultural estabelecida a partir de diferentes relações sociais. Rey (2013, p.1) coloca que:

A subjetividade social e individual atuam na qualidade de constituintes e constituídos do outro e pelo outro. Isto conduz a uma representação do indivíduo na qual, a condição e o momento atual de sua ação, expressa o tempo todo sentidos subjetivos procedentes de áreas diferentes de sua experiência social, as que passam a se constituir como elementos de sentido de sua expressão atual.

Sendo assim, o etnógrafo encontra-se imerso em um campo em que se depara, de acordo com André (2007, p.20), "com diferentes formas de interpretações de vida, formas de compreensão do senso comum, significados variados atribuídos pelos participantes às suas experiências e vivências e tenta mostrar esses significados múltiplos ao leitor." Como senso comum, entende-se um tipo de compreensão da existência, é um saber que não se baseia em método ou reflexão teórica, e sim no modo comum e espontâneo de assimilar informações e conhecimentos úteis no cotidiano.

Ainda, de acordo com a autora, e dentro da perspectiva deste estudo, é preciso compreender e diferenciar os enfoques dados à pesquisa etnográfica no campo educacional, pois, se o interesse do etnógrafo é a descrição cultural<sup>4</sup>, no caso dos pesquisadores em educação, o interesse é a preocupação com o processo educativo, que se utiliza de técnicas que são associadas à etnografia, principalmente o uso do diário de campo, instrumento de fundamental relevância para os estudos em etnografia. É a partir

---

<sup>3</sup> Neste estudo, o conceito de subjetividade traz como referencial a análise do prof. Dr. Fernando Luiz Gonzalez Rey, que define o conceito em educação como "um sistema processual plurideterminado, contraditório, em constante desenvolvimento, sensível à qualidade de seus momentos atuais, no qual tem um papel social nas diferentes opções dos sujeitos."

<sup>4</sup> A autora define descrição cultural, como estudos das práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados.



dele que se pretende construir uma visibilidade do universo escolar centrado na figura do professor.

O interesse para se realizar este tipo de pesquisa no campo educacional, com foco no professor, justifica-se porque pensar a prática docente tem sido objeto de diferentes pesquisas, mas poucas inseridas no acompanhamento do seu fazer diário. Em geral, as pesquisas ocorrem com os membros da comunidade escolar: pais, discentes, docentes, direção e funcionários, através de entrevistas orais, escritas e questionários. Não há um acompanhamento desse trabalho no dia a dia da escola, com um olhar mais investigativo, no sentido de captar o que está por trás daquilo que se vê em um primeiro olhar.

Nesse sentido, é preciso enfatizar que o caminho por mim escolhido ficou entre o possível e o viável, pois para uma pesquisa etnográfica no seu sentido convencional seria necessário um acompanhamento muito mais aprofundado do cotidiano docente, nos seus diferentes espaços, inclusive pessoais. Sendo assim, dentro do que o tempo e a disponibilidade permitiram, o acompanhamento neste estudo se limitou à escola, e a dias intercalados, embora por um tempo considerável.

A escolha da etnografia como forma de pesquisa a ser utilizada se deu justamente porque permite ao pesquisador uma maior aproximação com o real, visto que ele vivencia o espaço em contato direto com os sujeitos. Constituída a partir de inúmeras relações, a etnografia possibilita, através da observação-reflexão, entender uma realidade que se coloca frente ao pesquisador como objeto de intensa reflexão, que, sob o olhar do etnógrafo, será desvelada para que possa ser compreendida, a partir de uma análise que pretende relacionar as três faculdades de entendimento: olhar, ouvir e escrever, conforme elucida Oliveira (2006, p.17), quando “as aponta como faculdades inerentes ao modo de conhecer das ciências sociais”.

Sendo uma pesquisa etnográfica, e neste caso a pesquisadora está inserida mais que participante, já que é seu *habitat* natural, o que permite que se estabeleça uma interação muito grande com os sujeitos da pesquisa envolvidos no trabalho de campo. Por outro lado, o fato de estar lidando com seus pares pode se tornar uma armadilha na medida em que o outro possa sentir-se intimidado ao ser foco desse olhar. É preciso, portanto, que a pesquisadora não se sinta intimidada no seu olhar e no seu ouvir, mas

que os discipline, como ressalta Oliveira (2006), para que esses atos cognitivos permitam a construção do escrever às percepções internalizadas por tais atos.

Esses atos cognitivos de olhar e ouvir, analisados à luz deles mesmos, precisam ser controlados, pois diante da intencionalidade da pesquisa levam a pensar que o pesquisador-observador, em um primeiro momento, tornará o lugar de pesquisa, neste caso a escola e as relações que norteiam o fazer do professor de história, um lugar-comum, uma vez que é parte do meio. Portanto, o objeto é, mesmo que não intencionalmente, previamente construído por ele, isso porque não há como desassociar o professor do pesquisador.

Ao chegar nas escolas, é impossível o professor-pesquisador não ter mentalmente uma construção prévia do que irá encontrar, e para que isso não interfira substancialmente na pesquisa, é preciso realizar uma desconstrução dessa imagem. A partir de então, o pesquisador vasculha o campo de pesquisa e passa a fazer as diferentes associações e estabelecer as diversas relações sociais que são partes constitutivas do trabalho do professor. Nesse ponto, entra o segundo ato constitutivo da pesquisa etnográfica: o ouvir.

Como bem salienta Oliveira (2006), o olhar e o ouvir não podem ser entendidos como faculdades de entendimento separadamente, e sim devem ser consideradas como “duas muletas”, já que se complementam. E nesse ato cognitivo, é preciso que o pesquisador esteja preparado para “eliminar todos os ruídos que lhe pareçam insignificantes”. Assim estabelece um ouvir especial, uma vez que ambos, pesquisador e pesquisado, convivem com o mesmo arsenal linguístico, dentro de uma relação dialógica como a que se estabelece no estudo etnográfico. O ouvir é ato relevante para que se possa coletar as informações que só mais tarde se transformarão em reflexão.

É na reflexão e na construção do discurso que o escrever se torna o momento de interpretação, momento este marcado pelo afastamento do campo quando se faz a articulação do olhar e ouvir ao escrever, que apesar de ter como base de sustentação o diário de campo, transforma-se completamente no texto final.

Direcionando o olhar para a pesquisa etnográfica em educação, as faculdades de entendimento utilizadas pela pesquisadora, um sujeito do mesmo meio, conduzem-na a intensificar suas relações. À medida que suas experiências pessoais são utilizadas como base de conhecimento, ao mesmo tempo em que problematiza essa posição, ao lidar

com a mesma linguagem e o mesmo sistema simbólico de seus participantes, é preciso exercê-las com muito mais critérios.

Jeanne Favret-Saada (2005), em *Ser Afetado*, põe em discussão, em sua pesquisa sobre feitiçaria no Bocage francês, sua oscilação entre dois obstáculos de pesquisa: como participante, seu trabalho de campo se tornaria uma aventura pessoal, e como observadora, se manteria a distância, mas não acharia nada para observar.

Este é um desafio, que precisa ser superado a todo o momento, uma vez que necessito rever minha postura, focar nas experiências e nas reflexões daqueles a quem acompanho e tentar colocar um olhar externo à situação. Evitando o pré-julgamento do que é observado, e não naturalizo os acontecimentos, sob pena de caracterizar toda a observação como algo que é imutável, ou que se institucionalizou como sendo assim mesmo. Nesse ponto, faz-se necessário tentar assumir uma postura contraditória de ‘estranha no ninho’, mas já estando no ninho.

Portanto, é preciso manter um distanciamento necessário para realizar as reflexões posteriores e exercer a faculdade de escrever. O espaço deve ser visto como novidade, este é o papel da participante como observadora, pois tanto esta quanto os sujeitos da pesquisa são conscientes de que a relação entre eles é uma relação de campo, e todos também estão cientes de sua semelhança. Por isso, a necessidade da pesquisadora em transformar esse informante em interlocutor, em um encontro que Oliveira (2006) chama de “encontro etnográfico”, mas que só é possível desde que :

o pesquisador tenha a habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido, encetando formalmente um diálogo entre “iguais” sem receio de estar, assim, contaminando os discursos do nativo com elementos do seu próprio discurso. Mesmo porque, acreditar ser possível a neutralidade idealizada pelos defensores da objetividade absoluta é apenas viver em uma doce ilusão. ( OLIVEIRA, 2006, p. 24)

No trabalho etnográfico não existe invisibilidade, assim estabelecer relações com os ‘nativos’ é inevitável. São através dessas relações que o etnógrafo procura através do olhar e do ouvir, apreender e compreender as formas como o outro constrói suas relações no espaço escolar.

Participar de um trabalho de campo através da pesquisa etnográfica requer um olhar questionador, ao mesmo tempo em que se deseja que o aspecto observado surpreenda, uma vez que ao se surpreender, o pesquisador se desestabiliza e questiona.

Tal equação deve nortear o trabalho etnográfico, especialmente quando se lida com uma pesquisa onde o campo é o próprio meio. Para Goldman (2008) a “desestabilização que incide sobre nossas formas dominantes de pensar, permitindo, ao mesmo tempo, novas conexões com as forças minoritárias que pululam em nós mesmos.” (Goldman apud URIARTE, 2012, p.1).

Pensando, ainda, na forma como se dá a relação entre os sujeitos da pesquisa e a pesquisadora, Goffman desenvolve seus estudos em torno da representação do eu para entender as relações sociais em um universo micro, como a escola.

“Ele parte da ideia de que os indivíduos possuem um conhecimento anterior à interação que lhes permite conhecer ou ter uma impressão inicial do outro. Desta forma, indivíduos conscientes de sua capacidade de projetar uma determinada imagem desejada durante a interação manipulam suas ações a fim de expressar uma ideia de si mesmos e impressionar os outros.”(GOFFMAN, apud MASCARENHAS, 2012, p.245)

Dar início a essa interação foi um processo bastante delicado, visto que a posição a qual eu pertencço, em um momento inicial pareceu motivo de ‘desconfiança’ pois sendo ambos os sujeitos pertencentes a mesma profissão, ou seja, desenvolvendo o mesmo trabalho, havia o receio do possível julgamento de valor. Portanto, o contato inicial foi bastante importante para firmar as bases pelas quais seriam estabelecidas as relações durante o tempo em que se desenvolveu o trabalho de campo.

Este “entrar em campo” na pesquisa etnográfica, conforme coloca Rocha (2008), pressupõe um duplo sentido, uma vez que para o etnógrafo significa a autorização formal dos sujeitos em participar da pesquisa, mas significa também o momento em que ele passa a ser aceito pelo grupo, quando se deixam observar e participar de seu fazer diário.

Ao partir da compreensão de que a sociedade se organiza, em todas suas instâncias constituída de múltiplas relações, não diferente disso, está a organização das instituições. A escola é um espaço institucionalizado, que se organiza através das relações entre seus membros para alcançar um de seus objetivos<sup>5</sup> básicos que é ser um espaço de difusão do conhecimento formalmente construído, onde se pretende que a apropriação desse conhecimento torne o ser humano capaz de desenvolver habilidades e

---

<sup>5</sup> Esta pesquisa não pretende discutir os objetivos da educação, esse tema é amplo e merece um estudo a parte.

competências na busca por igualdade e liberdade. Liberdade essa expressa no reconhecimento dos seus direitos e deveres como cidadão.

A busca por esse objetivo acontece por meio da construção de uma rede de relações que se configuram no espaço dessa instituição. Para entendê-las, é preciso ter claro a sua organização a partir da interação entre diferentes sujeitos que trazem uma multiplicidade de construções identitárias, que se originam fora do meio escolar e acabam se cruzando dentro dele. Sendo esse um espaço de interação, é por consequência um lugar de troca onde os sujeitos influenciam e são influenciados pelas reflexões que circulam entre eles.

Simmel (2006, apud Mascarenhas, 2012, p.243) apresenta a ideia de que os indivíduos entram em interação a fim de satisfazerem seus interesses, ocorrendo por meio das diferentes formas de sociabilidade, embora não seja possível conhecer o outro por completo. Portanto, há certo grau de incompletude nas relações que se estabelecem no espaço escolar.

No que se refere a esta pesquisa, em especial, a interação entre pesquisador e pesquisado fundamenta-se na forma pela qual o indivíduo é percebido pelo outro, ou pelo estereótipo que é construído por ambos os sujeitos. Nesse caminho, Goffman (2013) defende que quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a deixar-lhes a impressão que lhe interessa transmitir, uma espécie de manipulação, que o autor classifica por meio de dois elementos: os possíveis de controlar e os considerados incontroláveis.

O primeiro, quando o indivíduo age calculadamente para passar a impressão que pretende; o segundo, o indivíduo age calculadamente, mas sem consciência do que está fazendo. Diante do que o autor coloca (2013, p.18), o indivíduo age “porque a tradição do seu grupo ou posição social requer esse tipo de expressão, e não por causa de qualquer resposta particular ( que não a de vaga aceitação ou aprovação).” Goffman (2013, p.19) ainda coloca que,

Sabendo que o indivíduo irá, certamente apresentar-se sob uma luz favorável, os outros podem dividir o que assistem em duas partes: uma, que o indivíduo facilmente manipulará quando quiser, constituída principalmente por suas afirmações verbais, e outra, em relação à qual parece ter pouco interesse ou domínio, oriunda principalmente das expressões que emite.

Há de se destacar, ainda, que, mesmo que os indivíduos construam esses estereótipos a fim de transmitir seu papel social dentro de um dado espaço, eles serão sempre mais que aquilo que deixam transparecer, pois além da interação existe a sua individualidade, que os transformam dentro dos diferentes espaços de atuação.

Para Rocha (2008, p. 4) a reciprocidade da relação entre pesquisador e pesquisado implica que aquele

permita-se experimentar uma sensibilidade emocional para penetrar nas espessas camadas dos motivos e intenções que conformam as interações humanas, ultrapassando a noção ingênua de que a realidade é mensurável ou visível, em uma atitude individual. O observar na pesquisa de campo implica na interação com o Outro evocando uma habilidade para participar das tramas da vida cotidiana, estando com o Outro no fluxo dos acontecimentos. Isto implica em estar atento(a) as regularidades e variações de práticas e atitudes, reconhecer as diversidades e singularidades dos fenômenos sociais para além das suas formas institucionais e definições oficializadas por discursos legitimados por estruturas de poder.

De acordo com Mascarenhas (2012, p.247) “a sociedade cria e opera com estereótipos de tipos sociais de indivíduos que devem agir de acordo com as expectativas que correspondem e recaem sobre cada um deles”. Diante disso, e procurando superar essa expectativa de como os professores devem ser e agir dentro de seu espaço de atuação, é que alguns cuidados foram tomados e algumas problemáticas se apresentaram ao iniciar a pesquisa: um desses contatos foi com os colegas de profissão, procurei não selecionar aqueles com os quais poderiam existir relações mais pessoais, para não comprometer o meu olhar de pesquisadora.

Assim, destaca-se que o pesquisador define seu papel como observador participante, mas ao mesmo tempo seu papel também é definido pela situação e perspectiva dos nativos, como bem coloca Cicourel (1990), quando cita Benjamin Paul. A ideia que os nativos vão construir a partir do pesquisador se dá na exata medida em que este revela como ele é, muito mais do que o significado da pesquisa para eles. É importante que se sintam seguros diante do que os dados obtidos resultarão.

Outra questão que faz parte do contexto da pesquisa é a forma cotidiana em que ela se efetiva, uma vez que continuo na prática da profissão. Justamente por isso que vivencio a todo o momento situações que permitem me manter em constante acompanhamento de meus pares, senão os professores de História, mas profissionais de

todas as áreas da educação e o próprio espaço escolar onde os diferentes membros dessa comunidade estabelecem suas relações.

O diálogo com os meus colegas de profissão e minhas observações me levaram ao encontro de mim mesma com uma outra forma de perceber o mundo escolar. Na busca de compor um outro quadro do cotidiano escolar e me refazer como profissional, este contato a partir de um estudo antropológico foi de fundamental importância para questionar meu cotidiano cristalizado e composto por uma visão compartimentada. Vivo o mesmo há 16 anos, e na busca de me refazer como profissional docente e me fazer autora, esta pesquisa foi ganhando sentido para compreensão de mim mesma.

A grande maioria das pesquisas que envolve o fazer docente centra-se em pesquisas teóricas que ocorrem, em alguns casos, questionários formais, com respostas pré-concebidas, ou pré-direcionadas. Já em outras pesquisas, o ensino de História é concebido a partir da análise de currículo, de propostas de ensino, de novas metodologias, de formação de professores e avaliação de produção historiográfica.

Em *O Ensino de História: revisão urgente*, Conceição Cabrini, Helenice Ciampi, M. do Pilar Araújo Vieira, M. do Rosário da C. Peixoto e Vavy Pacheco Borges formaram um grupo de pesquisa que discutiam questões sobre o ensino de história e o aprendizado em geral. Deste grupo surgiu uma pesquisa, cujos “objetivos iniciais, as entrevistas e os questionários iniciais tinham como tônica a preocupação com as condições didático-pedagógicas em geral e com as condições do ensino da história em particular.” (2004, p.8)

As autoras destacam que “o melhor resultado desta pesquisa não veio dos dados levantados, mas da experiência de sua aplicação e dos contatos necessários para isso, tudo provocando um mergulho nosso ainda maior no conhecimento da realidade do ensino.” (2004, p.9)

O livro *Memória de quem ensina História: cultura e identidade docente*, de Emery Marques Gusmão buscou revelar, através da fala dos professores, os problemas em relação à qualidade do ensino, a partir de um questionário composto de 30 questões envolvendo

vida pessoal: sexo, idade, estado civil e número de filhos e a vida profissional – tempo de magistério, perspectivas e preferências na profissão; perfil profissional publicamente assumido, utilização de eixos temáticos ou da sequência cronológica, o nível de valorização das orientações didáticas, materiais usados para preparar aula e objetivos do curso; as concepções teóricas sobre a narrativa histórica – crença na verdade; a formação e as

características da escola/faculdade que frequentou; a experiência profissional e as concepções sobre ensino. (GUSMÃO, 2003, p.9)

A tabulação dos dados, de acordo com a autora, revelou um número de respostas muito semelhantes, uma vez que foram aplicados um questionário com perguntas iguais para todos os participantes, divididos em três grupos: 1ª, 2ª e 3ª geração, de acordo com a idade.

Ana Maria Monteiro, no livro *Professores de História: entre saberes e práticas*, desenvolveu uma pesquisa com o objetivo de compreender a forma pelas quais os professores de História mobilizam os saberes que dominam para ensiná-los. Para isso, dividiu o estudo em três etapas:

Na primeira, fiz entrevistas que me permitiram conhecer os professores no que diz respeito à vida escolar, formações e experiência profissional, visão sobre o trabalho, os colegas, a instituição onde trabalham e seus alunos. Foram entrevistas semiestruturadas que abriam espaço para atender à diversidade de personalidades e experiências; na segunda etapa, observei aulas, que anotava ou gravava; na terceira etapa, voltei a entrevistar os professores, para que eles me explicassem o que desenvolveram nas suas aulas e por quê. (MONTEIRO, 2007, PÁG. 39)

A escolha pelos caminhos da etnografia se fez justamente para que o contato com a comunidade escolar, neste estudo, especificamente os professores de história, se fizesse de uma forma diferente dos trabalhos referenciados acima e dessa forma, buscar informações através de um outro olhar, utilizando uma narrativa que possa dar um maior enfoque sobre o cotidiano de trabalho e ensino dos professores de história de Rio Grande.

De acordo com o levantamento realizado por Carvalho (2004), nos anos 80 e 90 e início dos anos 2000, a maior parte da produção bibliográfica, relacionada ao ensino de história, encontrada em bibliotecas virtuais de universidades federais do Rio Grande do Sul e universidades particulares de maior tradição como a Pontifícia Universidade Católica e Universidade do Vale do Rio dos Sinos se referiam a questões de metodologia e didática. Sendo estes dois eixos vistos como os salvadores de um ensino, então, considerado em crise.

Na busca por um outro viés de aproximação com o espaço escolar de forma mais direta, mais intensa, mais orgânica, optei pela pesquisa etnográfica, permitindo a descoberta de uma teia de relações que não podem ser detectadas a partir de questionários e entrevistas. A observação do etnógrafo permite descortinar aquilo que



está escondido na naturalização de práticas que se perpetuam nas formas de organização da escola, na imposição velada das estruturas de poder, dos mecanismos de dominação e contestação que são características de uma instituição que pouco mudou ao longo do tempo. Dessa forma, é de fundamental importância construir uma compreensão não artificial de respostas antecipadamente, na exata medida que o contato antropológico a permitir.

Entretanto, é preciso entender que não se pretende aqui fazer uma descrição do trabalho docente nas escolas, procurar afirmativas de senso comum, ou ainda, achar semelhanças ou diferenças em uma pesquisa comparativa entre professores. Sua finalidade é desenvolver um entendimento sobre as relações que se estabelecem no universo escolar, particularmente a partir do olhar sobre o profissional docente da área de história e sua subjetividade frente ao seu campo de atuação e seu objeto de trabalho, estabelecendo as conexões que o mesmo faz com os diferentes sujeitos que o rodeiam e que interferem no seu fazer diário: alunos, colegas de trabalho, pais, funcionários da escola, direção, família e sua constituição profissional.

Impulsionada pela noção de que o profissional docente se constitui a partir de múltiplas facetas e múltiplas relações, tornou-se importante desenvolver o conhecimento sobre esses sujeitos no conjunto do qual eles fazem parte, uma identidade enquanto professores. Diante disso, o contato com a literatura pertinente levou-me a pensar sobre aspectos relevantes para desenvolver a pesquisa no que diz respeito à vida profissional, ao tempo dedicado ao trabalho, aos anos de profissão e ao seu reflexo na competência profissional.

Algumas dessas questões foram organizadas e discutidas por Huberman, em seu artigo *Ciclo de vida profissional dos professores*<sup>6</sup>, sob a perspectiva da carreira, aponta uma sequência de fases que a caracterizam, enfatiza que essa sequência de fases é válida para um grande número de sujeitos da carreira, mas não é possível aplicá-las a todos. Embora não seja esta a pretensão desta pesquisa, questões propostas por Huberman em seu artigo e Nóvoa como organizador da obra, instiga a pensar possibilidades pertinentes em uma perspectiva etnográfica. Para discutir as ideias desenvolvidas, os capítulos foram construídos da seguinte forma:

---

<sup>6</sup> Este artigo faz parte do livro *Vida de professores* organizado por António Nóvoa

No capítulo 1, intitulado “A construção dos diários: Dos diários aos núcleos de sentido”, trago uma perspectiva da construção dos diários, uma vez que esta é a ferramenta de suporte à pesquisa, é a matéria-prima produzida a partir do desenvolvimento do método etnográfico.

Associada a essa construção, apresento o entrelaçamento com o entendimento teórico-prático do fazer etnográfico e a organização do campo de pesquisa, em um movimento de ver o outro e seu trabalho. E, a partir dele, observar o meu lugar.

Desenvolvo, ainda, como as minhas percepções e meus entendimentos foram sendo delimitados a partir do que se expressava na fala e no fazer dos professores. Para isso foi organizada uma forma de articular as falas dos professores que originou os núcleos de sentido, isto é, são os significados dados ao que foi observado ao longo dos acompanhamentos, agrupando as colocações dos professores conforme as suas falas comuns.

Essas falas revelaram, no conjunto dos diários, blocos de interesses no fazer cotidiano desses profissionais, apontou suas dificuldades, seus entendimentos ou desentendimentos advindos de seus conhecimentos teóricos, suas percepções do trabalho docente, suas relações com os diferentes sujeitos que compõem o universo escolar e os espaços de atuação e permanência. Foi possível detectar sete núcleos principais: ensino de história, dificuldades de ensino, carreira, família, formação-gestão-hora-atividade, estrutura física e sala dos professores. Embora nenhum deles esteja fechado em si mesmo, fazem parte de um conjunto de ações e falas dos professores. Ainda assim, possuem significados que podem ser analisados individualmente dentro de um contexto maior que é a escola.

Diante do volume de material produzido caracterizado por diferentes formas de abordagens e natureza epistemológica, seria necessária uma série de aportes explicativos para trabalhar os outros núcleos. Assim foi preciso escolher para análise dois núcleos: dificuldades de ensino e ensino de história. Estes revelaram com maior abrangência o contexto do trabalho diário dos professores de história, dando assim suporte na busca dos objetivos e intencionalidade desta pesquisa. Ainda, apontam com maior centralidade o problema do ensino de história e o trabalho a ser feito a partir do diálogo entre a autora e a fala dos professores no interior dos núcleos.

Os outros núcleos, embora também de grande importância, podem servir de análise para estudos posteriores na composição de um quadro mais qualificado para entendimento da constituição do sujeito professor, uma vez que eles revelam outras variáveis que envolvem o entendimento dos professores no seu fazer docente: a carreira e formação-gestão-hora-atividade condicionando o trabalho, a família vista como suporte ao trabalho pedagógico, a docência movida pela estrutura física e a sala dos professores moldando essa ação.

Os capítulos 2 e 3 são centrais e se complementam pois tem como objetivo elucidar o sujeito professor, sendo melhor visto e compreendido a partir de seu local de trabalho e vivências profissionais. Ao se traçar uma intersecção do mundo - trabalho objetivo com o subjetivo - e suas escolhas, proponho entender de onde eles vêm e para onde vão: tais caminhos estão constituídos das referências do passado e presente dos sujeitos presentes no diário, marcados pelas trajetórias pessoais dos professores e suas escolhas profissionais, permeadas pela pressão dos tempos escolares e pelo processo de trabalho do qual eles fazem parte.

No capítulo 2, “A construção do espaço-escolar: dificuldades de ensino”, apresento ao leitor, um dos núcleos construídos e selecionados, uma abordagem da construção do espaço escolar a partir do que revelam os professores, a expressão de seus pensamentos, diante da realidade em que vivem, a expressão do fazer docente na relação com os colegas de trabalho e os seus enfrentamentos no fazer profissional. Tudo isso apontou para a existência de um binômio no qual os professores se deparam que envolvem questões de disciplina e a organização do espaço da sala e como esses enfrentamentos levam a condução do ensino de história.

No capítulo 3, “A construção do espaço-escolar: reflexões sobre o ensino de História”, aborda de forma mais específica questões relacionadas ao ensino de história, que engloba outras problemáticas, como as dificuldades de ensino. Essas situações descortinam a forma como os professores lidam com seus saberes construídos a partir de sua formação e atuação em sala de aula e com os limites no processo de aprendizagem, partindo de suas vivências e relações. Essas questões estão imbricadas no binômio que se estabeleceu entre os pontos sobre as visões que o professor tem sobre história e a construção do conhecimento em sala de aula.

Como conclusão, a partir da retomada da pesquisa, buscou-se o entendimento de como se constitui o professor de História da rede pública da cidade de Rio Grande, permeado por suas escolhas e seu universo profissional.

## **1. A CONSTRUÇÃO DOS DIÁRIOS: dos diários aos núcleos de sentido**

Ao iniciar minha pesquisa, tive, num primeiro momento, que superar minha própria visão quanto ao que diz respeito a projetos de pesquisa que objetivam estudar a escola, haja vista que o conceito internalizado em mim era a falta de utilidade das mesmas para o universo escolar, pois a maioria das quais participei, ou tive algum tipo de contato no meio escolar, não trazem retorno. Muitas vezes servem para chegar a um diagnóstico já tão conhecido da educação, de que a mesma está em crise, ou reforçar que esta crise é ‘culpa’ do professor ou do sistema educacional falho. Mas pouco dizem a respeito do entendimento sobre esse universo falho, ao não mostrarem o fazer cotidiano de uma forma que relacione o entendimento de alteridade<sup>7</sup> como parte essencial na construção desse complexo universo de relações sociais.

Tomando como base discussões teóricas, e procurando desenvolver um trabalho que fosse por mim incorporado, fui me despidendo de ideias preconcebidas em relação a pesquisas em educação, enraizadas pelos anos de experiência que, em muitos momentos imobilizaram minhas reflexões sobre a construção dos saberes, devido a uma complexa teia da organização escolar e minha própria inércia intelectual.

Fui, no segundo momento, dando sentido à proposta, e, uma vez que fazia sentido para mim, fui capaz de torná-la atraente para os outros, os professores para os quais apresentei a ideia. Para que fosse possível concretizar a proposta, foi preciso, primeiramente, buscar compreender o campo em que estaria me inserindo.

Entretanto, trabalhar em um viés que direcionasse meu olhar na posição de pesquisadora, já que como professora, esse campo já havia sido por mim introjetado. A compreensão passou a ser desenvolvida, a partir do entendimento do significado que teria para mim, a construção dos diários de campo como meio de trabalho, pois é neles

---

<sup>7</sup> Estudo das diferenças e estudo do outro. Goldman (2006, p. 167) faz uma discussão bastante interessante sobre alteridade, antropologia e teoria etnográfica, onde ele caracteriza a antropologia como “estudo das experiências humanas a partir de uma experiência pessoal.” E relacionado a esta definição defende a ideia de que a alteridade é o “princípio que orienta e inflete, mas também limita, a nossa prática. Parte da nossa tarefa consiste em descobrir por que aquilo que as pessoas que estudamos fazem e dizem parece-lhes, eu não diria evidente, mas coerente, conveniente, razoável. Mas a outra parte consiste em estar sempre se interrogando sobre até onde somos capazes de promover nossa própria transformação a partir dessas experiências.”

que fui esculpindo a minha matéria-prima de pesquisa, e para isso foi preciso me apropriar do entendimento do que é um diário de campo.

Para Weber (2009, p.157), o diário de campo “é um instrumento que o pesquisador se dedica a produzir dia após dia ao longo de toda experiência etnográfica. É uma técnica que tem por base o exercício da observação direta dos comportamentos culturais de um grupo social.” Acrescenta, ainda que:

“É no diário de campo que se exerce plenamente a “disciplina” etnográfica: deve-se aí relacionar os eventos observados ou compartilhados e acumular assim os materiais para analisar as práticas, os discursos e as posições dos entrevistados, e também para colocar em dia as relações que foram nutridas entre o etnógrafo e os pesquisados e para objetivar a posição do observador”. (WEBER, 2009, p.158)

Muito mais que um conjunto de relatos, o diário de campo é um espaço de reflexão para que o etnógrafo possa pensar suas ações futuras, sua conduta e sua postura numa constante vigilância do seu fazer. Entretanto, escrever os diários propriamente ditos foi uma prática bastante peculiar, visto que questões de ordem prática também foram objeto de preocupação. Os questionamentos se colocavam a todo o momento: O que escrever? Como escrever? Tudo deve ser escrito? Mas, tudo o quê?

Por isso, entender a etnografia como método de pesquisa foi de primordial importância para que se pudesse ter claro a adoção de uma postura de pesquisadora. Sendo pesquisadora do próprio meio, como ter certeza de que estava sendo clara no meu propósito, e não inconscientemente tentando fechar meu olhar e meu ouvido à realidade que se apresentava na minha frente, pois essa realidade poderia ser o reflexo do meu próprio fazer diário, que nem sempre se coloca com resultados positivos. Seria eu capaz de passar por cima do reflexo da minha própria prática e escrever sobre o que não gostaria que fosse escrito - que não é adequado aos olhos de outros, o que não é perfeito? Não estaria eu me expondo ou expondo meus pares?

Construir os diários de campo, portanto, foi um exercício que exigiu do meu olhar muito mais que o observar, mas observar procurando superar a cada página escrita apenas um relato do que vi ou ouvi, superando minha própria experiência, para que ela não refletisse na minha escrita um ritual da minha própria prática, nem mostrar só o belo, nem mostrar só o feio. Foi preciso, constantemente, colocar um olhar de fora e não

trazer juízos de valor, nem de quem está de fora, tarefa quase impossível na minha posição, nem de quem é ‘de dentro’, que, no fim das contas, é a minha posição.

O processo de escrita dos diários me colocou em um caminho espinhoso, pois exigiu-me uma prática não muito comum, já que o meu campo enquanto profissional docente é densamente formado pela oralidade, mas pouco marcado pela escrita. Enquanto pesquisadora da minha própria prática, poucos são os profissionais docentes que escrevem sobre sua prática, para que a partir da sua escrita possam refletir sobre o seu fazer profissional.

As primeiras escritas dos diários mostram meu olhar ainda imaturo, pouco aguçado para perceber além da superficialidade, além do não dito, os atos cognitivos de ouvir, olhar e escrever pouco desenvolvidos no sentido de investigação. Foi preciso ser instigada pelas leituras e pelas sessões de orientação. Assim, os questionamentos começaram a me levar a querer ir além do que estava na superfície, amadurecendo o meu olhar, o meu ouvir e começando a ficar translúcido o escrever.

Foi por meio desses questionamentos que comecei a escrever o meu diário pessoal, que embora, hoje, ainda limitado, é um pouco do que vejo, leio e sinto em relação ao meu espaço de trabalho e as minhas relações profissionais e com os outros sujeitos. Esse exercício revelou-me a complexidade da observação e reflexão do meu próprio lugar enquanto profissional docente e as limitações em mim internalizadas. E assim foi o começo *“Observar e escutar as falas dos meus colegas na escola, tem despertado em mim algumas problemáticas ligadas ao ensino partindo do olhar dos professores, o que muito tem me levado a questionar as práticas escolares.”*

Acompanhada pela escrita dos diários, ocorreu a estruturação do entendimento da etnografia enquanto prática de construção e produção do conhecimento na área de Ciências Sociais. Este entendimento foi sendo construído por mim, a partir de diferentes leituras que, ao mesmo tempo, entrelaçavam-se com a prática de olhar, ouvir e escrever, em uma via de mão dupla. Foi preciso aguçar o olhar e o ouvir no sentido de perceber o que estava ao meu redor, muito além do que estava posto. Tal construção, como dito inicialmente, foi acompanhada pela construção do entendimento da etnografia, dessa forma, toda a estruturação da pesquisa foi sendo edificada a cada dia.

Alguns desafios foram se colocando diante da proposta desta pesquisa, em primeiro lugar pelo próprio campo de pesquisa que, diferentemente da maioria dos

estudos em etnografia, faz parte do meu fazer cotidiano, o que me exclui da classificação de pesquisadora estranha ao ambiente pesquisado, já que lido com a escola há 16 anos, como professora de história dos anos finais do ensino fundamental. Foi refletindo sobre essa condição, que este estudo foi sendo construído.

Pelo fato da minha pesquisa ser realizada em vários espaços escolares, e por serem fora de meu próprio ambiente de trabalho, senti meu olhar diferenciado e curioso ao meio. Isto me mostrou o quanto vamos naturalizando as coisas e os espaços de acordo com o convívio com elas. Sendo assim, foi preciso um olhar e um ouvir curioso.

Por outro lado, também houve essa recíproca a minha presença, um olhar curioso do meio para mim, já que era uma presença diferente no dia a dia da escola, mas não uma estranha, pois sendo professora, mantinha um contato, mesmo que ocasionalmente com uma grande parte dos professores das escolas participantes.

Em segundo lugar, desenvolver a pesquisa a partir do olhar, ouvir e escrever os diários de campo, uma prática pouco comum no fazer docente, refletir a minha própria prática também é um dos objetivos dessa pesquisa. Não naturalizar o olhar como tudo sendo coisa comum, fala normal e postura cotidiana. Esse distanciamento tem sido um ir e vir constante do meu lugar de professora ao lugar de pesquisadora e vice-versa.

Foi fundamental a adoção de uma metodologia que me permitisse, enquanto pesquisadora, a minha inserção como tal no meu próprio meio e tentar capturar o imenso *iceberg* que está além do primeiro olhar. Um olhar mais superficial que se tem sobre o espaço escolar, não só para os ‘leigos’, mas para os próprios sujeitos que constituem esse espaço.

Em terceiro lugar, observar, refletir e escrever considerando a questão ‘tempo’ é uma tarefa bastante árdua, pois a relação do trabalho de campo e tempo da escrita se contradizem, já que o conhecimento produzido a partir da escrita etnográfica é realizado a distância, em outro tempo. Embora isso não afete a sua produção, nega a coetaneidade ao objeto da pesquisa.

Fabian (2013, p.102) questiona de forma muito eloquente se isso seria uma problemática para a escrita de um trabalho etnográfico. Ele traz o seguinte raciocínio: a função do trabalho de campo é produzir dados, esses dados devem e podem ser selecionados e usados conforme o pesquisador achar conveniente na sua pesquisa. Isso



não invalida as suas teorias, pois sua validade está na coerência, parcimônia, elegância, entre outros.

É preciso entender que, para investigação científica, esses dados devem, realmente, ser ‘purificados’ de possíveis experiências pessoais, isto é, é preciso que minhas experiências pessoais não se reflitam nas experiências do outro. Isso só é possível ao se admitir a não coetaneidade entre a pesquisa e a escrita. Refletindo sobre isso, os questionamentos levantados por Fabian deram encaminhamento mais claro para a relação tempo/pesquisa, quando ele questiona:

“Será que o distanciamento temporal e a negação da coetaneidade não são falhas, mas condições de possibilidades do discurso antropológico? Dos antropólogos, como de outros cientistas, espera-se que produzam um discurso sobre fatos e não sobre ficção. O factum é o que foi feito ou concluído, algo que, inevitavelmente, é passado em relação aos atos de registro, interpretação e escrita. Em vistas de seus compromissos com a facticidade, como poderia haver qualquer exigência em relação ao discurso antropológico para que atenda às demandas da coetaneidade enquanto copresença da fala e daquilo sobre o que se fala?” (FABIAN, 2013, p.102)

Diante disso, foi preciso ter o entendimento claro do significado de “presente etnográfico”<sup>8</sup>, que significa o processo de produzir e transmitir os relatos sobre outras sociedades no tempo presente. O uso do tempo presente na escrita etnográfica suscita uma série de discussões que acabaram emergindo na escrita deste estudo. Surgiu a dúvida em relação ao tempo da pesquisa e da coleta de dados em campo registrados nos diários, e da escrita reflexiva, após o campo e fora dele, o que envolve não só distanciamento temporal, como também espacial. Foi preciso refletir sobre a forma pela qual se pretende transmitir a linguagem ao leitor, pois, conforme Fabian (2013, p.113) “o presente etnográfico representa uma escolha que é determinada por uma posição epistemológica, e não pode ser obtida por regras linguísticas.”

Portanto, não é possível separar o discurso antropológico do conhecimento empírico do autor que formula esse conhecimento, pois “perceber o Outro como objeto ou conteúdo do conhecimento antropológico é necessariamente parte do passado do sujeito cognoscente” (Fabian, 2013, p.114)

Em suma, o tempo na pesquisa etnográfica, tem significado relevante já que tem papel condicionante em vários momentos. É determinante para a escrita dos diários,

---

<sup>8</sup> Não se pretende aqui discutir amplamente o termo, mas entre outras coisas compreendê-lo dentro da sua importância para a pesquisa.

pois esta nem sempre acontece concomitante ao momento observado. Muitas vezes a escrita é feita após o acompanhamento, ou seja, afastado no tempo e no espaço do objeto pesquisado.

Além disso, a questão tempo fundamenta o lugar da pesquisa, tem tempo (relógio, calendário) de funcionamento determinado, o turno de trabalho dos sujeitos, e fundamenta a forma como os docentes vivem o seu fazer diário, e o próprio ano letivo, que é o tempo em que os professores vivem o trabalho no espaço escolar.

Analisando os diários, notei que as falas dos professores expressavam certas recorrências que permitiriam uma entrada no seu estilo de convívio, o que possibilitou a criação de uma articulação das falas e entre as falas, pois nos diários, as narrativas se constituem fundamentalmente a partir de uma erupção, de um desejo de expressar o vivido no cotidiano escolar. Essas recorrências levaram-me a criação dos núcleos de sentido. Trata-se de uma expressão que criamos para dar conta de uma série de falas que se referiam a um mesmo assunto no interior dos diários.

Os núcleos servem também para ordenar em meio às vozes dos professores as suas preocupações, aquelas que se fizeram presentes durante as nossas conversas. Assim fui articulando as falas dos professores a partir dos significados dados ao que foi sendo observado. Suas falas apontaram, no conjunto dos diários, blocos de interesses no fazer diário desses profissionais, revelando suas dificuldades, seus entendimentos ou desentendimentos advindos de seus conhecimentos teóricos, suas percepções do trabalho docente, suas relações com os diferentes sujeitos que compõem o universo escolar e os espaços de atuação e permanência.

Diante de um imenso material que os diários revelaram, a utilização dessa forma de organização permitiu-me melhor compreender o significado que os sujeitos professores atribuem às suas práticas, uma vez que os núcleos são uma ordem formal que não altera o sentido expresso nas falas dos sujeitos, mas facilita o acesso ao terreno do vivido em um cotidiano marcado por uma complexidade que a própria pesquisa revela. Em meio a diversidade de opiniões que os diários mostram, procuro entender o que as aciona, as fazem plausível.

Os núcleos introduzem uma cartografia, no sentido em que servem como mapa de uma leitura possível das narrativas que aparecem diluídas ou dispersas nas vozes dos nativos. São eles, e não o pesquisador, que fornecem a problemática deste trabalho, pois

através dos núcleos de Sentidos podemos notar o que é problema para os nativos desta pesquisa (FERREIRA, 2010, p.17).

Esta cartografia das narrativas colocou-me diante de uma visualização do universo dos nativos que me ajuda na busca das motivações que ordenam as relações dos sujeitos, pois o interesse da pesquisa é mostrar a escola pelos nativos (professores), isto é, tornar o mais nítido possível esse universo através daqueles que o constituem. Os núcleos permitem essa geografia das falas e que me leva a observar nos processos que se engendram entre os nativos. Essas formas como os indivíduos constituem verdades para si são os sentidos.

Ao reler os diários, as observações que obtive através dos acompanhamentos foram mostrando os pontos relevantes. Descortinaram o que os professores mostram como centro no seu fazer diário, e assim fundamentam suas práticas profissionais.

Dessa forma, diante do conjunto dos diários, conforme já foi mencionado, foi possível detectar sete núcleos principais, que foram agrupados e nomeados conforme a relevância que os professores demonstraram nos temas: ensino de história, dificuldades de ensino, carreira, família, formação-gestão-hora-atividade (termo utilizado para identificar o tempo de trabalho que os professores tem na sua carga horária destinado à preparação de aulas, correção de avaliações, organização de projetos, atendimentos aos pais) estrutura física e sala dos professores. Embora nenhum deles esteja fechado em si mesmo, pois fazem parte de um conjunto de ações e falas dos professores. Ainda assim, possuem significados que podem ser analisados individualmente dentro de um contexto maior que é a escola.

A análise e reflexão dos núcleos dificuldades de ensino e ensino de história foram construídas utilizando notas de rodapé, uma vez que o objetivo da pesquisa visa a mostrar como o professor vive e realiza seu trabalho na escola. Assim, com intuito de evitar interferência exterior, coloquei pouca mediação entre o que eles dizem fazer e a escrita do trabalho.

Sendo assim, as notas de rodapé serviram de âncora para um tipo de leitura, onde o leitor encontra as reflexões feitas por mim no sentido de revelar aquilo que pude observar nos acompanhamentos às escolas. Como outra opção, o leitor pode ler o texto sem este aporte reflexivo, podendo ele mesmo buscar sua interpretação sobre o que revelei através da escrita dos núcleos. As notas são explicativas daquilo que observei,

percebi, compreendi e analisei dentro da proposta do trabalho, levando-me a organizar minhas reflexões de forma mais consistente.

### **1.1 A ENTRADA NAS ESCOLAS...DESCONFIANÇAS A SEREM SUPERADAS?**

A pesquisa de campo iniciou-se com um convite informal a alguns professores de história de outras escolas da rede pública da cidade de Rio Grande que não são as escolas em que trabalho. Embora, como já citado, o meu universo de trabalho profissional seja também objeto de reflexão. Ao oficializar o trabalho, professores e membros da direção apresentaram questionamentos, demonstrando algumas preocupações com a inserção de um elemento ‘estranho’, embora também ‘conhecido’<sup>9</sup> no seu espaço. Preocupações sobre a finalidade da pesquisa, fornecimento de dados, sigilo de nomes e instituições participantes e apresentação dos resultados vieram à tona.

Também foi possível perceber alguns receios e explicações, na sutil tentativa de amenizar possíveis observações que pudessem refletir situações que não deveriam ser vistas por outros olhares. Situações como as expostas a seguir, ressaltam as características específicas da proposta de pesquisa:

Escola 1, professora A, adere à proposta com grande disposição, mas desde que fosse feita numa turma específica. Escola 6/7, professores E e F sentem-se bastante prejudicados esse ano, 2013, em função de mudanças na carga horária. Antecipam que estão se adaptando às mudanças, e que, portanto não vão conseguir desenvolver o trabalho como gostariam, agravado, pelo fato de um deles estar em processo de qualificação profissional, que o mantém bastante absorvido. Escola 8, professora G inicialmente não pareceu muito disposta a engajar-se ao estudo. Conforme a conversa

---

<sup>9</sup> Estranho porque não sou membro da escola, apenas uma pessoa de fora a olhar o funcionamento da instituição. Mas ao mesmo tempo sou colega de rede e conhecida de muitas professoras destas escolas. Por também entender do processo de funcionamento, o próprio vocabulário profissional para mim é de fácil compreensão, o que provavelmente não o seria para um não-educador que estivesse realizando este estudo. Esta característica é um diferencial desta pesquisa, já que a maioria das pesquisas etnográficas são realizadas em espaços e/ou grupos que não os de sua origem de nascimento ou profissional.

foi se esclarecendo, concordou com a iniciativa, mas deixou claro que não teria tempo para preencher questionários e entrevistas<sup>10</sup>.

Em relação aos envolvidos e ao exposto acima, transpareceu a preocupação dos sujeitos com o que seria visto, ouvido e escrito, essa preocupação por parte dos sujeitos transformou-se, neste primeiro instante em objeto de reflexão. E para compreender a origem dessas preocupações, o acompanhamento exigiu da pesquisadora a ampliação do olhar, ouvir e escrever, como bem explicou Oliveira (2006):

...ao dizer que esses atos cognitivos assumem um sentido todo particular de natureza epistêmica, uma vez que é com tais atos que logramos construir nosso saber, enquanto no olhar e no ouvir disciplinados realiza-se nossas percepções, será no escrever que o nosso pessoal exercitar-se-á da forma mais cabal, como produtor de um discurso que seja tão criativo como próprios das ciências voltadas à construção da teoria social. ( OLIVEIRA, 2006, p.18 ).

Na Escola 2/3, a professora B manifesta sua desconfiança em relação ao que diz, isso se reflete quando recebe o convite para participar da pesquisa, prontamente concordou e mostrou-se bastante interessada. No entanto, a professora se propôs a tomar parte da pesquisa na escola em que trabalha pela manhã, pois no ambiente em que ela trabalha à tarde, a situação é bastante complicada. Ela o caracteriza da seguinte forma: *“Cá entre nós, é um lugar terrível, não tem nada e nem direção atuante, quando se manda o aluno por problemas de indisciplina, passam a mão na cabeça e mandam de volta pra sala, sem disciplina, o professor que se vire.”* A escola que ela indica chama de paraíso.

Para melhor esclarecer o ambiente que ela chama de paraíso, passa a explicar o projeto pedagógico da escola, onde a proposta envolve os Ambientes de Aprendizagem (AA). Uma outra colega, ao ouvir a conversa diz: *“ é um luxo, visto que para esses ambientes funcionarem é preciso mais professores que o normal<sup>11</sup>, para suprir as cargas horárias.”*

---

<sup>10</sup> Isto porque a maioria das pesquisas feitas nas escolas se utilizam destes recursos na busca dos seus resultados. Entre algumas obras que apresentam essa estrutura podemos citar: MONTEIRO, Ana Maria F. C. *Professores de história: entre saberes e práticas*. CUNHA, J. L.; CARDÓZO, L. S. *Ensino de História*. GUSMÃO, Emery Marques. *Memórias de quem ensina História: cultura e identidade docente*.

<sup>11</sup> Normal se referindo as escolas que não tem um projeto de Salas Ambientes, neste caso, é preciso mais professores de cada área, para que se consiga dar conta de toda a carga horária.

A professora B explica que considera a proposta muito boa, pois o tempo é melhor aproveitado, duas horas relógio em cada turma por semana. Tal demanda permite atividades que exigem mais tempo. Acrescenta que ainda faltam recursos visuais para a sala, e neste ano, os alunos não podem levar os livros didáticos para casa, pois não têm para todos, então ficam na sala. Nos Ambientes de Aprendizagem são os alunos que trocam de sala, após o recreio.

Por outro lado, chamar uma escola de paraíso traz à tona a ideia de lugar que funciona, mas para quem? Para ela, para os alunos, ou para mim, que sou seu par e vou acompanhar seu trabalho? Por que me mostrar um lugar, e não outro? Seria essa uma forma de se eximir da responsabilidade do que não funciona, como se fosse uma coisa alheia ao seu trabalho?<sup>12</sup>

Questionamentos se fazem presentes nesses pontos, se a família, por um lado, não se organiza para que seus filhos possam, de fato, se desenvolver intelectualmente no meio escolar, então a escola se exime dessa responsabilidade? Mas, por outro lado, se a escola como está estruturada não dá conta das demandas que não são supridas pela família, não teria essa instituição que ser repensada para que possa ser adaptada às novas formas da família lidar com o ensino?

Na Escola 1, na sala dos professores, houve um comentário feito por um professor, e discutido por outros:

*“ A escola, hoje, é um espaço onde os jovens ficam algum tempo, para que alguns fiquem afastados da marginalidade, pois alguns alunos acabam se salvando porque estão dentro da escola. ”*

*Um dos professores passou a citar exemplos de alunas que estão indo bem porque estão neste espaço, senão estivessem aqui já teriam se perdido para a prostituição, devido ao ambiente em que vive, como é o caso de outras alunas, onde isso aconteceu.*

Essa colocação mostra a preocupação dos professores, que vai além das questões ligadas ao conhecimento, em que os professores acabam por adotar uma postura protetiva, ultrapassando as barreiras da atividade profissional, de ofício de professor, tendo que ‘fechar os olhos’ para problemas pessoais de alunos, que interferem no seu estudo, mas que os mantêm ‘protegidos’ da rua no espaço escolar. Muitos alunos vêm para escola carregados de problemas que envolvem questões familiares, problemas com drogas, criminalidade, entre outros, e para o professor envolver-se nesses problemas, na

---

<sup>12</sup> Tema que será discutido no capítulo 2.

maioria das vezes acarreta uma carga ainda maior do que já exige o trabalho docente. Por expor-se ao desconhecido, despreparadamente, não se sente capaz de encontrar um caminho para a questão, ou puramente porque não sente que este seja seu papel enquanto professor.

Buscando os temas recorrentes em educação, a pesquisa etnográfica possibilita ver e ouvir o professor dentro das problemáticas do cotidiano, buscando entendê-lo através dos sentidos que ele atribui a si e a realidade que norteia seu trabalho.

Na Escola 2/3, a professora A, ao referir-se à formação, demonstra estar muito animada porque iniciou um curso de Educação Ambiental e deseja, também, fazer o curso de cultura afro que a Secretaria Municipal de Educação oferece em parceria com a universidade. Fala sobre as dificuldades que terá, comenta sobre os problemas enfrentados devido à vida corrida que levamos que acaba atrapalhando na qualificação. Diz que pretende fazer os cursos no tempo destinado a hora atividade, visto que em alguns dias essa hora não é bem utilizada.

Tais colocações revelam as angústias que envolvem o trabalho docente, uma vez que tomados por uma carga horária excessiva, os professores acabam por comprometer boa parte do tempo fora do trabalho em atividades profissionais, e o desejo de manter-se em formação é uma constante. Não ter essa possibilidade traz ao profissional uma sensação de incapacidade que, muitas vezes, acaba se refletindo na sua prática diária, expressa nos poucos resultados que se apresentam na aprendizagem dos alunos. Dessa forma o professor acaba por "jogar" para cima do aluno essa culpa, e se eximindo dessa responsabilidade, pois não consegue se aprimorar porque os encargos da profissão e da vida familiar não permitem.

Ainda, é preciso perceber em suas falas, que o profissional docente, no seu fazer cotidiano, tem que enfrentar uma série de situações cumulativas. Suas angústias se revelam no lidar com a aprendizagem, que tem sido uma barreira nas aulas. O aluno não lê, quando lê não entende, porque não tem vocabulário. O professor de história tem baixa carga horária em cada turma e administra várias turmas, o que não lhe permite tentar romper algumas dessas barreiras da aprendizagem. O número elevado de turmas traz também um número maior de alunos e, conseqüentemente, ampliam-se os problemas trazidos por eles, e por falta de tempo, muitas vezes, a professora é incapaz de observar essas questões. Nos diários, essa é uma discussão que vem a tona:

*Em relação a uma das escolas em que trabalho, no final do ano letivo de 2013 foi marcada uma reunião administrativa-pedagógica, discutiu-se questões de organização das turmas e da carga horária para 2014, as ordens de 18ª Coordenadoria Regional de Educação é de no máximo 13hs/aula para cada professor, isso reduzirá o nº de turmas para cada docente, aproveitando este ganho, os professores da área das ciências humanas (História e Geografia) levantam a problemática do nº de aulas, propondo que se aproveitasse a mudança da carga horária para ampliar o nº de aulas instala-se polêmica: para ampliar as aulas de História e Geografia deverá diminuir as aulas de Português e Matemática, os professores destas disciplinas não demonstraram nenhuma simpatia com a proposta. Ainda existe uma outra questão a ser analisada pois essa mudança envolve a possível sobra de carga horária de algum colega, e a saída do mesmo da escola.*

Um menor número de turmas e alunos não é ponto imprescindível para compreender a problemática citada acima, pois, por exemplo, quando se leva em conta os professores da Língua Portuguesa e Matemática<sup>13</sup>, as angústias são as mesmas, o aluno não lê, não reflete, não calcula, e o professor não consegue fazê-lo superar essas dificuldades. Essa realidade reflete um problema, também, para o professor.

É possível identificar em suas falas, conforme apontam os diários, a carga de indignação e por vezes grande decepção em relação à falta de incentivo financeiro, em especial na rede estadual. Essa indignação também se expressa nas condições materiais de trabalho que sobrecarregam os professores no seu fazer diário, e acabam sendo usadas para justificar a baixa qualidade do ensino.

Usadas como discursos, essas justificativas não vêm acompanhadas de uma reflexão intelectual sobre essas problemáticas, em um espaço que deveria ser próprio para isso. Os professores, muitas vezes, desenvolvem suas atividades sem um planejamento prévio, que direcione o trabalho para uma proposta que tenha como ponto de partida uma intencionalidade pedagógica.

Os professores mais experientes acabam por trabalhar de forma instintiva, vão atuando através da prática, ou dentro do que é possível. Expressam mesmo que de forma inconsciente um ‘show de lamentações’ que se constituem a partir de pontos de vista de quem já vive os problemas profissionais há muito tempo.

Por outro lado, os professores com menos tempo de carreira, que demonstram preocupações com questões mais produtivas, contaminam-se com esse discurso que se naturalizou como parte do cotidiano da escola. Dessa forma, vão construindo um

---

<sup>13</sup> Em geral, as disciplinas de Matemática e Português possuem uma carga horária de 5hs/aula semanais, em média cada professor atende 3 turmas.



‘arsenal linguístico’ que expressam seu olhar sobre as diferentes (ou mesmas) situações que ocorrem diariamente na escola. Isso aparece constantemente nas escolas em que trabalho:

*Uma canseira já estabelecida logo no início do ano letivo: os problemas antecipados mesmos antes de aparecerem, o que traduz uma desmotivação que vem se arrastando há um certo tempo. As falas expressam conceitos pré-estabelecidos pelos professores com mais tempo de sala de aula, e os professores mais jovens, na profissão, ficam com um olhar pouco questionador, numa postura de pouca atenção, o que me deixa com um sentimento de angústia, já que sendo novos na carreira e na idade parece já estabelecido um certo conformismo.*

Entre os mais experientes e os mais jovens se estabelece um enfrentamento respeitoso dos discursos porque os menos experientes acabam não impondo suas vozes, são reflexos da oposição de pontos de vista. Entretanto, é possível identificar nas falas dos professores mais velhos algumas colocações que reforçam esse enfrentamento de pontos de vista, colocações como: “*Esse pessoal mais novo não tem domínio de classe*” ou “*Esse pessoal que está começando vem com essas novidades tecnológicas pra cá, e os alunos não querem mais fazer o que têm que fazer*”, se referindo à leitura de livros, cópias do quadro, estudar para provas, entre outros, este “tem que fazer”, reflete uma ideia de que existe uma normatização do que deve ser feito na escola.

Importante destacar que esses enfrentamentos são reflexos da falta de reconhecimento, por parte dos professores, de seus limites diante de sua prática profissional, que levam à incompreensão dos motivos de sua própria escolha profissional. Tais ideias foram expressas nos diários.

Como forma de ordenar os diários, a partir do reconhecimento que obtivemos da imensa gama de informações que eles contêm, os núcleos de sentido foram sendo compostos, desvelando as questões que mais perpassam o fazer dos professores, tornando-as mais claras para mim, quando destaquei as problemáticas mais importantes sob o ponto de vista da pesquisa.

Entender a história desses sujeitos para além de uma visão simplificada de seu cotidiano é o que se busca com este trabalho. Para superar essa simplificação comum nas análises, o primeiro passo é conhecer seu universo, entender a origem de suas escolhas, como elemento particular e também social que articula o processo de sua história pessoal. Assim, os motivos que os trouxeram até a escola, como professores de história podem revelar momentos de um movimento existencial, nos quais a

autoconstituição dos sujeitos mostra-se sem nenhum julgamento por parte do pesquisador.

À luz dos diários, isto é, a fala dos professores que contam a si mesmos, engendra-se este trabalho que se trata de um estudo sobre o vivido desses profissionais no cotidiano escolar. Para tanto, a construção dessa narrativa se faz a partir da etnografia.

## 2. A construção do espaço-escolar: dificuldades de ensino

Para compreender as questões que revelam as dificuldades de ensino é preciso ter claro, que as mesmas fazem parte de um conjunto de situações que envolvem muito mais o fazer coletivo, pois dizem respeito a posturas adotadas, condutas docentes e administrativas. Este núcleo foi escolhido para ser o primeiro porque a partir dele é possível perceber onde se entrecruzam e se problematizam com a condução do ensino de história e revelam situações que perpassam todos os componentes curriculares. A partir da visão do conjunto, é possível ter mais entendimento das partes.

As dificuldades de ensino que foram possíveis de identificar a partir daquilo que os professores dizem, fazem, revelam e apontam, podem ser expressas através de um binômio que é a forma pela qual a sala de aula está organizada e sua relação com a (in)disciplina. Isto acaba por fazer emergir problemáticas que conduzem o trabalho docente por caminhos que, na maioria das vezes, os professores não escolhem, simplesmente agem de acordo com os acontecimentos, num descontrole de seu fazer. É conduzido por situações imediatas, com soluções imediatistas, que não fazem parte de um projeto maior planejado e coletivo, com mediação e acordos com os seus pares.

Era uma tarde atípica no horário de funcionamento da escola 1. Os professores reunidos na sala dos professores, o espaço que parece ser o mais destinado para eles, a professora de Educação Física chega, cumprimenta a todos e vai logo relatando as dificuldades de levar os alunos para competir nos JERGS<sup>14</sup>. Inclusive em função das dificuldades econômicas dos próprios alunos desta escola, pois tem que emprestar meias e tênis uns aos outros, os outros professores pouco reagem a colocação, ou respondem usando outros exemplos que expressam dificuldades semelhantes.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Jogos Escolares do Rio Grande do Sul.

<sup>15</sup> Esse tipo de dificuldade se faz presente em outras situações, e acabam por restringir algumas práticas de ensino como saídas de campos, visitas a museus e viagens educativas. Mas, muito mais que as próprias dificuldades econômicas, isso revela uma dificuldade de ensino numa dimensão muito mais abrangente, que a profissão docente requer. Essa dimensão diz respeito a questões sociais, que se concretizam na falta de recursos econômicos das famílias para dar este aporte a seus filhos, embora exista uma quantidade grande de famílias que recebem o bolsa-escola, justamente para suprir essas carências, mas é um recurso que acaba sendo destinado a outras necessidades familiares. A própria desmotivação dos professores em planejar uma atividade que envolva outras demandas, além da sala de aula, pois necessita muito mais dedicação do que a maioria dos professores apresenta ou disponibiliza.

Um professor diz: “A escola, hoje, é um espaço onde os jovens ficam algum tempo, para que alguns fiquem afastados da marginalidade, pois alguns alunos acabam se salvando porque estão dentro da escola.” Outro professor passou a citar exemplos de alunos que estão indo bem porque estão neste espaço, senão estivessem já teriam se perdido para a prostituição, devido ao ambiente em que vivem, como é o caso de outras alunas.

A professora A direciona a conversa para outro ponto e coloca que o período próprio para recuperação é bom porque os alunos que precisam melhorar seu desempenho, podem se dedicar. Entretanto uma colega ri e diz: “a colega está falando bonito, já que os alunos não se dedicam”. Em resposta, a primeira acrescenta “pelo menos os que passaram não vem incomodar”<sup>16</sup>.

Outra tarde, ao chegar à escola 1 em outro horário, que não o combinado, a professora A<sup>17</sup> concordou que eu a acompanhasse em outra turma, mas em constante preocupação com o tipo de comportamento que as turmas poderiam demonstrar, e eu

---

<sup>16</sup> Essa é uma construção social que está interiorizada no pensamento docente de que o aluno não se dedica, é a expressão de uma visão que não vai além dos muros da escola. É preciso ir além e entender o contexto em que se insere esta instituição e a estrutura na qual a educação está organizada. Em relação ao comportamento dos discentes, ocorre uma tolerância e intolerância dos professores, independente do espaço escolar, existe uma “guerra” instalada no enfrentamento e combate as “más” condutas dentro da sala de aula. Esses são pontos importantes a serem considerados para o bom andamento da aula e conseqüentemente para que se promova um caminho salutar para a aprendizagem. Nesse sentido, o mau comportamento é colocado e visto como empecilho para que ocorra o processo de ensino/aprendizagem. Por outro lado, os professores não associam indisciplina com problemas de planejamento da prática, muitas vezes a forma pela qual a aula está sendo conduzida não contempla, naquele momento, as necessidades da turma, que acaba por se dispersar com outras situações. Outra questão é o próprio estabelecimento de regras de organização da sala ligada à forma como é conduzida a aula. Se o aluno não tem claro essa associação, ele entende que não existem limites de comportamento social. Essa contradição ocorre porque em inúmeros momentos os professores deixam “passar” situações em sala de aula para evitar um enfrentamento que muitas vezes acabam sem solução. Mas em outros momentos, é impossível “fechar” os olhos: são discussões entre alunos, brincadeiras fora de hora, uso de vocabulário inadequado, material que não é trazido, trabalhos que não são entregues, péssimos resultados nas avaliações. Expressões do que é considerado como má conduta, mas que os próprios professores não associam com a forma de como desenvolvem suas aulas, já que a maioria dos professores, não reflete sobre a sua prática. Essas dificuldades interferem de forma significativa na condução do ensino de história, como poderá ser observado no próximo capítulo.

<sup>17</sup> Esta é a professora que só concordou em participar da pesquisa se fosse em uma turma específica, com um horário específico. Essa imposição expressa uma preocupação com o que pode ser visto, sendo eu uma colega de profissão, parece que a professora teme um juízo de valor que posso vir a dar ao seu trabalho. Isso pode revelar que ela identifica seus limites e, por isso, não se sente à vontade de ter os mesmos também percebidos por outra pessoa, no caso, eu.

estaria ali observando. Embora ela procurasse enfatizar que, em geral, as turmas desta escola são “boas” de trabalhar<sup>18</sup>.

Ao chegarmos na sala, uma situação incômoda se instalou: na janela da sala, que dá para a rua aparecem alguns adolescentes gritando e falando bobeira, são palavrões, ficam chamando pelo nome dos alunos que estão na sala, gritam, cantam, assoviam, com a clara intenção de atrapalhar o andamento da aula. Os alunos da sala ficam indignados, reclamam, discutem, a professora sugere que eles ignorem os fatos e acrescenta que isso é uma problemática: “ *tem dias que dou aula com uma plateia do lado de fora, dependurados na janela. Está sendo construído um muro, mas que parece que não evitará o problema por completo, mas vai amenizar*”<sup>19</sup>.

Observando os alunos desta turma, é possível perceber que a maioria está em idade acima da série, dezesseis, dezessete, dezoito anos. A professora me explica a situação da seguinte forma: dois deles são alunos incluídos, tem laudo de defasagem mental<sup>20</sup>, então tiveram muita dificuldade em cada série, repetiram o ano várias vezes. Outros vieram ao longo dos anos apresentando problemas de aprendizagem em função da falta de interesse, da desestrutura familiar e das próprias dificuldades

---

<sup>18</sup> Esse “boas” apresenta um sentido de tranquilas, calmas, não existe tumulto no transcorrer da aula, mas apesar disso, nas outras turmas, a professora não gostaria que eu entrasse, alegou que somente uma concordou com minha presença. Entretanto, em vários momentos em que estive com a professora, ela falava das dificuldades de lidar com os alunos dos sextos anos especialmente, porque são menores e muito agitados. De fato, trabalhar com turmas com idades em torno de dez, onze anos não é tarefa nada fácil, os professores, em geral, apontam uma série de dificuldades em lidar com esses jovens, porque são agitados, porque estão em fase de mudança na escola. Quando eles saem do acompanhamento de uma professora, em algumas escolas, no máximo três, e passam a ter aula com sete ou oito professores, com diferentes metodologias e formas de organizar a aula, as quais os alunos não estão acostumados e muitas vezes se confundem, não conseguem acompanhar, gerando problemáticas que acabam refletindo na aula e na aprendizagem.

<sup>19</sup> Esse comportamento apresentado pelos jovens que estão do lado de fora, alguns deles, alunos da escola, leva a pensarmos na questão de como os alunos estabelecem sua relação com a escola, o porquê dessa atitude, claramente é uma forma de enfrentamento. Com a instituição? Com o sistema? Com a família? Com a autoridade? Esse comportamento e essa situação repetem-se diariamente em outras escolas, onde é possível perceber que, os alunos querem estar dentro da escola, mas desde que não precisem seguir as regras de organização da instituição. A questão da indisciplina é evidentemente uma problemática apontada por todos os professores como limite no processo educacional. Como poderá ser notado, na nota 121, é destacada uma situação de enfrentamento dentro da sala de aula. Nesse caso, apesar de ser do lado de fora, também testa os limites individuais de cada professor em lidar com o problema, que vai ainda mais além do que o fazer em sala de aula. Mostra uma problemática institucional, em lidar com situações externas que se refletem no interior da escola. Ver, também, notas 72 e 141. É importante destacar que não existe nas bibliotecas escolares uma bibliografia especializada que possa dar suporte pedagógico às questões disciplinares, a grande maioria dos livros voltam-se às questões curriculares de cada componente da grade de conteúdos, sobre metodologias, tecnologias, conceituações e avaliação.

<sup>20</sup> Sobre este tema consultar <http://portal.mec.gov.br/seesp> ( Secretaria de Educação Especial) onde consta toda legislação pertinente a temática sobre inclusão.

psicopedagógicas. Diante disso, reprovaram várias vezes, mas agora na 8ª série, têm um nível de amadurecimento que os fazem ser ótimos alunos, em questão de interesse e comportamento. Também na aprendizagem, dentro de suas limitações, e na própria relação com a escola, pois mesmo reprovando várias vezes, muitos deles nunca quiseram sair desta escola.

Novamente, ao chegar à escola 1, dirigi-me ao encontro da professora A que estava em outra sala, e não à turma que havíamos combinado. Isto ocorreu em virtude da mesma ter feito uma troca de horário com outra professora para que esta pudesse realizar um ensaio de dança com os alunos. Diante da troca, ela só os estava “cuidando”<sup>21</sup>. Enquanto isso, em pequenos grupos, os alunos conversavam e a professora corrigia provas. Em alguns minutos se desfez a troca.

Antes disso, foi feito alguns acertos práticos sobre o ensaio e a coreografia que seria apresentada. Dirigimo-nos então para a sala de vídeo, onde os alunos da 8ª série estavam alvoroçados com o ensaio que havia acontecido. No restante do tempo, a aula girou em torno das decisões sobre os ensaios, vestimenta, música e interesses do próprio evento<sup>22</sup>.

Como o ano letivo de 2013 está a caminho de se encerrar, pois estão realizando as provas finais, e as aulas estão voltadas para a apresentação e atividades finais, existe uma agitação. A escola está mais barulhenta, os corredores tem mais movimentação, os alunos mais agitados, mas a professora a todo tempo chama-lhes atenção diante do fato de estarem entrando e saindo da sala, e que isso geraria um problema com a direção, que a qualquer momento iria aparecer e lhes dar uma advertência<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> Cuidando, como sinônimo de zelar pelo bom comportamento e integridade dos alunos e do espaço físico.

<sup>22</sup> Em relação a isso não existe uma temática a ser desenvolvida, a ideia é fazer uma integração entre os alunos das diferentes turmas e turnos. Para isso, os professores têm que partir de uma ação colaborativa uns com os outros, pois os acertos feitos exigem uma dedicação dos professores além do horário de trabalho, pois têm que produzir material nos horários em casa. Além disso, existe uma expectativa dos alunos que almejam reconhecimento quantitativo (notas) no envolvimento com a atividade artística. É comum os alunos entenderem que qualquer atividade que exija um pouco mais de dedicação deles deve ser recompensada com notas: participação em campeonatos, feiras, festas e outras atividades extra-sala. Esse tipo de comportamento é adotado, já que se tem por hábito, na maioria das escolas, atribuir valores em notas a qualquer atividade extra-classe. Dessa forma, os alunos entendem que toda ação promovida por eles na escola, que envolva uma ou mais disciplinas deve ser acrescida de um valor compensatório.

<sup>23</sup> O que se observa é que a escola está comprometida com uma atividade que envolve uma movimentação maior dos alunos, e não é possível que a mesma se efetive sem que ocorra uma mudança nos comportamentos e no fazer diário. A professora não questiona a situação, apenas se preocupa, revelando que existe um ritual disciplinar a ser cumprido em cada estabelecimento, são normas e comportamentos

As dificuldades no fazer docente se apresentam em pequenos pontos, pequenos gestos, pequenas ações e falas que transparecem a cada espaço escolar.

A professora B ao se referir a uma das escolas em que trabalha, não autoriza que eu faça minha pesquisa acompanhando-a: “*É um lugar terrível, não tem nada e nem direção atuante, quando manda-se o aluno por problemas de indisciplina, passam a mão na cabeça e mandam de volta pra sala, sem disciplina, o professor que se vire*”. A que ela autoriza o acompanhamento chama de paraíso<sup>24</sup>.

Ela organiza sua proposta metodológica de trabalho, de acordo com a proposta pedagógica da escola, as salas ambientes, usa os *netbooks*<sup>25</sup> para que os alunos realizem pesquisas, enfatizando a necessidade deles terem um *pendrive*. Coloca que o uso dos *netbooks* não é uma ferramenta fácil manuseio, mas vale a pena. A internet tem que ser acessada com senha, o que exige que a professora a faça, essa dificuldade<sup>26</sup> acaba

---

que devem ser seguidos de forma que a ideia de disciplina não seja quebrada, gerando situações que ao se diferenciarem do usual desregulam um funcionamento já instituído e cristalizado. Não é coerente diante de uma atividade que envolve música, dança e teatro considerar que a circulação de alunos é um problema. Na escola em que trabalho ministrando aula, isso é claramente perceptível, existe uma conduta disciplinar que foi se incorporando na instituição por meio de seus gestores e do quadro docente ao longo dos anos. Situações que quebram regras postas, ou no mínimo, questionam essas regras, desestabilizam a organização instituída no espaço, situações como, por exemplo, o uso do boné em sala de aula, é uma regra que está instituída. No entanto, é amplamente questionada especialmente pelos alunos, a possibilidade de se discutir parece colocar em dúvida práticas que já são classificadas como inquestionáveis. Atividades que necessitam uso de espaços pouco convencionais, como refeitório, pátio da escola que geram uma agitação, também são consideradas como práticas que desestabilizam o bom andamento da escola. Um cotidiano cristalizado não é sinônimo de disciplina, entretanto uma movimentação diferenciada acaba sendo identificada como indisciplina, aos olhos de quem trabalha fora da sala de aula. Qualquer acontecimento que se apresente fora dos padrões diários, não é bem visto.

<sup>24</sup> A colocação da professora exige que se questione qual ou quais motivos a levam a chamar uma escola de paraíso, e justamente por ser esta a escola que ela escolheu para fazer parte da pesquisa. Obviamente, a intenção é mostrar o que ela considera como o ‘lugar que funciona’, e a outra escola como o lugar que não deve ser visto, ou mostrado, já que é, de acordo com a sua fala, a expressão de problemas que refletem também sua visão em relação à postura da gestão, a qual ela não questiona, apenas ignora.

<sup>25</sup> As escolas municipais receberam da prefeitura, *netbooks* para que sejam usados pelos alunos nas salas de aula, os mesmos podem ser usados com internet, nas escolas que existem sistemas de *wi-fi*, também disponibilizados pela prefeitura, com internet gratuita ofertada na escola pelo governo federal.

<sup>26</sup> São dificuldades que o docente tem que driblar para conseguir organizar propostas de ensino que contemplem recursos e práticas que fujam do convencional: livro, quadro e giz. Entretanto essas dificuldades acabam levando a uma desmotivação nessa busca. Em minha prática em sala de aula, as dificuldades enfrentadas pela professora também são notadas, falta recursos humanos na biblioteca, no apoio às atividades pedagógicas, no laboratório de informática, as máquinas estão ultrapassadas, não são em número suficiente para os alunos, pouco acesso à internet, não tem bibliotecária em todos os turnos, uso do multimídia depende da organização prévia do professor, que nem sempre disponibiliza de tempo. São suportes pedagógicos que, por sua inexistência, algemam o professor a uma prática que muitas vezes não satisfazem nem a ele mesmo.

tomando muito tempo<sup>27</sup>. Nas aulas, faz uma variação com uso do quadro, trabalha com provas, e para fins de organização junto à supervisão, ela elabora um portfólio com as atividades realizadas e tem um diário de bordo feito em um caderno com registro das aulas<sup>28</sup>.

Já o professor C quando se refere a sua metodologia, explica que trabalha com provas com consulta (livro e caderno) por achar mais adequado, já que os alunos<sup>29</sup> recebem tudo pronto pela internet. Na prova com consulta, eles têm que ler e escrever mais, mas isso não o impede de, também, usar as tecnologias em suas aulas<sup>30</sup>. Acrescenta que nas aulas do noturno, os alunos demonstram mais interesse, mas mais dificuldade de compreensão. Então não adianta fazer “show pirotécnico”, pois o que eles vão levar é o que o professor fala, o texto e as atividades para exercitar a escrita e a leitura.

Em uma turma de 6º ano<sup>31</sup>, o professor vai organizando os alunos nas máquinas e direcionando o trabalho a ser feito, alguns alunos começam a questionar o professor sobre o sistema operacional das máquinas, *Linux*<sup>32</sup>, reclamando, pois tem funcionamento um pouco diferente dos sistemas utilizados em seus computadores em

<sup>27</sup> São dificuldades que o docente tem que driblar para conseguir organizar propostas de ensino que contemplem recursos e práticas que fujam do convencional: livro, quadro e giz, entretanto essas dificuldades acabam levando a uma desmotivação nessa busca. Em minha prática em sala de aula, as dificuldades enfrentadas pela professora também são notadas, falta recursos humanos na biblioteca, no apoio as atividades pedagógicas, no laboratório de informática, as máquinas estão ultrapassadas, não são em número suficiente para os alunos, pouco acesso a internet, não tem bibliotecária em todos os turnos, uso do multimídia depende da organização prévia do professor, que nem sempre disponibiliza de tempo, são suportes pedagógicos que, por sua inexistência, algemam o professor a uma prática que muitas vezes não satisfazem nem a ele mesmo.

<sup>28</sup> As bibliotecas das escolas têm alguns títulos que trazem discussões, reflexões e propostas de avaliação para o ensino de história: BRODBECK, Marta de Souza Lima. *Vivenciando a história: metodologia de ensino da história*; SILVA, Marco Antonio. *Nas trilhas do ensino de História: teoria e prática*; SCHMIDT, Maria Auxiliadora & CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*; FONSECA, Selva Guimarães: *Fazer e Ensinar História*; GIL, Carmem Zeli de Vargas & ALMEIDA, Dóris Bittencourt. *A docência em História: reflexões e propostas para ações*; GIL, Carmem Zeli de Vargas & ALMEIDA, Dóris Bittencourt: *Práticas pedagógicas em História: espaço, tempo e corporeidade*.

<sup>29</sup> Referindo-se aos discentes em geral, não especificou qual ou quais.

<sup>30</sup> A sala de informática da escola é bem agradável, uma média de dezoito computadores conectados à internet, bem distribuídos no espaço. Possui ainda, armários, ar condicionado, impressoras, alguns banners com trabalho de alunos de outros anos e alguns avisos nas paredes. Na biblioteca da escola, o livro *Aprendendo História* de Marieta de Moraes Ferreira e Renato Franco traz um capítulo específico sobre o uso de tecnologias na escola.

<sup>31</sup> A turma que o professor C trabalhou em 2013 nos 5º anos, na página 63 discute-se com mais intensidade sobre este projeto, uma vez que sua relação está ligada diretamente ao ensino de história.

<sup>32</sup> Esse sistema operacional usado nos laboratórios de informática das escolas municipais, caracterizado por ser disponibilizado gratuitamente na rede mundial de computadores, possui funcionamento um pouco diferenciado dos comumente usados nos computadores domésticos, o *Windows*. Por isso o estranhamento dos alunos e dos professores em seu uso.



casa. O professor tenta mostrar qual a lógica do uso desse sistema em espaços públicos<sup>33</sup>.

No decorrer da aula, foi possível observar que apesar do entusiasmo dos alunos, vários problemas surgiram, causando prejuízo na motivação inicial: máquina travando, internet lenta e dificuldade no uso do sistema. Essa demora de resposta foi deixando alguns alunos bastante agitados, eles foram perdendo o foco da aula, prejudicada pela questão de estrutura.

Em relação a isso, o professor F é bastante enfático, pois as salas de informática das escolas públicas apresentam uma série de problemas que, vão desde falta de acesso à internet na maioria das vezes, a falta de professores monitores, o controle que deve haver no uso com os alunos e a dificuldade do sistema operacional *Linux*, que não é o mais usado. Isso tudo acaba fazendo uma falsa "inclusão" digital. Então, o professor diz: “o próprio sistema, que não é o que os alunos vão encontrar aí fora<sup>34</sup>”.

Questionado sobre outras dificuldades que o professor encontra para alcançar seus objetivos profissionais, o professor C responde:

*“Certa vez comentei que “hay que endurecer, sin perder la ternura”, o aluno chega “zerado” nesse sentido, e ele vê a escola como um playground por vezes. Então lá vamos nós indicar que por mais prazeroso que seja o lugar, ainda é uma escola, e é local de aprendizagem e deve ser respeitado como tal. Mesmo assim, a esmagadora maioria gosta dos professores e tem boa relação com os colegas, mesmo que por vezes se “endureça”.*<sup>35</sup>

O professor C coloca que nas avaliações leva muito em consideração o que é escrito, considerando as colocações dos alunos, mas acrescenta que é necessário impor limites e ‘ditar’ ordens, às vezes agir como “Capitão Nascimento” (se referindo ao filme brasileiro *Tropa de Elite*)<sup>36</sup>. Fala da sala ambiente, que é melhor porque os recursos

---

<sup>33</sup> O professor explica a importância deste sistema, por ser de uso gratuito, explicando a lógica de mercado do *Windows* que é um sistema pago, e para ser utilizado em espaços públicos sairia muito oneroso as finanças.

<sup>34</sup> O professor desenvolve um pensamento voltado para a escola como preparatória para a vivência no espaço social. Dessa forma ele identifica a prática como um problema, pois tem que seguir uma ordem social, mas não questiona esse problema no sentido sociológico do porquê de obedecer.

<sup>35</sup> O professor apresenta uma visão de aprendizagem como sendo um processo difícil, patriarcal, já que existe um lugar próprio para que isso aconteça, lugar onde se cria um civilismo, que deve ser respeitado, e não usado para diversão. Ele se refere de forma crítica ao fato de, muitas vezes, ser vista como *playground*, é fala comum ouvir os professores dizerem que escola não é lugar para brincar, mas para aprender.

<sup>36</sup> O professor usa um personagem que representa autoritarismo para exemplificar seu uso em sala de aula, mediado por suas dificuldades cotidianas e necessidade de ditar ordens, especialmente ligadas às questões disciplinares.

estão mais próximos, embora ainda em fase de organização, pois faltam muitos recursos, gosta do conteúdo dinâmico, e cita Pablo Neruda, em relação ao livre pensamento: *"Você é livre para fazer suas escolhas, mas é prisioneiro das conseqüências."* Usa o livro didático, colocando que é bom porque pode pedir para antecipar leituras em casa<sup>37</sup>. Enfatiza quando diz *"Eu gosto de ser professor"*.

O uso do livro didático é o principal instrumento do ensino de História, embora todos os professores, argumentem usar outros recursos. A professora D gosta de usá-lo, mas também trabalha com autonomia em relação a ela mesma e ao aluno, considera que quanto maior for o aluno, menor a autoridade, embora os alunos não façam as "coisas" se não for por imposição. Ela entende que isso se dá pela questão do controle (oprimido/opressor), fala em "jogo duplo" dos alunos. Ao mesmo tempo, que eles adotam uma postura de desleixo com a escola, também querem a segurança do professor, por exemplo, para controlar quem atrapalha a aula. *"Sou professora para ser o que nunca tive quando estava na escola. Trabalhei em cursinho pré-vestibular, em São José do Norte, de graça, era outra coisa porque os alunos se sentem mais motivados"*.

A professora D coloca que procura não forçar os alunos a fazer as atividades, faz por negociação. Gosta de trabalhar com *slides*. Procura resolver os problemas sem interferência da direção. Faz *feedback* no início do ano, em relação ao ano anterior, mas percebe um imenso problema em relação à memória, fala que *"é mais fácil as pessoas lembrarem da roupa que o outro está usando do que aquilo que ele fala"*<sup>38</sup>. Também gosta de dar aula expositiva, usa a velha fórmula: professor, quadro e giz.

Durante o estágio, trabalhou muito com a pedagogia libertária<sup>39</sup>, mas diz que *"na prática viu que não é bem assim, pois os alunos não dão importância já que 'sempre foi assim', não fazem se o professor não ficar em cima. Aula com debate nem*

---

<sup>37</sup> Neste ponto é importante destacar que, o professor C, apresenta em suas problematizações referente ao ensino, questões em relação à falta de leitura dos alunos e dificuldades de interpretação, expressa em suas falas, conforme será apresentado na nota 86, a falta de leitura pelos alunos, o que dificulta a aprendizagem. No entanto, ao se referir ao uso do livro didático, argumenta que gosta de usá-lo porque pode antecipar leituras. Ao que ele afirma, os alunos não fazem.

<sup>38</sup> Ver nota 75.

<sup>39</sup> Pedagogia libertária baseia-se no princípio na educação integral, de acordo com Gallo (1996) "baseia-se na igualdade entre os indivíduos e no direito de todos a desenvolver suas potencialidades. Se vivemos uma sociedade desigual e na qual nem todos podem desenvolver-se plenamente, a educação integral deve assumir, necessariamente, uma postura de transformação e não de manutenção desta sociedade".

*pensar, os alunos preferem aula expositiva, a velha fórmula ainda funciona*”<sup>40</sup>. Usa email coletivo para que os alunos acessem o material que ela disponibiliza. Gosta de atividades com informações atuais, mas observa que os alunos têm bastante dificuldade em lidar com essas informações na escola. Usar o laboratório de informática é muito difícil: alguns alunos ficam incontroláveis.

A professora coloca suas restrições em relação à imposição de autoridade, que para ela é uma forma de exercício de poder, acredita que respeito se conquista através do diálogo, embora em alguns momentos ela se controla para não colocá-los para fora da sala<sup>41</sup>. Além disso, fala muita na questão do gosto dos alunos em estar na escola, pois ela admira que muitos deles vêm de longe, de comunidades carentes, e vão para escola, mesmo que para fazer esse enfrentamento<sup>42</sup>.

Sobre o gosto dos alunos em estar na escola, uma funcionária da limpeza<sup>43</sup> ao conversar conosco, comigo e com a professora D, diz que não pode mais ver a escola como um espaço onde os alunos têm que ficar trancados na sala. Acrescenta que eles se oferecem para ajudá-la, uma desculpa para ficar fora da sala de aula<sup>44</sup>, e muitos tem

---

<sup>40</sup> Essa professora é a mesma que se identifica como adepta da pedagogia libertária, mas ao mesmo tempo que a professora fala em pedagogia libertária, ela confirma que a velha fórmula ainda funciona, acaba incorporando em sua prática, fórmulas ‘antigas’ de educação, uma vez que somos fruto de um tipo de educação que muitas vezes se reflete na maneira como atuamos em sala de aula, ensinamos como aprendemos. A necessidade de refletirmos, a todo momento na forma pela qual atuamos, permite que se tenha claro os comportamentos que adotamos. Muitas vezes, somos influenciadas pelo meio, no caso da professora D, ela é jovem na carreira, convive diariamente com professores que já têm um certo tempo de profissão e que acabam influenciando, seja por meio de palavras, seja por meio de ações, sua prática em sala de aula.

<sup>41</sup> Expressão de uma multiplicidade de sentimentos que acabam envolvendo o trabalho docente, e afloram em momentos de grande embate emocional. O professor não consegue coordenar o ambiente de ensino com a apresentação e discussão do conteúdo e todas as suas implicações. São atividades e avaliações com atitudes apresentadas pelos alunos, que acabam levando o docente a impor a ordem por ele determinada como necessária à aprendizagem, retirando alunos da sala de aula. A atividade docente, por si só, envolve uma solidão institucional. Isto se expressa na própria prática, quando o professor de história, por vezes é único dentro da escola, e quando são dois, pouco mantêm contato. Outras vezes, porque cada professor acaba por desenvolver seu trabalho isolado dos outros, a própria situação de entrar em uma sala e se fechar com seus alunos o leva para um caminho solitário, tendo que enfrentar situações e tomar decisões sozinho.

<sup>42</sup> Esses enfrentamentos os professores expressam em suas falas ao citar exemplos de alunos que usam palavras e atitudes de má educação durante as aulas. Ver nota 16.

<sup>43</sup> Essa funcionária trabalha há vinte anos em escolas públicas, nesta está há oito anos. Sua função principal é fazer a limpeza, mas ela também é responsável pela portaria e, por iniciativa própria, gosta de organizar os espaços naturais como canteiros e o projeto de uma horta escolar.

<sup>44</sup> Assim a sala de aula é vista como uma prisão, expressa na fala da funcionária, mas também na atitude dos alunos, que gostam de atividades fora desse espaço. Visão essa que também identifiquei nas escolas em que trabalho e em propostas pedagógicas fora da sala, pois é possível perceber que os alunos gostam de estar nos espaços da escola, menos na sala de aula, onde dependendo do dia, da turma e da proposta de estudo, eles pedem constantemente para tomar água ou ir ao banheiro. Em atividades, que envolvem

grande interesse em participar de atividades no pátio, a ideia da horta escolar<sup>45</sup> é um projeto que anima a todos, mas a professora coloca que tudo é bem difícil de efetivar, falta de recursos materiais e apoio pedagógico, vão impondo barreiras ao projeto.

Assim vai se configurando um quadro de dificuldades que abarcam uma multiplicidade de situações. Essas consequências caracterizam práticas de ensino, que precisam driblar uma carga grande de problemas.

Em uma manhã de quinta-feira, cheguei à escola às 8h e 30min., a professora B estava conversando com a turma do 7º ano sobre o fechamento do trimestre, sobre as notas e entrega dos boletins aos pais. Todo tempo enfatizava que os alunos devem se dedicar aos estudos, pois ainda há a prova de recuperação do 2º trimestre, que poderá ser a “salvação”<sup>46</sup> de alguns que ficaram com a nota baixa, disse: “*Quem estuda, aprova*”, alertando sobre a dedicação no trimestre seguinte, para não precisarem fazer exame.

Neste momento, entra na turma três alunas para conversar sobre a organização de um protesto para reivindicar melhorias na estrutura escolar<sup>47</sup>. Elas solicitam à turma que colaborem com a pauta, que inclui: merenda que eles consideram estar muito fraca (só bolacha e suco), as infestações de pombas na quadra poliesportiva, melhoria na qualidade do uniforme e melhorias nos banheiros. A professora comenta que não sabe por que os governos inauguram projetos de obras e reformas, sem a obra e a reforma, ironicamente colocando que sabemos bem que é pura propaganda política.

Com a saída das visitantes, a turma vai se acomodando novamente, mas bastante agitados, a professora os identifica como “*muito agitados*”. Enquanto isso, ela vai me esclarecendo uma situação: a supervisão<sup>48</sup> experimentou uma nova estratégia para tentar

---

saídas da escola, saídas de campo, alunos que apresentam um comportamento considerado inadequado na sala, nestas saídas apresentam um outro comportamento, prestam atenção no que veem, escutam com mais atenção e se concentram na proposta da atividade.

<sup>45</sup> É um projeto de Educação Ambiental que está sendo construído pela professora em parceria com a funcionária.

<sup>46</sup> Expressão usada para exprimir a ideia de aprovação no trimestre, já que muitos poderão ficar com notas abaixo de setenta (70) que é a média do trimestre para aprovação, discussão realizada nas notas 74 e 86.

<sup>47</sup> A pauta aborda itens que envolvem questões de estrutura da escola como a parte elétrica, pintura, falta de material, a melhoria da merenda e melhorias nos banheiros, com adoção de materiais de higiene. No que diz respeito a questões de estrutura física da escola, muitas melhorias não são possíveis de fazer porque dependem de serviços oferecidos pela prefeitura. Entretanto, outras dizem respeito diretamente à administração pela direção da escola.

<sup>48</sup> A supervisão escolar tem como função coordenar a organização do trabalho docente dentro da escola no que se refere às questões pedagógicas. Sendo assim, nesse caso, com a intenção de melhorar os índices

melhorar os resultados, mas que no fim das contas, deu mais trabalho aos professores e quase nenhum resultado. As recuperações do 2º trimestre ficaram dentro do 3º trimestre, ou seja, os alunos acabaram fazendo a prova de recuperação do 2º trimestre, depois da primeira prova do 3º trimestre. Confundiram-se os conteúdos, foi acumulando trabalho e não houve resultado significativo, o objetivo era que os alunos ao receberem o boletim do 2º trimestre, sentissem que teriam nova oportunidade para recuperar essa nota, com mais tempo para a recuperação. A expectativa não se efetivou, foi uma experiência frustrada.

A professora encaminha à aula a leitura de um texto, e enquanto isso acontece, ela começou a corrigir as tais recuperações. Foi possível observar que poucos realizavam a leitura, muito mais as meninas. A professora comenta sobre as provas:

*“resultados ruins, eles não estudam, se percebe claramente que aqueles alunos que leem um pouco mais, acompanham mais a aula, tem melhor rendimento, é que nem médico, se ele passa o tratamento, e o paciente não fizer, não resolve, é a mesma coisa com a gente, se o aluno não quer, não se esforça, não há resultado positivo na aprendizagem.”*

Retornam as alunas da 8ª série, pedem licença para entregar autorizações para o protesto que recebeu o nome de Caminhada da Cidadania. A professora explica que, embora não esteja envolvida com a organização diretamente, defende como uma atividade bastante produtiva.

Nesse ponto, ela começa a falar sobre a outra escola, onde ela tem um olhar muito crítico, demonstrando um descontentamento e insatisfação muito grandes, pois compara o apoio que esta instituição dá para o desenvolvimento de atividades como de caminhada. Ela adverte que na outra escola não há apoio para que isto aconteça, é tudo muito complicado<sup>49</sup>. A professora, então, chama atenção da turma para que possam fazer a correção das atividades que foram passadas em acompanhamento à leitura.

---

de aprovação, a proposta é que os alunos pudessem identificar seus limites de aprendizagem a partir da nota do 2º trimestre, e assim compreendessem a importância de se dedicarem às provas de recuperação. O que ocorreu, segundo a professora, é que houve um acúmulo de avaliações de um trimestre ao outro. Os alunos se confundiram, os professores acumularam trabalho, tendo que se dedicar à correção de avaliações de dois trimestres dentro de um. No fim, os resultados esperados não foram alcançados, já que os alunos não melhoraram significativamente os níveis de aprovação. Observou-se que não houve uma retomada do conteúdo para estes estudos de recuperação, uma vez que isso envolve tempo, que conforme já discutido não é disponibilizado.

<sup>49</sup> Ver pág. 37, primeiro parágrafo, sobre a caracterização da escola de acordo com o olhar da professora.

Algumas alunas se oferecem para fazer as correções de forma oral, uma de cada vez até a finalização da aula.

Em outra ocasião, com o professor C, os alunos da 8ª série me receberam com clara demonstração de reconhecimento, alguns chegaram comemorando a vitória do Grêmio na noite anterior. Passada a euforia inicial e os enfrentamentos em função do jogo, o professor vai chamando atenção sobre um seminário, o qual os alunos que deveriam apresentar naquele dia, não o fariam. Indignado, o professor inicia uma fala destacando o descomprometimento com o próprio conhecimento<sup>50</sup>.

O professor alerta aos alunos que não terão uma segunda chance, que deverão estudar para a recuperação. Coloca que o exame final não será fácil, e que dificilmente conseguirão aprovar. Os alunos se manifestam criticando a postura do professor, alegam que o mesmo não está dando nenhum incentivo, muito pelo contrário, os desmotiva. O professor acrescenta que eles não podem acusá-lo disso, já que passou todo ano colaborando ao oportunizar<sup>51</sup> momentos de aprendizagem. O professor bastante crítico em sua fala, revela um certo ar de fracasso em um dos objetivos do ensino que é despertar no aluno o gosto pelo conhecimento e o compromisso com a própria aprendizagem<sup>52</sup>.

Esse descomprometimento se revela em outras ocasiões, quando uma turma 6º ano chega na sala de aula, em um dia em que irão fazer uma prova. Alguns entram na sala falando na prova; outros, com ar de quem não sabiam que teria prova; outros, reclamam que não tem material. Como a prova era com consulta, o professor foi dando

---

<sup>50</sup> É possível perceber em sua fala um desconforto em ter que cobrar dos alunos algo que, pressupõe-se estar implícito no fazer do aluno, seu dever com o próprio estudo. Fica claro também, perceber que o professor se mostra muito decepcionado, já que pela conversa estabelecida, proporcionou vários momentos para que os alunos fossem se apropriando dos temas, o que parece que não foi aproveitado. Não se estabeleceu uma sintonia entre as propostas do professor e a apropriação das mesmas pelos alunos.

<sup>51</sup> Existe uma relação de estudar e aprender como sendo oportunidade, quem aproveita, ganha; quem não aproveita, perde. Não há um entendimento de aprender como sinônimo de direito e necessidade de desenvolvimento intelectual.

<sup>52</sup> Sendo alunos da 8ª série, os professores sentem como se no final de tudo (Ensino Fundamental) não se obtivesse o resultado do preparo esperado. Como esperar que os alunos estejam preparados para seguir os estudos no Ensino Médio, se no decorrer do Fundamental o resultado é esse? Os alunos argumentando de forma artificial o porquê das falhas, desculpas como: não deu tempo, esqueci, os colegas não se organizaram, tinha muita coisa para fazer etc. Esse descomprometimento deve ser pensado além dos muros da escola. É preciso pensar como a escola enquanto instituição tem sido tratada pelo poder público e pela sociedade, e não tratá-la como área de *playground*, como bem colocam os docentes, nem como lugar onde os alunos estão por obrigação ou por necessidade, como é vista por muitos deles.

respostas mais ríspidas diante das reclamações dos alunos, justificou depois se dirigindo a mim:

*“ é preciso endurecer num primeiro momento, para que os alunos sintam que não vão conseguir resolver os problemas reclamando, e que é preciso que eles se organizem para a escola, que são coisas que eles não fazem pois vem sem material para aula, e mesmo sabendo da avaliação, não organizam suas coisas, por isso chegam reclamando para que o professor resolva seus problemas de organização.”*

Uma aluna começou a chorar, sentada no seu lugar e o professor a ignora. Acaba sendo uma cena cômica, pois ela o observa e chora, numa tentativa de comover o professor, o que não ocorre. Um colega se oferece para emprestar o material a ela, o professor autoriza depois de falar com todos sobre responsabilidade em relação ao material. Diante da autorização do professor, a menina parou imediatamente de chorar, realizou e entregou a prova, em seguida passou a “perturbar” a sala, levantando do lugar a todo momento sem autorização, virava para falar com a colega, uma completa mudança de postura em relação ao início da aula<sup>53</sup>.

Na aula da professora D, um jogo de forças semelhante a esse, vai sendo percebido quando se discute sobre as avaliações e recuperação não feita por alguns. A docente vai alertando para o fato de que muitos alunos dessa turma, 8ª série, não compareceram nas aulas de recuperação da greve, que aconteceram à tarde, os alunos vão tentando usar argumentos para justificar essas faltas e a não realização de atividades.

Ao propor um texto no quadro, muitos alunos reclamam que não querem escrever. Nesse ponto, a professora diz que eles reclamam que não tem conteúdo no caderno. Quando ela traz, eles reclamam, é um reflexo do jogo de forças, pois a professora tem que se impor, usando de autoridade e do poder a ela instituído enquanto docente<sup>54</sup>.

É aparente o descontentamento e o desagrado dos professores no que se refere a resultado de avaliações e disciplina dentro da sala de aula. São situações cotidianas

---

<sup>53</sup> Isso reflete uma tentativa de manipulação, a aluna tenta usar as emoções para conseguir fazer valer a sua vontade. O professor, por sua vez, usa de um endurecimento emocional, fazendo coerção, na tentativa, também, de fazer com que a vontade dele seja cumprida perante a turma, bem como sua intencionalidade pedagógica. É um jogo de forças.

<sup>54</sup> Imbuída desse poder, que os professores, por muitas vezes, tem que se impor, como foi o caso desta professora, e como em outras ocasiões, aparece na fala dos sujeitos dessa pesquisa.

dentro das escolas, que se refletem nas falas, nas ações e posicionamentos adotados por docentes e discentes.

Ao chegar a escola, encontrei com a professora E em sala de aula, já em andamento, entregando avaliações e falando sobre a situação das notas que foram muito baixas, conclui que são reflexos do “mau” comportamento, mas ao mesmo tempo que muitos tiraram notas baixas. Quatro alunos gabaritaram a avaliação, mostrando que não é impossível, mas que existe falta de interesse e de estudo. Os alunos só olham e nada comentam.

A professora E explica que esta turma do 6º ano, identificada como 62, onde estamos, é bastante difícil se comparada as outras, pois não param para ouvir e se concentrar nas explicações e são bastante dependentes. Esse comportamento, para ela, tem haver com o fato da professora do ano anterior ser apenas uma para atender a todos. Diante da falta de limites em prestar atenção ao que está sendo dito, a professora demonstra ficar bastante impaciente com os alunos que, a todo momento, atrapalham a explicação da aula por falta de atenção, pois realizam outras atividades, ou por perguntas fora do propósito do assunto.

Ela começa então a me falar sobre as dificuldades dos alunos em realizar leituras no livro didático, pois não têm vocabulário para tal. Por isso, no 6º ano elabora os textos, mas na 8ª série, eles têm que fazer este esforço de leitura. Coloca que, em geral, os sextos anos da escola são tranquilos, pois são pequenos em idade, e com um pouco de autoridade eles respeitam a figura do professor. Como a escola tem ensino noturno, o diurno não tem alunos maiores de 15 anos<sup>55</sup>, pois quando chegam nesta idade vão estudar à noite.

Em outra turma de 6º ano, turma 61, um contraponto, no momento da correção das atividades fica evidente um sistema de organização bem planejado e estabelecido

---

<sup>55</sup> De acordo com o parecer nº23/2008 do Conselho Nacional de Educação que rege o ensino noturno, a idade mínima é de 15 anos. Essa é uma característica das escolas que possuem ensino noturno, os alunos que se encontram fora da idade padrão para o ensino fundamental diurno, são convidados a frequentar o ensino noturno, pois quando permanecem no dia sentem-se fora do contexto, já que acabam se destacando negativamente, isto é, são meninos e meninas que por estarem com idade fora do padrão idade-série, tem um nível de maturidade, em geral, diferente do restante da turma. No sexto ano, a média de idade é 11, 12 anos, e alunos com 15, 16 anos, não conseguem se adaptar ao comportamento intelectual e emocional de jovens com 12 anos, por exemplo, por isso os primeiros adotam uma postura de autoridade com os menores, ou faltam muito a aula, perdendo o andamento do ano, e acabam repetindo a reprovação.



entre a professora e os alunos para que a correção ocorra envolvendo boa parte da turma. Há uma participação bastante ativa.

A professora comenta sobre isso, coloca que essa turma é muito tranquila, são interessados, inteligentes e participativos. Poucos alunos apresentam um ou outro "desvio" dessa "normalidade" da turma, apenas um deles é repetente e com uma idade maior que a dos outros. Nesse ponto, ela ainda acrescenta que, apesar de todos os problemas comuns ao magistério, o cansaço que ela está por conta dos desgastes do ofício, é muito gratificante quando tem a receptividade dos alunos, isso dá um incentivo para pensar e desenvolver as aulas.

Expõe sua preocupação com a saúde da voz, pois, em especial, os professores de história costumam falar bastante, e deveriam ter muito cuidado com a voz, o que ela mesma não faz. Acorda, quase todos os dias, um pouco rouca e com a garganta como se tivesse um nó. Faltando uns 15 minutos para o término da aula, e diante do olhar exausto dos alunos, a professora encerra o trabalho, desabafando que estava ficando desmotivada com aqueles olhares<sup>56</sup>.

Ao chegar à escola 4, os professores estavam reunidos para reunião de conselho de classe. Solicitei autorização para participar, a qual teve a concordância da direção e dos professores. Pude acompanhar os desabafos dos mesmos que expressavam claramente suas dificuldades, falavam das tentativas das 'colas', durante as provas, que são extremamente exageradas. Uma professora traz o discurso dos alunos para justificar sua forma de lembrar os conteúdos no momento da prova: "*Professora, o que a senhora considera cola, nós consideramos lembrete.*".

Além disso, os professores se referem a uma turma que brinca muito na aula, e são brincadeiras preconceituosas, racistas e sócio-econômicas. Trava-se uma disputa através de um diálogo de quem mora no bairro X ser melhor de quem mora no bairro Y.

Um dos professores bastante zangado diz que diante de algumas reclamações descabidas, chama atenção deles, usa a seguinte expressão: "*Onde já se viu o poste*

---

<sup>56</sup> Isso reflete a relação de troca que deve se estabelecer dentro da sala de aula, a forma como o professor interage e os alunos correspondem deve estar em sintonia, quando uma das partes está em desalinho, a outra reage de acordo. Nesse caso a professora estava cansada, demonstrando cansaço na voz, não conseguindo chamar atenção dos alunos que, reagem com olhares também cansados, demonstraram estar desmotivados com a fala dela.

*fazendo xixi no cachorro?”*, e argumenta que os alunos não têm limites do respeito ao próximo, não sabem ter uma relação de iguais<sup>57</sup>.

Os professores dizem que têm muita dificuldade de trabalhar com algumas turmas, uma em especial, a 8ª série. Eles falam demais, tem que chamar atenção a todo o tempo para diminuir as conversas. Os docentes se referem aos alunos como os ‘da frente e os de trás’, tem uma divisão muito grande na turma, é necessário trabalhar com autoridade, pois alguns alunos adotam uma postura de autoritarismo com os outros, ‘os da frente com os de trás’. Entretanto, um grupo de meninas da frente, apesar de ter essa postura, são dedicadas aos estudos. Não se chega a um consenso do que fazer, são desabafos dos professores.

Sobre outra turma, discutiu-se a questão do uso do celular na sala, enfatizou-se que a professora que permite que o aluno use o celular na sala de aula, está burlando a lei, portanto está sendo conivente com isso. Os professores colocam que muitas vezes ignoram para não ter que ficar se incomodarem. A todo momento, ter que mandar desligar é complicado, pois perde-se um tempo precioso da aula, reclamando de celulares<sup>58</sup>. Situação um pouco complicada de se resolver, os professores têm olhares diferenciados em relação a algumas turmas e algumas situações, mas não há um enfrentamento de ideias entre eles.

Esse tipo de problema é comumente encontrado em outros espaços escolares. O professor F conversando com os alunos em sala de aula alerta que equipamentos como

---

<sup>57</sup> O professor revela a forma antropológica a partir da qual ele pensa a sua relação com o aluno, isto é, sua visão de autoridade pressupõe um imobilismo de atitudes e de pensamentos, pois cabe ao aluno obedecer, através de um pressuposto hierárquico de autoridade. Parece não conhecer as relações de obediência que devem ser construídas pelo consentimento, mais adequadas às práticas educativas. Por outro lado, é preciso refletir a forma pela qual esses alunos estabelecem seus vínculos sociais. É preciso levar em conta o ambiente do qual eles fazem parte, se eles trazem para a escola a ideia de quem mora aqui é melhor de quem mora lá, eles não têm uma visão de mundo para entender igualdade. Sendo assim, é papel da escola, e no caso da disciplina de história construir com eles esse conhecimento do que seria igualdade, como isso se estruturou ou não ao longo do tempo, para que eles possam ter entendimento desse conceito e pensá-lo na prática.

<sup>58</sup> Existe uma lei que proíbi o uso de celulares em sala de aula: LEI Nº 4.131, DE 02 DE MAIO DE 2008. Entretanto, por ser uma relação que envolve afetividade, o que acaba acontecendo é que os professores usam negociações para o uso do aparelho, todavia, é de senso comum, como veremos mais adiante, no decorrer dos diários, reclamações dos professores quanto à desobediência à lei por parte dos alunos e as dificuldades que os docentes encontram em fazer esse enfrentamento e encaminhar para as punições cabíveis. Em geral, são determinadas pela escola a retirada do aparelho do aluno, com a devolução feita somente com o comparecimento do responsável. Importante observar que existe uma vertente pedagógica que defende o uso de tecnologias na sala de aula, inclusive o celular, mas não é prática comum, no âmbito desta pesquisa, nenhum dos docentes são adeptos dessa metodologia.

fonos e celulares serão retirados e só entregues aos pais, pois além de não fazer parte do uniforme, atrapalha o andamento da aula, desviando a atenção.

Acrescenta, ainda, que é desnecessário ter esse enfrentamento, pois eles devem ficar atentos às regras, uma vez que vivemos em sociedade e devemos seguir regras. É muito incômodo ter que parar a aula a todo momento para chamar atenção por causa desses equipamentos.

Alguns alunos questionam a proibição do uso do boné, o professor responde que faz parte das regras da escola. Os alunos continuaram questionando, o professor insistiu na explicação das regras, e que às vezes, concordando ou não, devem ser obedecidas. Também fez referência ao uso do banheiro, que é outra situação bastante complicada, pois são muitos alunos circulando fora da sala durante o horário de aula. Coloca que essas são discussões que se fazem no conselho de classe, e que a partir de agora as cobranças e fiscalização serão mais intensificadas.

Sobre problemas em relação às turmas, a professora E se reporta a situações em que muitas vezes os professores não estão preparados para enfrentar. Na turma da 8ª série, uma dessas caracterizadas como muito agitada, uma atividade como apresentação de trabalho pode se tornar bastante dificultosa. Em uma pesquisa que foi solicitada anteriormente pela professora, a qual os alunos deveriam apresentar aos colegas, estabelece-se um momento tenso, pois um dos alunos que deve expor seu trabalho, é um aluno especial<sup>59</sup>, diagnosticado como esquizofrênico. Para realizar essa atividade, os alunos têm que fazer uma apresentação oral.

O menino passou a ler um texto imenso, a professora tenta mediar essa leitura, pois os outros, um pouco ouvem, riem ou suspiram. Percebe-se com clareza que a turma adota uma postura de paciência com o colega, que segundo a professora vem apresentando ao longo dos anos um crescimento intelectual e de convivência social bastante significativa. Entretanto, ele interfere no andamento da aula, com alguns comentários moralistas ou assuntos gerais fora do contexto, que acabam desvirtuando a postura e atenção da turma e, conseqüentemente, dificulta o trabalho do professor.

Esse mesmo aluno, em outra ocasião, entra na sala da direção tossindo muito. As professoras ficam se olhando com expressão de cumplicidade e de conhecedoras da situação. Enquanto uma delas conversa com ele sobre a tosse, tenta acalmá-lo. O

---

<sup>59</sup> Vide nota 20.

menino queria um remédio, ele vai se acalmando e sai. Ao sair, todas comentam que quase todos os dias ele chega com um tipo de atitude para chamar atenção, é só estabelecer uma pequena conversa que se acalma. As professoras que ali se encontram demonstram já estarem acostumadas com isso, e lidam bem com a situação, embora argumentem que tem dias que é bem complicado trabalhar com ele em aula, pois o mesmo tem uma noção de convívio social diferenciado, e acaba atrapalhando o andamento da aula<sup>60</sup>.

Se referindo à inclusão, os professores falam que essa postura não inclui ninguém. Na visão do professor F, é uma "falácia" já que tudo acaba ficando só no papel, é uma falsa inclusão, pois não existe um suporte institucional para atender esses alunos, que muitas vezes apresentam graves problemas familiares e fogem das possibilidades do professor resolver.

Muito próximo ao final do ano letivo, ao chegar à escola 2/3 percebi alguns olhares de estranheza dos professores que se encontravam na sala dos professores, lugar para a qual quase sempre sou encaminhada quando chego. Ao me aproximar do professor C, este me cumprimentou e questionou minha presença, explicando que a escola estava com horário diferenciado de atendimento, pois o ano letivo está no fim, e acontecem as aulas de atendimento de recuperação para os exames.

Em função disso, as turmas estavam misturadas, o horário era outro, com a clara demonstração de que a partir daquele momento minha presença não seria a melhor, pois a escola estava em outro ritmo. Dessa forma, acabei me despedindo, o professor, bastante solícito, disse que me aguardava no próximo ano para darmos continuidade aos acompanhamentos.

Ao sair da sala, fui dar uma volta pela escola, momento pelo qual era clara uma movimentação diferenciada, alunos nas salas, entrando e saindo, alguns grupos sentados por lá e cá, alguns trocavam material. Fui me aproximando de um grupo de rostos conhecidos, e perguntei por que não estavam em aula, ao que eles responderam em

---

<sup>60</sup> A experiência com alunos portadores de necessidades especiais é uma realidade, para a qual os professores não são preparados, embora seja importante destacar, que não é possível haver um preparo distante da realidade. Portanto, de fato, só vamos aprender a lidar com a situação vivenciando-a, e é neste ponto que vêm as falhas, pois o que acontece, no âmbito da escola, é um esforço por parte dos docentes em fazer tentativas de acerto e de erro baseadas na ação pedagógica. Para atender esses alunos, é necessário apoio pedagógico imediato, no momento da ação. Vale destacar que existem muitas escolas municipais onde são disponibilizados monitores para acompanhar esses alunos incluídos.

desabafo, que as aulas acabaram, mas quem não passou por média estava tendo atendimento para tirar dúvidas para os exames.

Eles estavam aguardando o horário da aula e trocavam material, já que a maioria dos exames são organizados pelas provas do ano e pelo conteúdo do caderno. Em tom de deboche, alguns dizem: *“Daí né sora, tem que pegar material dos colegas que têm caderno completo, porque quem fica em exame, não tem nem caderno”*.

Uma das meninas perguntou se terminei meu trabalho com o professor de história. Eu disse que não, que continuaria no ano seguinte, pois meu curso ainda não tinha terminado, nem minha pesquisa. Novamente em tom irônico, um deles que escutou minha resposta retrucou: *“Credo, eu que não queria fazer um trabalho que fica de um ano para o outro, deve ser um saco, ficar mais de um ano no mesmo curso.”* E acrescentou: *“Mas tu já não é professora?”* Eu disse que sim, mas que estava me especializando, para melhorar meu trabalho. Isso causou olhar de estranheza, risinhos e falta de interesse. Diante da situação, deixando de ser interesse naquele momento, despedi-me e me retirei.

Problemas de logística de trabalho também são exemplos de dificuldades pelas quais os professores têm que driblar no seu fazer, situação que se expressa na intenção de usar materiais multimídia. A professora D, no primeiro horário de aula, buscou o *datashow*, cabos, montou, utilizou e desmontou o aparelho. Para o segundo período, novamente, foi necessário entregar o primeiro material e pegar outro, montá-lo para a projeção de um filme, depois desmontar e entregar. Nessas problemáticas, um tempo de aula é bastante desperdiçado. Além disso, foi necessário utilizar o horário da aula de sociologia. Há um acordo entre as duas professoras quando uma necessita mais espaço, a outra cede e elas procuram trabalhar em conjunto, são acertos “particulares” para facilitar o trabalho dos professores de currículo por área que têm uma carga horária bastante baixa.

A problemática da baixa carga horária é enfatizada também pela professora E ao se referir a questões burocráticas da escola, como as datas e prazos a serem cumpridos, prova geral e a prova de recuperação que são marcadas muito próximas. Fica apertado fechar notas, avisar alunos e passar atas para serem assinadas, o que tem que ser feito durante os períodos de aula, inclusive atrapalhando outras aulas para entregar avaliações e assinaturas.

Mais uma manhã de trabalho, encontrei o professor F em uma turma de 7º ano, recepcionou-me na porta e a turma me cumprimentou. Acomodei-me ao seu lado, e logo foi me esclarecendo que está fazendo uma atividade de revisão do conteúdo para tentar dar oportunidade para que eles consigam melhorar suas notas. Não há muito interesse, pois eles enrolam para fazer ou não fazem a atividade, comenta que na turma anterior, somente quatro alunos fizeram.

Faz uma comparação com a outra escola em que ele trabalha, onde a proposta é outra, são salas ambiente, e que é escola de periferia, com um público diferente, mas que os resultados parecem bem melhores. Ele conclui que é pela proposta da escola.

Refere-se à escola como um pouco mais complicada de trabalhar e tentar novos métodos e tem uma visão mais tradicional de educação. O corpo docente fica muito exposto sob a pressão e o olhar dos pais e a direção acaba adotando uma postura mais tradicional também, que não se alinha aos alunos desta geração, que são mais agitados e conseguem lidar com diferentes recursos. Por isso, o livro didático, apenas, torna-se de uso massacrante. Nesse sentido, professores andam em uma mão, e os alunos na contramão, ou vice-versa<sup>61</sup>.

Também existe “uma certa exigência” dos professores mais conservadores da escola que limitam atividades diferenciadas em sala de aula, falta incentivo. O professor admite que este ano tem trabalhado de forma muito tradicional, está muito focado no livro didático, diz: *“Isto é muito chato, tanto para mim quanto para os alunos, mas admito também que não tenho uma motivação para tentar de outra forma, a situação da carga horária pesou nesta situação”*<sup>62</sup>.

Durante a conversa, o professor ia atendendo os alunos que lhe chamavam, alguns alunos não faziam nada, virados para trás conversando, e o professor a todo tempo chamava a atenção para que realizassem a atividade, pois era a oportunidade de recuperar nota e revisar conteúdo.

---

<sup>61</sup> Sendo a escola de tendência mais tradicional, limita a ação dos professores no sentido de buscar novas alternativas, metodologias e recursos de ensino, utilizando basicamente o livro didático, torna o ensino cansativo para uma geração acostumada a lidar com diferentes meios, especialmente os tecnológicos. Nesse sentido, os professores andam em um caminho na busca do ensino e os alunos, em outro em relação à aprendizagem. Caminhos que, na maioria das vezes, não se cruzam e, portanto, não chegam a um resultado comum. Por outro lado, essa explicação dada pelo professor me parece uma justificativa que corrobora com o que ele explica, conforme discutido na nota 135, no que diz respeito aos entraves para desenvolver outra prática devido a sua demanda de trabalho.

<sup>62</sup> Este ano uma professora de história saiu, e os professores de história que ficaram assumiram mais turmas e aulas, gerando um acúmulo de trabalho.

De encontro às colocações do professor F, o professor H apresenta a seguinte explicação quando questionado sobre metodologia e planejamento:

*“tem sido difícil planejar aulas que chamem atenção dos jovens, hoje eles tem uma imensa quantidade de informações imediatas e vivem numa sociedade de consumo e massificada, isso torna a escola pouco atrativa então se perdem em facilidades virtuais. Nós temos que despertar esse jovem para o algo mais que existe nesse mundo de informações instantâneas, fazer com que entendam que é preciso saber filtrar o vendaval de informações e utilizar toda a tecnologia em prol de tornar-se um cidadão pleno de seus direitos, mas não é fácil, eles não querem escutar, e em turmas assim como essa onde eles tem 11, 12 anos é ainda pior, só querem brincar.”*

Na próxima aula, na mesma turma, os alunos foram chegando e se acomodando. O professor F pediu que pegassem o caderno para corrigir as tarefas da aula anterior. Alguns alunos questionavam que não sabiam, outros falavam alto que tinham feito, mas que muitos não tinham realizado as atividades. A turma estava bastante agitada e me acomodei na mesinha no fundo da sala, enquanto o professor acalmava-os e começava a correção dos exercícios.

De fato, foi possível perceber, que a maioria não tinha feito a atividade, pois o professor foi apontando um e outro para responderem e poucos deram um retorno positivo. O professor bastante irritado, fala em alto tom sobre interesse, dedicação aos estudos, responsabilidade, dizendo que eles não queriam nada com nada, só brincadeira, que ele não iria ficar dando respostas de atividades que eles deveriam ter feito. Muito zangado, começa a anotar os nomes de quem não realizou a tarefa, ordenou que fizessem naquele momento, enquanto ele olhava de quem fez. E assim a aula transcorreu até o sinal. Entretanto, de onde eu estava era fácil perceber que muitos não estavam realizando as atividades<sup>63</sup>.

Por conta de falta de interesse e motivação, a professora G explica que entre seus critérios na escolha do livro didático, leva em conta esse desinteresse dos alunos e faz a escolha em função da criatividade, imagens, atividades e sugestões do autor. Argumenta que muitas informações são complicadas porque os alunos não leem e têm uma

---

<sup>63</sup> Situação semelhante e discursos como esse são comuns entre os professores de história, são angústias que levam os professores a se questionarem quanto a um sistema que já está instituído. Se o aluno não realiza tarefas, não traz material ou falta sem justificativa, a responsabilidade de resolver essa situação é do professor. A família tem pouca atuação nesse sentido, muitas vezes, os pais se dirigem à escola para desabafar com o professor que não sabem o que fazer com o filho. Esse é o tipo de situação a qual os professores não conseguem, não querem ou não podem mudar.

"cabeça" muito limitada. Citou exemplos de alunos que vêm à escola e passam a manhã sem fazer nada.

Comentou que em uma aula a conversa girou em torno das mobilizações e protestos que têm ocorrido em todo país, e a dificuldade que os alunos têm de compreender a relação entre as manifestações com a negatividade da violência, pois é um processo que se volta contra a própria sociedade, mas que os alunos não têm esse olhar. Além disso, ela acrescentou que falta aos alunos iniciativa para facilitar a aprendizagem, *“Eles não sabem nem ‘colar’, ou indagar aos outros colegas. Por exemplo, o que caiu numa prova, nem se dão por conta quando o professor dá a prova antes da data em forma de exercícios, e ainda assim eles se saem mal. Existe reprovação em massa.”* Inclusive, citou os alunos do 4º ano, onde ela já observa essas problemáticas na aprendizagem.

Em outro momento, em aula com a professora G, observei uma sala com poucos alunos, pois a turma sairia mais cedo. Mesmo assim, a professora propôs um trabalho avaliado, em dupla. Chamou-me atenção o fato da professora trazer a filha para a escola em dias que a menina tem prova na escola em que estuda. A professora explicou que é uma forma de fazê-la estudar e ir ajudando quando precisa e argumentou que a criança frequenta uma escola particular. Então, há muita exigência, em um contraponto com a escola pública<sup>64</sup>.

Os alunos começam a copiar as atividades e contam para a professora que na segunda-feira alguns fugiram da escola, falavam em uma postura como se a situação

---

<sup>64</sup> A própria professora apresenta o olhar de diferenciação entre os dois espaços, o público e o privado, caracterizando este como sendo de muita exigência, em contrapartida ao público, onde o nível de exigência não requer tanta dedicação. Isto se deve, especialmente, a grande falha na estrutura do sistema público, como ter um nível de exigência dos alunos, se a escola muitas vezes não oferece suporte para que os mesmos possam buscar subsídios. Escolas com bibliotecas desatualizadas, sem pessoal para atender, laboratórios de informática fechados, sem professores monitores, sem acesso à internet, professores que faltam, e não têm pessoal para substituí-los, não são feitas reposição dessas aulas. O índice de reprovação é cobrado pelos órgãos governamentais, que pressionam as escolas através do corte de verbas, professores que trabalham 60 horas semanais, não oferecem aulas com a qualidade necessária para um alto nível de exigência, famílias que não acompanham o desenvolvimento escolar dos filhos. É uma soma de fatores, que, em geral, não transparecem no ensino privado. Por sua vez, a professora não demonstra um entendimento que contraponha o ensino público e o privado a partir de uma matriz sociológica, ou seja, ela não apresenta uma compreensão ou mesmo uma reflexão do porquê de existir essa diferença que coloca o público e o privado em lados opostos. Não tem compreensão que mostre as falhas do ensino público também como reflexo de um Estado que não dá conta de cumprir suas obrigações, mas que tem sob sua tutela a maior parte do ensino neste país, e é da escola pública que se formam a maior parte dos estudantes. É no ensino público que atuam a maioria dos professores em todas as áreas. Portanto, ela apresenta uma visão empírica do papel de ambos setores, pois parte de sua experiência como profissional do ensino público para fazer essa diferenciação.



fosse de normalidade. Um deles, inclusive, argumenta: "*Se eu tivesse ido pro centro, tudo bem, mas eu fui para casa, dormir*". A professora diz a ele que, dessa forma, acabará repetindo o ano de novo, em uma associação direta entre conduta e aprendizagem. Dois alunos em especial continuaram argumentando em relação à aula, que não têm vontade de vir à escola. Então inventam em casa que não tem aula, ou que entram mais tarde, hoje vieram porque gostam de História e Geografia.

A professora começa a me relatar a situação dessa turma: a maioria são alunos repetentes, faltam muito a aula e são problemáticos na aprendizagem. No que diz respeito à interpretação de textos, apresentam leitura de difícil compreensão, o que por sua vez reflete no entendimento de explicações e desenvolvimento de atividades. Mesmo com um nível de exigência mínimo, não é possível enviar tarefas para casa, pois não retornam feitas. Ela diz: "*o que fazer?*", em comparação com as outras turmas é complicado.

Como a professora trabalha à tarde com alunos menores, dá aula para o 4º ano. Após dois anos, ela os recebe novamente no 6º ano e faz a seguinte relação: o fato de já conhecê-los é muito bom, pois conhece possibilidades e limitações, a família, o trabalho foi muito melhor, sem contar que sempre são os menores. Ela os chama de turma-padrão. Também acrescenta outra relação: teve um período que ela seguiu com a mesma turma no 4º e 5º anos, e depois com História no 6º ano. Agora eles são do 8º ano, ela identificou-os como uma turma maravilhosa de trabalhar, considerando essa continuidade como benéfica para a aprendizagem.

Apesar disso, ela identifica um problema: no turno da tarde, têm professores que só querem trabalhar com 5º ano, se ela insistir em seguir do 4º para o 5º ano com a mesma turma, vai causar um "transtorno" com as colegas. Então ela deixa como está, apesar da constatação a que chegou.

Ao fazer uma revisão oral do conteúdo sobre Roma, os alunos, por alguns momentos, demonstraram interesse interagindo com a professora. Em outros, assumem uma postura de completa alienação do que se passa na sala, em geral, quietos, cochilando ou só com olhar perdido. A professora destaca com eles o que vai cair na prova, na próxima semana, apontando a necessidade deles estudarem, alguns alunos

pedem que a prova seja de ‘marcar’, objetiva. A professora responde que já fez assim, e que eles simplesmente não estudam e não leem a questão, arriscam na sorte<sup>65</sup>.

Dirigindo-se a mim a professora comenta sobre uma reportagem<sup>66</sup> que ela leu sobre progressão automática, onde a cidade de São Paulo foi neste projeto pioneira há 21 anos. **Agora os estados revelaram** não ter havido avanços, inclusive com a constatação de que os alunos estão chegando ao 9º ano semialfabetizados. Diante disso, foi extinto o projeto de progressão automática na cidade de São Paulo.

A professora destaca a pergunta: *“Se com eles não deu certo, porque com nós vai dar? Eles estão extinguindo lá, e nós estamos adotando e ampliando aqui um projeto falido”*. Aborda, ainda, a questão das classes de estudos diferenciados, que têm como projeto do MEC serem extintas, o que é um erro, pois os alunos que frequentam essa classe precisam realmente de um atendimento diferenciado. A professora, inclusive, destaca que deveria haver nos 6º anos, também, pois quando chegam aqui, muitos alunos apresentam problemas sérios de aprendizagem.

Quando os alunos questionaram minha presença, para minha surpresa a professora disse a eles que eu era do Conselho Tutelar e estava ali para observar quem eram os alunos que vinham para escola só para incomodar, pois ganham tudo: uniforme, material, passagem, merenda e passam só perturbando. Diante dessa suposta ameaça, parece que alguns foram se acalmando. Outros alunos passaram a me olhar muito desconfiados, mesmo depois que a professora esclareceu quem eu era<sup>67</sup>.

---

<sup>65</sup> Este pedido é bastante comum entre os alunos, uma vez que eles consideram muito mais fácil ‘chutar’ as respostas em questões objetivas, do que em uma prova dissertativa em que eles têm que responder as questões. Nesse caso, muitas vezes eles nem realizam as atividades, ou quando fazem colocam qualquer resposta que lhes venha à cabeça, uma tentativa fracassada de enganar a professora e a eles mesmos de que fizeram algumas questões, e merecem algum ganho, alguma nota. Isso acontece porque os alunos não se apropriam do conhecimento, na maioria das vezes eles não entendem o conteúdo, não questionam ou se posicionam quanto ao entendimento, ou simplesmente não se interessam porque não veem significado naquilo que está sendo trabalhado na sala. O professor, por sua vez, segue o programa ou planejamento, deixando para verificar essa aprendizagem apenas na prova, quando então percebe o baixo rendimento, mas o tempo não permite retomar o que ficou para trás.

<sup>66</sup> Levando em conta a fala da professora sobre a progressão automática, é possível verificar que a percepção dela quanto ao ensino se encerra na avaliação, temática que é bastante polêmica, uma vez que, dependendo como esta se efetiva, não aponta com eficácia o resultado da aprendizagem.

<sup>67</sup> O Conselho Tutelar tem como função zelar pelos direitos da criança e do adolescente. No entanto, a professora demonstra ver o órgão como uma instituição que pode render algum ‘ganho’ em sala de aula, pois ela entende que a presença do mesmo significa uma espécie de ameaça e o temor que os alunos têm desse órgão poderia gerar alguma reação que se refletisse no comportamento deles, uma vez que ela argumentou que eu estaria ali para ver quem estava ‘incomodando’. A professora ainda relaciona a ameaça do Conselho ao fato deles irem à escola para incomodar, o que não deveria acontecer, pois ganham tudo para estar ali. Portanto, minimamente, deveriam ‘retribuir’ se portando de uma forma mais

Em contrapartida às muitas angústias expressas pelos professores, as aulas do professor H apresentam um quadro um pouco diferenciado, os alunos são tranquilos, escutam, perguntam e tiram dúvidas, demonstrando uma atenção a fala do professor. Este tem um grupo com os alunos nas redes sociais, onde ele mantém um contato fora do ambiente escolar, mas ligado a questões pedagógicas. Ele me explica que acha importante manter esse vínculo extraclasse com os alunos, para estreitar laços e conseguir entender melhor o contexto da sala, bem como fazê-los valorizar mais o espaço da escola, pois considera que uma das problemáticas é

*“quando percebo que os alunos não veem sentido algum em ir para escola. Isso é difícil pra mim, pois cresci em um universo de valorização do ensino, da educação, e de ver nesse trajeto o único para algum tipo de satisfação pessoal, e ainda, acho muito difícil o ato da avaliação, pois é quando fica muito claro a insuficiência das formas de avaliação que estão postas – uma avaliação quantitativa, que não corresponde, por exemplo, a aptidões que hoje poderiam ser consideradas demandas reais, conhecendo melhor os alunos fica um pouco mais fácil.”*

Acrescenta que é importante saber o contexto social do grupo de alunos que se tem. É impossível saber de todos individualmente, mas é necessário ter uma espécie de “média social”, de identificação. O mais importante é saber que papel a educação tem para aquela criança<sup>68</sup>. Isso é que vai determinar todo o resto.

*“Existem turmas em que eu fico completamente realizado com o trabalho, pois as propostas acontecem, existe um andamento adequado, existe um diálogo que realmente acontece. Porém, outras turmas não, a “coisa não anda”, parece que nenhuma aula rende, isso depende de cada turma, pois existem razões para ambos os comportamentos – que precisam ser problematizados e adequações precisam ser feitas.”*

Na sua fala ainda acrescenta que,

*“muitos fatores dificultam o desenvolvimento do trabalho sobre a falta de estruturas de ensino, pois a rede estadual é carente em laboratórios, espaços diferenciados de aprendizagem e mesmo uma biblioteca que funcione efetivamente, e não seja um simples depósito de livros, além disso as políticas públicas e projetos pensados para educação são uma piada, pois é inviável continuar pensando em termos de curto prazo em qualquer política*

---

tranquila, invés de ‘incomodar’. O entendimento da função do Conselho Tutelar como sinônimo de ameaça e possível barganha com os alunos é de senso comum, pois a desconfiança demonstrada pelos alunos, reflete que eles também têm esse entendimento: um órgão de fiscalização. É uma situação que perturba as famílias, é visto como ameaça, posto que muitas dependem de benefícios do governo, como bolsa-família e bolsa-escola, e a frequência escolar é condição para manter esses benefícios, bem como a própria relação familiar, pois em caso da criança ser retirada da família devido algum problema que envolva a atuação do Conselho Tutelar, automaticamente o benefício é suspenso.

<sup>68</sup> Discussão que expressa o entendimento do docente em relação ao ensino, realizada na nota 143.

*estatal para educação no Brasil. Mudanças são geracionais, e devem ser pensadas como tal.”*

Diante de tantas dificuldades de ensino, faz-se importante compreender as inúmeras situações que fazem da forma como se estabelece a organização da sala de aula e da indisciplina questões pontuais na forma de conduzir o ensino de história. Sendo que as problemáticas enfrentadas pelos docentes e apontadas por eles como o desinteresse dos alunos, descomprometimento com o estudo, violência, falta de leitura, não acompanhamento familiar, falta de estrutura física e intensa carga horária de trabalho devem ser motivo de intensa reflexão. Em síntese, tudo corrobora para que assim se compreenda a escola em um conjunto e se trace um planejamento que possa dar conta de conduzi-la de uma forma mais organizada, para que não se perpetue as soluções imediatistas, ou as não soluções para os problemas de ensino que transpareceram no cotidiano docente.

Por outro lado, a própria falta de continuidade na formação profissional, a desmotivação docente, a falta de espaço de leitura, reflexão e debate, que embora não apontadas diretamente pelos professores, uma vez que eles não expressam claramente isso como sendo um problema pontual, também levam ao despreparo em identificar na organização da sala de aula e sua relação com a indisciplina como questões relevantes na forma de conduzir o ensino de história.

### 3. A construção do espaço-escolar : reflexões sobre o ensino de História

Entender como os professores se relacionam com a disciplina com a qual trabalham e como eles compreendem o ensino de História dentro do seu contexto de trabalho é tarefa que envolve perceber esses dois pontos dentro de um conjunto de situações que se expressam no fazer diário docente. Questões que envolvem o fazer pedagógico, nesse caso, mais especificamente lidar com ensino de História, dizem respeito muito mais a um fazer individual porque coloca o professor frente as suas concepções, seus saberes e sua forma de lidar com isso.

Relacionado às dificuldades de ensino e ministrar as aulas de história diz respeito ao enfrentamento dos conflitos e sua condução. Assim de acordo com aquilo que os professores expressaram, foi possível identificar um binômio que se estabelece a partir das visões de história e o entendimento da mesma, dentro do espaço escolar como construção de conhecimento, problemática que o professor tem que enfrentar sozinho, pois parte do seu fazer individual e profissional.

Não existe meios de trabalhar com o ensino História sem enfrentar os problemas diários que fazem da escola um espaço onde os profissionais docentes acabam por adotar posturas que vão além das questões pedagógicas. Em meio às narrativas vou compondo o sentido da vivência deles dentro dos espaços escolares.

Cheguei à escola por volta das 13:30 horas, a professora A já estava atuando em uma turma de 8ª série com poucos alunos. Fui muito bem recebida, notei grande simpatia a minha chegada, recebi um abraço bem afetuoso. A professora estava passando um conteúdo no quadro negro, e os alunos estavam bem silenciosos.

Tem início a comentários e uma discussão em sala de aula sobre a Copa das Confederações. Uma aluna diz: “*Queria que o Brasil perdesse!*”, aproveitando essa colocação a professora A explica que os movimentos populares<sup>69</sup> que vêm acontecendo nos últimos dias são, também, em função dos gastos com os jogos e a copa, lembrando que, provavelmente, os alunos do curso de História deverão participar em peso do

---

<sup>69</sup> Referindo-se aos movimentos populares, ocorridos em 2013, chamados de jornadas de junho, que iniciaram como protestos contra o aumento das tarifas de transporte público, e acabaram tomando dimensões maiores e alcançando outras pautas de reivindicações.

movimento que irá acontecer na cidade, pois normalmente são mais envolvidos com movimentos populares<sup>70</sup>.

A relação da professora com sua turma é muito boa, existe uma cumplicidade estabelecida no ar, percebe-se que escutam suas orientações, especialmente no momento da explicação do conteúdo. A pedido, eles largam os celulares para prestar atenção na sua fala, já que em geral ela permite que eles usem<sup>71</sup> escutando música quando estão copiando ou fazendo atividades. Na explicação do conteúdo<sup>72</sup>, a professora reforça que é importante que os alunos escutem, prestem atenção<sup>73</sup>, façam a leitura e estudem até o final para formar sua própria opinião. Nesse caso, sobre o Governo Vargas.

Passando a explicar o conteúdo sobre Regimes Totalitários, referindo-se aos regimes instalados na Europa no período Entreguerras, o Nazismo e o Fascismo, a professora faz uma relação com o governo Vargas, citando exemplos de conhecimento que ela “supõe”<sup>74</sup> que os alunos já tenham ao comentar sobre filmes, imagens e reportagens na tentativa de obter interação com os alunos.

Sob outra perspectiva de ensino, a professora B reforça com os alunos a importância deles aproveitarem cada momento de estudo, pois muitas vezes o que mais

<sup>70</sup> Dentro dos espaços escolares, é comum se atribuído ao professor de história debates políticos, associá-lo a situações contestatórias, um perfil que já se caracteriza na posição de estudante, de forma que a própria professora faz essa relação quando cita os estudantes universitários.

<sup>71</sup> Ver nota 57.

<sup>72</sup> A lista de conteúdos sugeridos pela Secretaria Municipal de Educação e Coordenaria Regional de Educação para a 8ª série/9º ano diz respeito ao período chamado de História Contemporânea, que se inicia com História do Brasil a partir da Proclamação de República até os dias atuais e com História Mundial pelo Imperialismo até os dias atuais.

<sup>73</sup> Essa é a forma pela qual a docente entende que os alunos aprendem história, escutando e prestando atenção ao que está sendo dito, a partir do próprio entendimento de como os alunos aprendem é que os professores vão determinando suas ações pedagógicas. É o professor quem constrói sua prática, entretanto essa construção, na maioria das vezes, baseia-se em dados empíricos. Concretizam-se em ações que não correspondem às necessidades dos alunos, pois não foram construídas a partir de uma reflexão crítica, ou conjuntamente pelo corpo docente, já que a maioria dos professores organiza sua prática individualmente. Esse quadro acaba gerando um resultado pouco significativo no processo avaliativo quando os alunos não apresentam os resultados esperados, o que se reflete nas falas dos professores ao longo dos diários, quando eles se questionam: “*Como eles não sabem, eu expliquei, eles não prestaram atenção, não estudaram, não têm comprometimento com a escola, a família não ajuda.*” Falta na escola um espaço para amplo debate das raízes sociológicas deste quadro, e um espaço para que o professor, na sua condição profissional, analise e discuta, de forma mais intelectualizada, o processo de formação discente.

<sup>74</sup> Os professores “supõem” esse conhecimento partindo do entendimento de que os alunos têm acesso a uma variedade muito grande de informações de cunho histórico, adquiridos através de meios informais, como filmes, documentários, revistas, livros e músicas, os quais os alunos têm contato desde seu nascimento, mas que na escola vão ganhando sentido através da prática docente para a formação da consciência histórica. Nesse caso, ela menciona nomes como de Hitler e situações que são mais comuns de serem vistas, especialmente em programas de televisão, filmes e documentários que trazem assuntos como campos de concentração e preconceito racial.

fica na memória é aquilo que se estuda em cima da hora<sup>75</sup>. Nesse caso, para a prova, a percepção da professora caminha no sentido de memorização<sup>76</sup> do conteúdo. Fala em ‘memória fotográfica’, reforça que quando estuda, ela lembra do que leu até no lugar onde estava escrito.

Ao iniciar a aula, a professora B questiona os alunos sobre a organização de trabalhos, fala sobre questões éticas que envolvem uma atividade em grupo, sobre a participação dos membros e material a ser utilizado<sup>77</sup>. A turma do 7º ano, alunos com idades em torno de doze e treze anos, parece bem interessada e bastante atenta às orientações, especialmente porque a professora enfatiza o uso das tecnologias, em

---

<sup>75</sup> A professora permite que os alunos estudem o conteúdo da prova em aula no período anterior a realização da mesma. Sobre isso, ela explica que é, também, uma garantia profissional de que ela deu todas as oportunidades caso ocorra alguma reclamação dos responsáveis em relação ao resultado da prova. O tema da avaliação é um assunto polêmico, como poderemos constatar ao longo dos diários, baixos resultados em provas são comuns. Nesse caso a professora procura se garantir no sentido de se justificar em caso de resultado negativo. A intenção é de se proteger quanto a possíveis responsabilizações, pois muitas vezes, quando o aluno se sai mal em uma avaliação, a tendência é responsabilizar o professor. Também ao colocar que o aluno não entendeu o conteúdo, as aulas não são atrativas, o professor é muito exigente, não fez uma boa revisão para prova, entre outras tantas explicações que buscam justificar uma nota abaixo da média.

<sup>76</sup> A memorização é uma concepção que está sendo combatida por alguns teóricos da educação, por estar associada a um modelo de educação, em que o aluno torna-se mero reprodutor do conhecimento repassado pelo professor. Nesse sentido, a ideia de aprendizagem como sinônimo de mudança de comportamento, a partir do objeto apreendido, é rechaçada, pois como receptor de conhecimento, o discente apenas virá a reproduzir aquilo que memorizou, sem que aja uma transformação desse conhecimento. O esquema constituído de memorização ligado à disciplina de História ainda relaciona-se, principalmente à ideia de decorar o conteúdo, embora seja possível perceber que o antigo pressuposto de ensino da história ligado a causas e consequências, datas e nomes de vultos tenha sido superado, de acordo com os sujeitos desta pesquisa, uma vez que não observei este tipo de relação ligada ao conteúdo, mas mantém-se a relação de decorar. Agora ligada a acontecimentos históricos e suas explicações e reflexões feitas por historiadores, ou por autores dos livros didáticos, pois estes são praticamente os únicos aportes teóricos utilizados pelos professores. Dessa forma, a relação que se estabelece entre os professores de história e seus alunos, está muito mais ligada à transmissão do saber do que à construção do pensamento sobre esse saber pelos alunos, mediado pelos professores. Isto, em raros momentos, é identificado. A metodologia do uso do questionário é pouco ou quase nada utilizada, foi substituída por outras metodologias, que embora diferentes do questionário, no resultado final pouco superam a ideia de decorar, que é a base do uso do questionário. E são a partir destas concepções empíricas e cognitivas que os sujeitos desta pesquisa vão deixando aflorar a forma pela qual eles lidam com o exercício da docência.

<sup>77</sup> Metodologias alternativas fazem parte das aulas de história, entre elas, o uso de tecnologias como os *netbooks* e reprodução de filmes e atividades artísticas são tentativas para diversificar os caminhos que levem à aprendizagem, buscando que os alunos tomem iniciativa na construção do próprio conhecimento, mediado pela atuação docente. Fugir da velha fórmula do quadro e giz como colocou em um momento a professora D, a maneira como o professor trabalha com o conhecimento condiciona essas tentativas de diversificar a forma de lidar com a condução do ensino e o entendimento de construção do conhecimento pelos alunos.

especial a produção de vídeos para apresentação dos trabalhos sobre obras de arte renascentistas e a produção de esculturas e/ou pintura dos artistas<sup>78</sup>.

Ao explicar o conteúdo, a professora faz colocações quanto ao conhecimento histórico, destaca que quando se estuda história, ao ser lido nas entrelinhas, podemos ver semelhanças com a nossa vida<sup>79</sup>. Coloca que a história se repete, é cíclica, os sistemas elaborados pelos seres humanos para viver em sociedade se mantêm por muito tempo, e só são rompidos com revoluções. As pessoas mudam, mas as estruturas se mantêm<sup>80</sup>.

Destaca que o fato dos alunos poderem frequentar a escola hoje, dá a eles a possibilidade de conhecer várias ciências. Diferente de outras épocas, como por exemplo, na Idade Média, quando quem dominava o conhecimento era a Igreja Católica. Reportando à ideia para os dias atuais, destaca que essa instituição é a mesma, os problemas se mantêm, mas sob outra ótica, como a corrupção nos seus quadros. Comenta: *“nós não conseguimos combater a corrupção, porque os seres humanos são dados a isso, tem uma tendência para desvios”*<sup>81</sup>.

Na escola 2/3, em uma turma de 8ª série, com uma média de 30 alunos frequentes, idades entre treze e quinze anos, após acompanhar as mobilizações que aconteceram em nível nacional, conforme já foram explicadas, os alunos foram

<sup>78</sup> A lista de conteúdos sugeridos pela Secretaria Municipal de Educação e Coordenaria Regional de Educação para o 7º ano diz respeito ao período chamado de História da Idade Média e parte da História Moderna, iniciando com História Mundial a partir da queda do Império Romano até o Iluminismo e com a História do Brasil, do Brasil Pré-colonial até a Independência do Brasil.

<sup>79</sup> A professora desenvolve a ideia de relação entre passado e presente quando associa o conteúdo que está desenvolvendo com aspectos presentes da vida cotidiana. Nesse sentido, observa-se que a ideia de aprendizagem significativa se faz presente na concepção da docente, uma vez que ela faz essa associação no momento que expõe o conteúdo. Conforme os diários mostram, outros profissionais também tentam ao longo de suas aulas fazer este vínculo entre o passado e o presente, apontando no hoje situações que se aproximam do conteúdo que está sendo desenvolvido.

<sup>80</sup> É possível perceber que a professora mescla ideias, no que diz respeito as suas concepções de história, que se contradizem, pois em um primeiro momento, ela se refere à história como ciclos, que de tempos em tempos se repetem. Na afirmativa seguinte, ela expressa que por longos períodos a sociedade se mantém, até que revoluções levem à mudança. Mas na continuidade de sua fala, coloca que as estruturas se mantêm, mas se revoluções pressupõem mudanças, como as estruturas se mantêm? Na base de sua prática, está uma explicação cujas variáveis não pertencem a mesma matriz intelectual. Faltam os espaços de discussões no ambiente escolar que permitam ao professor desenvolver essas questões historiográficas.

<sup>81</sup> Assim, a docente expressa sua compreensão da humanidade como corrompível, já que ela não problematiza a questão, trazendo-a com um olhar fechado, ou seja, apresenta sua visão pessoal de mundo e humanidade. O professor age como se não tivesse formação sócio-historiográfica específica, a partir da qual ordenaria as questões do cotidiano do conteúdo. Limitado pelas ideias de senso comum de que o ser humano tende a ter desvios sociais, justifica sua corrupção, isto é, se o homem tem essa tendência, não há como combatê-la.



mostrando seu entendimento do assunto ao colocarem que acharam “legal”. O interesse mostrado pelos alunos fez com que o professor C buscasse uma aproximação do ensino de História com temáticas atuais, ou que se aproximem das questões trazidas pelos alunos, com situações que eles vivenciam no seu dia-a-dia. Assim o professor tentou conduzir os alunos a serem produtores do seu próprio conhecimento, quando desenvolveu com eles um manifesto de protesto.

No manifesto são apontadas as problemáticas dentro da escola. O professor passou a discutir com eles o entendimento de que protestos partem de uma organização, surgindo, então, a ideia de organizarem o movimento<sup>82</sup>.

Em outro momento, ao chegar à sala do professor C, o mesmo estava envolvido com avaliação de cadernos. A temática da aula começou com o conteúdo do Período Entreguerras, que diz respeito as duas grandes guerras mundiais. Para tanto, ele organizou uma projeção de slides, com tópicos referentes ao tema.

Logo que iniciou a projeção, começa um desvio do assunto, levantou-se uma discussão sobre uma palestra de trânsito realizada em uma ocasião anterior na escola, onde houve um enfrentamento entre uma aluna e o palestrante. O professor alertou que enfrentamentos são importantes desde que haja argumento para a discussão, ao longo da aula ele ia a todo momento, conforme explicava o assunto, exemplificando aos alunos o que é usar argumento. O professor procurou levantar assuntos polêmicos, como sistema de saúde, para que os alunos argumentassem<sup>83</sup>.

Na troca de turma, o professor se direciona ao 6º ano<sup>84</sup> e inicia a aula com o conteúdo<sup>85</sup> sobre a Índia. O livro didático<sup>86</sup> adotado por ele para conduzir o componente

---

<sup>82</sup> Para desenvolver as aulas desta forma o professor se desvia da lista de conteúdos. É fala comum entre membros do magistério a ideia de que os conteúdos devem ser secundários no momento do planejamento, de tal forma que em relação às Ciências Humanas existe uma tendência que se dê preferência a discutir questões da atualidade, temas que estão em debate nos meios de comunicação e mostrem ser do interesse dos alunos, tal como fez o professor C ao se “desviar” do conteúdo e dedicar boa parte de suas aulas na organização da manifestação. Embora, não seja prática de todos os sujeitos desta pesquisa, como veremos, pois muitos deles procuram, inclusive, não desviar do conteúdo da aula para outros assuntos. A ideia de organização do manifesto e do próprio protesto, diz respeito à tentativa do professor de fazer com seus alunos entendam que não é possível fazer um movimento social sem que haja discussões, tomada de decisões e ações que viabilizem o acontecimento do mesmo.

<sup>83</sup> Estratégia adotada pelo docente, que direciona sua ideia de conhecimento histórico discutindo temas com os alunos e conduzindo os mesmos a organizar um pensamento, através da argumentação, para que se cumpra o objetivo de construção do conhecimento.

<sup>84</sup> Turma que o professor em uma ocasião específica aponta como medonha, em média, são 30 alunos, muitos dos quais repetentes, e com distorção idade-série, caracterizada por serem muito barulhentos, falam todo tempo, em tom alto, levantam durante a explicação do conteúdo, conversam assuntos

curricular de história é o Projeto Araribá, da editora responsável Maria Raquel Apolinário. A partir do livro, ele tenta ir criando uma linha de raciocínio, usa um vocabulário mais próximo da linguagem dos alunos, dá exemplos para que os alunos consigam compreender o que está sendo exposto.

Surgem questionamentos sobre a religião Hindu e sobre Buda, o professor coloca algumas explicações, mas junto a isso faz uma crítica muito grande às questões culturais que viram mercadoria, pois acabam perdendo a essência, uma vez que ao virarem produto se cria outra perspectiva sobre a cultura de um determinado povo. A turma é encaminhada a fazer atividades do livro, que são avaliadas, forma que o professor encontrou em controlar a realização das mesmas<sup>87</sup>.

aleatórios, fazendo com que o professor, a todo momento, tenha que ficar chamando atenção para que escutem a explicação, acompanhem o que ele aponta no livro e interajam. Diante de situações como essas, como foram identificadas em vários momentos no decorrer da pesquisa, acabaram por deixar transparecer uma problemática pedagógica no momento em que os professores se depararam com dificuldades no ensino, no que diz respeito às questões de disciplina e a organização do espaço da sala de aula e como esses enfrentamentos interferem no ensino de história.

<sup>85</sup> A lista de conteúdos sugeridos pela Secretaria Municipal de Educação e Coordenaria Regional de Educação para o 6º ano diz respeito aos períodos chamados de Pré-História, História Antiga e povos Orientais.

<sup>86</sup> O livro didático é material de referência para muitos professores, como veremos ao longo do texto. Não é objetivo desta pesquisa debater o uso do mesmo. Entretanto, faz-se importante destacar que em meio aos acompanhamentos dos sujeitos desta pesquisa não se fez perceber com clareza a forma pela qual os professores selecionam os livros que usam. Apenas se constata que é material de grande importância dada escassez de outros recursos disponíveis na escola e pela facilidade que ele se propõe de estar presente na escola, nas mãos de cada um dos estudantes, além de facilitar o trabalho do professor na busca por outros meios. Na escola em que trabalho, em uma reunião dos professores para escolha do livro didático para 2014, a preocupação dos mesmos em olhar o livro é para que seja bem acessível, mas percebi que alguns preocupam-se, ou melhor, comentam sobre o que é oferecido pela editora em termos de vantagens, pois neste ano as editoras estão competindo em ofertas digitais ( Objetos Virtuais de Aprendizagem-OVAs, planos de aula, banco de questões, banners....). Entretanto, quando comentei com meu colega, que também ministra aula de história, sobre o banco de imagens para elaboração do livro, que deve ser usado pelos editoras, ele me pareceu bem surpreso, e percebeu que por trás daquelas ofertas existe muito mais do que nós percebemos ou sabemos. Em geral, notei que os professores comentavam sobre os autores dos livros, muitos procurando olhar com mais atenção determinados autores. Eu não tive esse olhar ao analisá-los, foquei muito mais nos livros que pareciam mais atrativos ao olhar do aluno: imagens, textos compactos, letra grande, temas que focassem em outras temáticas que não somente os conteúdos mais tradicionais, atividades diferenciadas com documentos e imagens, mesclando com atividades mais objetivas e textos complementares. Ao "negociar" com meu colega da disciplina, que é bem jovem na profissão, busquei mostrar a ele a minha visão, ao que ele me colocou que realmente, estava muito focado em olhar o livro que mais lhe agradasse, não pensava em primeiro lugar no que poderia ser o que mais agradasse ao aluno, mudou seu olhar, chegamos a um consenso. Em geral, observei que os professores de todas as áreas que estavam presentes neste momento, estavam com uma visão bem próxima a minha. Mas, o que me chamou atenção, é o fato dos professores mais experientes estarem conduzindo os mais jovens, como eu mesma fiz.

<sup>87</sup> No 1º trimestre, muitos alunos ficaram muito prejudicados na nota por não fazerem as atividades da aula. Se os alunos não realizam os exercícios, dificilmente irão ler os textos dos livros. Então, em uma tentativa para forçar a leitura, e garantir que as atividades sejam feitas, o professor anuncia que as mesmas serão avaliadas, e por isso, em busca de uma nota, muitos alunos se obrigam a realizá-las, pois sua

O professor me explica que desenvolve um projeto com os alunos do 5º ano <sup>88</sup>, com idades entre dez e doze anos, no turno da tarde. O projeto chama-se *O Tempo e o Vento*, pois trabalha com conteúdo sobre a História do Rio Grande do Sul e tem como objetivo, desenvolver a habilidade de leitura e interpretação de texto da área de história, já que tem observado que os alunos chegam no 6º ano com uma grande dificuldade de interpretação. Não sabem identificar o que se pede em uma pergunta ou buscar a resposta no texto, pois têm um vocabulário muito limitado pela falta de leitura <sup>89</sup>.

Ainda, para diversificar a metodologia de trabalho, mostrou-me um vídeo produzido pelos alunos, em forma de documentário, organizado com o objetivo de levá-los a conhecer outras formas de produção do conhecimento.

aprovação está condicionada à nota. É uma garantia, também, ao professor de que, ele explicou o conteúdo, e deu oportunidade a quem prestou ou não atenção, de ter contato com o mesmo através da leitura do livro e realização das atividades. Só assim o professor pode de algum forma, eximir-se de ser considerado culpado pela reprovação. Isso se traduz em frases comuns dos professores, quando, por exemplo, o professor diz: “*eu dei o conteúdo, mas eles não estudam.*”. O que ocorre é que existe uma cobrança no sentido da aprovação, essa pressão perpassa todas as instâncias, a começar pela federal, que disponibiliza as verbas, que são condicionadas pelos índices de aprovação; se baixos, o governo faz investimento; se continuam baixos, questiona, e corta os investimentos. Esse questionamento se dá via secretarias de educação que, por sua vez, repassa a direção da escola, que está ligada diretamente ao grupo docente. É uma teia hierárquica, que acaba direcionando toda a responsabilidade aos professores, pois são eles que devem conduzir o ensino e planejar ações que levem a resultados positivos. Se isso não acontece, é sobre eles que recai a cobrança.

<sup>88</sup> Do 1º ao 5º ano, as turmas são classificadas como currículo por atividades, geralmente, é uma única professora como responsável pela turma, e teoricamente, o processo de ensino/aprendizagem deveria ocorrer através de atividades multidisciplinares, trabalhando em conjunto todas as áreas do conhecimento, mas na maioria das vezes, o professor não é especialista em nenhuma delas, o que faz com que trate essas áreas de forma generalizada, não desenvolvendo os conceitos necessários para os alunos possam ter um mínimo de conhecimento específico para estudo das mesmas quando chegam ao 6º ano. Teoricamente porque não existe uma padronização ou obrigatoriedade de que essa multidisciplinariedade vai acontecer, é muito comum os professores destes anos também dividirem o conhecimento em áreas. Através desse projeto o professor pretende que estes alunos quando chegarem no currículo por área, possam estar com um mínimo de preparo conceitual e vocabulário para contato com a disciplina de história. Nas bibliotecas escolares se encontram livros paradidáticos, enviados pelo MEC, para uso dos professores, o professor C diz que sabe que tem, mas nunca os leu. Sobre ensino de História nos anos iniciais, encontra-se o livro *Fazer e Ensinar História de Selva Guimarães Fonseca e Ensino de História e experiências: o tempo vivido* de Ana Nemi, João Carlos Martins e Diego Luiz Escanhuela.

<sup>89</sup> Sobre a questão leitura, me surge um questionamento sobre de onde vêm esse desinteresse pela mesma, por parte dos alunos, mesmo quando o assunto parece despertar algum interesse? Obviamente a ausência de estímulos no contato com o mundo letrado é uma das explicações que melhor justificam essa dificuldade, é preciso entendê-los além daquilo que eu vejo em volta, pois do ponto de vista da inserção da escola no âmbito social, esses alunos em geral advêm de um contexto que não os insere no mundo letrado, além do que muitos deles vêm de um processo de alfabetização que não consegue dar conta de desenvolver as habilidades e competências necessárias para a aquisição dos códigos necessários a apropriação dos mecanismos de leitura e escrita. Entretanto, os professores de história não se vêm como, também, responsáveis pelo desenvolvimento dessas competências, e isso envolve outras problemáticas, como o tempo escolar para desenvolver o ensino de história através do ensino da leitura e da escrita.

Esta metodologia, ele também adota com os alunos da turma do 6º ano. Mostrou-me um vídeo produzido por algumas alunas, que o surpreendeu, sobre um rito de passagem chinês. De acordo com seu entendimento, o professor C coloca que dentro da lógica delas, as alunas conseguiram transformar e se apropriar do conhecimento pesquisado no vídeo. Isto, segundo o professor: “*É aprendizagem, superando ou ultrapassando as barreiras da teoria*”<sup>90</sup>.

Em nova oportunidade, ao chegar à escola 2/3, acompanhei o professor C a partir das 10 horas, e logo que falei com ele na sala dos professores, durante o recreio, já alertou: “*Vamos lá, mas é aquela turma medonha.*”<sup>91</sup>. No caminho para a sala, o professor foi mostrando-me uma série de vídeos sobre Roma que pretende trabalhar com os alunos. Bastante agitados em função do recreio, eles entram, e enquanto se acomodam, o professor começa a passar atividades no quadro, estratégia utilizada para induzi-los a acompanhar o desenrolar da aula.

Nas atividades, o professor faz uma conexão com a série *Star Wars*, pois esta também se refere à organização política por império. Explica-me que ao passar os exercícios antes, tem como objetivo acalmar a turma, já que por serem muito agitados, é necessário criar uma estratégia para trazer sua atenção para a sala de aula. Além disso, também tem uma aluna que deve copiar e sair da sala para ficar na direção até que seu responsável compareça na escola. Isso ocorre devido ao fato de suas atitudes na sala terem passado dos limites estabelecidos como aceitável em aula<sup>92</sup>.

O professor C desenvolve o conteúdo focando nas questões políticas da história de Roma, e procura relacionar com o momento atual. Na sua fala, expressa seu olhar sobre a situação política do país, explica sobre golpes de estado feitos na história romana. Expõe seu temor pela ideia da organização de um golpe no Brasil, já que há uma solicitação de autorização no Tribunal Superior Eleitoral de retorno de

---

<sup>90</sup> Portanto, mesmo sem ter acesso a conhecimentos específicos de teorias da história, as alunas conseguiram transformar o que leram. Nesse caso, sobre a sociedade chinesa e seus ritos de passagem, em produção de um conhecimento que elas expressaram através da produção do vídeo, deram significado ao conteúdo apreendido.

<sup>91</sup> Referente à turma do 6º ano que tivemos contato em um encontro anterior, apontada na nota 83.

<sup>92</sup> Esse limite diz respeito à conduta para que todos possam, dentro daquele espaço, por exemplo, escutar uma explicação do professor e se desejarem, buscar informação junto ao professor, ou seja, é preciso que os alunos estejam interessados e cheguem com boa vontade em aprender, conforme discussão posterior. Na nota 111, faz-se uma relação sobre receptividade e aprendizagem. Ainda, silêncio e concentração, o que a aluna em questão não adota, além de não permitir que a aula aconteça, adota atitude de enfrentamento com o professor, agindo de forma agressiva.

funcionamento da Aliança Renovadora Nacional - ARENA<sup>93</sup>. Isso traz a ele uma visão muito desconfiada da situação do país.

A postura adotada pelo professor, durante a condução da aula é visivelmente defensiva, pois os alunos desta turma, a todo tempo fazem alguns comentários pertinentes à explicação; mas outros, completamente fora do contexto. Para esses alunos, o professor tem que ficar chamando a atenção, pedindo silêncio, por vezes em tom bastante ríspido<sup>94</sup>.

A explicação sobre Roma é bastante voltada à questão política, que ele reporta a algumas situações atuais. Na resolução dos exercícios, os alunos ficam agitados, o que faz o professor ficar bastante irritado, eles fazem várias vezes a mesma pergunta, ou perguntas fora do contexto a todo momento.

Na troca de turma, nos encaminhamos para a sala da 8<sup>a</sup> série<sup>95</sup>, onde retoma-se a discussão para a organização da caminhada, o professor me explica que o objetivo maior é fazer um exercício prático da democracia. Ao mesmo tempo, envolve a Secretaria de Educação nesse movimento, recebendo alguns delegados dessa caminhada, para realizarem uma entrevista com o secretário. Os alunos sugerem a construção de cartazes para a caminhada, baseados na pauta, organizam-se com

---

<sup>93</sup> Partido político existente durante a Ditadura Militar no Brasil.

<sup>94</sup> É visível a irritação do professor ao lidar com essa situação, pois durante a explicação do conteúdo é possível observar que uma parte da turma pouco presta a atenção. São comportamentos repetitivos, alunos que mantêm conversas paralelas à explicação, outros que ficam folheando o livro aleatoriamente, alguns que levantam o dedo, solicitam permissão para falar, mas quando fazem uma pergunta nada tem a ver com o que está sendo explicado. Esse acúmulo de situações se refletem na forma como o professor vai chamando atenção, com uma postura cada vez mais autoritária, fala alto com eles e em tom de rispidez. É envolto nesse quadro, que o professor tem que desenvolver sua aula, esse clima que se estabelece dentro da sala, exemplifica a problemática identificada ao longo desta pesquisa. Um dos grandes binômios que se efetivam no exercício da docência se centralizam na relação entre organização da sala de aula e disciplina. Nesse sentido, é preciso entender que a irritação apresentada pelo professor transcende a própria sala de aula, situada no próprio conjunto da organização institucional do ensino, que acaba por naturalizar a situação, vitimiza alunos, culpabiliza professores e responsabiliza a escola. Retomarei essa discussão ao longo do texto.

<sup>95</sup> Apesar da escola adotar os ambientes de aprendizagem, conforme explicado na página 30, observo que nem sempre é possível seguir o funcionamento da proposta. É necessário que, com algumas turmas o professor troque de sala, invés do aluno trocar como previsto na proposta, a troca de sala pelo professor não é uma prática comum nesta escola, mas é a mais utilizada em todas as outras desta pesquisa. Existe um conjunto de tempos e trocas que perpassam o fazer do professor, são trocas de horários, trocas de turmas, tempo de aula, de avaliações, de fechamento de notas, de dar conta do conteúdo do ano letivo, uma sequência de mudanças de atividades, de conteúdos e de características das turmas. Situações as quais o professor tem que ir se adaptando, um esforço de fazer com que este conjunto de ações não fuja ao seu controle, pois a organização da instituição escolar e a forma como o sistema educacional está constituído fica fora de controle do professor, uma vez que o domínio desse tempo e das trocas na escola não pertence ao docente, somente o seu cumprimento.

material. Para isso, no entanto, a maioria envolvida são as meninas, os meninos parecem meio alheios ao que está sendo organizado na sala, o professor chama-lhes atenção para que se envolvam e colaborem com a atividade<sup>96</sup>.

Na produção dos cartazes, sob a supervisão do professor, surgem algumas boas ideias de escrita no sentido de chamar atenção para os problemas da escola e da educação. Outras ideias não têm esse olhar mais amplo, focam em questões bem pontuais, como por exemplo: “*queremos melhorias na merenda*”. Para mim, o professor explica que a direção não se mostrou muito unânime na concordância dessa atividade, justamente porque há uma espécie de divisão, um grupo de professores mais antigos que acham que lugar de aluno é na sala de aula, com a utilização de métodos mais tradicionais<sup>97</sup>.

Então, quando há uma atividade que exige uma movimentação maior dos alunos pela escola, onde eles têm que tomar iniciativa de construção, devido a dispersão, causa um certo barulho. Para muitos professores isso significa bagunça. Outro grupo de professores defende uma pedagogia mais moderna<sup>98</sup>: o aprendizado dos alunos de forma mais dinâmica, com exercícios práticos de construção<sup>99</sup>.

No que diz respeito à pauta, que envolve questões internas da escola, em um primeiro momento, a direção não interferiu, já que envolve problemas de recursos que não estão chegando à escola. Entretanto, ao acabar a aula, a direção chamou o professor para comentar alguns tópicos da pauta, que envolve a atuação direta da direção. Como a diretora puxou o professor para um canto, senti que não era para que eu participasse da

---

<sup>96</sup> Essa organização só foi possível porque o professor fez um corte no conteúdo, para seguir uma linha de trabalho que prioriza assuntos que sejam atuais e do interesse dos alunos. Diante disso, é preciso se desvincular da lista de conteúdo, conforme discussão realizada na nota 81.

<sup>97</sup> Identificados com as metodologias utilizadas há mais tempo: aulas expositivas, exercícios de fixação do conteúdo, métodos que conduzam o aluno a permanecer em aula, sem que exija outra organização do espaço, em atividades que envolvam a saída dos alunos do ambiente escolar, como entrevistas, pesquisas na biblioteca ou nos laboratórios de informática, na comunidade, no entorno e a outros espaços como museus. Tudo isso envolve uma dinâmica da organização escolar que acaba exigindo outras dinâmicas por parte da equipe diretiva.

<sup>98</sup> Diz respeito a novos métodos de trabalho, com recursos tecnológicos e desenvolvimento dos conteúdos de forma que possam levar o aluno a refletir e construir suas ideias.

<sup>99</sup> Essa é a forma que o professor explica que realiza seu trabalho. No entanto, ser moderno ou tradicional não é estar de um lado ou de outro, mas sim desenvolver atividades que contemplem em alguns momentos práticas mais modernas e outras mais tradicionais, que no fim das contas é o que os professores acabam fazendo. Muitas vezes, não enxergam dessa forma, como o professor C.

conversa. Afastei-me e de longe observei que a conversa foi tranquila e houve negociação para que alguns itens fossem retirados<sup>100</sup>.

No primeiro encontro de 2014, encontrei o professor C na sala de informática, com uma turma de 6º ano. Era uma turma grande, em média 30 alunos frequentes, todos com idades entre onze e doze anos, apenas dois alunos repetentes. Os demais eram classificados como alunos-padrões, já estudam juntos há muito tempo, não são agitados e demonstram um amadurecimento na forma de agir dentro da sala. Na ocasião, professor encaminhava um trabalho de pesquisa nos computadores, os alunos estavam em grupos, aparentemente animados e envolvidos com o trabalho. Ao entrar, coloquei-me em um cantinho da sala.

Meu posicionamento permitia observar o andamento da sala, ao mesmo tempo em que o professor se dirigia a mim com ânsia de conversar sobre questões ligadas ao assunto da aula. Quando o questionei o que o levava a desenvolver este tipo de trabalho, ele colocou que:

*“ com o pouco tempo de sala de aula, tive de encontrar um meio de construir conhecimento com os estudantes, tarefa que é árdua, e com essa nova realidade, a tecnologia da informação que chegou, e chegou para ficar, a academia não nos preparou para isso. Prepara bons profissionais de pesquisa, mas peca quando temos que transferir esse conhecimento para a sala de aula, para alunos do ensino fundamental e médio, no que tange a realidade do dia-a-dia do profissional docente de História.”<sup>101</sup>*

De qualquer forma, o professor passou dando atendimento individualizado aos grupos e orientando na organização do trabalho. Por vezes, vinha a mim e comentava sobre os grupos e traçava os perfis dos alunos, pois já os conhecia dos projetos que desenvolvia com o 5º ano em 2013<sup>102</sup>. De acordo com a percepção do professor, ao chegaram em 2014, no 6º ano, demonstravam um preparo um pouco melhor para entender determinados conceitos, bem como entender a condução da aula por ele, de acordo com suas palavras:

*“ como profissional devemos estar preparados para ensinar o aluno a filtrar, digo isso, em função do excesso de informação que este tem acesso (não quer dizer que ele utilize) através da internet, ele por vezes não sabe em que se basear. Às vezes vejo que eles trazem questionamentos sobre temas ligados a*

---

<sup>100</sup> Ver nota 46.

<sup>101</sup> Sobre transposição didática consultar obras de Philippe Perrenoud: *A prática reflexiva no ofício de professor: Profissionalização e Razão pedagógica e Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas* e Jean Claude Forquin, *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*.

<sup>102</sup> Conforme consta na páginas 63.

*História Antiga e sobre temas mais polêmicos como a questão da ditadura militar no Brasil, e me perguntam “é verdade professor?” Cabe a mim então retrucá-los com outra pergunta em relação as fontes, algo como “o que é isso? Quem escreveu? De qual site tirastes esta informação?” isso nos faz cada vez mais pensar na formação de um profissional que busque um ensino visando a formação de um estudante com um pensamento mais histórico, ou seja, que seja capaz de se inserir no tempo e no espaço e que tenha discernimento sobre a própria realidade como fruto de um passado que chega até eles através das fontes as mais variadas”<sup>103</sup>*

O professor me explicou que este ano entrou no projeto Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID da universidade e que aos poucos tem se apropriado desse projeto. Como a outra professora de História da escola já era do projeto, eles têm se aproximado bastante no sentido de se integrarem com o trabalho na escola.

Ele coloca que ingressou no projeto por questões financeiras, pois recebe uma bolsa<sup>104</sup>, e porque isso dará possibilidade de melhorar sua formação, diz: *“depois que nos formamos, ficamos longe da academia, vamos nos preocupando com questões mais gerais dentro da escola e a formação vai ficando ultrapassada.”*

Diante disso, tem pensado muito nas variáveis do ensino de História e tem procurado dar mais ênfase à parte mais antropológica, como religião e cultura, sai do velho eixo “economia-política”. Diz:

*“tenho procurado refletir sobre a minha prática. Sempre procuro aperfeiçoá-la, mas o grande inimigo é o tempo<sup>105</sup>. Então, quando o ano termina, as ideias estão na cabeça e tento aplicá-las no ano seguinte. O que complica a educação hoje é que educação virou estatística. Isso me incomoda, e isso interfere nos processos quando a escola tem metas, como um nível de*

---

<sup>103</sup> Uma vez que os discentes chegam à escola carregados de uma gama de informações advindas das mais variadas fontes de informações, cabe ao professor realizar um filtro através de critérios intelectuais, que levem em conta a idade-série dos alunos, de forma a realizar uma contextualização dessas informações e orientar os alunos a selecionarem aquilo que recebem.

<sup>104</sup> Projeto que tem como objetivo introduzir os acadêmicos no espaço da escola, ao mesmo tempo que envolve os docentes da escola na formação destes estudantes e na própria formação.

<sup>105</sup> O tempo escolar, conforme discutido na nota 94, é uma das variáveis que condicionam o trabalho do professor, tempo regulado pelo relógio, pelo calendário, pelos deveres e pela burocracia escolar. Além disso, é preciso levar em conta que os professores, no conjunto desta pesquisa, trabalham em duas ou três escolas, o que pressupõe tempo de transporte de uma a outra. Muitas vezes em escolas distantes, a própria carga horária disponibilizada para as aulas de história, na maioria das escolas é em torno de duas aulas semanais, o que contabiliza 90 minutos, que envolve troca de professores e saída dos alunos para merenda no refeitório. Algumas vezes, quando a biblioteca funciona, determina dia para troca de livro, o que acaba interferindo no tempo da aula, recados da direção, atendimento aos pais. Muitas vezes, eles fazem um esforço pessoal para conseguir ir até a escola falar com os professores, o que ocorre durante o horário da aula.



*aprovação que é necessário para atingirmos o que prevê o IDEB<sup>106</sup>. Enquanto isso perdurar, o que já vem se arrastando há algum tempo, não teremos atingido nossos objetivos como educadores.”<sup>107</sup>*

Outros professores apresentam ideias que demonstram sua visão teórica do ensino. A professora D, ao falar de sua prática, coloca-se adepta da pedagogia libertária<sup>108</sup>, mas identifica que o papel da escola hoje é mais no sentido de docilizar<sup>109</sup> as pessoas do que compreender a história. Prepara-as para que trabalhem em empresas e consigam cumprir suas funções, ter disciplina. Entrou para o curso de História por influência da família, que lê muito e acabou despertando nela o gosto pelo conhecimento.<sup>110</sup> A professora diz: *“Trabalhar com memória hoje em dia é bastante complicado, é mais fácil as pessoas lembrarem a roupa que tu está usando do que aquilo que tu fala.”<sup>111</sup>*

Enquanto conversávamos, a professora montou um equipamento multimídia para iniciar a aula e os alunos em número bem reduzido aguardavam. A turma de 8ª série era formada por poucos alunos, em torno de quinze estudantes e caracterizada por estarem fora do padrão idade-série, pois a maioria tem em torno de dezesseis e dezessete anos. Um grupo de meninas dessa turma estava olhando fotos antigas de família, a professora olha para elas e diz: *“Viu como vocês gostam de História?”* As meninas respondem: *“A*

---

<sup>106</sup> Índice de desenvolvimento da Educação Básica, um dos meios utilizados para determinar as verbas destinadas a educação.

<sup>107</sup> No que diz respeito aos índices que, de algum forma, contabilizam o ensino no Brasil, e que são computados a partir de instrumentos de avaliação aplicados, igualmente, em todo Brasil, não consideram as especificidades regionais, além dos dados alcançados pela própria escola relacionados a aprovação, reprovação, frequência, abandono, estrutura física, projetos pedagógicos, acabam por, também, como a questão da indisciplina, a se justificar a partir de três pontos, mencionados na nota 93: vitimização do aluno, culpabilização do professor e responsabilidade da escola. Instrumentos de avaliação como a Prova Brasil, o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), fazem parte de conjunto de ações ligadas a uma política internacional ligadas a organismos internacionais como a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Organização das Nações Unidas (ONU), Banco Mundial, e visam um tipo de desenvolvimento da educação que de acordo com sua concepção de desenvolvimento, determinam as estratégias que devem ser implantadas.

<sup>108</sup> Ver nota 38.

<sup>109</sup> Tornar as pessoas dóceis para o trabalho, pouco críticas e obedientes.

<sup>110</sup> A professora é bastante jovem, tanto em idade quanto na carreira, e ela carrega consigo uma dualidade de ideias, pois tem um olhar crítico em relação ao papel da escola e a forma como a educação se constitui hoje, mas por outro me parece que este mesmo sistema que ela critica, vem ‘engolindo’ este olhar crítico, e ela acaba expondo afirmativas de senso comum, sendo também “docilizada” para pensar desta forma.

<sup>111</sup> Na nota 75, tracei uma ideia de memória no sentido de decorar informações, o que não me parece ser a concepção da professora quando se refere a memória, ela desenvolve a ideia ligada a conhecimento do passado.

*gente gosta da nossa história*”. Em uma atitude bastante petulante<sup>112</sup>, algumas olhavam bijouterias.

A professora explicou a todos que iria fazer uma revisão de conteúdo para a prova<sup>113</sup>. Para isso, usaria algumas imagens, sobre o assunto as meninas colocaram: *“Isso não dá certo, esse negócio de imagem é muito difícil.”* A professora respondeu que faltava um pouco de boa vontade<sup>114</sup>, pois para elas nada dava certo. Quando iniciou a projeção, algumas meninas começaram a prestar atenção, mas outras permaneceram olhando fotos e bijouterias.

As imagens eram de revistas e jornais de época do Segundo Reinado no Brasil, e a professora destaca questões relacionadas ao corpo, à mulher e ao escravo, fazendo referência à história do quilombo do negro Lucas em Rio Grande. Também começa a projetar e fazer várias referências a imagens da cidade. Destaca que as charges do período retratado muitas vezes eram mais críticas do que as charges que se tem hoje. Conforme vai desenvolvendo a explicação e levantando questões sobre as charges, a

---

<sup>112</sup> Olhares e conversas que demonstram que as alunas não veem a professora como referência no espaço da sala de aula. Naquele momento, a presença dela não lhes era necessária e nem de seu interesse, pois estavam envolvidas com assuntos que não tinham ligação com aquele espaço. Embora não tenham dito, demonstraram que não estavam se importando com a presença da professora e não lhes interessava o que ela estava fazendo.

<sup>113</sup> Ao utilizar a prova como recurso de avaliação, mas ao mesmo tempo defender uma proposta pedagógica que não condiz com a prática defendida, a professora revela uma ausência de espaço para novas formas de compreender o processo avaliativo, já que na pedagogia libertária a todos deve ser oferecida a oportunidade de desenvolver suas potencialidades na busca por uma transformação social. A prova é um meio de medição, por dados quantitativos, para classificar quem alcançou um nível de conhecimento e quem não alcançou. Sendo assim, não se valoriza o processo de assimilação e construção daquele conhecimento, nem se oportuniza que o discente possa desenvolver potencialidades defendidas pela teoria adotada. É importante também entendermos que, é de senso comum, a defesa do uso da prova como sistema de avaliação, porque é o meio mais objetivo de se comprovar se houve aquisição de conhecimento ou não, porque é a prática tradicionalmente adotada pelas escolas que fazem parte desta pesquisa. Para romper com esse sistema, seria necessária uma reestruturação de todo entendimento de educação de cada instituição, e ainda, porque os próprios professores não estão preparados para pensar o sistema de avaliação através de outros meios.

<sup>114</sup> Ao se referir a ‘boa vontade’, a professora se refere a ter disposição para prestar atenção no que seria exposto, levando em conta que para que ocorra aprendizagem é preciso que os sujeitos estejam receptivos. Isso significa dizer que, se perguntados, os alunos em geral dizem que estão na escola para aprender, mas não empreendem um esforço, uma vontade para que isso se concretize. Por outro lado, para que essa vontade exista é preciso que os alunos tenham confiança na sua capacidade de aprender. Pela colocação da aluna, percebe-se um tom de derrota, no sentido de que não daria certo porque não seriam capazes de compreender o que estava sendo projetado. A própria conclusão da professora expressa essa característica, já que ela complementa a afirmação, dizendo para as alunas que elas sempre colocam que as ‘coisas’ nunca dão certo.

professora cita reflexões e obras de autores historiadores como Margarete Rago e José Murilo de Carvalho<sup>115</sup>.

Para complementar a aula, a professora começa a passar um texto no quadro. Concomitantemente, inicia-se entre um grupo de alunos uma discussão sobre religião, especialmente a de matriz africana. A professora incentiva o debate, faz questionamentos e as colocações das alunas demonstram um conhecimento do assunto e uma postura crítica sobre religião<sup>116</sup>.

Nessa tentativa de dinamizar as aulas, a professora E elabora os textos para os alunos com uma linguagem mais adequada<sup>117</sup> que a do livro didático e destaca o que considera mais importante no conteúdo. Depois ela introduz o livro, utilizando especialmente as imagens do livro *Sociedade e Cidadania* de Alfredo Boulos Júnior<sup>118</sup>.

Na sala de aula, a professora E inicia dando bom dia, faz a chamada e introduz uma retomada do que já havia começado na semana anterior. A turma do 6º ano<sup>119</sup>,

<sup>115</sup> Sobre Margarete Rago no que diz respeito a questões de gênero e feminismo e José Murilo de Carvalho, no que diz respeito as considerações políticas sobre a República.

<sup>116</sup> Os professores procuram alternativas viáveis na busca por dinâmicas que eles consideram eficientes para o ensino de História, são propostas, recursos, falas que leve ao aluno o conhecimento histórico selecionado pelo professor como aquele pertinente a ser transmitido em cada momento. Dentre os livros paradidáticos existentes nas bibliotecas escolares, fornecidos pelo MEC, como *Aprendendo História: reflexão e ensino* de Marieta de Moraes Ferreira e Renato Franco, *Educação patrimonial de História nos anos finais do Ensino Fundamental: conceitos e práticas* de Cristina Reis Figueira e Lílian Lisboa Miranda e *A docência em História: reflexões e propostas para ações* tratam entre outros tópicos de possibilidades para trabalhar o conteúdo de História sob outros aspectos, mas que conforme colocado pelos professores desta pesquisa não são acessados, porque os professores não tem tempo de ler, ou porque não estão ali, de fácil acesso, muitos nem sabem da existência desse material que chega a escola, confirmando a prática da falta de espaço dentro dos sistemas institucionais para leitura e discussão.

<sup>117</sup> Embora o livro didático que vem para a escola, na maioria das vezes, ser aquele escolhido pelo professor, ainda assim, a professora considera a linguagem do livro muito em desacordo com o vocabulário dos alunos. Muitas vezes, nas opções de escolha, não é ofertado um que contemple exatamente o que o professor necessite. Por isso, muitos professores acham necessário que outros recursos sejam utilizados, embora o livro seja o recurso principal. No meu caso em particular, meus alunos sempre comentam ao final do ano letivo, que eu usei quase todo o livro, isso porque o utilizo como principal recurso. Sendo assim, esgotei quase todo o conteúdo ao longo do ano. É de grande relevância entender que o livro didático se apresenta, dentro do trabalho docente, como o principal recurso de trabalho, na maioria das vezes sendo aporte teórico e o norteador do planejamento. Isto é, a condução das aulas ao longo do ano letivo são embasadas nos conteúdos presentes no livro e nas concepções e conceituações que o mesmo traz.

<sup>118</sup> A professora não teve contato com nenhum dos livros paradidáticos da biblioteca da escola. Sobre textos e imagens no ensino de História, existe o título *O ensino de História: um processo de construção permanente* de Marta de Souza Lima Brodbeck, *A reflexão e a prática no ensino* de Márcio Rogério de Oliveira Cano, *Vivenciando a História – Metodologia de Ensino da História* de Marta de Souza Lima Brodbeck, *Nas trilhas do Ensino de História* de Marco Silva & Amélia Porto.

<sup>119</sup> É uma turma bastante participativa, mantém um diálogo com a professora, algumas poucas exceções, que tem um olhar disperso, ou dormem ( um aluno), são em torno de 30 alunos, com idades dentro da média para a série, 12 e 13 anos.

bastante atenta, situa a professora até onde ela teria explicado na aula anterior. Conforme ela vai retoma, eles interagem, mantendo atenção na fala da mesma, que enfatiza alguns pontos no que se refere ao ensino de história: *"estudamos o passado não para julgar, ou rir dele, e sim para entendê-lo e conhecê-lo, com um olhar curioso."* Acrescenta ainda, que *"não devemos comparar o que estudamos com o que vivemos hoje, no sentido de achar que é melhor, pois corremos o risco de achar que somos mais que os outros, e adotarmos uma postura de minirreais."*

Na continuação, fala sobre a Índia e o Budismo, ela coloca: *"cultura e fé não se misturam, não podemos julgar a fé de outros povos com o olhar da nossa cultura"*. Devido a isso, surgem outras temáticas, como violência contra a mulher. A professora desenvolve um pouco a questão com os alunos, mas é perceptível sua constante preocupação com o tempo da aula, inclusive com colocações do tipo *"Ok pessoal, não vamos mais perder tempo da aula com outros assuntos"<sup>120</sup>, essa temática é para ser discutida nas aulas de religião."*

Em outro momento, com a turma do 6º ano, ao trabalhar com o conteúdo sobre Roma, através de exposição oral, baseada no livro didático, a professora E vai questionando alguns pontos que "supõe"<sup>121</sup> que os alunos já tenham conhecimento. Eles vão interagindo, respondem conforme o que sabem. Um aluno em especial responde tudo, mas de forma completamente errada. Muito extrovertido, acha engraçado tudo que fala e a professora leva as respostas na brincadeira, dizendo que acha melhor ele ficar quieto, pois só 'dá bola fora'. Ele acha graça e continua nesse joguinho de chamar atenção<sup>122</sup>. A maioria dos alunos acompanha com atenção a explicação da professora e a

---

<sup>120</sup> Questão tempo discutida na nota 94 e 104.

<sup>121</sup> Conforme nota 73.

<sup>122</sup> A forma como os alunos se portam em sala de aula, define a forma como o professor conduz sua aula. Essa é uma problemática a ser enfrentada na prática docente, que independe do componente curricular a ser ministrado. Os jovens adotam uma postura de enfrentamento, como a desse aluno, testando quais os limites que podem ser ultrapassados dentro da sala de aula, e com quais professores, pois é muito comum ter alunos que se portam de uma forma com um professor e de outra forma com outro. Isso depende da relação que se estabelece entre ambos, mas muito além da relação de afetividade, essa questão da própria organização institucional que acaba, muitas vezes, considerando o trato dos problemas disciplinares e a própria formação do aluno, como algo que diz respeito as individualidades de cada professor dentro do exercício da docência. O que se observa é um grupo de professores que não tem paciência em lidar com essas situações, ou não conseguem ou não conhecem estratégias para lidar com essa demanda que tem cada vez mais se apresentado nas salas de aula. Outros professores conseguem estabelecer uma relação com maior aproximação em relação aos estudantes, e driblam essas problemáticas de uma forma individual e afetiva. Não existe na escola um ponto comum que levem os professores a discutir a questão disciplinar, que deveria ser tratada como de ordem pública, ou seja, deve ser discutida com a comunidade

leitura que ela faz do livro, mas poucos questionam sobre o assunto. Novamente, a professora usa a frase: *“não adianta olhar para o passado com os olhos do presente, é preciso entender outras culturas dentro do seu tempo.”*

Durante a leitura do texto do livro, e com um certo olhar enfadonho dos alunos<sup>123</sup>, ela comenta que deveria ter previsto que seria meio “chato” trabalhar diretamente com o texto do livro, pois é extenso e cansativo, mas permanece neste ritmo. A professora procura fazer uma relação entre o conteúdo, trazendo discussões que envolvam questões do tempo presente, ou que se relaciona com a História do Brasil: escravidão, distribuição de terra e cargos políticos<sup>124</sup>.

As colocações da professora direcionam os alunos sempre ao conteúdo, enfatizando questões que considera importantes para a prova, alguns pontos bem objetivos. Uma situação se destaca, vem à tona uma história que aconteceu na semana anterior, em que a professora fez um comentário na sala em relação ao conteúdo, e os alunos entenderam de outra forma. Comentaram com outros professores e parece que isso tomou dimensões maiores, o que desagradou bastante a professora. Ela aproveita o momento para colocar para a turma: *“O que acontece na sala deve ficar aqui na sala, até porque tudo que eu digo diz respeito ao conteúdo, e não de minha vida pessoal.”*, usa várias vezes a ideia de que ali estão fazendo construção de conhecimento e não é o espaço para “fofoquinhas”.

escolar. Para tal, deveria envolver professores, pais e alunos, no sentido de buscar o estabelecimento de normas de conduta que devem ser respeitadas por todos, independente de ser esta ou aquela aula, este ou aquele professor, este ou aquele aluno. Essa questão não deveria ser tratada de ordem individual ou como um problema unicamente do espaço da própria escola. Assim tratadas, acabam por não desenvolver a criticidade do corpo docente, que se melindram levando a questão para o campo individual e pessoal.

<sup>123</sup> Um olhar perdido no espaço. Demonstração de quem não está sendo envolvido pelo processo de aprendizagem, e se não está envolvido não está receptivo. Ainda, o formato dado à aula, não motiva para que aja uma interação, a própria docente percebe esta situação. Entretanto, mesmo diante dessa situação o que a faz continuar? Alguns elementos são necessários para que um planejamento possa se efetivar. Organizar estratégias de ensino e recursos didáticos atrativos são algumas delas, embora isso não seja garantia de aprendizagem, são possibilidades que devem ser lançadas para que as relações entre o ensino e a aprendizagem, professor e aluno possam se desenvolver. Por outro lado, as demandas exigidas do trabalho docente: número de turmas, aulas e escolas e a questão tempo, conforme apresentado nas notas 94 e 104, são variáveis que condicionam o trabalho. Perpassam o seu fazer de professor, além de outras atividades profissionais, não permitem ao mesmo que se dedique a efetivar um planejamento que leve em conta os elementos acima mencionados, ou ainda, o próprio docente não tem essa motivação que o leve a refletir sob sua prática e tentar modificá-la. Portanto, se o professor não estiver motivado, não tem como motivar o aluno.

<sup>124</sup> A ideia de aproximação da aprendizagem de história com questões contemporâneas aos alunos, conforme exposto na nota 78.

Dando por encerrada a conversa, continua a explicação do conteúdo, destacando a importância do ouvir na sala de aula, para entender a explicação, “*é assim que vocês aprendem, devem ouvir em silêncio até o final da explanação, e só depois fazer os comentários*<sup>125</sup>”. A professora comenta que a mudança de postura é necessária, pois eles continuam agindo como se estivessem estudando à tarde, já que existe uma grande diferença em como se organiza os turnos<sup>126</sup>. Eles, por estarem estudando pela manhã, devem ter mais maturidade, o que não está acontecendo, pois alguns alunos fazem comentários e conversas fora do contexto da aula, durante a explicação do conteúdo. A professora chama atenção quando percebe que algum aluno não está atento à explicação, e fala para eles, sobre a importância de ouvirem.

Ao nos despedirmos, a professora E finaliza a conversa com a seguinte colocação:

*“Hoje, sinto que a escola acaba sendo mais um ambiente mais para convivência e formação de amizades do que propriamente de aprendizagem, busco fazer com que desenvolvam amor pelo conhecimento do passado humano, para que possam estabelecer relações com o momento atual, através do fortalecimento dos valores humanistas, valorizando a pluralidade de opiniões e a participação democrática, se está dando resultado, só o futuro vai nos dizer*<sup>127</sup>”.

Assim como a maioria dos outros sujeitos desta pesquisa, o professor F trabalha bastante com o livro didático<sup>128</sup>. É possível observar que o livro *Sociedade e Cidadania* de Alfredo Boulos Júnior tem várias marcas até onde foi trabalhado o conteúdo com cada turma. O professor desenvolve a aula e estabelece um diálogo através de um conjunto de tópicos no quadro, onde questiona os alunos, que respondem usando o livro.

---

<sup>125</sup> Novamente a referência de aprendizagem como sinônimo de escutar e prestar atenção, vide nota 72.

<sup>126</sup> As diferenças se dão primeiramente pelo currículo, que no caso desta escola, há uma divisão. Em geral, o turno da tarde com currículo por atividades, que envolve do 1º ao 5º ano, tem no máximo duas professoras e a forma de tratamento é muito mais afetiva. Há um conhecimento maior da professora em relação a cada aluno, pois ela tem sob sua regência apenas uma turma e tem contato com a mesma todos os dias. No turno da manhã, estão as turmas do currículo por área, do 6º ao 9º ano, que se caracterizam por ter vários professores, um para cada disciplina, em média oito professores, com uma relação mais formal, pois o contato não é diário, e o professor acumula várias turmas. Vide nota 87.

<sup>127</sup> A professora apresenta uma visão mais emotiva relacionando os ensinamentos históricos na escola com o cotidiano dos alunos, e um certo desalento em relação aos resultados obtidos, uma vez que expressa isso ao colocar sob uma perspectiva de futuro. A professora se coloca, como se o aprendizado não estivesse sendo ordenado por ela, parece achar que os alunos entendem por um passo de magia.

<sup>128</sup> Ver notas 85 e 116 .

Há uma relação de empatia dos alunos desta turma de 7º ano<sup>129</sup> com o professor. Mas na participação nos questionamentos são bastante tímidos, alguns não reagem às colocações do professor, que tenta dar uma sequência temporal<sup>130</sup> no conteúdo, levanta questões de aprofundamento político, especialmente sobre governos, poucos participam bem e vão sendo instigados pelo professor.

Ao trabalhar com o conteúdo sobre Joana D'arc, também usando o livro didático, o professor faz uma exposição oral do conteúdo, organiza atividades sobre o tema e, ao corrigir as questões, o professor dá um foco na religião, fazendo uma relação com a vinda do Papa ao Brasil, mostrando o quanto a Igreja Católica ainda arrasta multidões. O professor passa a fazer uma espécie de 'sabatina'<sup>131</sup> oral com os alunos. A todo momento, ele chama atenção dos alunos no sentido de que devem compreender o assunto e não decorá-lo, pois dessa forma eles acabam se confundindo, uma vez que não compreenderam o tema<sup>132</sup>.

Em outra turma, também de 7º ano, com característica um pouco diferenciada da anterior, são mais agitados e mais questionadores, o professor F inicia a aula chamando atenção dos alunos numa conversa sobre avaliações<sup>133</sup>. Relaciona ao fato de que muitos não fazem os trabalhos e acabam ficando pressionados com a prova, e o trabalho é mais tranquilo por ter um acompanhamento mais direcionado. Destaca que prefere aplicar trabalhos pois tem mais liberdade em desenvolver atividades diferentes.

Os alunos pedem<sup>134</sup> para o professor usar mais o projetor de slides, como fazia o estagiário que até então estava dando aula na turma. O professor explicou que o uso de recursos tecnológicos são bem interessantes, mas que agora a dinâmica iria mudar um pouco, já que ele havia explicado lá no início das aulas, que neste ano havia ficado

---

<sup>129</sup> A turma parece bem tranquila, mas alguns "não estão" na aula, em contraste com outros que interagem com o professor na troca de informações sobre o conteúdo.

<sup>130</sup> O professor trabalha com o conteúdo de forma sequencial, que também está de acordo com a forma como livro didático traz o conteúdo.

<sup>131</sup> Faz perguntas sobre o conteúdo escolhendo os alunos aleatoriamente para responderem.

<sup>132</sup> O professor apresenta uma ideia de aprendizagem no sentido de compreensão, não se refere a memorização, nem a necessidade de ouvir ou prestar atenção, mas sim de que deve haver compreensão a partir de leituras para desenvolver as atividades.

<sup>133</sup> Conforme nota 27, vários livros na biblioteca escolar tratam sobre a temática avaliação. Dos livros enviados, o professor F diz que leu apenas Ensino de história: diálogos com a literatura e a fotografia de Julio Pimentel Pinto e Maria Inez Turazzi.

<sup>134</sup> Formas diferenciadas de lidar com o conteúdo, recursos áudios-visuais, como projeção de slides, filmes, documentários, audição de músicas, normalmente, são atrativos aos alunos, que pedem pelo uso, embora não seja sinônimo de aprendizagem, eles remetem a ideia de boa vontade em aprender, questionada na nota 113.

muito assoberbado de turmas, além de outra escola, e nem sempre dá tempo de preparar a aula de uma maneira mais diferenciada, e que iria trabalhar de forma mais tradicional<sup>135</sup>, embora não seja muito de seu gosto<sup>136</sup>.

No horário do recreio, o professor me questionou sobre o que tenho observado nas escolas. Se, em geral, os professores estão trabalhando de uma forma mais tradicional ou tem apresentado outras propostas de trabalho. Respondi que, em geral, há uma variação entre as duas tendências. Aproveitando a minha resposta<sup>137</sup>, ele colocou sobre as dificuldades impostas pelo número de turmas e carga horária oferecida à disciplina. Colocou que na outra escola, por apresentar um projeto diferenciado, é possível fazer outro tipo de trabalho usando outros recursos<sup>138</sup>, pois além dos projetos de aprendizagem, as aulas são sempre dobradas.

De volta a mesma sala de aula, ao aplicar atividades e diante dos inúmeros chamados dos alunos, o professor vai atendê-los de classe em classe. É possível perceber que fora da sala a escola encontra-se bastante silenciosa, a porta está fechada, mas existem basculantes na sala que dão para o corredor, e pouco se escuta do lado de fora. Entretanto, dentro da sala qualquer barulho a mais é notado, uma conversa em tom mais alto, um estojo que cai no chão, os alunos chamando o professor constantemente.

---

<sup>135</sup> Conforme já foi exemplificado na nota 96 e 98.

<sup>136</sup> Ao mesmo tempo em que o professor diz que prefere usar como avaliação, trabalhos, por ter liberdade de fazer atividades diferenciadas, coloca que irá trabalhar de forma tradicional, é uma mescla de ideias, que culminam em múltiplas práticas que não devem ser classificadas de acordo com uma ou outra proposta, entretanto, pela própria fala do professor é possível perceber que ele utiliza argumentos para justificar a adoção de uma postura mais cômoda no sentido de planejamento, visto a demanda de trabalho que incorporou em 2013, que de certa forma prejudica a elaboração de aulas de acordo com o solicitado pelos alunos.

<sup>137</sup> Respondi ao professor que durante a pesquisa tenho me deparado com inúmeros modelos de prática docente que não podem e não devem ser classificadas como uma ou outra coisa, justamente por se compor de um quadro diferenciado de instituições escolares e múltiplos fazeres docentes.

<sup>138</sup> O professor colocou anteriormente que tem dificuldade em organizar as aulas com outros tipos de metodologias que demandam mais tempo de organização, entretanto, explica que na outra escola, faz um outro tipo de trabalho usando outros recursos, justificando essa diferença pela própria organização institucional e proposta político pedagógica. O professor explica que na outra escola ele trabalha com ambientes de aprendizagem, tem mais tempo em cada turma, pois as aulas são dobradas, em média 2hs em cada turma, menor número de turmas e proposta baseada em projetos interdisciplinares. Em geral, a forma pela qual uma escola adota uma ou outra proposta pedagógica é fruto de um planejamento feito por várias mãos. Normalmente, a direção e supervisão escolar pensam as propostas, apresentam aos professores que concordam ou discordam, contribuem, e a partir daí a estrutura de funcionamento vai sendo fornecida pelo corpo diretivo. É evidente que, escolas de grande porte, onde existe um corpo docente com um número grande de profissionais, a completa aceitação com as propostas apresentadas nunca serão da concordância de todos, haja visto a multiplicidade de formações, visões e práticas dos docentes.



Isso agita a turma, são vários chamados juntos, o professor se vira de um lado a outro, os alunos têm grande dificuldade em resolver os exercícios.

Ao perceber, o professor F resolve parar tudo e explicar uma por uma das atividades, o que toma todo o tempo da aula e combina a correção para a próxima. Ao bater o sinal, despeço-me da turma e saio com o professor em direção à próxima turma. No corredor, uma pequena movimentação, alunos nas portas e professores trocando de sala. O professor comenta que os estudantes têm dificuldade de interpretação, por isso têm tanta dificuldade em resolver atividades, especialmente dos livros didáticos.

Perguntei-lhe se estava satisfeito na forma como desenvolvia seu trabalho, ele colocou:

*“nem sempre trabalho da forma que gostaria, tentei algumas experiências mas não gostei do resultado. Gosto levar aos meus alunos novas maneiras de fazer as leituras da História, tento levá-los a uma análise crítica, mas acho que ainda não é o que espero. Sou exigente comigo mesmo. Muitas vezes nos acomodamos e fazemos um trabalho mecânico sem muita inspiração. Quando uma aula acontece há uma interação professor x aluno. Quando isso não ocorre é muito chato de parte a parte. Acho que ter inspiração diária para a criatividade é o mais difícil. E a correria de uma escola para a outra atrapalha, cansa, devido a necessidade de melhorar o salário.”<sup>139</sup>*

Respondi que isso era um problema para a maioria dos professores da rede pública, ao que o professor acrescenta:

*“é um problema de políticas públicas, acho que continuamos vivendo um momento de muitos modismos na educação. Continua a falácia sobre a educação e atitudes nada efetivas, políticos desacreditados que mais visam atender a opinião pública guiada pela mídia e justificar-se perante órgãos internacionais do que realmente resolver situações.”*

Sobre políticas para educação, surpreendeu-me saber que a professora G que trabalha com ensino de História há dez anos, não é formada na área, e sim em Pedagogia. Esse desvio de função não parece ser uma prática comum atualmente. Começou a dar aula de História incentivada por uma colega da escola, pois surgiu uma vaga, e não havia profissional disponível para assumir as turmas naquele momento. Então como ela sempre gostou, a diretora permitiu que ela assumisse, e a colega,

---

<sup>139</sup> Nesta fala o professor problematiza em sua vivência docente uma série de variáveis as quais ele considera como relevante para a prática de ensino, ele tem um olhar crítico em relação ao próprio trabalho, consegue apontar seu desgosto com os resultados obtidos, faz uma espécie de mea culpa por desenvolver um trabalho mecânico, sem criatividade, justifica que muitas vezes, esse comodismo acaba se instalando pelas próprias condições de trabalho que exigem do professor muito mais que, simplesmente, pensar na prática em sala de aula, são questões de ordem prática: número de alunos, escolas, aulas, que se tornam excessivas pela busca de um melhor salário.

formada na área a ajudou no início. No turno da tarde, ela trabalha com uma turma de 4º ano, na mesma escola. Iniciou um curso de Tecnologias da Informação e Comunicação para Educação – TIC-EDU, na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, mas desistiu pois não deu conta de tantas atividades. Começou outro, em supervisão e orientação escolar, a distância, e este se encaixou melhor na sua disponibilidade<sup>140</sup>.

Fui ao encontro da professora em sala de aula, onde a mesma já havia iniciado a aula, fazia uma revisão oral do conteúdo. Ao falar sobre Roma e reforma agrária, ela questiona os alunos sobre a reforma e o que eles sabem do assunto. Eles respondem que não sabem nada, que na televisão só assistem novela. Quando ela questiona sobre o Movimento dos Sem Terras (MST), apenas um aluno coloca que já tinha escutado falar do assunto, mas não soube dar explicação.

Na continuidade da explicação, muitas ‘gracinhas’<sup>141</sup> foram ditas pelos alunos. A professora teve jogo de cintura para contornar a situação por várias vezes, mas por outras tantas teve que parar, chamar atenção, pedir silêncio, em alguns momentos demonstrou cansaço. Foi resumindo a explicação e encerrou com atividades no quadro<sup>142</sup>.

Nesse cenário da relação entre indisciplina e ensino de história, encontrei-me com o professor H que organiza outra logística de trabalho e tem um outro olhar, diferente da professora G, sobre os alunos e o ensino. Em sala de aula, com uma turma de 8ª série<sup>143</sup>, ao iniciar uma explicação sobre a definição de Estado, ele obtém boa atenção e participação dos alunos, eles comentam, perguntam, opinam. Passa um pequeno esquema no quadro, e enquanto os alunos copiam o professor me indaga o que

<sup>140</sup> As dificuldades de formação estão ligadas, principalmente, à questão tempo que o professor tem disponível para se dedicar. Em geral, os professores trabalham, no mínimo, 40 horas, e muitos, 60 horas. Isso restringe muito o tempo para que o mesmo possa se dedicar a formação. No caso dessa professora, ela trabalha 40 horas, sendo que a tarde é com currículo por atividades, que toma praticamente todo o tempo da semana na sala de aula. Entretanto, a lei do piso, mencionada anteriormente, exige que o professor tenha um terço da carga horária para formação, planejamento etc... Isso, na prática, não existe. Portanto, essa formação só pode acontecer fora de serviço, o que tira seu tempo com a família ou para outras atividades.

<sup>141</sup> Piadinhas, colocações desnecessárias desvinculadas ao assunto.

<sup>142</sup> A questão da indisciplina em sala de aula, já discutida anteriormente, é identificada no fazer docente de quase todos os sujeitos desta pesquisa, levando a um desânimo educacional. O professor acaba sendo “engolido” por condutas que se repetem, as quais ele não sabe como contornar, e muitas vezes também não acha que deve fazer parte de sua atividade profissional. É comum escutar dentro das escolas, frases do tipo: “*Quem tem que dar educação aos filhos são os pais, eu estou aqui para ensinar.*”

<sup>143</sup> Uma turma relativamente pequena, em média 20 alunos frequentes, com idades entre 14 e 15 anos, caracteriza-se por serem bastante tranquilos na conduta em sala de aula, e interagem muito com o professor, perguntam e argumentam.

estou achando da turma, respondi: “*Achei que eles são bastante participativos, interagindo contigo e perguntando*”. Diante disso o professor fala:

*“Considero muito importante a relação que o grupo estabelece com o conhecimento, então logo que conheço uma turma vou tentando dar significado ao estudo da História para eles, também observo o contexto social do grupo, o que me faz pensar nas demandas desse grupo. E, por consequência, na organização de um currículo próprio que possa dialogar com o coletivo que se está trabalhando.”*

Explica que não gosta de trabalhar com o 6º e 7º anos, em função principalmente dos conteúdos, especialmente o 6º ano, com História Antiga, que ele considera ultrapassada para ser trabalhada na escola, acaba sendo ‘conteúdo recreativo’. Coloca: “*se eles não tem afinidade com o bairro como terão com a Grécia?*” Acrescenta que os conteúdos de 8º e 9º anos são mais significativos para direcioná-los à realidade mais próxima deles<sup>144</sup>.

Perguntou-me sobre como tem sido os acompanhamentos nas escolas. Se tenho visto realidades muito diferenciadas. Se as falas dos professores são muito diferentes. Comenta que reflete muito sobre a sua prática, e que tenta a partir daí, sempre que possível ou necessário, mudar tanto a forma quanto o conteúdo de tudo que está sendo trabalhado, “*num movimento constante de reavaliação do próprio trabalho*”. Destaca a importância de atualização bibliográfica e coloca que

*“atualização dos conteúdos a serem trabalhados na minha disciplina, na nossa, hoje ainda reproduzem uma historiografia de 70 anos atrás. Mesmo que os PCN’s tenham nos “libertado” da obrigação do conteúdo, abrindo muitas possibilidades, ainda não foi feito nenhum esforço no sentido de atualizar as demandas da nossa disciplina.”*

A aula transcorre tranquilamente e ao toque do sinal, observando os alunos se organizarem para ir embora, o professor diz:

*“É incrível a diferença que percebo entre uma escola e outra, na outra eles não se identificam, não encontram nela um espaço de sociabilidade, ela é um prédio, e pronto. Aqui o cenário muda, existe a relação com a escola gostam de participar dos projetos que exigam, por exemplo, vir em outro turno. E, em relação a disciplina, o interesse deles é praticamente idêntico, consiste em encontrar uma “função prática” para o conteúdo, não percebendo, por exemplo, na apreensão de conceitos uma ferramenta importante. Daí o*

---

<sup>144</sup> O professor revela uma dicotomia ao fazer do estudo da história um estudo do próximo? Ou seguir um quadro de conteúdos? Essa dualidade expressa a forma como o professor apreende o sentido da história e seu objetivo como disciplina escolar. Em sua fala demonstra a aproximação de seu pensamento com o sentido prático que deve ser dado aos ensinamentos históricos aproximando-os da realidade dos discentes. Dessa forma, leva a uma aprendizagem significativa, observada nas próprias palavras dele: “*que se possa dialogar com o coletivo que se está trabalhando.*”

*desafio do professor, de fazer essa mediação entre a teoria e o universo prático.”<sup>145</sup>*

Esse universo prático se reflete para os professores no seu fazer diário quando situações se impõem ao seu trabalho. Assim, diante da multiplicidade de fatores que perpassam a profissão docente dentro do seu contexto de trabalho e ensino, algumas questões são de fundamental importância no sentido de se compreender o seu fazer diário.

Entre essas questões, podemos apontar a ausência de conhecimento historiográfico por parte dos professores e suas implicações na construção da aula. É preciso entender que, de fato na condução da aula, na lida de problemas disciplinares isto não apresenta grande peso. Entretanto, nas questões de ensino acaba levando o docente a não propor um trabalho que desenvolva no aluno um senso de discernimento na forma como o conhecimento histórico é construído e por quais vias de entendimento ele pode ou deve ser trabalhado. O professor acaba por transformar o ensino de história em uma narrativa de acontecimentos passados, que são construídos a partir de enfoques políticos, econômicos, sociais, culturais e religiosos, de acordo com uma visão de senso comum.

Em relação ao interesse dos alunos, entra outra questão no que diz respeito ao fazer diário docente quanto ao ensino que se refere a grade curricular. A polêmica lista de conteúdos, de segui-la, ou dar mais enfoque em desenvolver assuntos mais ligados à atualidade. As consequências dessa decisão devem ser motivo de reflexão e debate, pois partir de assuntos da atualidade sem dar um mínimo de preparo para que os alunos possam compreender questões do presente, é simplesmente seguir um modismo de que o conteúdo tem que estar presente no dia a dia do aluno. Entretanto, muitas vezes, os próprios alunos não estão cientes dos acontecimentos do presente, justamente porque não tem subsídios para compreendê-los.

---

<sup>145</sup> O professor expressa um olhar sociológico da escola, pois considera para sua prática um conjunto de fatores que vão além da lista de conteúdos, da estrutura escolar, ou dos problemas de indisciplina. Apresenta uma quebra na forma de encarar seu cotidiano, faz um estranhamento e desnaturaliza aquilo que é de senso comum, pois ao pensar sua prática leva em conta toda a questão do entorno, do espaço social de onde vêm seus alunos e as necessidades que o grupo ou os grupos aos quais eles pertencem têm, para que se efetive de fato uma aprendizagem que seja significativa, para sua constituição enquanto estudante, cidadão, trabalhador e ser social.

Por outro lado, conduzir o ensino partindo da premissa de que é necessário seguir uma lista, também faz do trabalho e o ensino uma espécie de cumprir tarefa, como se ao dar conta do conteúdo tivesse, de fato, se efetivado a aprendizagem. É preciso mediar entre um e outro, nem transformar a aula em um conjunto de conteúdos a serem desenvolvidos, nem deixar de lado a importância de discutir com os alunos questões do tempo presente.

Essa conduta parece que é falta de preparo dos professores para conseguir fazer essa mediação, justamente porque existe uma ausência de conhecimento historiográfico. Acaba conduzindo o professor em um caminho mais seguro, ao desenvolver suas aulas para seguir uma lista de conteúdos, expressa na organização dos livros didáticos, através de narrativas de acontecimentos passados.

Sendo assim, o livro didático acaba sendo praticamente o único instrumento utilizado para condução da aula, pois ali está o conteúdo, as atividades. É de fácil acesso, e facilita o trabalho de quem, em sua grande maioria trabalha 60 horas e não tem tempo, nem disposição para buscar outros suportes.

É preciso ainda enfatizar que diante de questões tão importantes para o ensino de história e as dificuldades que os professores se deparam no seu fazer, eles acabam desenvolvendo sua prática de acordo com aquilo que entendem ser o mais certo. Trabalham a partir de suas experiências profissionais, ou para aqueles que têm pouca experiência, o gosto por um ou outro conteúdo.

Embora entendendo que esse certo não é o correto. O correto tem que estar de acordo com sua formação. No fim, o certo é particular, é pessoal, embora devesse realmente ser o resultado de uma boa formação aliado a critérios institucionais. Não estou afirmando que os professores fazem o que querem, mas que tomam decisões importantes, como planejamento, avaliação e quais conteúdos desenvolver, de forma "quase" particular.

Dessa forma, conduzir o ensino de história a partir de um preparo conceitual e ultrapassar as barreiras que as dificuldades de ensinar se colocam, são os desafios que os professores de história devem enfrentar buscando dar ao ensino de história e a educação a importância devida para o preparo em se viver em sociedade.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: Amarrando nós, tecendo sentidos

Início minhas considerações finais, explicando a escolha do título do trabalho, pois em um primeiro momento a ideia era desenvolver um estudo sobre a história dos professores de história. A condução da pesquisa foi apontando para outros caminhos que me permitiram perceber que seria necessário um aprofundamento muito maior para conseguir dar conta de construir uma história que se faz não só a partir do seu local de trabalho, mas também do local de suas vidas pessoais. Aprofundar ainda mais seus entendimentos, suas escolhas, sua formação, seu direcionamento para a escolha do magistério e na área de história como profissão e vida, uma vez que passamos parte dela no campo profissional.

Os caminhos pelos quais o estudo etnográfico conduziram-me e levaram-me a optar por desenvolver minha pesquisa unicamente no espaço de atuação profissional. Por isso, intitulei meu trabalho *Narrativas Escolares*, com foco no contexto de trabalho e ensino, uma vez que foi possível identificar que o contexto de trabalho no qual os professores de história atuam, movem suas ações no contexto de ensino, na forma como eles conduzem a prática docente, ou são conduzidos por ela.

Ainda, gostaria de explicar o porquê das considerações finais estarem nomeadas como *Desatando Nós*, pois foi justamente cheia de “nós” que comecei o curso de mestrado. Estava condicionada por uma trajetória de amarras que os anos de profissão foram tecendo, ou sendo tecidos por mim. Embora sem intenção, fui caminhando por uma mesma via de trabalho, sem mudanças, sem autocrítica, sem motivação, em uma repetição de ações, ano após ano.

Ao ingressar no curso, minhas expectativas eram de que ao retomar os estudos, eu poderia transformar minha prática docente, uma vez que estava insatisfeita com a mesma. Encontrava-me amarrada a um cotidiano cristalizado pelas minhas próprias ações e pelos condicionamentos que os anos de carreira vão nos direcionando, sem que possamos perceber.

Partindo da necessidade de entender por que ou como o fazer escolar vai nos atrelando a esse cotidiano cristalizado, o projeto foi sendo pensado, discutido e construído. Apropriar-me de um entendimento metodológico, de uma escrita diária pouco desenvolvida e de leituras mais intelectualizadas no sentido de levar à reflexão

sobre o espaço escolar e profissão docente foi um desafio, uma vez que isso vinha acompanhado das responsabilidades profissionais e familiares.

Pensar a prática profissional dos professores foi tarefa difícil. Era preciso não julgar, mas questionar. Não naturalizar ações, mas percebê-las por traz da cristalização do cotidiano escolar. Realizar uma pesquisa que implicou estar em contato, no interior do meu espaço, e ao mesmo tempo fora dele, foi tarefa de inúmeros desafios. Chegar às escolas, fazer contato com os professores, com as direções, realizar as leituras necessárias, pensar as questões práticas da pesquisa, iniciar a escrita dos diários, analisar os mesmos, construir os núcleos, foram caminhos trilhados durante dois anos.

Foi assim que durante a pesquisa fui observando meus pares, questionando minha prática, repensando minhas ações, desafiando meus entendimentos, agrupando conhecimento e realizando a pesquisa. Na construção dos diários, desenvolvi as faculdades de entendimento de ouvir, olhar e escrever, um constante ir e vir do meu lugar de professora ao lugar de pesquisadora e vice-versa.

Uma vez que, fui desenvolvendo os diários e dei formato aos núcleos de sentido, pude perceber e compreender ações de uma prática que se fazia presente, também na minha prática. Passei a repensá-la buscando desatar os meus nós iniciais, quando do ingresso no curso. Foi dessa forma que fui percebendo as dicotomias no fazer docente dos sujeitos da pesquisa.

Para desatar os nós das amarras docentes, ao longo da análise dos diários e dos núcleos de sentidos, identifiquei nas vivências acompanhadas ao longo da pesquisa, situações que dão o formato do dia-a-dia da escola, mas principalmente na maneira como os professores vão organizando sua prática na sala de aula. Dentre essas situações, quatro delas deram fundamentação na identificação e construção de dois binômios caracterizados, neste estudo, como centrais para estas vivências escolares.

Apresentam de forma mais consistente as problemáticas encontradas pelos docentes no seu fazer diário. São as visões de História que os professores apresentam e sua relação com a ideia de construção de conhecimento; e a organização da sala de aula relacionada aos problemas de disciplina que os profissionais docentes têm que lidar no seu cotidiano.

Esses quatro eixos, em seu conjunto não costumam ser temas de pesquisas, a não ser em sua caracterização individual. É possível identificar estudos que tratem de teorias

da História, de construção do conhecimento em sala de aula, especialmente ligada ao uso de diferentes recursos e metodologias. Também a organização do espaço escolar tem uma caracterização comum à maioria das escolas, e as questões de disciplina são temas de amplos debates em eventos ligados à área de educação. Nesta pesquisa, identifiquei-os na relação direta uns com os outros, dentro de um conjunto de situações que vão compondo o universo escolar. Só possível a partir de uma pesquisa etnográfica.

O primeiro binômio, colocado como visões de História e construção de conhecimento, relaciona-se diretamente na forma com a qual os professores entendem aprendizagem. Ao longo da pesquisa, em várias situações foi possível perceber nas falas dos professores a tentativa deles ensinarem aos seus alunos como os mesmos devem se portar frente ao conhecimento para alcançar a aprendizagem desejada.

A professora A reforça aos alunos o que é importante para que eles construam sua aprendizagem: escutar e prestar atenção, ler e estudar e ao final formar sua própria opinião. A docente entende que ao orientar seus alunos a praticar essas ações, tenta traçar um esquema que torne o aluno construtor da própria aprendizagem, já que ao final das quatro etapas, supostamente eles construirão uma ideia do conhecimento aprendido.

Reforçando essa ideia, a professora E destaca a importância do ouvir na sala de aula para entender a explicação, *“é assim que vocês aprendem, devem ouvir em silêncio até o final da explanação, e só depois fazer os comentários.* O professor F chama atenção dos alunos no sentido de que devem compreender o assunto e não decorá-lo, pois dessa forma eles acabam se confundindo, já que não compreenderam o tema.

*Se percebe claramente que aqueles alunos que lêem um pouco mais, acompanham mais a aula, tem melhor rendimento, é que nem médico, se ele passa o tratamento, e o paciente não fizer, não resolve, é a mesma coisa com a gente, se o aluno não quer, não se esforça, não há resultado positivo na aprendizagem.*

O professor C também entende a aprendizagem como sinônimo de ler e escrever. Inclusive quando se refere a sua metodologia, explica que trabalha com provas com consulta no livro e no caderno. Acha mais adequado, já que os alunos recebem tudo pronto pela internet, na prova com consulta eles têm que ler e escrever mais. Ainda enfatiza a importância da atenção à fala do professor.



Entretanto, minha prática em sala de aula, permite-me colocar que esse esquema envolve mecanismos que vão muito além das ações sugeridas. Para que estas aconteçam, os alunos precisam vir com um arsenal pedagógico que deve começar a ser construído nos primeiros anos da vida escolar. Esse proceder é um paradoxo comparado ao fazer dos professores que trabalham muito mais com a fala do que com a busca do enriquecimento teórico alcançado através da leitura e escrita, especialmente os de História.

Ler e escrever são práticas que necessitam ser exercitadas desde os primeiros anos escolares, e devem ser desenvolvidas com autonomia. Usar a escrita apenas como reprodução torna-se um exercício cansativo que acaba resultando em repulsa ao ato. A leitura, antes da escrita, deve ser uma leitura de mundo, quem não consegue perceber o mundo em que vive, seja o seu universo particular, da casa, da família, dos amigos, seja o universo mais amplo, o social, não conseguirá desenvolver uma escrita autônoma. Freire (2011, p. 29) quando se refere ao ato de ler coloca “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.”.

O ato de ler e escrever é uma prática que deve ser desenvolvida tanto por alunos quanto por professores. O que se identificou ao longo desta pesquisa é que ler, não é um exercício que tem seu espaço garantido na vida profissional dos professores. Refiro-me aqui a leituras que, após discussão e reflexão com seus pares possam capacitar o professor para o exercício do magistério.

Jorge Cunha (2011, p. 147) quando escreve sobre formação de professores coloca que “tornou-se lugar-comum a noção de que a formação permanente do educador de história se faz ao longo de toda sua vida”. Portanto, o professor de história vai construindo sua formação ao longo de sua trajetória profissional, um processo “multifacetado, dialógico e complexo. Nele se pretende encontrar respostas para os desafios do trabalho docente.”. Entretanto, os desgastes da profissão não condizem com as necessidades de aprimoramento da mesma.

Dentre os professores pesquisados, foi possível identificar com clareza que a grande maioria não realiza leituras que altere qualitativamente sua prática profissional. Somente os professores D, E, G deram continuidade aos estudos e buscaram qualificação profissional, diante de amplas dificuldades profissionais e pessoais. Nesse contexto, insiro-me, embora ao longo dos anos não abandonei completamente os estudos, mas

com o tempo, fui sendo direcionada a me apropriar de conhecimentos além do exercício docente de profissional da área de história, muito mais ligada às necessidades da prática didático-pedagógica.

Fazer esta ligação entre as necessidades do ensino de história com as dificuldades encontradas para essa prática exige do profissional muito mais tempo e dedicação do que de fato, nós disponibilizamos ou estamos dispostos a disponibilizar.

Cunha (2011, p.156) expressa essa dificuldade quando aponta que:

A problemática começa na formação, onde didática é “coisa da pedagogia” e o didático é aquele que faz apenas a transposição didática. A didática, conseqüentemente, é encarada como completamente externa à história como ciência, fora da teoria e, então, ocorre um desinteresse com a dimensão cognitiva da cultura histórica. Este fenômeno também é responsável pelo ensino de história ser ainda um campo obtuso, pouco aparelhado e teoricamente estigmatizado nos espaços da produção científica do saber historiográfico.

Regra geral, no universo das escolas que compuseram esta pesquisa, o espaço e horários disponíveis para leituras e discussões são pouco flexíveis para esta prática. Quando há uma intenção para que isso aconteça, ocorre uma grande resistência por parte dos educadores em assumir este compromisso com a própria formação. Como parte desse universo, posso apontar alguns motivos pelos quais isso acaba acontecendo.

Primeiramente, porque a grande maioria dos professores, com os quais eu mantenho contato, entende que as leituras necessárias para iniciar a prática docente foram feitas durante a graduação, e que no exercício do magistério o que vale é ir adquirindo experiência que só o tempo pode prover. As leituras são muito mais direcionadas a questões de conteúdo do que leituras que levem à reflexão sobre sua prática pedagógica.

Nas bibliotecas das escolas, conforme citados nas notas 27, 87, 115,117 e 132, constam títulos das mais variadas vertentes historiográficas, sugestões metodológicas, propostas curriculares e discussões sobre avaliação. Entretanto, mesmo com este suporte bibliográfico, os professores não consultam, e justificam ao colocar que não tem conhecimento da existência desse material. Não estão acessíveis ou, simplesmente, não despertam interesse, demonstrando que os professores passam pelas escolas como viajantes em várias cidades.

Um segundo ponto, é a própria necessidade de se comprometer com mais uma responsabilidade, dentre tantas já assumidas pela profissão, que envolve o preparo de

aulas, a correção de avaliações, as questões burocráticas como planilhas e cadernos de chamada. Um compromisso com leituras raramente é visto com agrado, já que isso exige tempo e um esforço de leitura reflexiva que muitas vezes o professor não está preparado para enfrentar. Isto acontece porque algumas demandas de trabalho vão além do próprio exercício da docência, exigindo do professor um entendimento muito maior que o próprio universo escolar.

Um terceiro motivo diz respeito à capacidade ou à incapacidade que nos encontramos ao ter que lidar com uma série de situações que fogem as nossas condições de solucionar, e que interferem na prática cotidiana. Geralmente, as discussões que acontecem entre o corpo docente não acrescenta na busca de uma solução. Um exemplo disso são alunos que faltam muito à aula e a própria indisciplina, problemas advindos do ambiente externo à escola. Envolve sérios problemas familiares e a própria falta de motivação do aluno que acabam refletindo na falta de motivação do professor que, ao mesmo tempo, não busca ler e refletir sobre isso.

Dentro da análise dos binômios identificados, o professor C entende que é necessário que os alunos, mediados pela ação docente, desenvolvem ações que permitam a construção do conhecimento. Um exemplo disso foi quando as alunas do 6º ano produziram um vídeo baseadas na leitura de um determinado conteúdo. O professor expressa que elas conseguiram transformar o conhecimento pesquisado no vídeo: “*É aprendizagem, superando ou ultrapassando as barreiras da teoria*”. Mas mesmo dentro de uma lógica de construção do conhecimento, existe um entendimento da aprendizagem como sendo um processo difícil, expresso fala dele: “*Lá vamos nós indicar que por mais prazeroso que seja o lugar, ainda é uma escola, e é local de aprendizagem e deve ser respeitado como tal.*”. Sendo assim, existe um lugar para aprender, que é a escola, e não deve ser confundido com brincadeira, colocando a aprendizagem em um patamar a ser alcançado.

Relacionado à forma como os educandos aprendem, foi possível identificar como os docentes lidam com o conhecimento histórico, percebendo em suas falas as múltiplas visões de história com as quais lidam com o conteúdo a ser trabalhado com os alunos. Ao explicar o conteúdo, a professora B destaca que ao estudar história quando lemos nas entrelinhas, podemos ver semelhanças com a nossa vida. Coloca que a

história se repete, é cíclica, os sistemas elaborados pelos seres humanos para viver em sociedade se mantêm por muito tempo, e só são rompidos com revoluções.

As pessoas mudam, mas as estruturas se mantêm, seu entendimento está diretamente relacionado a trazer para o hoje questões do passado, no intuito de tentar inculcar nos alunos um significado imediato e prático para o ensino de história. Essa prática é para mostrar ao aluno uma outra forma de compreender e organizar o passado, com o objetivo de situar-se no presente. Mas esse ensino não é destituído de intencionalidade intelectual, isto é, uma forma de organizar o saber histórico. As formas de compreender o passado e a teoria da história representam conhecimentos fundamentais no cotidiano do professor de história.

Nesse caso, a professora apresenta uma visão da história cíclica, mas ao mesmo tempo estruturalista, o que aponta para uma dualidade de ideias, pois ao mesmo que ela afirma, a história como ciclos que se repetem, aponta que as estruturas se mantêm, ou seja, essas determinam as formas de comportamento das sociedades. Tudo isso, demonstra que a docente não tem uma clareza de pensamento histórico, e acaba conduzindo suas aulas a partir de um conhecimento empírico, sem um embasamento teórico.

O professor C, por sua vez expressa seu entendimento quando diz que é preciso

pensar na formação de um profissional que busque um ensino visando a formação de um estudante com um pensamento mais histórico, ou seja, que seja capaz de se inserir no tempo e no espaço e que tenha discernimento sobre a própria realidade como fruto de um passado que chega até eles através das fontes as mais variadas.

Essa fala traz para a sala de aula uma ideia de entendimento da realidade a partir da compreensão do passado humano, expresso no conhecimento histórico que chega até os alunos por meios que vão além do espaço da escola. O profissional docente deve ter a capacidade de fazer essa transposição didática de forma a levar o aluno a se apropriar desse conhecimento.

A professora E enfatiza alguns pontos no que se refere ao ensino de história: "*Estudamos o passado não para julgar, ou rir dele, e sim para entendê-lo e conhecê-lo, com um olhar curioso.*". Acrescenta ainda, que "*não devemos comparar o que estudamos com o que vivemos hoje, no sentido de achar que é melhor, pois corremos o risco de achar que somos mais que os outros, e adotarmos uma postura de mini-reis.*"

Em outro momento a professora E coloca que

busco fazer com que desenvolvam amor pelo conhecimento do passado humano, para que possam estabelecer relações com o momento atual, através do fortalecimento dos valores humanistas, valorizando a pluralidade de opiniões e a participação democrática, se está dando resultado, só o futuro vai nos dizer.

A professora apresenta uma visão mais emotiva, na qual ela coloca no estudo da história um sentimento, “*amor pelo conhecimento*”. Sendo assim, os alunos estariam mais aptos em fazer relações entre o que já aconteceu nas sociedades e seu momento atual, relacionando os ensinamentos históricos na escola com seu cotidiano e conseguir desenvolver valores, diversificar opiniões, além do acesso a participação democrática. Mas ainda assim, demonstra um desalento em relação aos resultados obtidos, uma vez que expressa ao colocar isso sob uma perspectiva de futuro.

O professor H expressa seu entendimento quando coloca que

considero muito importante a relação que o grupo estabelece com o conhecimento, então logo que conheço uma turma vou tentando dar significado ao estudo da História para eles, também observo o contexto social do grupo, o que me faz pensar nas demandas desse grupo. E, por consequência, na organização de um currículo próprio que possa dialogar com o coletivo que se está trabalhando.

Explica que não gosta de trabalhar com o 6º e 7º anos, em função principalmente dos conteúdos, especialmente o 6º ano, com História Antiga, pois considera ultrapassada para ser trabalhada na escola, acaba sendo ‘conteúdo recreativo’. Coloca “*se eles não tem afinidade com o bairro como terão com a Grécia?*” Acrescenta que os conteúdos de 8º e 9º anos são mais significativos para direcioná-los à realidade mais próxima deles. O professor revela uma dicotomia ao fazer do estudo da história um estudo do próximo? Ou ao seguir um quadro de conteúdos? Essa dualidade expressa a forma como o professor apreende o sentido da história e seu objetivo como disciplina escolar. Em sua fala demonstra a aproximação de seu pensamento com o sentido prático que deve ser dado aos ensinamentos históricos, aproximando-os da realidade dos discentes. Dessa forma, leva a uma aprendizagem significativa, nas próprias palavras dele: “*que se possa dialogar com o coletivo que se está trabalhando.*” Continua:

o interesse deles( se referindo aos alunos) é praticamente idêntico, consiste em encontrar uma “função prática” para o conteúdo, não percebendo, por exemplo, na apreensão de conceitos uma ferramenta importante. Daí o desafio do professor, de fazer essa mediação entre a teoria e o universo prático.

Pensar o ensino de história e sua condição como componente curricular é problematizar uma estrutura institucionalizada. Por outro lado, por não existir um rigor pelo cumprimento da grade curricular, também não existe um consenso do que de fato deve ser trabalhado. A lista de conteúdos apenas norteia o trabalho, isso implica um descompasso entre o que uma e outra escola trabalha.

Muitas vezes, o aluno troca de escola, e acaba percebendo que o conteúdo que estava vendo em uma escola se diferencia bastante da outra. Em outros casos, nessa troca de escola acaba estudando o mesmo conteúdo em séries diferentes. Isto acontece justamente porque o que tem sido determinante para o ensino na área das ciências humanas é justamente que seja trabalhado com os discentes as habilidades de leitura e escrita, desenvolvimento do senso crítico e do pensamento lógico. Diante disso, o conteúdo é o menos importante, pois se o aluno introjeta essas habilidades e competências, ele é capaz de buscar o conteúdo quando se fizer necessário.

Por isso, existe um senso comum de que o estudo do entorno e do tempo presente se faz muito mais necessário do que o estudo de espaços e tempos distantes. Esse pensamento traz implicações para o ensino de história, no que diz respeito à própria importância que a escola atribui ao mesmo, ao torná-la uma disciplina secundária, em relação aos componentes de português e matemática. O que se confirma e concretiza na própria distribuição da carga horária que prioriza um número maior de aulas para estes dois componentes em detrimento de um número menor não só para a disciplina de História, como para todas as outras.

Sendo assim, os professores, em geral, vão por duas vias, ou seguem, embora não rigorosamente a lista de conteúdos, ou vão adequando as mesmas conforme acham que outros temas podem ou devem ser trabalhados de acordo com o momento vigente. E excepcionalmente, como o professor H, desviam-se da lista de conteúdos e priorizam outras temáticas relacionadas ao ensino de história que consideram mais adequadas.

O professor H apresenta uma visão diferenciada em relação ao grupo dos sujeitos da pesquisa, pois expressa um olhar sociológico da escola. Sua visão mostra que vê além do que está posto em um primeiro olhar, além do que é colocado como senso comum. Não naturaliza o dia a dia da escola, uma vez que procura refletir sobre sua prática e no exercício da mesma. Leva em conta um conjunto de fatores que vão além da lista de conteúdos, da estrutura escolar, ou dos problemas de indisciplina. Ele

considera toda a questão do entorno, do espaço social de onde vêm seus alunos e as necessidades que o grupo, ou os grupos aos quais eles pertencem, tem para que se efetive de fato uma aprendizagem que seja significativa para sua constituição enquanto estudante, cidadão, trabalhador e ser social.

De acordo com o quadro apresentado, na forma como os sujeitos da pesquisa expressam suas ideias e conhecimentos em relação ao ensino de história, e permeado por elas, o professor se vê diante das dificuldades que envolvem a condução desse ensino. Dificuldades que foram identificadas e formaram um binômio que se compõe na forma pela qual a escola e a sala de aula está, ou é organizada e sua relação com a disciplina discente. Nas falas dos professores foi possível identificar algumas das problemáticas que se interpõem no cotidiano docente que vão desde a escola como estrutura de proteção da rua até questões de aprendizagem.

Exemplificando essas dificuldades, nas palavras dos professores: *“A escola, hoje, é um espaço onde os jovens ficam algum tempo, para que alguns fiquem afastados da marginalidade, pois alguns alunos acabam se salvando porque estão dentro da escola.”*, impõem-se uma situação de cunho social, a qual vai além da prática pedagógica.

Por outro lado, outra problemática, que se traduz na dificuldade de ensino está ligada diretamente à forma como o ensino- aprendizagem é visto, conduzido e pensado pelos professores, e que se reflete na necessidade de dedicação discente aos estudos. Na fala dos professores está expressado um grande descontentamento com a inexistência dessa dedicação: *“Os alunos não se dedicam”, “ Quem estuda, aprova”, “Resultados ruins, eles não estudam, se percebe claramente que aqueles alunos que leem um pouco mais, acompanham mais a aula”*. Essas colocações demonstram uma não discussão do por que isto acontece, e se estabelece uma situação na qual alunos não se dedicam e os professores não se motivam.

Esse impasse se reflete na própria condução do ensino, em que o professor age de forma empírica, não reflete sobre aquilo que ele chama de descomprometimento do aluno com sua própria aprendizagem. Assim generaliza seu olhar sobre os alunos e considera que todos ou quase todos os alunos são desinteressados.

Fica claro que, no conjunto dos sujeitos da pesquisa, quase todos, embora não todo tempo, tem um conceito pré-determinado sobre a postura discente, de desinteresse,

descomprometimento e desorganização, mas não buscam um entendimento que leve em conta de onde vem o aluno, qual o grau de presença de conhecimento histórico na sua vida, ou qual o grau de importância disso. Levando em conta que a maioria dos alunos das escolas públicas pertence às classes populares, é preciso também perceber até que ponto a história passa por sua vida.

Como, em geral, os professores colocam que os pais não participam da vida escolar dos filhos, é possível dizer que conhecimentos de cunho histórico não têm grande peso no dia a dia dessas comunidades. Entretanto, a professora E da escola central, coloca que embora os alunos não tenham muito respaldo familiar, os pais são um pouco mais presentes que em outras. Sua presença, em geral, é para fiscalizar o trabalho dos professores, questionar a atuação e fazer acusações de injustiças nas avaliações, ou seja, não é uma colaboração com a escola. Complementa relatando que teve problemas com os pais diante das colocações dela na sala, que os mesmos não concordavam. A maioria deles eram militares, e tinham olhares mais conservadores. Diz que ali outros são de famílias que têm muito dinheiro, muitos dos quais estão enriquecendo em função do polo naval.

Esse jogo de forças coloca de um lado os docentes e de outro os discentes. Gera situações conflituosas, de enfrentamento e de desconforto no cotidiano escolar. A professora B ao se referir a uma das escolas em que trabalha, argumenta:

*“É um lugar terrível, não tem nada e nem direção atuante, quando manda-se o aluno por problemas de indisciplina, passam a mão na cabeça e mandam de volta pra sala, sem disciplina, o professor que se vire.”.*

Isso traduz uma postura que reflete o entendimento que os professores têm sobre gestão, pois na maioria das vezes não se envolvem no processo de escolha dos gestores, não questionam as propostas para uma gestão, não se entendem como parte importante desse processo. Em muitas escolas a organização da gestão parte do princípio da cumplicidade com os pares, e não de uma proposta que de fato contemple um processo democrático de escolha que venha a ser a expressão das necessidades do grupo docente.

Essa cumplicidade se estabelece a partir de acordos, que embora não estejam expressos de maneira formal. Instituem-se a partir daquilo que a equipe gestora entende como sendo de agrado do grupo e dos laços de amizade que vão se firmando ao longo do tempo.



Geralmente, quando novos professores chegam às escolas, já existem grupos formados dos professores mais antigos. São estes que ocupam os cargos de gestão. É uma situação que está implícita, é como se fosse dito: “tu chegou agora na escola, primeiro conquista teu espaço e aguarda tua vez”. Em muitos casos, a gestão de uma escola fica nas mãos de um grupo, ou porque mantém o controle da máquina administrativa, ou porque nenhum outro grupo teve interesse em se envolver nas questões administrativas da escola.

Discutir e entender gestão não é uma prática que se efetiva dentro da escola, pouco se lê, pouco se discute, pouco se questiona. Usualmente, o corpo docente debate pouco as decisões tomadas pela direção, e muito menos questiona essas decisões, em uma falsa concordância. Assim, por de trás de possíveis questionamentos, ocorrem, dentro das instituições escolares, acordos não ditos, acordos de proteção, em que os profissionais muitas vezes se protegem nas possíveis falhas profissionais. Então, o professor inserido nesse problema pensa como questionar, enfrentar, discutir, debater o que pode vir a prejudicá-lo.

Nesse ponto, posso perceber minha própria postura quanto à gestão escolar: em uma discussão na minha escola sobre carga-horária, o professor de geografia propõe que seja organizado um grupo para analisar a situação. O que aconteceu a partir desse momento, fez-me perceber que, eu e a professora de geografia, mais antigas na escola em relação aos demais colegas de área das humanas, colocamos ‘panos mornos’ na discussão, e jogamos para a direção a função de resolver a situação, e ver as possibilidades de solucionar a questão. Tiramos de nós mesmas a discussão que é do nosso interesse e passamos para a direção, que obviamente vai acomodar de forma que facilite seus interesses enquanto setor administrativo. Isso é reflexo da minha posição, que também como gestora na outra escola, leva-me a ter esse olhar mais apurado para ambos os segmentos.

Questões ligadas a recursos materiais e pedagógicos, metodologias e avaliações são pontos que, também, refletem as dificuldades encontradas pelos docentes. As salas de informática das escolas públicas apresentam uma série de problemas o que faz uma falsa "inclusão" digital, conforme o que o professor diz.

Situações de cunho social expressam, também, as dificuldades encontradas. Por exemplo, quando envolvem problemas familiares ou questões externas as

responsabilidades escolares as quais existe uma postura de incapacidade docente em lidar com isso.

Os alunos a todo tempo testam o limite de seus atos, até onde eles podem ir. Os professores, em geral, tem uma certa passividade em estabelecer até onde vai este limite, uma vez que muitos são extremamente permissivos e dizem que: *“se forem levar ao pé da letra tudo que os alunos fazem e dizem em aula, não conseguem dar aula, vão passar todo tempo parando a aula para chamar atenção ou encaminhar a direção, que no fim das contas pouco tem a fazer.”*

Esta, por sua vez, coloca que, muitas vezes os alunos ultrapassam os limites porque os professores não tem pulso, não adotam uma postura, são permissivos. A supervisão chama de “pedagogia da indiferença”. Para muitos, tanto faz o que os alunos fazem, quando está demais simplesmente tiram alguns da sala e mandam para direção sem nenhuma atividade, e mesmo tendo é complicado, pois não existe profissional disponível para ficar com esses alunos. Resta ligar para família vir buscá-los.

Em muitos casos não tem quem busque, ou quando vem um responsável, adotam dois tipos de posturas: ou a escola está perseguindo e os professores não gostam do aluno, ou os pais desabafam que não sabem mais o que fazer. Em geral, são jovens que inclusive já tomam medicamentos para diversos problemas. Hiperatividade é o mais comum, aliás, estamos lidando com uma geração que já se mantém por conta de medicamentos. Meus colegas dizem: *“Quem deve dar educação aos filhos são os pais, minha função é transmitir conhecimento”*.

A professora A, ao explicar a situação de uma turma onde os alunos estão em distorção idade-série, explica que são alunos incluídos e que têm muita dificuldade de aprendizagem ou apresentam problemas de aprendizagem em função da falta de interesse e da desestrutura familiar. Sobre a inclusão, na visão do professor F é uma "falácia" já que tudo acaba ficando só no papel, é uma falsa inclusão. Não existe um suporte institucional para atender esses alunos e nem qualificação profissional.

Além disso, o resultado de avaliações, a indisciplina dentro da sala de aula, a falta de limites em prestar atenção ao que está sendo dito, desrespeito às regras escolares e no convívio com o próximo, enfrentamentos, violência verbal e até mesmo física, são fatores que acabam interferindo de forma bastante incisiva na condução da prática. Por outro lado, conforme discutido na nota 64, existe um distanciamento entre o

que o professor quer fazer compreender e o que os alunos entendem, ou mais comumente, não entendem. Esse distanciamento é expresso em atitudes e situações as quais os professores, na maioria das vezes, não sabem ou não conseguem lidar.

Pelas falas encontradas e pelas posturas adotadas é possível perceber que, diante dos obstáculos que se tem encontrado no fazer docente, é cada vez mais comum os profissionais se eximirem da responsabilidade da tarefa de ensinar. Dessa forma, a visão que os professores, sujeitos da pesquisa, apresentam é de naturalizar uma questão sócio-política como determinante para o fracasso escolar: a estrutura familiar não ajuda, o governo não disponibiliza recursos, a direção não dá apoio. Não havendo uma saída possível, uma vez que fatores externos à prática docente impedem ou colocam empecilhos para que a mesma se efetive. É senso comum, nesse contexto, pensar que alguns educandos terão sucesso pois possuem uma estrutura externa mais organizada, em contrapartida a outros, que não obterão sucesso profissional ou pessoal, já que não possuem essa estrutura.

A pesquisa revelou que não é possível, e nem era essa a pretensão, fazer um estudo que aponte diferenças e semelhanças em universos, que apesar de mesma origem e função, são constituídos por configurações bastante diferenciadas. O que se tem são caracterizações que podem, e foram agrupadas nos núcleos de sentido por blocos de interesses, por terem se originado da postura de profissionais de uma mesma área de formação, mas que se constituem das mais diversas experiências docentes e pessoais.

Para mim, enquanto professora, as percepções apreendidas durante o tempo de pesquisa levam-me a vivenciar meu terreno de trabalho a partir de um outro olhar. Agora, coloco-me em uma posição mais investigativa da própria prática, do conjunto da escola, e no meio no qual ela está inserida. Com o objetivo de fazer com que o ensino de história sirva de aporte para que os meus alunos possam aprender história e pensar historicamente, possam desenvolver a capacidade de transitar entre a observação e o entendimento de sua realidade de forma consistente e argumentativa. Para isso, é preciso que, eu, aproprie-me desse conhecimento de forma muito mais questionadora.

Finalizo, colocando que parte do contexto de trabalho e de ensino no cotidiano dos professores de História das escolas de Rio Grande foram apontados, narrados e problematizados ao longo desta pesquisa, que em hipótese alguma se esgota neste trabalho. Outros núcleos precisam ser analisados para que se completar um quadro das

narrativas escolares que poderão dar uma visão muito mais ampla deste cotidiano, este é apenas um começo.

## **ANEXOS**

**ESCOLA 1 – PROFESSORA A**

**Obs:** a professora concordou em participar, desde que eu a acompanhe apenas em uma turma, a qual teria concordado com minha presença na sala

**23/05/2013** - Professora formada em 1999

Trabalha na rede pública desde 2003 – 60hs

Ao chegar na escola me deparei com os professores reunidos na sala dos professores, pois era dia de provas de recuperação, portanto com horário diferenciado. A professora estava envolvida com correção de provas. Os outros colegas conversavam, de forma bastante irônica sobre as exigências feitas a categoria, tipo: “não pode comer merenda da escola, não pode isso, não pode aquilo. Aqueles que estão corrigindo queixam-se todo tempo que os alunos estão rodando em massa.”

A professora de Educação Física chegou relatando todas as dificuldades de levar os alunos para competir nos JERGS, até em função das dificuldades financeiras dos próprios alunos desta escola, tem que emprestar meias e tênis uns aos outros.

A professora coloca que o período próprio para recuperação é bom porque os alunos que precisam podem se dedicar, ao que a outra professora riu e disse que a colega estava falando bonito, já que os alunos não se dedicam, na resposta esta coloca, pelo menos os que passaram não vem incomodar.

Conversamos sobre o mestrado, orientação, elaboração de projetos, perguntas feitas pela curiosidade da professora, que não demonstrou vontade de fazer.

Inicia-se uma conversa sobre alunos do noturno, sobre questões relacionadas a reposição de carga horária que devem ser feitas, entretanto como os professores do PROMEJA ( município) foram chamados para uma palestra no dia 29/05 como ficará este dia para os alunos? A professora coloca que não deverá ser feita, já que o próprio secretário disse que deve ser usado o bom senso na reposição destas aulas, podendo ser feitas a distância. A professora acrescenta, que é importante se parar com o faz de conta nesta situação, pois diz que será recuperada num sábado e todos sabem que não ocorrerá, é bom se trabalhar as claras.

Esta colocação final adentra numa situação bastante comum as esferas de ensino aos quais tenho conhecimento, que diz respeito a formação continuada ou acesso a

outros meios de conhecimento. Tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, a lei exige 200 dias letivos, no entanto, quando o professor se ausenta para participar de algum evento relacionado a sua área, e não ministra aula naquele dia, não é considerado dia letivo, o que supostamente deve ser repostado, e creio que é neste sentido que a professora coloca a situação do faz de conta, o famoso registro do que não vai ser feito, já que para isso seria necessário que outro professora viesse a supri aquela carga horária, entrando a dificuldade de recurso humano, ou seja, entra a discussão da dificuldade da formação em serviço.

**13/06/2013**

Cheguei na escola às 15:30, na sala dos professores, na hora do recreio, deparei-me com uma conversa, onde os professores faziam as seguintes colocações:

“ A escola, hoje, é um espaço onde os jovens ficam algum tempo, para que alguns fiquem afastados da marginalidade, pois alguns alunos acabam se salvando porque estão dentro da escola.” Um dos professores passou a citar exemplos de alunos que estão indo bem porque estão neste espaço, senão estivessem aqui já teriam se perdido para a prostituição, devido ao ambiente em que vive, como é o caso de outras alunas, onde isso aconteceu.

Como cheguei num outro horário a professora concordou que eu a acompanhasse numa outra turma, nisso me parece que a mesma se preocupa com o tipo de comportamento que as turmas poderiam demonstrar, e eu estaria ali observando, embora ela coloque que em geral as turmas desta escola são boas em trabalhar. Na sala de aula a conversa se iniciou em torno de preparação de aula: Em relação a hora-atividade a professora colocou que é inútil, tempo desperdiçado pois a escola não apresenta estrutura para elaboração de aulas, não tem internet veloz, impressora, material de apoio. Normalmente os professores preferem preparar aula em casa pois tem todo um suporte pré-preparado. Na outra escola em que trabalha, cumpre a hora-atividade de forma obrigatória, faz o momento sozinha e enfatiza que não gosta. Acha que deveria ficar a critério do professor, cumprir esse horário como achar mais adequado. No término da visita a professora pediu para olhar o que anotei, notei uma preocupação do que poderia sair nas anotações, inclusive quando destaquei que não haveria identificação das pessoas, mesmo assim ela ficou um pouco receosa, pois me

parece que nesta escola a hora-atividade deveria ser obrigatória, mas a direção não exige, suponho aqui um acordo interno entre a equipe, por isso o receio em expor.

Puxei conversa com a professora em torno do mestrado, contando como era, a organização, os contatos, o que neste momento demonstrou ficar bastante animada, se despedindo dizendo que iria procurar informações.

**20/06/2013**

Cheguei na escola por volta das 13:30, a professora já estava atuando numa turma de oitava série, com poucos alunos, fui muito bem recebida, notei grande simpatia a minha chegada, um abraço bem afetuoso. A professora estava passando um conteúdo no quadro negro, e os alunos estavam bem silenciosos.

Alguns comentários foram sendo feitos pelos alunos ao qual a professora foi interagindo, coisas sobre o clima, uso do facebook, nesse momento se inicia uma conversa sobre a copa das confederações, uma aluna colocou que queria que o Brasil perdesse, ao que a professora colocou sobre os movimentos populares que vem acontecendo nos últimos dias são também em função dos gastos com os jogos e a copa, os alunos foram comentando uma coisa e outra. A professora lembrou que, provavelmente, os alunos de História deverão participar em peso do movimento, pois normalmente são mais envolvidos com movimentos populares.

Uma situação incômoda se instala: na janela da sala, que dá para a rua apareceram alguns adolescentes gritando e falando bobeira, os alunos da sala ficaram indignados e a professora colocou que é uma problemática, tem dias que dá aula com uma platéia do lado de fora, dependurados na janela. Está sendo construído um muro, mas que parece que não evitará o problema por completo, mas vai amenizar . Ao explicar o conteúdo a professora cita exemplos de conhecimento que ela supõe elas já terem comentando sobre filmes, imagens, reportagens ( o assunto é Regimes Totalitários) e a partir daí ela passa a explicar o conteúdo, com algumas interações dos alunos. Ao soar o sinal sai junto com a professora, que me falou das informações sobre o mestrado e concluiu que não era pra este momento para ela, mas que eu havia despertado nela uma vontade de voltar a estudar, a se interessar pelo produção de conhecimento, que para ela já não interessava muito, me agradeço dizendo que para a

próxima seleção iria ver a possibilidade, já que trabalha 60 hs, o que a impossibilitaria de fazer sem bolsa, pois não poderia abrir da questão financeira.

Essa colocação da professora me levou a refletir sobre a relação qualidade de ensino, qualificação docente, salário, creio que é uma equação de difícil solução, mas ao mesmo tempo penso que é uma necessidade, em tempos onde se fala em crise do ensino, em formação docente e piso salarial, que parece a solução dos problemas, mas que se pensarmos com frieza, é o cumprimento de uma lei, que não trará solução, é uma luta por um piso de praticamente um salário mínimo para 20hs de trabalho, sem querer pecar pela exagero, mas creio que todas as categorias que fazem curso superior somos a que recebe o menor salário. Não desmerecendo a luta da categoria que já tem muitos anos, nem querendo justificar a falta de qualificação docente em função das 60hs, mas essa é uma questão a ser pensada.

### **1º/ 08/2013**

Cheguei na escola, a professora tinha cedido parte da aula para os alunos estudarem para prova geral de geografia, além disso ela me comunicou que as aulas seriam de 30 min. Começamos conversando sobre a situação de uma escola da cidade que está polêmica, pois foi denunciado na TV problemas na estrutura do prédio da escola, e conversamos sobre o descaso dos órgãos públicos com alguns problemas que as escolas apresentam na estrutura e elétrica, e que só são motivo de preocupação quando acontecem desastres.

O horário reduzido acontecerá em função do calendário de mobilizações do CPERES e os professores irão conversar sobre a construção de uma greve, se haverá participação dos membros da escola, qual o posicionamento.

Observando os alunos estudarem notei que a maioria está em idade acima da série, 16,17,18 anos, a professora me explicou a situação da seguinte forma: dois deles são alunos incluídos, tem laudo de defasagem mental, então tiveram muita dificuldade em cada série, repetindo de ano várias vezes, outros vieram ao longo dos anos apresentando problemas de aprendizagem em função da falta de interesse, da desestrutura familiar, diante disso reprovaram várias vezes, mas que agora na 8ª série tem um nível de amadurecimento que os faz serem ótimos alunos, em questão de



interesse, aprendizagem e comportamento, e na própria relação com a escola, pois mesmo reprovando várias vezes, muitos deles nunca quiseram sair da escola.

Se dirigindo aos alunos a professora reforçou a importância deles aproveitarem aquele momento de estudo, pois muitas vezes o que mais fica na memória é aquilo que se estuda em cima da hora, neste caso, para a prova, o que chamou atenção sobre a percepção que a mesma tem de aprendizagem, no sentido de memorização do conteúdo, inclusive ela me coloca que, tem o que chamou de ‘memória fotográfica’, reforçando que quando estuda para alguma coisa ela lembra do que leu até no lugar que estava escrito, reforçando meu entendimento de memorização que ela possui.

**26/09/2013**

Neste dia cheguei na escola às 13:40, fui a recebida na porta por uma funcionária que indagou minha presença, falei que por desenvolver uma pesquisa ali eu tinha autorização de entrar, ao que ela imediatamente compreendeu e me deixou passar, comentando que já havia me visto por ali algumas vezes, aproveitei a conversa para ir fazendo algumas indagações sobre o trabalho dela, ela diz faz parte da equipe responsável pela limpeza, e que fica por ali nos corredores e salas da frente porque também tem a chave da frente para controlar entrada e saída da escola, pois não dá pra deixar a porta aberta, porque fica uma gurizada por ali, e acabam entrando para atrapalhar as aulas, isso quando não vão pra fazer destruição, então a porta não pode ficar sem fiscalização, inclusive, que os próprios responsáveis dos alunos, se vêem a porta aberta, vão entrando, sem falar com ninguém, às vezes, até para discutir com os professores, diz - *‘É muito triste, hoje ninguém respeita mais os professores e a escola, as pessoas acham podem fazer o que querem e não dá nada, e não dá mesmo né professora?’*, neste momento chegaram algumas pessoas e ela foi atender.

Essa é uma situação que se reflete em muitas escolas, são espaços que, em geral, funcionam como lugar afastado do meio onde estão inseridas, isso gera um distanciamento de fato onde a comunidade não se vêem como membros daquele meio, essa postura de estranhamento gera descaso, inclusive pelos próprios estudantes que estudam ali, já que muitas vezes, são eles que entram nos turnos inversos ao de estudo, de forma furtiva para atrapalhar ou destruir, como bem colocou a funcionária. Outra situação que exige a escola ser um ambiente fechado, com portarias vigiadas são as

situações de violência que impera na sociedade, uma vez que a escola é responsável pelos estudantes dentro do espaço escolar, qualquer coisa que aconteça com eles ali dentro passa a ser responsabilidade da escola, além disso ainda temos o risco a que alguns professores estão expostos, uma vez que se volta contra eles os resultados negativos da aprendizagem de alguns alunos que os responsabilizam por isso, como muito se vê acontecer quando os professores são agredidos.

Ao me direcionar a sala de aula onde se encontrava a professora, fui observando que o ambiente é bastante frio. É uma instituição da rede estadual, um prédio muito grande, formado por vários anexos, que se fecham num quadrado, permitindo a existência de um pátio interno, bem grande também. Entretanto, percebe-se com a clareza a situação de abandono da estrutura dos prédios, de tal forma que boa parte dele está desativada. Nos corredores que levam as salas, janelas e grades estão enferrujadas, vidros quebrados, pintura descascada e teto sem pintura, aliás nunca teve. No anexo desativado, que é possível se observado a partir dos outros prédios, os vidros estão todos quebrados o que dá um aspecto de total abandono ali. A escola, em geral, tem uma ar triste, ambiente escuro, mesmo na área em funcionamento, existiam dois locais com escadas para acesso ao 1º andar, um deles a escada está gradeada, não pode ser usada. Alguns pontos passaram por reformas, são visíveis porque destoam do conjunto da escola. No corredor onde estão algumas salas, um silêncio quebrado apenas pela voz de um ou outro professor ministrando aula. As salas são grandes, com classes e cadeiras em bom estado, alguns cartazes e trabalhos de alunos, inclusive nos corredores são uma tentativa de dar um aspecto um pouco mais aconchegante ao ambiente, especialmente pelas cores, que se destacam da sensação de escuridão que mesmo em dia de sol permanece.

Ao chegar na sala, a turma já estava acomodada com a professora, um pouco mais de alunos que o de costume, estavam se preparando para iniciar a aula com a cópia de um texto do quadro. Por não ter tido contato com a professora por várias semanas, inclusive por conta da greve do magistério estadual, ela comenta comigo que havia sentido minha falta, isso é um reflexo da percepção da minha presença

Enquanto os alunos copiavam, a conversa girou em torno da greve, que teve poucos colegas que aderiram, ela não porque não acreditava que fosse dar algum

resultado. Falou do desgaste do magistério frente aos enfrentamentos com o governo estadual e como este tem tratado a brigada também. Sobre a questão da segurança ela coloca sobre a reforma que foi feita na parte externa, muro e frente, que ficou muito bom, dando mais segurança, pois os jovens que “invadiam” o pátio da escola, ficavam nas janelas das salas, agora não entram mais, nem atrapalham as aulas. Sobre o tamanho do prédio, incluindo a ala fechada, ela coloca que *“é uma pena, pois poderia ser utilizado para oferecer mais vagas na rede”* acrescenta *“ o tamanho deste prédio é uma afronta pela localização dele, pois se destaca no meio do bairro, mas não é explorado como deveria pela sua amplitude.”*

A relação da professora com esta turma é muito boa, existe uma cumplicidade estabelecida no ar, percebe-se que a turma escuta suas orientações, especialmente no momento da explicação do conteúdo, a pedido eles largam celulares, que ela permite que eles usem, escutando música quando estão copiando ou fazendo atividades, para prestar atenção na sua fala. Na explicação do conteúdo, a professora reforça que é importante que os alunos escutem e prestem atenção, leiam e estudem até o final para formar sua própria opinião, neste caso, sobre o Governo Vargas.

Ao sinal, saímos da sala juntas, e a professora faz questão de se despedir de mim, confirmando nesta atitude, o combinado que eu só poderia acompanhá-la naquela turma.

**21/11/2013**

Ao chegar na escola, me dirigi ao encontro da professora que estava em outra sala e outra turma que não a que havíamos combinado de acompanhá-la. Esta troca se deu em virtude de ter feito uma troca de horário com outra professora para que esta pudesse realizar um ensaio de dança com a turma que acompanho. Diante da troca, ela só os estava “cuidando”, enquanto em pequenos grupos os alunos conversavam, a professoras corrigia provas. Em alguns minutos se desfez a troca, antes fazendo alguns acertos práticos sobre o ensaio, a coreografia que vai ser apresentada. Nos dirigimos então para a sala de vídeo, onde os alunos estavam alvoroçados com o tal ensaio, e bem envolvidos, neste instante começou a chover muito forte, molhando o corredor que na frente das portas da sala, ou seja, para sair da sala, se molhariam com a chuva que entra

pelas janelas sem vidros e deixou todo o corredor bastante alagado, situação diante da qual os alunos se divertem e ironizam, pela familiaridade com a situação.

O restante do tempo, a aula girou em torno das decisões sobre os ensaios, vestimenta, música etc.. Em relação a isso não existe uma temática a ser desenvolvida, a ideia é fazer uma integração entre os alunos das diferentes turmas e turnos. Para isso os professores tem que partir de uma ação colaborativa uns com os outros. Os acertos feitos, pressupõe uma dedicação dos professores além do horário de trabalho, pois tem que produzir material nos horários em casa. Além disso, existe uma expectativa dos alunos que almejam reconhecimento quantitativo(notas) no envolvimento com a atividade artística. Como o ano letivo está em caminho de se encerrar, já que estão realizando as provas finais, as aulas estão voltadas para a apresentação e atividades finais, existe uma agitação. A escola está mais barulhenta, os corredores tem mais movimentação, os alunos mais agitados, mas a professora a todo tempo chama-lhes atenção diante do fato de estarem entrando e saindo da sala, com o término da chuva, e que isso geraria um problema com a direção, que a qualquer momento iria aparecer e lhes dar uma chamada. O que se destaca é que se a escola está envolvida numa atividade que envolve uma movimentação, não é possível que a mesma se efetive sem que ache uma mudança nos comportamentos e no fazer diário. Isso pressupõe uma atitude incoerente, que a priori não é fator de questionamento por parte docente, já que transparece uma preocupação com a situação.

Ao término da aula, a professora me coloca que não acha que será útil a minha pesquisa os próximos dias, pois a escola está nesta movimentação. Sutilmente, ela se despede, me convidando a ir na apresentação em 7 de dez, diante disso, me despedi, agradecendo a colaboração, afirmando que voltaria no próximo ano, ao que ela responde, vamos ver que turmas pegarei ano que vem, pois se for os 6º anos não será uma boa opção, sempre condicionando a participação de acordo com a turma.

**2014** – contato com a professora, em outra escola na qual ela também trabalha, e de forma muito educada, quando indaguei sobre o retorno ao acompanhamento do trabalho dela, ela coloca “ *este ano as turmas estão difíceis, prefiro ficar de fora da tua pesquisa, se precisares que eu responda alguma coisa de forma escrita é só enviar, estarei a disposição, mas lá na escola, de forma presencial nas aulas, este ano prefiro*

*não, somente para conversarmos fora da sala de aula”* Diante disso agradei sua disponibilidade e me despedi.

**ESCOLA 2 – Professora B**

**Professora formada em 1998**

### **Trabalha na rede pública desde 2000 – 60hs**

Obs.: Meu primeiro contato com esta professora ocorreu em uma situação onde casualmente nos encontramos, ao receber o convite para participar da pesquisa, a professora prontamente concordou e mostrou-se bastante interessada. Mas me convidou para fazer na escola em que trabalha pela manhã, pois na outra que ela trabalha a tarde a situação é bastante complicada, ela caracteriza da seguinte forma: “ *É um lugar terrível, não tem nada e nem direção atuante, quando manda-se o aluno por problemas de indisciplina, passam a mão na cabeça e mandam de volta pra sala, sem disciplina, o professor que se vire.* A que ela indica chama de paraíso.

**12/04/2013**

Cheguei na escola em torno das 8hs, e encontrei a professora na sala dos professores, pois a mesma estava com estagiária na sala de aula. Após os cumprimentos iniciais, a conversa iniciou em torno da observação de uma revista que para a professora é de bastante qualidade ( National Geographic ) por ser uma leitura agradável, diferente, por exemplo, da Biblioteca Nacional onde são textos muito densos, às vezes com informações que não considera muito importantes, ela coloca que são pouco úteis para trabalhar com alunos, uma linguagem muito rebuscada. A partir daí a conversa gira em torno de formação, a professora coloca que tem vontade de voltar a estudar, pois gosta muito, mas não o faz por falta de tempo, pois tem uma filha pequena que exige sua atenção, além dos cuidados com sua mãe vítima de um AVC. Trabalha 60hs por necessidade, mas gosta muito do seu trabalho, o problema maior é o deslocamento de uma escola a outra, as distâncias, que embora de carro tomam tempo.

Neste momento entra uma colega comentando sobre a greve nacional, marcada para os dias 23, 24 e 25 de abril, ao que a professora diz que sua adesão dependerá da decisão da direção sobre o “pagamento” dos dias, se for nas férias, não terá adesão de muitos professores.

Observando alguns cartazes na sala, notei que muitos indicavam os números das salas ambientes, ao que perguntei do que se tratava, a professora então passou a me explicar o projeto pedagógico da escola. Quando ela começa falar que a escola trabalha com ambientes de aprendizagem (AA), entra outra colega, e ao ouvir a conversa acrescenta, que é um luxo, visto que para esses ambientes funcionarem é preciso mais

professores que o “normal”, para suprir as cargas horárias. Bate o sinal para o recreio, os professores vão chegando, alguns me reconhecendo, só cumprimentam, outras dão uma leve indagada, e vão traçando comentários sobre alguns alunos em especial, por provável uso de bebida alcoólica, o assunto não se estende, e as professoras se agrupam em torno de livros com produtos de beleza e os dois professores comentam sobre futebol, uma certa separação sexista.

No final do recreio, nos dirigimos para a sala de aula, ao chegarmos alguns alunos estranham minha presença, perguntam o que eu estou fazendo, a professora explica a eles, que parecem não demonstrar muita curiosidade. Depois dar os primeiros encaminhamentos na aula, a professora continua a explicar como funciona o AA. Ela considera muito bom, pois é melhor aproveitado em termos de tempo ( 2hs relógio em cada turma por semana), o que permite atividades que exigem mais tempo. Acrescenta que ainda falta recursos visuais para a sala, e neste ano, os alunos não podem levar os livros didáticos para casa, pois não tem para todos, então ficam na sala. No AA são os alunos que trocam de sala, após o recreio.

A professora começa então a explicar sua metodologia de trabalho, onde ela usa os netbooks para que os alunos realizem pesquisas, enfatizando a necessidade deles ( os alunos) terem um pen drive. Faz uma variação com uso do quadro, trabalha com provas, e para fins de organização junto a supervisão ela elabora um portfólio com as atividades realizadas, e tem um diário de bordo, um caderno com registro das aulas. Coloca que o uso dos nets não é uma coisa fácil, mas vale a pena, a internet tem que ser acessada com senha, o que exige que a professora o faça, seria necessário uma visita técnica para configurá-los para estar sempre com a senha.

**09/05/2013**

Cheguei em torno das 8hs, em sala de aula, a professora me recebeu super animada porque iniciou um curso de Educação Ambiental e deseja, também, fazer o curso de cultura afro que a SMED oferece em parceria com a universidade, acrescenta as dificuldade que terá, passou a comentar os problemas enfrentados devido a vida corrida que levamos que acaba atrapalhando na qualificação. Diz que pretende fazer os cursos no tempo destinado a hora atividade, visto que em alguns dias esta hora não é bem utilizada.

Devido a um certo alvoroço dos alunos do 7º ano, a professora comentou com eles sobre a boa-educação que faz parte do ambiente em que estamos, e que existe atitudes adequadas para cada ambiente, com a calma, a aula girou em torno do tema Cruzadas e Islamismo, fechando o conteúdo para a prova. Observei que a professora mantém contato com os alunos por meios tecnológicos, troca de emails, combina uso de slides para entrega de trabalhos.

A todo momento a professora coloca a dificuldade de ampliar conhecimentos através de formação, em função da filha que precisa de atenção, tem que se desdobrar para dar conta das necessidades da mesma e das exigências do trabalho, dorme por volta da 1h da manhã, para despertar em torno das 6e30m. Diz que muitas vezes elabora planejamentos e provas enquanto os alunos estão trabalhando na aula. Devido a questão tempo, tem adiado pensar no mestrado, o que deseja bastante, para isso, terá que largar 20hs de trabalho, pois com 60hs vive-se para trabalhar e em função do dinheiro. Neste momento, me despeço para retornar em outra oportunidade.

**08/08/2013**

Ao chegar na escola, observei que os professores estavam bastante agitados em função do recebimento das agendas fornecidas pela SMED, por ser este mês recebido (agosto), e pela surpresa da agenda começar em junho e ir até abril de 2014. Todos muito indignados, achando um desperdício de material, verba que poderia ser destinada a outras coisas mais importantes.

Começam os comentários do “pagamento” dos dias de paralisação em abril, que nas escolas estaduais, o governo do Estado descontou e não houve acordo para reposição e abono das faltas, a professora coloca “esses governos estão parecendo uma piada”. Neste momento, a professora me comunica que tem reunião do PIBID na FURG, por isso sairá mais cedo.

Ela inicia a aula questionando aos alunos sobre a organização de trabalhos, fala sobre questões éticas que envolvem uma atividade em grupo, sobre a participação dos membros e material a ser utilizado. A turma parece bem interessada, e bastante atenta as orientações, especialmente porque a professora enfatiza o uso das tecnologias, em especial, produção de vídeos para apresentação dos trabalhos ( que são sobre obras de arte renascentistas ) e produção de esculturas e/ ou pintura dos artistas ( réplicas).



Em relação ao PIBID, a professora explica que na escola noturna, ela acompanha estudantes do programa, mas que pouco participa das reuniões, pois acontecem em seu horário de trabalho. Ela faz os encaminhamentos necessários e se despede para a reunião na FURG.

**12/09/2013**

Cheguei na escola as 8h30min., a professora estava conversando com a turma sobre o fechamento do trimestre, sobre as notas e entrega dos boletins aos pais. A professora enfatiza a todo tempo que eles devem se dedicar aos estudos, pois ainda há a prova de recuperação do 2º tri, que poderá ser a “salvação” de alguns que ficaram com a anota baixa, disse: “ *Quem estuda, aprova*”, alertando sobre a dedicação no 3º tri, que está iniciando, para não irem a exame. Neste momento entra na turma 3 alunas, para conversar sobre um possível protesto para reivindicar melhorias na estrutura escolar, elas solicitam a turma que colaborem com a pauta que inclui: merenda que eles consideram estar muito fraca ( só bolacha e suco), as infestação de pombas na quadra poliesportiva, melhoria na qualidade do uniforme, melhorias nos banheiros. Neste momento a professora comenta que não sabe porquê os governos inauguram projetos de obras e reformas, sem a obra e a reforma, ironicamente colocando que sabemos bem que é pura propaganda política.

Hoje, senti que a professora está bastante quieta, pensativa, andando muito pela sala enquanto os alunos copiam do quadro, um pouco sem paciência com as perguntas ( aquelas mais fora de contexto) dos alunos.

Na explicação do conteúdo, a professora faz colocações quanto ao conhecimento histórico, destacando que estudar história, coisas que já passaram, se lido nas entrelinhas, podemos ver semelhanças com a nossa vida. Colocando que a história se repete, ela é cíclica, os sistemas elaborados pelos seres humanos para viver em sociedade se mantém por muito tempo, se só são rompidos com revoluções. As pessoas mudam, mas as estruturas se mantém. Destaca que a escola, hoje, aliás, o fato dos alunos poderem frequentar a escola hoje dá a eles a possibilidade de conhecer ciências, diferentes de outras épocas, como por ex: a Idade Média, onde quem dominava o conhecimento era a Igreja Católica, traz a ideia para os dias atuais, destacando que a

instituição é a mesma, e que os problemas se mantêm, embora sob outra ótica, como a corrupção nos quadros das instituições.

Comenta: “ *nós não conseguimos combater a corrupção, porque os seres humanos são dados a isso, tem uma tendência para desvios*”. A professora também centrou a aula na temática da religião, já que o assunto é Contra- reforma.

Na hora do recreio, a professora me indagou bastante sobre o mestrado e bolsa de estudos. Recebi da direção um folder com o cronograma de uma mostra de trabalhos dos alunos, de diferentes disciplinas, onde observei que tinha trabalhos da disciplina de História. Alertei a professora para que ela passasse a escrever sobre sua prática, já que pretende mais adiante, quando o curso disponibilizar bolsas, tentar a seleção para o mestrado, destacando que sem bolsa não poderia fazer, pois teria que largar um turno de trabalho.

Na sala dos professores, o assunto girou em torno de novas propostas feitas pelo sindicato a prefeitura de alterações no plano de carreira, além disso, também aconteceu ajustes na organização para a exposição dos trabalhos dos alunos que acontecerá na próxima semana.

#### **24/10 /2013**

Encontrei com a professora no horário do recreio, onde as professoras encontravam-se reunidas na sala dos professores, e pouco deram atenção a minha presença pois estavam envolvidas com compras de roupas. Os dois professores de História conversavam sobre uma oficina de arqueologia que acontecerá para os alunos da rede oferecida pela Escola Viva se houver interesse, juntamente a isso, também haverá formação para os professores, ou seja, ou o professor acompanha os alunos nas oficinas ou participa da formação. Conclusão: quem estruturou esta atividade não visualizou a questão prática da escola. Os dois professores bastante chateados por essa falta de contato para organização da atividade.

Ao término do recreio, que é finalizado ao toque da sirene, as professoras encerram as compras, juntam suas coisas e se organizam para ir para as salas de aula. Atravessei os corredores com a professora de História, que ia comentando sobre a correria que começa a acontecer em um função da proximidade do final do ano. Ao chegarmos na sala de aula, alguns alunos já aguardavam para entrar, conforme íamos no

acomodando, a professora ia comentando sobre o curso de História, modalidade à distância da FURG, e alguns comentários que escutou de que os professores ganham uma “fortuna” para dar aula, inclusive dando preferência em detrimento do presencial. Esse comentário, veio acompanhado do desabafo do distanciamento de realidades financeiras entre os professores universitários e os da rede básica.

A turma foi se acomodando, mas bastante agitados, a professora os identifica assim: “*são muito agitados*”, enquanto isso ela vai me esclarecendo uma situação, onde a supervisão experimentou uma nova estratégia para tentar melhorar os resultados, que no fim das contas deu mais trabalho aos professores e quase nenhum resultado. As recuperações do 2º trimestre ficaram dentro do 3º trimestre, ou seja, os alunos acabaram fazendo a prova de recuperação do 2º trimestre, depois da primeira prova do 3º trimestre, os alunos se confundiram com os conteúdos, foi acumulando trabalho e não houve resultado significativo, o objetivo era que os alunos ao pegarem o boletim do 2º trimestre, sentissem que teriam nova oportunidade para recuperar esta nota com mais tempo para a recuperação, o que não se efetivou, foi uma experiência frustrada.

A professora, cumprimenta os alunos, encaminha a aula, com a leitura de um texto, e enquanto isso acontece, ela começou a corrigir as tais recuperações. Na leitura, foi possível perceber que poucos realizavam, muito mais as meninas. A professora comenta sobre as provas: resultados ruins, eles não estudam, se percebe claramente que aqueles alunos que lêem um pouco mais, acompanham mais a aula, tem melhor rendimento, “*é que nem médico, se ele passa o tratamento, e o paciente não fizer, não resolve, é a mesma coisa com a gente, se o aluno não quer, não se esforça, não há resultado positivo na aprendizagem.*” Neste momento, entra as alunas da 8ª série, pedem licença para entregar autorizações para a caminhada da cidadania que vai acontecer na escola, a professora me explicou a proposta ( que eu já conhecia pela fala do outro professor), embora ela não esteja envolvida com a organização diretamente, defendeu como uma atividade bastante produtiva.

Neste ponto ela começa a falar sobre a outra escola, onde ela tem um olhar muito crítico, demonstrando um descontentamento e insatisfação muito grande, pois compara o apoio que esta dá para o desenvolvimento de atividades do tipo da caminhada, mas na outra escola não há apoio para que isto aconteça, é tudo muito

complicado. A professora, então, chama atenção da turma para que possam fazer a correção das atividades que foram passadas em acompanhamento a leitura. Algumas alunas se oferecem para fazer as correções de forma oral, uma de cada vez até a finalização da aula.

**24/04/2014**

Cheguei a escola depois que iniciou o turno, na secretaria onde fui recepcionada o pessoal estava absorto numa conversa, me cumprimentaram, me passaram os horários dos professores de História, e para a sala indicada me encaminhei. No caminho, observei que os quadros de avisos foram todos cobertos com plásticos transparentes para proteger o material da chuva e do vento, já que ficam expostos ao tempo. No caminho que leva as salas encontrei-me com a professora de História, que me recebeu entusiasmada, alegando que havia pensado em mim, bem neste dia, lembrando do mestrado e como deveria estar minha pesquisa.

Fomos juntas para a sala de aula, comentando sobre questões pessoais. Adentramos a sala, a professora me apresentou aos alunos, nos direcionamos a mesa dela, os alunos estavam estudando para a prova que teria naquele dia. Nos sentamos e a professora começou a desabafar sobre a situação em que se encontra a escola, em função da administração municipal que assumiu em 2013. Ela fala sobre a falta de material (especialmente folhas de ofício) para trabalhar: *“Não tem, me nego a comprar do meu bolso como alguns professores tem feito, além disso tem turmas que nem o livro tem, está restando o quadro e giz, isso é um retrocesso, em pensar que um tempo atrás tínhamos recursos materiais disponíveis e agora simplesmente não tem, quero crer que é somente má administração,”* Continua: *“fazer as atividades, desenvolver o conteúdo com os netbooks também não tem sido possível, porque nem sempre tem luz na escola, aliás, é comum ter luz somente a partir das 9hs da manhã, às vezes, nem tem luz, nem tenho ideia porquê isso acontece, pois não é problema com o bairro, é pontual, na escola. Mas, pra quê luz na escola né? Se tem a luz do sol?”* Usando um tom irônico.

Fala sobre o quadro dos professores, que deu uma reduzida, explicando que a direção tem se virado para conseguir ir driblando os problemas de material e pessoal. Muita indignada, coloca que já chegou a ela algumas informações escabrosas sobre essa situação: onde dependendo da influência da escola junto a SMED, tu consegue ou não

algum material. Ainda, acrescenta sobre a quantidade enorme de pessoas trabalhando lá, que ela acredita que ficam “ dando cabeçadas” e acabam sendo incompetentes no que diz respeito as necessidades das escolas.

Fala que tem vontade de abrir a boca em redes sociais, mas tem receio de represálias, já que conhece pessoas que passaram por problemas em relação a represálias políticas. Esse mesmo desabafo, ela faz ao alunos quando vai aplicar a prova, num protesto bastante grande quanto a situação. Enquanto os alunos fazem a prova, a professora acrescenta ainda, questões ligadas a falta de discussão para reformulação do plano de carreira, que iniciou no ano anterior, e simplesmente agora nem se fala nada.

Os alunos concentram-se na resolução da prova, ao final, dá o sinal para o recreio, são 10hs, e não chegou a luz. Nos dirigimos a sala dos professores, já havia um bom nº de professores conversando, com alguns me reconhecendo, outros novos, curiosos, outros indagando minha presença, um clima descontraído, a direção vendendo ingressos para um jantar com objetivo de arrecadar verba para a escola, além de uma rifa, com o mesmo fim, os professores tem por ‘dever’ contribuir com a compra, uma situação meio imposta. A professora me indaga sobre o mestrado em rede, para o qual estão abertas as inscrições, conversamos sobre isso, em meio conversas informais paralelas com outros professores. Além disso, a professora aponta para um local dentro da sala( bocal de luz) onde se deu um pequeno incêndio devido a problemas na fiação elétrica da escola, situação que havia mencionado com os alunos. Ela realmente está muito revoltada. Ao final do recreio, nos dirigimos de volta a sala de aula, pelo projeto da escola são os alunos que trocam de sala, isso acontece sempre após recreio.

Outra turma chega, o formato da sala é o mesmo da anterior, um tempo estabelecido para estudar e depois a prova, a professora explica que faz assim porque, mesmo parecendo perda de tempo, é um argumento que ela tem para usar com os pais, quando há algum tipo de reclamação de que o aluno não entendeu alguma coisa, ela coloca que deu todas oportunidades deles perguntarem, esclarecerem dúvidas até o último momento. Novamente, a professora volta a fazer as colocações que fez com a outra turma, sobre a situação a qual ela está indignada e esta turma ela ainda incentiva que reajam nas redes sociais, falem para os pais etc...

Na saída, conversei com a direção sobre a questão da luz, a qual me disse que não consegue resolver, já conversaram com a SMED, prefeitura, CEEE, e o problema permanece, tem dias que o bairro tem luz e é só a escola que fica isolada sem luz, além do mais enfatiza que de qualquer forma a elétrica da escola esta em estado crítico mesmo.

## **ESCOLA 2 – PROFESSOR C**

Obs.: O contato com professor foi feito na escola, onde estive para efetivar o convite e o mesmo mostrou-se bastante disponível em participar da pesquisa.

**18/04/2013**

A primeira visita acontece diretamente na sala de aula, onde os alunos do 9º ano realizam uma prova. O professor começa a conversa falando sobre sua trajetória, coloca que trabalhava como radialista na rádio Nativa, até ingressar na carreira docente em 2012, embora já formado desde 2004. Fazia o programa Paralelo 30, largou a rádio por problemas políticos durante as eleições para prefeitura em 2012.

Sobre sua metodologia coloca que trabalha com prova com consulta (livro e caderno) por achar mais adequada, já que eles (os alunos) recebem tudo pronto pela internet, na prova com consulta eles tem que ler e escrever mais. Acrescenta que no noturno, os alunos demonstram mais interesse, mas mais dificuldade de compreensão, então não adianta fazer “show pirotécnico”, pois o que eles vão levar é o que o professor fala, o texto e as atividades para exercitar a escrita e a leitura. Neste ponto acho importante pensar até que ponto as metodologias interferem ou colaboram no processo de aprendizagem, levando em conta o que coloca o professor, se o aluno “não souber” ouvir ou ler sobre o que está sendo trabalhado, mesmo que se use metodologias as mais variadas o processo não acontece.

O professor coloca que nas avaliações leva muito em consideração o que é escrito, considerando as colocações dos alunos, mas acrescenta que é necessário impor limites e ‘ditar’ ordens, às vezes agir como Cap. Nascimento ( se referindo ao filme Tropa de Elite). Fala da sala ambiente, que é melhor porque os recursos estão mais próximos, embora ainda em fase de organização, pois faltam muitos recursos, gosta do conteúdo dinâmico, e cita Neruda, em relação ao livre pensamento. Usa o livro didático, colocando que é bom porque pode pedir para antecipar leituras em casa. Usa ênfase quando me disse “ Eu gosto de ser professor”.

Gosta muito da área de Antropologia, quando estava na faculdade tendia para esta área. Se voltar a estudar gostaria que fosse na área de Antropologia, pois não se imagina 2/3 do seu dia trancado em bibliotecas, pesquisando.

**16/05/2013**

Cheguei na sala, o professor estava envolvido com avaliação de cadernos. A temática da aula começou em torno de Período Entre Guerras, através de projeção de slides. No começo da projeção se introduziu um assunto sobre uma palestra de trânsito

realizada numa ocasião anterior, onde parece que houve um enfrentamento com uma aluna e o palestrante. O professor alertou que enfrentamentos são importantes desde que haja argumento para a discussão, o que foi bem explorado ao longo da aula, o professor procurou levantar assuntos polêmicos, como sistema de saúde, para que os alunos argumentassem.

Outro tema que surge nas discussões estão ligadas a questões de gênero, muitas situações onde alunos e professor demonstram ironia aos homossexuais, mesmo que de forma ingênua, algumas imagens dos slides sugerem o assunto. Com o fim da projeção, o professor conversa com os alunos sobre a importância da leitura, uma vez que mesmo sendo a avaliação com consulta, sem leitura as coisas não funcionam, a aprendizagem não ocorre. Novamente a questão da leitura como ponto crucial no processo de aprendizagem.

### **13/06/2013**

Cheguei na escola as 10:30, a aula já estava sendo encaminhada, no momento em que entrei na sala, o professor estava ‘conversando’ com a turma, 6º ano, sobre situações de ‘stress’ dentro da sala no momento da aula, situações como: muita conversa fora de hora, atrapalhando o andamento da mesma, discussões entre os alunos, bolinhas de papel, a turma demonstrava uma atitude de atrevimento com o professor que acabou adotando uma postura autoritária, uma vez que alguns alunos reclamaram que queriam escutar as explicações, dessa forma foi necessário impor algumas regras, de forma bastante autoritária, na tentativa de combater atitudes de alunos como: provocações, reclamações de apelidos colocados por alguns, comentários desnecessários, impôs silêncio absoluto, proibição de qualquer comentário enquanto a explicação acontece.

A turma é composta de alunos com média de idade entre 12 e 14 anos, mais ou menos 30 alunos, e uma característica, em geral, de extrema agitação, eles falam o tempo todo, olham outras coisas, chamam uns aos outros tirando a atenção de quem está tentando ouvir o professor. A temática da aula é a Índia, depois do momento tenso o professor passou a desenvolver o conteúdo. Pela agitação, a turma dispersa do assunto com muita facilidade, vão perguntando outras coisas no meio da explicação, ou ao todo tempo perguntando o significado de palavras ditas pelo professor, ou escritas no livro,



demonstrando uma grande limitação no vocabulário. Dentro do possível o professor vai contornando a situação. Ao ir expondo o conteúdo, seguindo o livro didático, o professor tenta ir criando uma linha de raciocínio, procurando usar um vocabulário mais próximo da linguagem dos alunos, dando exemplos para que os alunos consigam compreender o que está sendo exposto.

Surgem questionamentos sobre a religião Hindu e sobre Buda, o professor coloca algumas explicações, mas junto a isso faz uma crítica muito grande as questões culturais que viram mercadoria, pois acabam perdendo a essência, uma vez que ao virarem produto se cria outra perspectiva sobre a cultura de um determinado povo. A turma é encaminhada a fazer atividades do livro didático, que são avaliadas, forma que o professor encontrou em controlar a realização das mesmas. No 1º tri, muitos alunos ficaram muito prejudicados em nota por não fazerem as atividades da aula.

O professor me colocou que esta fazendo uma atividade com as turmas do 5º ano a tarde, pois ele tem observado que os alunos chegam no 6º ano com uma grande dificuldade de interpretação, não sabem identificar o que se pede numa pergunta e buscar a resposta no texto, pois tem um vocabulário muito limitado pela falta de leitura.

**08/08/2013**

Ao chegar na sala, encontrei o professor aplicando uma prova, e começamos a falar da última turma onde o estive visitando, que era bastante agitada. No entanto, ele me mostrou um vídeo produzido por algumas alunas daquela turma, sobre um rito de passagem chinês, que o surpreendeu, porque dentro da lógica delas, elas conseguiram transformar o conhecimento pesquisado no vídeo, isto segundo o professor: “É aprendizagem”, superando ou ultrapassando as barreiras da teoria.

Ele ainda me mostrou um outro vídeo produzido por alunos, de um projeto de produção de documentários, pois a tarde ele desenvolve um projeto interdisciplinar com alunos de 5º ano sobre a História do RS. Os vídeos produzidos com alunos tem como objetivo levá-los a conhecer outras formas de produção do conhecimento. Ainda, o professor está desenvolvendo com os alunos um manifesto de protesto, já que nas aulas surgiu a discussão sobre os protestos dos últimos meses, onde os alunos foram colocando que acharam “legal”, partindo daí o professor passou a discutir com eles o entendimento de que protestos partem de uma organização, surgiu a ideia de

organizarem um manifesto apontando as problemáticas dentro da escola. Isso me permitiu perceber na fala do professor seu olhar sobre a situação política do país, que a ele parece uma organização de golpe, inclusive porque há uma solicitação de autorização no TSE de retorno de funcionamento da ARENA, isso traz a ele uma visão da situação do país de forma muito desconfiada.

O professor me convidou para visitá-lo a tarde na escola, e observar seu trabalho com os alunos do 5º ano, no projeto Tempo e o Vento, disse que me organizaria mas que voltaria na próxima semana, o que ele riu, e comentou ironicamente “ *não nos 6º anos*”, sobre isso conversamos sobre esta especificidade da problemática encontrada pelos professores da área que se deparam com turmas com características muito diferentes, fazendo uma interferência direta na organização do planejamento pedagógico.

Na sala dos professores ( hora do recreio) alguns comentários envolvendo a hora- atividade ( ironicamente chamada de hora-bunda) pois os professores tem que ficar na escola, nesta obrigatoriamente, de 15 em 15 dias, por exigência da mantenedora que faz a fiscalização. Esta situação tem sido motivo de polêmica em várias escolas, os professores não entendem esse horário como momento de planejamento, por outro lado existe várias questões a serem pensadas, inicialmente uma situação instituída, que embora, aconteça fora do que deveria, se um professor faz concurso de 20hs, ele tem que estar disponível para a escola todos os dias, a lei do piso determina que dos 5 dias, 3 devem ser cumpridos com alunos, ou seja, 15horas-aula, 5horas-aula de planejamento na escola, e 5horas-aula de uso do professor, isso em hora relógio soma 20hs. Entretanto, há muito tempo se instituiu que cumprido os 3 dias, os outros 2 ficariam a disposição do professor, e muitos usam para fazer carga-horária a mais, em convocações, contratos em outras escolas, inclusive particulares para complementar a renda, e por isso, este ano com a exigência da mantenedora de cumprimento da lei, muitos tiveram que alterar significativamente sua vida pessoal e financeira, e ao que parece para cumprir um horário na escola que acaba sendo pouco produtivo, porque as escolas ainda não conseguiram oferecer aos professores formação adequada para este dia e porque os próprios professores estão ali de muita má vontade.

**12/09/2013**

Hoje, acompanhei o professor a partir das 10hs, logo que falei com ele na sala dos professores, no recreio, já alertou: “ *vamos lá, mas é aquela turma medonha*”. No caminho para a sala, o professor foi me mostrando uma série de vídeos sobre Roma que pretende trabalhar com os alunos. Os alunos começaram a entrar, bastante agitados em função do recreio. Enquanto vão se acomodando, o professor começa a passar atividades no quadro, o que parece uma boa estratégia, pois os alunos ao verem o professor já em ação, vão se acomodando, pegando o material e se organizando na sala.

As atividades são sobre Roma, que o professor faz a conexão com a série Star Wars. O professor me explica que ao passar os exercícios antes, tem objetivo de acalmar a turma, mas também porque tem uma aluna que deve copiar e sair da sala para ficar na direção até que seu responsável compareça na escola, pois suas atitudes na sala passaram do limite.

Observei que o professor tem que assumir uma postura defensiva na aula, no momento de explicar o conteúdo, pois os alunos a todo tempo vão fazendo comentários, alguns pertinentes a explicação, outros comentários completamente fora do contexto, para esses o professor tem que ficar chamando a atenção, pedindo silêncio, por vezes em tom bastante ríspido.

A explicação sobre Roma, é bastante voltada a questão política, que ele reporta a algumas situações atuais. Na resolução dos exercícios os alunos ficam bastante agitados, o que deixa o professor ficar bastante irritado, eles fazem várias vezes a mesma pergunta, ou perguntam coisas fora das atividades a todo momento.

**24/10/2013**

Ao chegar na escola, passei pela portaria, as professoras que ocupam a direção e secretaria da escola me cumprimentam num sinal de reconhecimento, aviso no balcão que vou procurar um ou o outro professor aos quais acompanho, sem problema adentro o prédio, juntamente com alguns alunos que entram rápidos. Na sala dos professores, deparo-me com uma situação inusitada, grande parte da escola está sem luz devido as chuvas do dia anterior. Na penumbra, os professores iniciam seu turno de trabalho, levando a situação na ironia, não parecem preocupados, vão fazer o possível. Comentam sobre as críticas que estão recebendo, em função das atividades ligadas ao halloween, se trabalham a temática, são criticados por desenvolver elementos de outra

cultura, se não trabalham, não expandem conhecimento, mostrando-se bastante indignados, especialmente na área de artes e língua estrangeira.

Ao sinal, cada um pega seu material e vai se dirigindo a sala. O professor de História comenta sua preocupação com apresentação de seminário da 8ª série, que devem ser apresentados hoje, e estavam ligando ontem para saber o assunto, numa total demonstração de descomprometimento.

Chegamos na sala, os alunos me recebem numa clara demonstração de reconhecimento, alguns chegam comemorando a vitória do grêmio na noite anterior. Passada a euforia inicial e os enfrentamentos em função do jogo, o professor vai chamando atenção focando no seminário, ao qual, realmente, os alunos que deveriam apresentar hoje, não fizeram, diante disso o professor inicia uma fala destacando o descomprometimento com o próprio conhecimento.

É possível perceber em sua fala um desconforto em ter que cobrar dos alunos algo que, pressupõe-se está implícito no fazer do aluno, seu dever com o próprio estudo. Fica claro também, perceber que o professor se mostra muito decepcionado, já que pela conversa estabelecida, proporcionou vários momentos para que os alunos fossem se apropriando dos temas, o que parece não foi aproveitado.

O professor alerta aos alunos que não terão 2ª chance, que deverão estudar para a recuperação, coloca que o exame final não será fácil, e que dificilmente conseguirão aprovar, os alunos se manifestam criticando a postura do professor, que eles alegam não estar dando nenhum incentivo, muito pelo contrário, está os desmotivando. O professor coloca que eles não podem acusá-lo disso já que passou todo ano colaborando ao oportunizar momentos de aprendizagem. O professor bastante indignado em sua fala revela um certo ar de fracasso num dos objetivos do ensino que é despertar no aluno o gosto pelo conhecimento e o compromisso com a própria aprendizagem. Sendo alunos da 8ª série os professores sentem como se no final de tudo ( ens. Fund) não se veja o resultado do preparo esperado. Como esperar que os alunos estejam preparados para se envolver com o ensino médio, se no decorrer do fundamenta o resultado é esse? Os alunos argumentando de forma artificial o porquê das falhas, desculpas do tipo: não deu tempo, esqueci, os colegas não se organizaram, tinha muita coisa para fazer etc...

Neste momento inicia-se discussão para a organização de uma caminhada, que já vem sendo estruturada há algum tempo, onde o professor me explica que o objetivo maior é fazer um exercício prático da democracia, para isso os alunos pediram para desenvolver a temática de questionamento dos problemas estruturais da escola. O professor tem tentado envolver a secretaria de educação para receber alguns delegados desta caminhada, que irão fazer uma entrevista com o secretário. Percebo que o professor faz muitas “brincadeiras” de gênero com os meninos, alguns entram na “onda”, mas vi alguns olhares, mais tímidos e questionadores para esta “brincadeira”, nenhum aluno se manifesta criticando. O professor não percebe esses olhares, e não apresenta uma compreensão de sua postura diante de tal situação.

Os alunos sugerem a construção de cartazes para a caminhada, baseados na pauta, se organizam com material para isso, no entanto, a maioria envolvidas são as meninas, os meninos parecem meio alheios ao que está sendo organizado na sala, o professor chama-lhes atenção para que se envolvam e colaborem na construção dos cartazes.

Na produção dos cartazes, sob a supervisão do professor, vão surgindo algumas boas ideias de escrita, outras bastante limitadas. O professor explica que a direção não se mostrou muito unânime na concordância dessa atividade, justamente porque há uma espécie de divisão, um grupo de professores mais antigos que acham que lugar de aluno é na sala de aula, com a utilização de métodos mais tradicionais, então quando há uma atividade que exige uma movimentação maior dos alunos pela escola, que eles tem que tomar iniciativa de construção, pela dispersão causa um certo barulho, que para muitos professores significa bagunça, outro grupo de professor, defende uma pedagogia mais moderna, onde os alunos possam aprender de uma forma mais dinâmica, com exercícios práticos de construção.

No que diz respeito a pauta, que envolve questões internas da escola, a direção não interferiu, já que envolve problemas de recursos que não estão chegando na escola, entretanto, ao acabar a aula, a direção chamou o professor para comentar alguns tópicos da pauta, que envolve a atuação direta da direção, como a diretora puxou o professor para um canto, senti que não era para que eu participasse da conversa, me afastei, de

longe observei que a conversa foi tranquila e houve negociação para que alguns itens fossem retirados.

**21/11/2013**

Logo ao chegar na escola, me deparei com uma cena um tanto quanto interessante, na porta de entrada, a diretora “brigava” com um menino que chegava atrasado, já que passava das 8hs da manhã. Ela dizia a ele que isso não acabava nunca, que ele chegava atrasado todos os dias, que o ano letivo estava findando, e ele ainda não conseguia chegar no horário, outro dia de atraso e ele só entraria com a presença do responsável. O menino, por sua vez, adotou um ar displicente, passando a ideia que não estava se importando muito com o que a diretora dizia.

Passei por eles, ela me cumprimentou e me encaminhou para dentro da escola, a questão que se salientou é que enquanto eu entrava na escola, a diretora voltou sua atenção para uma professora e comentou em alto e bom tom, que briga com os alunos pelo atraso, mas que os professores também atrasam, uma em especial tem chegado as 8e 20m, pois está sempre cansada. Essa situação é bem complexa, já que entra uma discussão de quem pode o que. Professor pode atrasar? Aluno não? Se ao professor é permitido, mesmo a contragosto, que ele chegue e trabalhe atrasado, ao aluno não será? Qual o parâmetro para medir essa situação? Mas, sendo permitido o atraso de um deverá ser todos, e como se organiza e administra essa situação. Estabelece-se aqui uma questão de poder e postura administrativa, já que o professor chega atrasado e é autorizada sua chegada, existe uma relação que dá ao professor este poder, por outro lado entra a administração da escola, que fica numa situação difícil, já que tem que ficar chamando atenção do profissional sobre suas responsabilidades.

Ao chegar na sala, o professor estava organizando o multimídia para que os alunos apresentassem dois trabalhos. Feita a apresentação, aos quais o professor escutou e interagiu, alguns colegas se mantiveram atentos, outro estavam como que “fora do ar”. Durante a apresentação do segundo trabalho, bate a porta uma pessoa, responsável de um aluno, para falar com o professor, que vai atendê-la; os alunos mantiveram a apresentação do trabalho, mas fazendo gracinhas com os colegas que apresentavam, estes levaram a situação na esportiva, foi se estabelecendo uma algazarra. Ao entrar na sala, o professor chama atenção dos alunos quanto a isso, pois do lado de

fora se escutava toda a bagunça, inclusive a ‘mãe’ que foi falar com ele fez comentários sobre o barulho. O professor mostrou-se incomodado com isso, como se aquela algazarra fosse sua responsabilidade, mesmo ele estando do lado de fora da sala. Os alunos, por sua vez, tentaram argumentar que havia um certo exagero por parte do professor, que na visão deles, foi só uma interação com o colega que apresentava, mas se desculparam, numa atitude de simpatia com o professor. Na continuidade pediram ao professor que passasse um filme, que ele havia prometido, ele iniciou o filme ( 1984) com algumas explicações, mas que daria continuidade na próxima aula, pois hoje é horário reduzido em função de uma reunião pedagógica.

Ao sinal, os alunos saem e outra turma chega, irão fazer uma prova, alguns entram na sala falando na prova, outros com ar de quem não sabiam que teria prova, outros reclamam que não tem material, e como a prova é com consulta, o professor foi dando respostas mais ríspidas diante das reclamações dos alunos, justifica depois se dirigindo a mim, de que é preciso endurecer num primeiro momento, para que os alunos sintam que não vão conseguir resolver os problemas reclamando, e que é preciso que eles se organizem para a escola, que são coisas que eles não fazem pois vem sem material para aula, e mesmo sabendo da avaliação não organizam suas coisas, por isso chegam reclamando para que o professor resolva seus problemas de organização.

Um aluna começou a chorar, sentada no lugar, o professor a ignora, acaba sendo uma cena cômica, pois ela o observa e chora, numa tentativa de comover o professor, o que não ocorre, um colega se oferece para emprestar o material a ela, o professor autoriza, depois de falar com todos sobre responsabilidade em relação ao material.

Chamou atenção o fato de que diante da autorização do professor, a menina parou imediatamente de chorar, realizou a prova, entregou e passou a “perturbar” a sala, levantando do lugar todo momento sem autorização, virando para falar com a colega, numa mudança completa em relação ao início da aula. Isso reflete uma tentativa de manipulação, onde a aluna tenta usar as emoções para conseguir fazer valer a sua vontade. O professor por sua vez usa de um endurecimento emocional, fazendo coerção, na tentativa, também, de fazer com que sua vontade seja cumprida na turma, bem como sua intencionalidade pedagógica.

No decorrer da aula, entra uma professora com um cartão de aniversário para ser assinado, no primeiro momento ela não se impactou com a minha presença, inclusive achando ser eu a professora da turma, quando o professor chega por trás dela, ela se assusta e se dá por conta do engano. Percebi que, ela ficou meio sem jeito em falar do cartão na minha frente, o que me alertou para o fato de que o horário estava sendo reduzido, não por reunião pedagógica, mas porque haveria uma confraternização. Os alunos foram terminando a prova, foram entregando e a aula se encaminhando para o fim, dado o sinal, os alunos saem muito rapidamente, ajudo o professor a organizar material, nos dirigimos a sala dos professores, lá todos os outros estavam guardando seu material, e um membro da direção chama-os para o refeitório, confirmando o que pensei, como não recebi um convite para acompanhá-los, me despedi.

**28/11/2013**

Ao chegar na escola percebi alguns olhares de estranheza dos professores que se encontravam na sala dos professores, lugar para a qual quase sempre sou encaminhada quando chego. Ao me aproximar do professor de História, este me cumprimentou e questionou minha presença, explicando que a escola estava com horário diferenciado de atendimento, já que estava findando o ano letivo, e acontecendo as aulas de atendimento de recuperação para os exames, que as turmas estavam misturadas em função disso, o horário era outro, numa clara demonstração de que a partir daquele momento minha presença não seria a melhor, pois a escola estava num outro ritmo, desta forma, acabei me despedindo, o professor bastante solícito disse que me aguardava no próximo ano para darmos continuidade aos acompanhamentos.

Ao sair da sala, fui dar uma volta pela escola, momento pelo qual era clara uma movimentação diferenciada, alunos nas salas, entrando, saindo, alguns grupos sentados por lá, e cá, alguns trocando material, fui me aproximando de um grupo com rostos conhecidos dos acompanhamentos e perguntei por que não estavam em aula, ao que eles responderam num desabafo, as aulas acabaram, mas quem não passou por média estava tendo atendimento para tirar dúvidas para os exames, e que eles estavam aguardando horário da aula, e trocando material entre eles, já que a maioria dos exames são organizados pelas provas do ano, e pelo conteúdo do caderno, em tom de deboche,



alguns disseram: “ *daí né sora tem que pegar material dos colegas que tem caderno completo, porque quem fica em exame, não tem nem caderno.*”

Uma das meninas perguntou se terminei meu trabalho com o professor de História, eu disse que não que continuaria no ano seguinte, pois meu curso ainda não tinha terminado, nem minha pesquisa, novamente em tom irônico, um deles que escutou minha resposta respondeu: “ *Credo, eu que não queria fazer um trabalho que fica de um ano para o outro, deve ser um saco, ficar mais de um ano no mesmo curso.*” Perguntou: “ *Mas tu já não é professora?*” Eu disse que sim, mas que estava me especializando, para melhorar meu trabalho. Isso causou olhar de estranheza em alguns, risinhos em outros e falta de interesse em outros. Diante da situação, já que deixei de ser interesse naquele momento, me despedi e me retirei.

Passei pela direção da escola, agradei a colaboração pela abertura das portas da escola para o trabalho, muito atarefadas com papelada, apenas me questionaram se havia terminado a pesquisa, quando respondi que não e continuaria no próximo ano caso não houvesse problemas, a diretora respondeu que sem problemas, e me aguardariam, se despediram, mais nada me questionaram e voltaram suas atenções ao que estavam fazendo. Senti neste momento um certo olhar de: “ *Nem sei o que tu está fazendo mesmo*”, e um clima de ansiedade pelas férias escolares, há um cansaço no ar, muitos professores e alunos num clima de contagem regressiva, aguardando o momento do descompromisso.

**08/05/2014**

Quando estive nesta escola para visitar a outra professora, este colega ao me ver logo me chamou atenção questionando se eu o tinha abandonado, em tom de brincadeira ‘exigiu’ meu acompanhamento, pois nas palavras dele : “ *gosto da ideia de fazer parte de uma pesquisa.*”

Hoje, ao chegar na escola, logo após ser dado o sinal, deparei-me com 5 alunos na janela-balcão da secretaria dando explicações sobre o atraso e sendo chamados atenção quanto a isso, além de estarem levando uma notificação ao responsável. Após avisar a direção me dirige em busca do professor, a escola encontra-se com uma aparência externa feia, pintura descascada, grama alta ao redor dos prédios, uma certa falta de manutenção. Encontrei-o na sala de informática, com uma turma de 6º ano, já

encaminhando um trabalho de pesquisa nos computadores. Os alunos estavam em grupos, aparentemente animados e envolvidos com o trabalho. O professor logo me convidou a entrar, me posicionei num cantinho da sala, e o mesmo continuo a dar os encaminhamentos ao trabalho.

A todo momento o professor se dirigia a mim, numa ânsia de conversar, sobre questões ligadas ao assunto da aula. Quando o questionei o que o levava a desenvolver este tipo de trabalho, ele colocou que: *“ com o pouco tempo de sala de aula, tive de encontrar um meio de construir conhecimento com os estudantes, tarefa que é árdua, e com essa nova realidade, a tecnologia da informação que chegou, e chegou para ficar, a academia não nos preparou para isso. Prepara bons profissionais de pesquisa, mas peca quando temos que transferir esse conhecimento para a sala de aula, para alunos do ensino fundamental e médio, no que tange a realidade do dia-a-dia do profissional docente de História.*

A sala de informática é bem agradável, uma média de 18 computadores conectados à internet, bem distribuídos, possui ainda, armários, ar condicionado, impressoras, alguns banners com trabalho de alunos, de outros anos, alguns avisos nas paredes.

Alguns alunos começaram a questionar o professor sobre o sistema operacional das máquinas: Linux, reclamando, já que tem funcionamento um pouco diferente dos sistemas utilizada em seus computadores em casa, o professor tenta mostrar qual a lógica do uso deste sistema em espaços públicos.

No decorrer da aula, foi possível observar que apesar de entusiasmo dos alunos, vários problemas foram surgindo causando prejuízo na motivação inicial: máquina travando, internet lenta, dificuldade no uso do sistema, essa demora de resposta foi deixando alguns alunos bastante agitados, já que eles foram perdendo o foco da aula, prejudicada pela questão de estrutura. De qualquer forma, o professor passou a todo momento dando atendimento individualizado aos grupos e orientando para organização do trabalho, por vezes, vinha a mim comentando sobre os grupos, traçando perfis dos alunos, pois já os conhecia dos projetos que desenvolvia com o 5º ano em 2013, chegaram em 2014, no 6º ano de acordo com a percepção do professor com um preparo um pouco melhor para entender determinados conceitos, bem como entender a

condução da aula por ele, já que, de acordo com suas palavras: *“como profissional devemos estar preparados para ensinar o aluno a filtrar, digo isso, em função do excesso de informação que este tem acesso (não quer dizer que ele utilize) através da internet, ele por vezes não sabe em que se basear. Às vezes vejo que eles trazem questionamentos sobre temas ligados a História Antiga e sobre temas mais polêmicos como a questão da ditadura militar no Brasil, e me perguntam “é verdade professor?” Cabe a mim então retrucá-los com outra pergunta em relação as fontes, algo como “o que é isso? Quem escreveu? De qual site tirastes esta informação?” isso nos faz cada vez mais pensar na formação de um profissional que busque um ensino visando a formação de um estudante com um pensamento mais histórico, ou seja, que seja capaz de se inserir no tempo e no espaço e que tenha discernimento sobre a própria realidade como fruto de um passado que chega até eles através das fontes as mais variadas.*

Por isso ele acrescenta que acha que uma gestão democrática, deve permitir que se faça ações para dar passos maiores em relação aos estudantes, com atividades que ajudem sua caminhada escolar, e, às vezes encontra certa resistência neste sentido.

O professor me explicou que este ano entrou no projeto PIBID da universidade e que aos poucos está se apropriando desse projeto, como a outra professora de História da escola já era do projeto eles tem se aproximado bastante no sentido de se integrarem com o trabalho na escola, mas isto gera um pouco de desconforto com alguns colegas e direção, porque eles enxergam nesta integração uma força política que pode ser ameaçadora em ano de eleição para direção da escola, o que para ele é uma grande bobagem.

Coloca que ingressou no projeto por questões financeiras, já que recebe uma bolsa, e porque isso dará possibilidade de melhorar sua formação, diz: *“depois que nos formamos ficamos longe da academia, vamos nos preocupando com questões mais gerais dentro da escola e a formação vai ficando ultrapassada.”* Tem pensado muito nas variáveis do ensino de História e tem procurado dar mais ênfase a parte mais antropológica, como religião e cultura, saindo do velho eixo “economia-política”. Diz: *tenho procurado refletir sobre a minha prática. Sempre procuro aperfeiçoá-la, mas o grande inimigo é o tempo. Então, quando o ano termina, as ideias estão na cabeça e tento aplicá-las no ano seguinte. O que complica a educação hoje é que educação virou*

*estatística. Isso me incomoda, e isso interfere nos processos quando a escola tem metas, como um nível de aprovação que é necessário para atingirmos o que prevê o IDEB. Enquanto isso perdurar, o que já vem se arrastando há algum tempo, não teremos atingido nossos objetivos como educadores.*

Questionado sobre que outras dificuldades ele encontra para alcançar esses objetivos, ele responde: *“certa vez comentei que “hay que endurecer, sin perder la ternura”, o aluno chega “zerado” nesse sentido, e ele vê a escola como um playground por vezes. Então lá vamos nós indicar que por mais prazeroso que seja o lugar, ainda é uma escola, e é local de aprendizagem e deve ser respeitado como tal. Mesmo assim, a esmagadora maioria gosta dos professores e tem boa relação com os colegas, mesmo que se por vezes “endureça”.*”

#### **ESCOLA 4 – Professora D**

**Professora formada em 2011**

**Trabalha na rede pública desde 2013– 20hs**

**26/04/2013**

Ao chegar na escola me deparei com um número bastante reduzido de alunos, pois estava um dia chuvoso. A professora iniciou a conversa falando dela mesma. Entrou no magistério por concurso público de 20hs em 2013, ao assumir não aceitou

mais horas de trabalho porque tem um bebezinho, e quando entrou pensou em manter as 20hs para juntar dinheiro, e no futuro fundar uma escola, prefere ficar mais com o filho e preparar as aulas, já constatou que juntar dinheiro não será possível, conclusão que me expôs de forma irônica.

Em suas aulas, a professora coloca que procura não forçar os alunos a fazer as atividades, faz por negociação. Gosta de trabalhar com slides. Procura resolver os problemas sem interferência da direção. Faz feedback no início do ano, em relação ao ano anterior, mas percebe um imenso problema em relação a memória, pois é mais fácil as pessoas lembrarem da roupa que o outro está usando do que aquilo que ele fala, também gosta de dar aula expositiva, usa a velha fórmula: professor, quadro, giz.

Em tom de desabafo, ela coloca que ao assumir um concurso, a situação do futuro professor é bastante complicada, quando se apresenta na mantenedora, é colocada em qualquer canto, os conteúdos são apresentados com pouco planejamento, e acaba tomando conhecimento de todo funcionamento e conteúdos no dia da primeira reunião, logo no início do ano. A professora levanta aqui a questão do tempo em educação, onde tudo é pré-determinado, os dias, as horas-aulas, a carga horária, tudo tem que acontecer neste tempo, e sem o tempo para se planejar, ocorre aqui uma grande incoerência do que se exige como resultados na educação e o que se oferece para isso em termos burocráticos.

Ao falar de sua prática, se coloca adapta da pedagogia libertária, mas identifica que o papel da escola hoje é mais no sentido de docilizar as pessoas do que compreender a história, se prepara para que as pessoas trabalhem em empresas e consigam cumprir suas funções, ter disciplina. Coloca que entrou para o curso de História por influência da família que lê muito e acabou despertando nela o gosto pelo conhecimento. Pelo fato da professora ser bastante jovem, tanto em idade quanto na carreira, surpreende ela ter um olhar tão fechado para a escola, ou já ter esse olhar, parece que o sistema já vem ‘engolindo’ o olhar puro desta professora, e ela mesmo sendo docilizada para pensar desta forma..

Identifica que a família tem grande influência na educação dos filhos em relação a escola. Gosta de usar o livro didático, mas também trabalha com autonomia em relação a ela mesma e ao aluno, considera que quanto maior for o aluno, menor a

autoridade sobre, embora as alunos não façam as “coisas” se não for por imposição, ela entende que isso se dá pela questão do controle ( oprimido/opressor), fala: *jogo duplo deles*. Ao mesmo tempo, eles ( os alunos ) também querem segurança do professor, tipo controlar quem atrapalha a aula. “*Sou professora para ser o que nunca tive quando estava na escola*”. Trabalhei em cursinho pré-vestibular, em São José do Norte, de graça, era outra coisa porque os alunos se sentem mais motivados.

Durante o estágio, trabalhou muito com a pedagogia libertária, mas na prática viu que não é bem assim, pois os alunos não dão importância já que ‘sempre foi assim’, não fazem se o professor não ficar em cima. Aula com debate nem pensar, os alunos preferem aula expositiva, a velha fórmula ainda funciona. Usa email coletivo para que os alunos acessem material que ela disponibiliza. Gosta de atividades com informações atuais, mas observa que os alunos tem bastante dificuldade de lidar com essas informações na escola. Usar o laboratório de informática é muito difícil os alunos ficam incontroláveis (alguns). Ao mesmo tempo que a professora fala em pedagogia libertária, ela confirma que a velha fórmula ainda funciona?

Me parece que pela professora ter pouca idade ( é bem jovem) os alunos sentem-se bem a vontade com ela, mas não prestam muita atenção em sua fala, muitos com fone de ouvi, conversas colaterais ou olhares vagos, e outras interagem com ela.

Professora diz: “*Trabalhar com memória hoje em dia é bastante complicado, é mais fácil as pessoas lembrarem a roupa que tu está usando do que aquilo que tu fala.*”

### **16/08/2013**

Ao chegar a escola, a professora me recebeu muito alegre, logo anunciando que seria minha colega no mestrado, pois havia passado na seleção, enquanto me conta, a professora vai montando um equipamento multimídia para iniciar a aula, os alunos em nº bem reduzido aguardavam; um grupo de meninas estavam olhando fotos antigas de família, a professora olha para elas e diz: “*Viu como vocês gostam de História?*” *As meninas respondem: “ A gente gosta da nossa História*”. Numa atitude bastante petulante, algumas olhavam bijouterias. A professora explicou a eles que iria fazer uma

revisão de conteúdo para a prova, para isso usaria algumas imagens, ao que as meninas colocaram : “ *Isso não dá certo, esse negócio de imagem é muito difícil.*” A professora respondeu a elas que faltava um pouco de boa vontade delas, pois para elas nada dava certo.

Quando iniciou a projeção, algumas meninas começaram a prestar atenção, mas outras permaneceram olhando fotos e bijouterias.

As imagens eram de revistas e jornais de época, 2º reinado no Brasil, onde a professora destaca questões relacionadas ao corpo, a mulher, ao escravo, fazendo referência a História do quilombo do negro Lucas em Rio Grande, também começa a projetar imagens da cidade.

Destaca que as charges do período retratado muitas vezes eram mais críticas do que as charges que se tem hoje. Ela se refere bastante a autores historiadores como Margarete Rago e José Murilo de Carvalho. A professora faz muita referência a história da cidade através de imagens.

Trocamos de turma, onde a professora daria continuidade na projeção de um filme. As dificuldades desta troca mostram os problemas de logística que se passa na intenção de usar materiais multimídia, uma vez que para o 1º horário a professora buscou o data-show, cabos, montou, desmontou, e para o 2º período novamente foi necessário entregar o 1º material e pegar outro, montar para a projeção, nestas problemáticas, um tempo de aula é bastante desperdiçado.

O filme é Vida e morte Severino, o qual os alunos, para minha surpresa, pediram para projetar desde o início e a grande maioria estava prestando atenção, foi necessário utilizar o horário da aula de sociologia, há um acordo entre as duas professoras quando uma necessita mais espaço, a outra cede e elas procuram trabalhar em conjunto.

Na sala dos professores, no horário do recreio, os professores comentavam sobre a indisciplina de alguns alunos, em especial do ensino fundamental, citando casos na forma como eles se comportam com as professoras e entre eles, usando palavrões e atitudes de má educação e enfrentamento.

A professora começou a conversar comigo colocando as restrições dela em relação a imposição de autoridade, que para ela é uma forma de exercício de poder, ela

acha que respeito se conquista através do diálogo, embora em alguns momentos ela se segura para não colocá-los para fora da sala. Além disso, ela fala muita na questão do gosto de estar na escola com os alunos, pois ela admira que muitos deles vem de longe, de comunidades carentes, e vem para escola, mesmo que para fazer esse enfrentamento.

Entra na sala uma funcionária da limpeza e começou a conversar conosco, colocando suas ideias em relação a educação Ambiental, pois ela e a professora já tem um projeto em andamento. Essa funcionária coloca que não pode mais ver a escola onde os alunos tem que ficar trancados na sala, que eles se oferecem inclusive para ajudá-la para ficar fora da sala, e muitos tem grande interesse em participar de atividades no pátio, a ideia da horta anima a todos, a professora coloca que tudo é bem difícil de se efetivar, recursos materiais, apoio pedagógico, vão impondo barreiras ao projeto.

**18/10/2013**

Ao chegar na escola, encontrei com a professora na sala dos professores, que foi me recepcionando logo avisando que está com estagiária em uma turma, convidou-me a conversar ali na sala, entretanto, quando estávamos nos acomodando foi abordada pela supervisora que lhe solicitou que desse uma aula em uma turma, que não seria sua naquele dia, mas havia faltado um professor e, já que esta professora teria que repor as aulas perdidas durante a greve podia aproveitar o momento.

A professora concorda meio a contragosto, nos dirigimos para a sala indicada, a professora esclarece que, na verdade ela já fez a reposição da carga horária, mas acaba acontecendo que toda vez que falta alguém, e ela estando com estagiária solicitam que assuma a turma, ela concorda, para não fazer caso. Ao entrarmos na sala, as alunas cumprimentam a professora com bastante simpatia e a mim dão um olhar de estranhamento.

As alunas, solicitam que a professora permita que elas terminem um trabalho de espanhol, a mesma concordou, alega que não gosta de impor uma situação de aula que não estava prevista, pois esta turma não teria aula de história neste dia, nem caderno eles trouxeram, nem ela, a professora, tem material preparado para eles. No fim das contas, a professora só ficou os acompanhando.

Na continuação, a professora foi me colocando situações do mestrado, que também está cursando, bastante insatisfeita com alguns pontos, primeiramente em



função de muitos alunos especiais que não são professores e fazem colocações descabidas na aula, fora da realidade escolar, também, por problemas de falta de orientação, ainda associada a isso as dificuldades na escola, em função da greve que acabou travando alguns projetos, pois os professores que não aderiram não deram atenção, e tudo ficou suspenso.

As alunas, se dirigem a professora, questionando minha presença, que me pediu que explicasse. Ao colocar sobre a proposta da pesquisa, as alunas brincam identificando a professora como “*doida, muito doida*”, numa clara relação de intimidade. Satisfeitas com minha explicação, começam a indagar a professora sobre questões ligadas aos conceitos da avaliação.

Durante o esclarecimento, uma aluna levantou-se, saiu da sala, um aluno avisa do acontecido, a professora acha engraçado, e a mesma aluna volta acompanhada da supervisora que chama na porta o mesmo aluno que a delatou, parece que uma situação de conflito está posta, mas que não chegou na professora, o problema resolve-se lá do lado de fora da sala, aqui dentro a professora fica alheia, e fica dando atenção individualizada no esclarecimento de dúvidas sobre a avaliação.

Se dirigindo onde eu estava ela continua se referindo ao mestrado, que tem mexido bastante com ela, no sentido de pensar questões relacionadas ao ensino, especialmente sobre teoria, o que ela gosta muito e tem procurado dar uma ênfase maior nisso nas aulas.

É dado o sinal, nos despedimos, e nos dirigimos a outra turma, que ainda encontrava-se na aula de matemática, aguardamos o encerramento e a saída da professora do lado de fora da sala, enquanto isso a professora vai esclarecendo que para essa turma preparou um texto escrito, pois eles pedem conteúdo escrito, precisam de material no caderno, pois só as discussões não dão conta da aprendizagem já que muitas vezes eles não prestam atenção, e sem conteúdo no caderno, não tem segurança nas avaliações, eles são muito presos nesta forma de aprendizagem o que se justifica, uma vez que sempre estudaram assim.

Entramos na sala, e logo foi sendo discutido questões de avaliação e recuperação não feita por alguns, e colocações da professora alertando ao fato de que muitos alunos dessa turma não compareceram nas aulas de recuperação da greve, que aconteceram a

tarde. Ao propor o texto no quadro, muitos alunos reclamaram que não queriam escrever, neste ponto, a professora diz que eles reclamam que não tem conteúdo no caderno, quando ela traz, eles reclamam, fica um jogo de empurra. Ao lembrar sobre o conteúdo, alguns alunos se manifestaram fazendo colocações e se organizando para copiar o texto, que é um resumo do que foi explicado nas aulas que eles não vieram.

Enquanto a professora passa o texto no quadro, inicia-se entre um grupo de alunos uma discussão sobre religião, a qual a professora incentiva, faz questionamentos, as colocações das alunas demonstram um conhecimento do assunto e uma postura crítica sobre religião.

**29/11/2013**

Ao chegar na escola, encontrei com a professora na sala do professores, junto a outras professoras aguardando a supervisora para reunião do conselho de classe. Cumprimentei a todas, perguntei a professora se não haveria problema de me juntar a reunião, ela respondeu que achava não ter problema. Perguntei a supervisora que vinha chegando, que também respondeu sem problemas. Fomos para a biblioteca, os outros professores me lançaram um olhar questionador, diante disso expliquei minha presença, (de forma bem resumida para que não houvesse um constrangimento em acharem que estavam sendo fiscalizados, observados etc..., digo isso porque entendo que um elemento estranho sempre é um foco de críticas, quando alguma coisa não está conforme propostas educativas, ou seja, quando acontecem coisas na escola que vão além das questões pedagógicas, posturas de alunos e professores, desentendimentos, aulas facilmente identificadas como sendo sem planejamento, medidas para organizar a escola que vão além da regras estabelecidas: dias registrados sem aula, horários reduzidos, folgas extras) . Os professores reagiram tranquilamente diante do pequeno comentário que fiz sobre a pesquisa, uma delas disse sorrindo: “ *bem-vinda ao nosso louqueiro*”.

Inicia uma conversa sobre idades, em que todos se envolvem, fazendo as comparações nas diferenças de idade entre os que ali se encontravam, 6 professoras, destas 3 bastante jovens ( em torno de 24/25 anos), e os outros em torno dos 45 anos, brincadeiras se colocam. Neste clima de descontração, a professora de história me coloca que adquiriu um sítio no Chuí, e que pretende se remanejar para lá, isso vai lhe

causar um problema em relação ao mestrado que ela faz, mas que talvez, neste momento o acerto da sua vida pessoal seja mais importante que a profissional.

A reunião começa, com avisos sobre a reorganização da grade curricular do ensino médio, nº de aulas em cada disciplina, as discussões giram em torno da quantidade para conseguir dar conta dos conteúdos, em todas as disciplinas. A professora de Física, reclama que dessa forma é muito difícil ‘vencer’ o conteúdo. A supervisora se desculpa, mas lhe chama atenção pelo fato dela tirar licenças todos os anos, por isso o conteúdo fica prejudicado, ao que a professora rebate, que quando ela tira licença, depois repõe as aulas em outros horários e mesmo assim não é possível. A discussão da carga horária contínua, a professora de História pouco se manifesta em relação a isso. Feitas as sugestões, se reorganiza o nº de aulas para cada disciplina, esclarecendo que a orientação da 18ª CRE é que o ensino religioso passe a ser optativo, e os alunos trabalharão por grupos de interesse. Dando continuidade, a supervisora lê os pareceres feitos pelos alunos sobre eles mesmos, e a organização da escola quanto as datas das provas. Sobre as colocações, os alunos colocam que os professores precisam ser mais rígidos na cobrança de prazos, reclamam das faltas dos professores, que pouco se manifestam durante a leitura.

Após essa, com a saída da supervisora para resolver um problema com a direção, passaram então a expor suas impressões sobre os pareceres, colocando que os alunos são incoerentes pois quando os professores são mais rígidos, eles reclamam, chamando-as de ‘chatas’, porque a professora está sendo muito exigente, especialmente alguns alunos. A professora de história diz que eles reclamam quando ela é mais rígida, e ela se diz bem tolerante quanto aos prazos. A supervisora retorna, fica escutando, e diz: - *Vamos refletir: como os professores podem exigir cumprimento de prazos dos alunos, quando não conseguem eles mesmos serem responsáveis com prazos?* A própria professora de História diz se atrapalhar com tanta burocracia a ser cumprida, a supervisora pede que os professores questionem e reflitam sobre a caminhada de cada um.

Passa ao questionamento, do que os professores teriam para colocar sobre cada turma. A professora de História coloca assim sobre uma turma em especial: - *Quando eu comecei o ano, achava que eles seriam ótimos no decorrer do ano, mas isso se*

*dissipou, já que cada vez que se propõe um trabalho diferenciado, eles não reagem bem, não aderem as propostas. São bastante críticos, mas não é uma crítica construtiva, pois eles não tem argumento para embasar suas falas.*

Neste momento, entra a vice-diretora para pensar com os professores sobre a organização da segunda-feira, e a própria manhã de hoje, que está muito agitada, pois está tudo muito confuso, já que o ano letivo está se encerrando, os alunos querem as notas para não virem mais a aula, mas existe uma tentativa da escola para que não aja um esvaziamento da escola antes do encerramento do ano letivo. A supervisora, visivelmente chateada, reclama que este espaço de reunião foi solicitado há duas semanas, e que a direção tinha por obrigação ter organizado, e que ela não concorda com a saída de professores da reunião para a sala de aula, muito a contragosto a vice-diretora saiu, dizendo que teria que dispensar alunos. Aqui, claramente se identifica um impasse entre o administrativo e o pedagógico, pois o primeiro precisa manter a escola funcionando com aula, e o segundo, neste momento está preocupado com questões ligadas a própria forma como as aulas estão funcionando e as relações que estão estabelecidas entre professores e alunos.

Deu-se continuidade a discussão sobre uma das turmas, em relação a questão das ‘colas’, que são extremamente exageradas, e que os alunos alegam assim, fala de uma das professoras: - *Professora, o que a senhora considera cola, nós consideramos lembretes.* Além disso, a turma brinca muito na aula, e são brincadeiras preconceituosas ( racistas e sócio-econômicas), através de uma disputa de que mora no bairro X, que melhor de quem mora no bairro Y, na visão deles mesmos.

Um dos professores bastante zangados diz que diante de algumas reclamações descabidas, chama atenção deles, usando a seguinte expressão; “ *Onde já se viu o poste fazendo xixi no cachorro?*”, e argumenta que os alunos não tem limites do respeito ao próximo. Não sabem ter uma relação de iguais. Me chama atenção do próprio professor usar com os alunos uma expressão que nada tem de iguais, pois se coloca numa posição de superioridade.

Os professores dizem que tem muita dificuldade de trabalhar com essa turma, eles falam demais, tem que chamar atenção a todo o tempo para diminuir as conversas. Falam em alunos ‘da frente e os de trás’, que tem uma divisão muito grande na turma.

Se fala muito que é necessário trabalhar com autoridade, não com autoritarismo, já que alguns alunos adotam uma postura de autoritarismo com os outros, ‘os da frente com os de trás’, mas as da frente apesar desta postura, são dedicadas aos estudos, ao se chega a um consenso, são desabafos do grupo.

Passando a outra turma discutiu-se a questão do uso do celular na sala, enfatizou-se que a professora que permite que o aluno use o celular na sala de aula, está burlando a lei, portanto está sendo conivente com isso. Os professores colocam que muitas vezes ignoram para não ter que ficar se incomodando, a todo momento ter que mandar desligar é complicado, pois perde-se um tempo precioso da aula, reclamando de celulares. Situação um pouco complicada de se resolver. Os professores tem olhares diferenciados em relação a algumas turmas e algumas situações, mas não um enfrentamento de ideias. A supervisão coloca que é importante a adoção de uma postura mais unânime em relação aos alunos ( celular, fones...). Usa como exemplo o uso do boné, que foi permitido aos poucos por um, e outro professor, no fim teve que ser autorizado, já que ninguém segurou a ‘onda’ da proibição, e que todo mundo sabe do prejuízo que isso causa. Houve concordância com a afirmativa, mas não houve manifestação no sentido de discutir que tipo de prejuízo, me parece que fica um constrangimento em levantar discussões mais aprofundadas que possam ferir que questões anteriormente estabelecidas.

Na continuidade, discutiu-se prazos de entrega de material: planilhas, notas, polígrafos etc..., para isso elas terão alguns dias para fazer, mas tem que ser feito na escola, e os professores terão que trazer seus computadores para a escola. Uma das professoras reclama, já que costuma fazer tudo em casa. É explicado pela supervisão que a direção deixou claro: nestes dias os alunos serão dispensados, mas os professores não. Na organização do material para o ‘tal’ polígrafo é necessário relacionar o objetivo com as atividades, então é preciso que o professor tenha o objetivo bem claro para relacionar com a atividade que deve ser coerente, com aplicabilidade prática no cotidiano, os professores parecem sentir-se pressionados com essas questões burocráticas a serem cumpridas, e fiscalizados em seus fazeres, e suas práticas educativas.

Acrescenta-se que as cobranças para os alunos não podem ser feitas de forma interdisciplinar se os professores não trabalham dessa forma, por isso é necessário que essa prática comece a ser desenvolvida na escola. Novamente, outra interferência, para arrecadar colaboração para comprar um presente pelo dia da orientadora. Muitas vezes ocorreram interrupções.

De volta a reunião, enquanto transcorria a passagem de aluno a aluno para saber dos conceitos de cada um, a professora de História organizava seu material, preenchia planilhas, fazia listagem de alunos em recuperação, envolvida numa ‘montanha’ de papéis. Percebi que quando algum aluno apresenta resultado negativo, uma ou outra professora exclama: “ *ah, mas eu gosto tanto dele*”, como se isso tivesse relação com aprendizagem e o desempenho daquele aluno.

Sobre um aluno que foi o viajar com o pai para o Maranhão, e não encerrou o trimestre, mas foi com a autorização da direção, se estabelece um problema, pois mesmo ele estando aprovado pelos conceitos tirados anteriormente, não poderá avançar para o próximo ano, já que isso abrirá um precedente para situações semelhantes em outros anos, e possíveis cobranças de outros alunos, ao longo do próximo ano. Aparece aqui uma preocupação com o olhar dos alunos sobre o trabalho e postura dos professores em relação a questões pessoais de alunos.

Duas horas e trinta minutos depois, os professores se dão por conta que ainda tem muitos alunos para passarem os conceitos e o tempo está passando diante de tantas especificidades a serem tratadas. Outra questão que se salienta é em relação a frequência dos alunos, e a necessidade do professor ter que ficar atento ao grande número de faltas de alguns alunos, pois não podem deixar tanto tempo sem comunicar a direção, já que existe um trâmite burocrático para fazer o resgate desse aluno junto a família, com atuação do conselho tutelar que deve ser comunicado quando essas faltas extrapolam os limites. Então, é de responsabilidade do professor e da escola ver e saber se um aluno está vindo ou não a aula, e ‘cutucar’ a família sobre isso.

Novamente, voltam-se as atenções para os conceitos dos alunos e assim permanece até o término, uma ânsia para terminar se estabelece, os professores pouco voltam a fazer comentários, terminada esta etapa, a reunião é dada por encerrada, até o próximo conselho que acontecerá num outro dia para novas discussões, agradeço, me

despedi. Sob o tom de brincadeira, alguns professores questionaram o tanto que eu escrevi, ao que eu respondi se gostariam de ler, todos brincaram, colocando que não era necessário, já que o que acompanhei não deveria ser diferente daquilo que eu mesma vivia na minha escola, pois o trabalho de professor é todo igual, “ *cheios de problemas*”.

A professora de História se volta para mim, se despedindo pois provavelmente não a verei novamente, visto sua ida para o Chuí, agradei sua participação desejando-lhe sorte na nova empreitada.

Fui a direção, com a intenção de me despedir, agradecer e solicitar retorno no próximo ano, com o outro professor, a direção colocou que sem problema e me aguardavam, sem mais comentários. Saí.

O clima na escola era calmo, poucos alunos circulando, visto o adiantado da hora, alguns procurando professores, querendo saber notas, a direção todo tempo dizendo que ainda tinha aulas na próxima semana, que eles não estavam de férias, não estavam dispensados, muitos reclamando que os professores já não estão dando nada de ‘matéria nova’, que agora eram só as recuperações para quem ficou, que tudo era uma enrolação, saindo indignados.

Diante desses desabafos, eu ali parada, a diretora se virá e me pergunta, - *Na tua escola é assim também? Eles não entendem que não podemos dispensá-los sem encerrar o ano letivo, se fizermos isso e a CRE fica sabendo dá uma confusão, temos dias letivos pra cumprir, né?* E sai conversando com uma colega, me deixando ali sem ter tempo de responder.

Na frente da escola, um bom número de alunos, em grupos, conversando, rindo, alguns se despedindo.

**2014** – a professora foi embora, pediu transferência para outra cidade.

**ESCOLA 5 – Professor E****Trabalha 60hs em sala de aula**

Ceguei na escola, o professor está acomodado junto com os alunos numa sala improvisada na quadra da escola, pois a mesma encontra-se em obras, a turma já está trabalhando e o professor foi fazendo algumas observações: ele coloca que procura trabalhar com avaliações variadas, com atividades à distância, em aula, prova. Usa interpretação de texto, mas que é muito difícil, pois eles tem muita dificuldade de



compreensão na leitura, inclusive eles ( os alunos ) pedem questionários para estudar.

Sobre formação: o professor coloca muito as questões familiares, já que a esposa também é professora, mas de matemática, focou muito nas dificuldades dela em função de uma doença, por isso um certo “ entrave” na formação dele.

Sobre conteúdo: procura trazer assuntos que despertem o gosto deles pela aprendizagem, questões da vida íntima, do cotidiano, da religião que geram discussões polêmicas. Colocou ainda que gosta de trabalhar com grupos áuricos. Mas pela dificuldade de carga horária e pelo atual deslocamento de não estar na sala de aula, tem sido bem difícil. Também gosta de trabalhar com produção de vídeo, já teve experiência de sucesso em outros anos.

**28/06/2013**

Após grande período de intervalo entre a 1ª visita e a 2ª, o professor continua dando aula no ginásio, em função da obra na escola. Cheguei as 8:30, a turma já estava desenvolvendo uma atividade que o professor estava acompanhando de classe em classe. Me informou que o horário era reduzido em função do pagamento. O professor está realizando uma atividade com produção de documentário sobre a escola. Ele acha que aula fica mais dinâmica, os alunos se interessam mais, entretanto não é possível realizar com qualquer turma, uma vez que por envolver manipulação de materiais ( câmeras) e pelo fato de buscarem contatos com outros sujeitos é necessário organização e disciplina, por isso não é possível com qualquer turma, a temática do documentário será a “escola”. Após este período, o professor terá um horário vago.

Neste pequeno intervalo a conversa girou em torno de produção, onde ele me colocou que, usa a prática com os alunos ( as atividades que realiza) e escreve sobre elas, para vez ou outra, apresentar em algum evento, como em Santa Maria, sobre investigação na escola. Também me explicou que se inseriu no PIBID da FURG, pois foi procurado por acadêmicos de História, que já participam do projeto com outra professora na escola estadual, com a saída dela eles solicitaram a este que se envolvesse no projeto, ele aceitou e está gostando da proposta, embora ainda esteja em fase de conhecimento.

A conversa entrou no âmbito da hora-atividade, que o professor considera interessante, mas desde que tenha um foco, uma vez que acaba não sendo muito

produtiva, pois o professor tem que se deslocar para a escola, e acaba que se dispersa. Nesta escola, não necessita esta obrigatoriamente toda semana, e a supervisão procura direcionar, mas na outra, é necessário presença obrigatória, sem um foco de trabalho, muito improdutiva.

**05/07/2013**

Cheguei a escola neste dia, o professor ainda na sala dos professores, me recepcionou muito animado, já comentando, que estava em clima de recesso, mais duas semanas, e um descanso merecido, me coloca que terá prova neste dia, então pouco poderíamos conversar na aula, respondi que sem problema, se ele não se importasse. Outros professores me olham curiosos, alguns já conhecidos, vem em minha direção e perguntam que tem me visto pela escola, se eu estava trabalhando ali, ou iria, dei as explicações pertinentes, e escutei um comentário curioso:

*- Tu é doída, mestrado? Dá muito trabalho e não vai te dar retorno financeiro, ainda mais que na tua folga, tu sai da escola para ir pra escola. Sorri e respondi que faz parte, quando se quer formação tem que ter sacrifícios pessoais.*

*A colega diz: - É verdade, mas tinha que ter dispensa, só a gente ( ela se refere aos professores) tem que fazer cursos trabalhando, porque as secretarias não dispensam ninguém, e se dispensam é sem remuneração, como vamos nos sustentar?*

*Respondi: - É verdade, mas faz parte né? Escolhemos essa profissão.*

Outros escutavam nossa conversa, outros não davam atenção, pegando seu material já que iria ser dado o sinal.

Ao toque da sirene, alguns saem imediatamente, outros ainda ficam conversando, a supervisora entra e batendo palmas diz: *peessoal vamos se mexer, falta pouco para um descansinho*. Alguns professores saem contrariados, outros saem rapidinho.

Acompanho o professor em direção a sala de aula, que vai comentando que estão todos cansados, precisando de uma parada para respirar. Chegamos na sala, os alunos entrando, perguntando se teria a prova. O professor confirmando, alguns reclamam que podia ser transferida, outros gritando que não, que tinham ‘decorado’ tudo, se fosse transferida teriam que estudar tudo de novo.

O professor pede que eles se acomodem e peguem somente o estojo. Um aluno se direciona a mim e pergunta se sou estagiária, o professor toma a palavra e explica que não, que estava acompanhando ele numa pesquisa e não estendeu o assunto. Nos acomodamos também, o professor realiza a chamada, e vai distribuir as provas, me dando uma para olhar. Ficou olhando enquanto ele dava as explicações, após ele volta a se sentar e passa a me justificar como organiza a prova, alegando que procura ser bem básico, pois usa outros instrumentos de avaliação, mas que gosta de usar a prova também, para que eles não percam o hábito de fazer, e de estudar em casa, já que na vida eles terão muita situações de prova, vestibular, Enem, concursos, para quem se encaminhar para isso. Diz que não exige muito porque senão é uma ‘ralação’.

Ficamos em silêncio, eu somente olhando a pequena movimentação dos alunos, o professor corrigindo provas de outra turma, de vez enquanto olhava os alunos. Após uns 20min, um dos alunos pergunta se pode entregar, o professor questiona se ele tinha feito tudo, pois era uma prova para no mínimo uma meia hora, o aluno riu e respondeu: - *respondi tudo que eu sabia*. O professor mandou revisar. Mas logo em seguida, outros alunos foram dizendo que terminaram, o professor resolveu recolher desses, e já começou a passar um texto no quadro para irem copiando enquanto os colegas terminavam.

Os alunos começaram a copiar, reclamando que o professor podia deixar eles descansando, rapidamente, os que ainda realizavam a prova foram entregando e pegando material para copiar do quadro, numa agitação característica da idade, falando muito, comentando a prova, uns dizendo que estava fácil, outros dizendo que estava ‘tri’ difícil, outros quietos. O professor interagia, dizendo que estava fácil para quem estudou, quem não estuda sempre vai ser difícil.

Um aluno diz: - *Bah, sor, para que colocar pergunta, isso que fica difícil, se fosse somente de marcar ficava fácil, as que a gente não sabe, chuta, nas perguntas não dá, depois a gente bota qualquer coisa, e o senhor briga*.

Os alunos usam argumentos pouco consistentes na tentativa de facilitar o estudo, e não uma preocupação com a aprendizagem, não nenhum comentário neste sentido.

Ao final da aula, o professor se despede, também me despeço, avisando que voltaria antes do recesso.

**12/07/2013**

Cheguei na escola, fui a procura do professor, e qual a minha surpresa ao saber que ele tinha sofrido um acidente de moto, e que estaria afastado do trabalho por um longo tempo, já que quebrou a perna, e que por enquanto não tinha ninguém para ocupar o lugar dele.

**ESCOLA 6 – Professora E**

**Professora formada em 2004**

**Trabalha na rede pública desde 2009 – 20hs**

A escola é municipal, localiza-se numa zona central da cidade, o prédio é novo, tem cerca de 6 anos, é um ambiente claro, iluminado, limpo e moderno. Algumas situações o caracterizam: por estar na zona central e ser novo, a clientela, em geral, é de uma situação financeira estável, pessoas de classe média, que por sua “posição social” parece que se impõe a garantia de que seus filhos ali estudem, diante disso, também existe um “olhar” mais direcionado da SMED, nas questões de fiscalização.

Uma problemática que surgiu este ano é a denúncia de que o prédio, apesar de novo, tem apresentado uma série de problemas, o que virou tema de debate na mídia:

problemas de rachaduras, lâmpadas que queimam ou não acendem, piso estufado, tudo acabou gerando uma polêmica, isto os pais estarem temerosos de mandar seus filhos a escola, pressionando a SMED a tomar um posicionamento.

A direção da escola por sua vez não demonstra surpresa com os problemas, uma vez que acompanha desde a entrega do mesmo há 6 anos atrás, os vários problemas que apresenta, entretanto, também pressionada pelos pais, levou a SMED a situação. Esta mandou fazer uma avaliação e chegou a conclusão de que nada há a temer, pois os problemas não abalam a estrutura do prédio, embora devam ser remediados, além disso alegou que os problemas só apareceram porque a antiga administração municipal não se preocupou em cumprir todas as orientações em manutenção que deveriam ser feitas no prédio todos os anos.

Por isso a escola, passou por uma pequena reforma ampliando o recesso escolar em 3 semanas. No retorno, conforme alguns professores colocam, nada muito grandioso foi feito, as expressões são: “reforma para inglês ver”, “maneira de tapar a boca da comunidade”.

**02/05/2013**

No primeiro contato com a professora, que aconteceu alguns dias antes, a mesma concordou em participar de imediato. Entretanto, neste primeiro encontro “oficial”, a professora se mostrou reticente quanto a participação, uma vez que por ser um ano difícil, pelo grande nº de turmas e pelo fato de estar fazendo doutorado (História da Literatura) não tem conseguido trabalhar como quer, ou como tem capacidade e vontade. Conversei e mostrei a ela que estas angústias são importantes para a pesquisa já que mostra as dificuldades dos professores para se qualificar.

A professora coloca que este ano está se tornando dificultoso pois até o ano anterior ela trabalhava com história antiga, e portanto, tem bastante material. Este ano, em função da redistribuição da carga horária, 7 turmas, 3 avanços acabou sendo jogada em “conteúdos” aos quais ela tem que se adaptar já que há anos estava afastada de alguns. Com o doutorado tudo está meio confuso, pois ela conseguiu ser dispensada do 4º dia (que seria a hora-atividade para formação docente), mas os colegas a olham de “cara feia”, já que é a única que conseguiu essa liberação.

Pediu licença de interesse junto a secretaria de educação, mas até agora não obteve resposta. Sobre o doutorado ela explica que vê perspectivas de abertura para outras possibilidades de trabalho, mas não é seu foco ao fazer o mesmo, no momento, não almeja ir buscar outros lugares para trabalhar, mas não descarta a possibilidade no futuro.

Sobre a escola e o trabalho, ela diz: “ *Gosto da escola, os alunos, o ambiente físico, pois é um ambiente organizado, limpo e claro, os alunos são tranquilos, educados em geral.*” Enfatizou sentir-se a vontade com os alunos e ambiente, mas na relação com os colegas de trabalho mostrou-se desconfortável.

Em relação aos alunos, diz que um dos problemas, em especial, é relacionado a um aluno esquizofrênico da 8ª série, que perturba muito o andamento da aula, e não existe respaldo de ninguém para desenvolver o trabalho com ele, nem os professores tiveram preparo algum, em algumas situações não sabe o que fazer, como lidar com a postura de enfrentamento, agressividade e a forma como ele diz as coisas em aula, pois ele fala o que quer, como quer e quando quer, independente de como está o andamento da aula.

Sobre sua metodologia, ela procura elaborar os textos para os alunos com uma linguagem mais adequada que a do livro didático, destacando o que considera mais importante no conteúdo, depois ela introduz o livro, utilizando especialmente as imagens.

Desabafou que quando se entra para o serviço público ninguém conversa para saber da formação desse novo profissional, o que pode ser aproveitado para o trabalho na escola, um projeto, atividades, leituras, “ *simplesmente te jogam numa sala e não consideram a tua trajetória*”.

**16/05/2013**

Quando cheguei a professora já estava na sala, estava entregando avaliações e falando sobre a situação de que as notas foram muito baixas, reflexo do “mau” comportamento, mas ao mesmo tempo que muitos com notas baixas, 4 gabaritaram, mostrando que não é impossível, mas que existe falta de interesse e de estudo.

Discutimos um pouco sobre método de pesquisa etnográfica e história oral, em função de algumas dúvidas relacionadas ao doutorado, uma vez que ela também trabalha com professores e outros sujeitos envolvidos no ensino de literatura.

Colocou que esta turma, onde estamos, é bastante difícil se comparada as outras, pois não param e são bastante dependentes, o que para ela tem haver com o professor do ano anterior, que ela não sabe se era a mesma para todos, e a falta de limites em prestar atenção ao que está sendo dito.

A professora demonstra ficar bastante impaciente com os alunos que a todo momento atrapalham a explicação da aula, seja por falta de atenção, fazendo outra coisa ou por perguntas fora do propósito do assunto da aula.

Faz colocações sobre as questões burocráticas da escola, como as datas e prazos a serem cumpridos, como a prova geral e a prova de recuperação são marcadas muito próximas, fica apertado fechar notas, avisar alunos, passar atas para serem assinadas, o que tem que ser feito durante os períodos de aula, inclusive atrapalhando outras aulas para entregar avaliações e assinaturas, isso aponta para um certo descompasso entre os anseios da professora e a forma de organização da escola que não contempla essas angústias expressas nas necessidades de cumprir prazos.

### **1º/08/2013**

Ao chegar, a professora estava numa turma de 8ª série, passando atividades de revisão para a prova, enquanto os alunos faziam as atividades, a conversa girou em torno do mestrado, onde ela me indagou sobre o funcionamento, ao mesmo tempo que falava sobre o doutorado, destacando as dificuldades de fazer pós-graduação trabalhando, já que nem se tem ampla dedicação a uma coisa, nem a outra. Começamos então a falar sobre as dificuldades dos alunos em realizar leituras no livro didático, pois não tem vocabulário para tal, por isso nos 6 anos ela elabora os textos, mas na 8ª série eles tem que fazer este esforço de leitura. Coloca que no 6º ano da escola é tranquilo pois elas são pequenas, e com um pouco de autoridade eles respeitam a figura do professor, e já que a escola tem ensino noturno, o diurno não tem alunos maiores de 15 anos, pois quando chegam nesta idade vão estudar a noite. Essa é uma característica das escolas que possuem ensino noturno, os alunos que se encontram fora da idade padrão

para o ensino fundamental diurno, são levados a passar para o noturno, pois no dia costumam perturbar o andamento das aulas, pois já sentem-se fora do contexto.

No recreio a conversa girou em torno da carga horária, a professora passou a colocar as problemáticas do ensino de História, pois são 2hs/aula semanais, o que gera um nº grande de turmas e alunos, em média são 7, com avanços diferenciados, isso faz com que o professor tenha que pensar três planejamentos diferentes por semana, isso quando não é preciso modificá-los para cada turma, além do nº de trabalhos e provas a serem corrigidos, gerando um desgaste muito grande no ensino da disciplina.

Neste ponto, a professora aproveitou para falar sobre o 4º dia de trabalho (o qual ela é dispensada), imposto pela SMED neste ano, que na sua visão é um momento desperdiçado pois o professor é obrigado a estar na escola, sem recursos disponíveis para um bom planejamento, acaba que os professores ficam batendo papo, ou fazendo um planejamento qualquer com o que tem disponível. A professora apontou isto como reflexo de Foucault em Vigiar e Punir, pois parece que a ideia da SMED é achar que vigiando o trabalho na escola estará garantindo qualidade, neste sentido a professora considera que estamos andando num movimento inverso do que se tem pensado, por exemplo, as grandes empresas, que tem investido em qualidade do trabalhador, horário para relaxamento, para ir em casa, mães terem uma amamentação saudável, ambientes acolhedores, momentos de utilidade para o funcionário, e aqui a SMED tem feito o movimento contrário.

**26/09/2013**

Hoje, ao chegar na escola pude ver de perto, logo na chegada a tal obra que a escola recebeu no recesso escolar, na entrada, as lajotas foram todas retiradas e nada foi colocado no lugar, deixando no piso bruto. Fui recepcionada na hall por uma professora que fica cuidando a entrada, e por já saber o motivo da minha presença na escola, não pergunta mais, apenas me cumprimenta. Encontrei com a professora neste mesmo hall, e juntas fomos para a sala dos professores, já havia uma pequena movimentação de alunos por ali. Ao chegar na sala, surpresa, uma grande goteira num dos cantos da mesma, a mesa foi puxada mais para o lado da porta. Em tom irônico, os professores comentavam que era para ficar mais próximo dos alunos. Continuando a conversa falam



sobre os sábados que terão que trabalhar para repor os dias não trabalhados em função da tal obra, comentários cansados, desanimados, desabafando que é muito stressante esse ritmo de trabalho toda semana, mais o sábado.

Em sala de aula, a professora inicia dando bom dia, faz a chamada e já vai introduzindo uma retomada do que já havia começado na semana anterior. A turma bastante atenta, foram situando a professora até onde ela teria explicado na aula anterior, e conforme ela ia retomando eles iam interagindo, mantendo atenção na fala da professora. Esta fala me chamou atenção em alguns pontos, sobre a disciplina de história: " *estudamos o passado não para julgar, ou rir dele, e sim para entendê-lo e conhecê-lo, com um olhar curioso*". Acrescenta ainda, que " *não devemos comparar o que estudamos com o que vivemos hoje, no sentido de achar que é melhor, pois corremos o risco de achar que somos mais que os outros, e adotarmos uma postura de mini-reis*." Na continuação, falando sobre a Índia e o Budismo, ela coloca " *cultura e fé não se misturam, não podemos julgar a fé de outros povos com o olhar da nossa cultura*". Neste instante, bate na porta uma pessoa para avisar sobre a venda de lanche que ocorrerá na próxima semana, organizada pelo CPM da escola. Comércio? Isto é reflexo da busca de recursos para a escola, muitas vezes para suprir necessidades que a mantenedora não supre.

Outras temáticas, como violência contra a mulher acaba surgindo na discussão, a professora desenvolve um pouco com os alunos, mas pude perceber uma preocupação bastante grande com o tempo da aula, inclusive com colocações do tipo " *ok pessoal, não vamos mais perder tempo da aula com outros assuntos*", essa temática é para ser discutida nas aulas de religião. Isso demonstra a preocupação que os professores tem em relação ao tempo/conteúdo, pois essa é uma problemática que se estabelece em relação a essa disciplina, mas destaca ai uma outra problemática, que é a apropriação de outras discussões e sua inserção nas aulas.

Enquanto os alunos faziam os exercícios sobre o assunto da aula, a professora passou a me contar sobre o doutorado, como está sua pesquisa, me indagando sobre o mestrado. Sobre a obra da escola ela relata o que foi feito e o que deve ser realizado, explicando os perigos a que estão expostos alunos e professores, mas que no momento

não há o que fazer, simplesmente deve-se estar sempre atento a tudo ( lâmpadas que estouram, janelas que caem, lajotas que soltas, inclusive das paredes).

No momento da correção das atividades percebo que há um sistema de organização estabelecido entre a professora e os alunos, para que a correção ocorra envolvendo boa parte da turma, bem bolado, e a turma, ou boa parte dela, participa ativamente. A professora comentou sobre isso, colocando que essa turma é muito tranquila, interessados, inteligentes, participativos, poucos alunos apresentam um ou outro "desvio" dessa "normalidade" da turma, um deles repetente e com uma idade maior que a dos outros.

Neste ponto ela ainda acrescenta, que apesar de todos os problemas comuns ao magistério, o cansaço que ela já está por conta da exposição (fala) na aula, é muito gratificante quando tem a receptividade dos alunos, isso dá um incentivo para pensar e desenvolver as aulas. Inclusive coloca a preocupação com a saúde da voz, pois, em especial, os professores de História costumam falar bastante nas aulas, e deveriam ter muito cuidado com a voz, o que ela mesma não faz, acorda quase todos os dias um pouco rouca e com a garganta como se tivesse um nó.

Bate o sinal, troca de turma, a professora já alerta sobre a agitação da próxima turma. Alguns alunos dessa turma, tem como atividade neste dia apresentar um trabalho, uma pesquisa que foi solicitada anteriormente pela professora, estabelece-se um momento tenso, pois um dos alunos a apresentar, é um aluno especial, diagnosticado esquizofrênico, então para que este trabalho acontecesse eles tem que fazer uma apresentação oral. O menino passou a ler um texto imenso, a professora tentando mediar essa leitura, os outros, um pouco ouvindo, um pouco rindo, um pouco suspirando. Percebe-se com clareza que a turma adota uma postura de paciência com o colega, que segundo a professora vem apresentando ao longo dos anos um crescimento intelectual e de convivência social bastante significativa, entretanto ele interfere no andamento da aula, com alguns comentários moralistas, ou gerais, fora do contexto, que acabam desvirtuando a postura e atenção da turma.

Ocorrem as apresentações, deixando claro a insatisfação da professora que considera os trabalhos um tanto desleixados, com pouco embasamento, ou conhecimento de fato. Dado o sinal para o recreio, nos dirigimos a sala dos professores.

Aos poucos os professores vão chegando, largando seu material onde tem espaço, procurando um lugar à mesa, com seus lanches. A conversa girou em torno dos problemas de criminalidade na cidade e falta de estrutura da polícia para trabalhar, relacionando com o magistério e ao fato de que novas gerações estão perdendo o interesse pela carreira, diante disso o governo federal vem dando incentivos financeiros para quem ingressar nos cursos de licenciatura. A questão que se coloca é que, se com profissionais que ingressaram por vontade própria, porque escolheram a carreira do magistério, tem sido difícil trabalhar, o que virá no futuro, quando começar a ingressar no magistério esses profissionais que só escolheram por conta dos incentivos financeiros e facilidades concedidas pelo governo? O que será da educação diante disso? Dessa forma se encerra o recreio.

**07/11/2013**

Ao chegar na escola, fui recepcionada como conhecida, a professora que fica na entrada já me encaminhando para dentro e dizendo que os dois professores já estavam na escola, na secretaria. Os alunos ainda do lado de fora, somente os professores entrando. Me dirige a sala, e logo percebi um cansaço nos olhares, alguns professores vão entrando e já comentando dores, sono, expectativa de final de ano, que parece se arrastar, falam que os alunos não querem mais nada com nada, inclusive tem alunos em exame, ou ‘mal das pernas’ e nem se dão por conta, parece que só percebem quando recebem o resultado no final do ano, com o aviso do exame, como se aquilo fosse extremamente inesperado.

Além disso, os professores vão chegando, mesmo com as reclamações de saúde, muitos ainda num ritmo acelerado de atividades. A professora de História envolvida com uma exposição de material produzido pelos alunos que acontecerá nos próximos dias, mas ainda assim, declara que 2013 vai ficar apelidado como o ano que não acabou porque parece que vem se arrastando, em meio a esses comentários ela ainda conversa com algumas colegas pedindo ajuda para intermediação de entrevistas para o doutorado, com professores de literatura, algumas que tem contato, se oferecem.

Neste momento, entra um aluno, tossindo muito, é o aluno incluso, por esquizofrenia, os professores ficam se olhando numa cumplicidade, enquanto outra conversa com ele sobre a tosse, tentando acalmá-lo, já que ele queria um remédio, ele

vai se acalmando e sai. Ao sair, todas vão comentando que quase todos os dias ele chega com um tipo de atitude que chame atenção, é só estabelecer uma pequena conversa que se acalma, as professoras que ali se encontram demonstram já estarem acostumadas com isso, e lidam bem com a situação, embora argumentem que tem dias que é bem complicado trabalhar com ele em aula, pois o mesmo tem uma noção de convívio diferenciado, e acaba atrapalhando o andamento.

Toca o primeiro sinal, as professoras vão se dirigindo a sala dos professores, vão se encontrando na escada, no corredor, uns se cumprimentando, outros passando rápido. Na sala dos professores vão pegando material, fazendo comentários de uma ou outra turma, em geral, no sentido de que está difícil trabalhar, pois muitos estão em ritmo de férias, embora, ainda tenha mais de um mês de aula.

Toca o sinal para que os alunos entrem para as salas, os professores vão saindo. A professora de História comenta comigo sobre um episódio que aconteceu com outra professora que estava na sala, os alunos de um 7º ano, numa saída da professora, alteraram as notas no caderno de chamada, a surpresa é que em geral eles tem 12 anos, supostamente infantis, e portanto deveriam não ter coragem de tomar este tipo de atitude, a professora diz: - *O que eles farão quando ficarem mais velhos?*

Na sala de aula, os alunos estão se acomodando, alguns bastante agitados, a professora já agilizando, começa falar dando as últimas orientações para a exposição do material que eles produziram para a disciplina, os alunos vão explicando o que fizeram, o que vão trazer. A turma parece se acalmar, e se mantém assim, vão falando de forma tranquila sobre o material produzido, demonstrando que já tem tudo organizado. Perguntam sobre a prova que irão realizar na próxima aula, perguntam sobre as notas, o que precisam para passar por média, a professora vai respondendo, mas sempre enfatizando que a preocupação deles dever ser voltada para a aprendizagem, pois embora a nota seja importante, a aprendizagem é muita mais.

A professora começa a explicar um conteúdo novo sobre Roma. Na exposição oral, baseada no livro didático, ela vai questionando alguns pontos que supõe os alunos já terem conhecimento, eles vão interagindo, respondendo conforme o que sabem, um em especial responde tudo, mas de forma completamente errada, muito extrovertido, acha engraçado tudo que fala, a professora leva as respostas na brincadeira, dizendo a

ele que acha melhor ele ficar quieto, pois só ‘dá bola fora’, ele acha graça e continua neste joguinho de chamar atenção. A maioria dos alunos acompanha com atenção a explicação da professora e a leitura que ela vai fazendo do livro, mas pouco perguntam. Novamente, a professora usa a frase: “ *não adianta olhar para o passado com os olhos do presente*”, é preciso entender outras culturas dentro do seu tempo.

Percebo que a professora trabalha sempre com a porta fechada, alheia ao espaço fora da sala de aula, mas sempre solicita que abram cortinas e janelas para deixar o ambiente bem claro.

Durante a leitura do texto do livro, e um certo olhar enfadonho dos alunos, ela comenta que deveria ter previsto que seria meio chato trabalhar diretamente com o texto do livro, pois é extenso e cansativo, mas permanece neste ritmo. Foi possível observar que não houve um planejamento, pois a professora passa todo tempo com o livro, o que não é comum em suas aulas, ela sempre traz um texto resumido para os alunos, aproveitando, normalmente, as imagens e mapas do livro.

A professora procura fazer relação entre o conteúdo em questão, Roma, trazendo discussões que envolvam questões de tempo presente, ou que se relaciona com a História do Brasil (escravidão, distribuição de terra, cargos políticos)

No meio da aula, ocorre a interrupção por outra professora, que fica surpresa com minha presença, pergunta quem é a professora da turma, a professora questiona: - *Como assim? Sou eu, e a outra diz: - Desculpa, achei que ela ( eu) fosse estagiária.* Pediu licença, e solicitou ao aluno representante da turma que entregasse as suas avaliações no final da aula.

A interrupção, causou uma certa desatenção, a professora aproveita o momento para descontrair, faz uma espécie de alongamento com os alunos, de braços, pescoço e comenta: - *Vamos espreguiçar para acordar.* De repente, começa uma discussão por futebol, alguém fala do grêmio, outros do inter, a professora se posiciona, e depois vai acalmando a turma. Recomeçando a explicação e faltando uns 15min. para o término, diante do olhar exausto dos alunos, a professora encerra a explicação, desabafando que estava ficando desmotivada com aqueles olhares. Isso reflete a relação de troca e interação que se estabelece dentro da sala de aula, que acaba resultando na forma como os alunos recebem e o professor transmite. Após a entrega das avaliações que a

professora havia pedido, a professora senta e diz: - *História de Roma é muito cansativa e muito extensa.*

Passamos a observar este momento de descontração dos alunos, mas que a professora os mantém sob controle, não podem ficar circulando pela sala, embora eles podem ficar conversando sentados uns com os outros. O menino mais agitado, se demonstra mais agitado ainda, a professora comenta que ele é bem cansativo, em todas as aulas fica chamando atenção com atitudes fora de contexto, e diz que isso se explica diante dos problemas familiares dele, meio de abandono, então ele busca na escola essa atenção. Acrescenta ainda, que em geral, eles não tem muito respaldo, de fato, da família, embora nesta escola, os pais são um pouco mais presentes que em outras, mas em geral é para fiscalizar o trabalho dos professores, questionar a atuação, fazer acusações de injustiças nas avaliações, ou seja, não é uma colaboração com a escola. Complementa relatando que teve problemas com os pais diante de colocações dela na sala, que os mesmos não concordavam, na maioria deles militares, que tem olhares mais conservadores, diz que ali muitos são de famílias que tem muito dinheiro, muitos que estão enriquecendo em função do pólo naval. Não entendi muito bem porque esta colocação, acredito que seja pelo fato de manterem seus filhos em escola pública.

Ao toque do sinal, inicia o 1º recreio, onde saem algumas turmas, os menores, e trocamos de sala.

Na outra turma, alunos um pouco maiores, recepcionam a professora com um presente, em homenagem a alguns professores, eles prepararam um CD com fotos, mas argumentam que é só para aqueles professores que são mais próximos da turma. Uma relação de cumplicidade entre a professora e a turma.

Toca o sinal para o término do 1º recreio, o que gera um certo tumulto, pois o toque do sinal atrapalha quem está dentro da sala, além do barulho do retorno para a sala de aula. A professora comenta que além dessa situação, é no 3º horário que os alunos são chamados para a merenda, o que também atrapalha a aula. Em seguida, vem uma funcionária chamá-los para a merenda, mas eles não vão, e a professora incentiva para que eles não saiam mesmo, alegando que é mais importante alimentar a alma.

Dando início a aula, que ela baseou novamente o livro didático, a leitura e comentário do mesmo, dessa vez ocorrendo de uma forma mais interativa, pois os

alunos são mais participativos, a aula é um pouco mais agitada, mas mais produtiva em termos de discussão, assim permanece até o final.

**16/04/2014**

Chegando na escola, uma movimentação de pais se fazia presente, pude notar que o assunto era falta de professores nas escolas, e nesta em especial, a falta em seus dois sentidos, porque não tem, e porque o professor não vem trabalhar, e por sua vez não tem quem fique no lugar deste, resultado: falta de pessoal. Os comentários giravam em torno de que é um absurdo falta de professores nas escolas, enfatizam : “ *ainda mais nesta escola, que é central*” dando um certo ar de privilégio a esta, já que é central. A diretora vem em direção ao grupo e esclarece que a professora não vem mesmo, e que os alunos irão sair mais cedo, os pais saem bastante indignados, reclamando.

A diretora se dirige a mim, me reconhecendo, e comentando: “ *quer ver? Daqui a pouco a SMED está ligando para saber o que está acontecendo. Vou pedir que me mandem pessoal para trabalhar, ou elas não sabem que não tem*”, num tom indignado, e ao mesmo tempo irônico. Passado este primeiro momento e este desabafo, a diretora perguntou sobre minha presença ali, lembrei-a da minha pesquisa, ela foi me encaminhando para o interior da escola, me passando o horário dos professores, e a sala onde encontram-se, me deixando sozinha.

Subi ao segundo andar, me dirigi a sala dos professores, onde encontravam-se alguns professores, que me olharam questionadores, cumprimentei a todos, mas como nenhum dos professores de História encontravam-se ali, saí. Mais um andar e deparei-me com uma professora numa mesa no corredor, uma espécie de “monitora”, avisei que estava me dirigindo a sala 25, ao que ela me coloca: “ *vai dar de cara com uma sala de aula, com todos trabalhando, debes ir na sala 22*”, obviamente ela me confundiu com outra pessoa. Sorri e entrei no corredor, chegando na sala 25, bati, a professora abriu e me recebeu muito bem, me convidando a entrar, apresentou-me a turma como uma pesquisadora que acompanha seu trabalho, os alunos de forma tranquila e sem questionamento me acolheram.

A sala, um ambiente claro, cortinas nas janelas, uma decoração no fundo da sala, com papéis coloridos, apenas isso, nada mais nas paredes, dando um aspecto frio ao ambiente, embora bastante cheia pelo nº de alunos. A professora começa a explicar o

conteúdo, utilizando o livro didático, destacando informações ali, e trocando outras com a interação dos alunos.

Por estar no 3º andar, não existe barulhos externos, pelo menos nada que interfira na aula, muito ao longe algumas vozes vindas do pátio, de alunos em atividades físicas, mas que não chegam a atrapalhar as falas na aula.

As colocações da professora vão direcionando os alunos sempre ao conteúdo, enfatizando questões que considera importantes para a prova, alguns pontos bem objetivos, de forma bem tradicional. Uma situação se destaca, vem a tona uma história que aconteceu na semana anterior, onde a professora fez um comentário na sala em relação ao conteúdo, e os alunos entenderam de outra forma, comentaram com outros professores e parece que isso tomou dimensões maiores, o que desagradou bastante a professora, ela aproveita o momento para colocar para a turma: “ *o que acontece na sala deve ficar aqui na sala, até porque tudo que eu digo diz respeito ao conteúdo, e não de minha vida pessoal.*”, usa várias vezes a ideia de que ali estão fazendo construção de conhecimento e não é o espaço para fofquinhas.

Dando por encerrada a conversa, dá continuidade a explicação do conteúdo, enfatizando a importância do ouvir na sala de aula, para entender a explicação, “*é assim que vocês aprendem, devem ouvir em silêncio até o final da explicação, e só depois fazer os comentários*”. A professora comenta com eles, que a mudança de postura é necessária, pois eles ( os alunos ) continuam agindo como se estivessem estudando a tarde, já que existe uma grande diferença em como se organiza a tarde e a manhã, onde eles devem ter mais maturidade, o que não está acontecendo, já que alguns alunos fazem comentários e conversas fora do contexto da aula, durante a explicação do conteúdo.

Em geral, a turma é participativa, com exceção de alguns, que tem um olhar disperso, ou dormem ( um aluno ). A professora chama atenção quando percebe que algum aluno não está atento a explicação, e fala para eles, a todo momento, sobre a importância de ouvirem a explicação.

Por duas vezes, a aula foi interrompida por outras pessoas, primeiramente por uma professora que queria pegar um livro de Ciências emprestado para um aluno que não tem em outra turma, e nesta situação, descobriu-se que nesta sala tem um aluno que recebeu dois livros de Ciências iguais, quando ele diz isso, as professores indignam-se



questionando “*Por que ele ainda não trouxe um deles de volta para a escola? Já devias ter trazido*” Noutro momento, a monitora atrás de um aluno para que fosse experimentar uniforme, mas o mesmo não encontrava-se em aula. Quando perguntei sobre essa ‘doação’ de uniforme a professora explicou que não houve distribuição de uniforme neste ano, mas a escola tem reserva para alunos novos. Todos os alunos, nesta sala, estão uniformizados.

Dando continuidade a aula, se inicia uma discussão em torno da pena de morte, e a professora faz um discurso bastante firme sobre sua opinião em relação ao assunto e é bastante contestada, tendo que defender com veemência sua opinião.

Acaba a aula, a professora se dirige a mim para explicar qual foi a situação que se estabeleceu em relação a tal “fofoca” dos alunos, que acabou indo parar na mesa da sala dos professores, onde a mesma foi questionada e intimada por uma colega, causando uma situação constrangedora na mesa. Na fala da professora: “*foi um momento muito delicado, por isso eu enfatizei com os alunos para evitar fazer comentários sobre a aula com outros professores.*” Aponta que este tipo de situação revela um ponto de atrito entre as colegas quando uma acaba interferindo no trabalho da outra de forma tão objetiva, ou melhor, em questões e opiniões pessoais. O ocorrido se deu da seguinte forma: a professora estava falando em aula de agricultura primitiva que era feita pelas mulheres, e um aluno disse que até podia ser feita pelas mulheres, mas que Deus era homem, e que foi ele que fez a mulher de um ossinho do homem, então as mulheres tinha que obedecer os homens. A professora respondeu: “*Bom, então se teu Deus é machista eu não acredito nele*”, o que aconteceu depois é que os alunos saíram comentando que a professora não acredita em Deus, e a mesma foi questionada pela colega em razão disso.

Nos direcionamos a sala dos professores, é hora do recreio, a sala está cheia, alguns olhares questionadores em minha direção mas nada perguntaram, outros me cumprimentaram com ar de reconhecimento. Fomos para um canto da sala, pois na mesa já não havia mais espaço, e a conversa girou em torno das pesquisas, minha e dela, e as dificuldades de estudar e trabalhar, falamos da carga horária dela neste ano, onde apenas diminuiu uma turma, agora ela tem 6, e comentou o quanto teria mais qualidade as aulas com mais carga horária e menos turmas, pois embora ela não seja muito

conteudista, já que gosta de debater diferentes assuntos com os alunos, uma maior carga horária daria mais tranquilidade para trabalhar.

Ao final do recreio, nos dirigimos a outra sala de aula. Novamente, a professora me apresentou, outra vez os alunos me recebem de forma tranquila. Logo após a chamada, a monitora vem na sala para chamá-los para merenda, com a saída dos alunos, a professora explica que é preciso fazer assim porque não cabem todos no refeitório na hora do recreio, por isso eles são chamados sempre no 3º horário, o que é bem incômodo porque é sempre o horário dela, e atrapalha o desenvolvimento da aula, enquanto aguardamos o retorno dos alunos, a professora vai falando sobre a questão dos recursos humanos na escola. O ano letivo iniciou com falta de 4 professoras, 2 de matemática, 2 de ciências, inclusive ela explica que deu aula de ciências para uma turma até chegar professora, trabalhando conceitos básicos. Agora, o quadro de professores está completo, pessoal de apoio: monitor e biblioteca também, mas no laboratório de informática, ela nem sabe, já que ele nunca funcionou direito.

Se refere a falta de projetos na escola, pois pelo seu tamanho e pelos recursos que tem poderia ter mais projetos interdisciplinares, mas para isso precisaria planejamento conjunto que precisa de atuação da supervisora, na parte pedagógica para fazer a ‘liga’ dos professores, mas isso não acontece. Diz: “ *a supervisão da escola é ótima na parte da organização burocrática, mas deixa muito a desejar na parte pedagógica*”, acrescenta, “*para isso é preciso formação atualizada, o que não é o caso daqui, a supervisora é das antigas, e só faz aquilo que já vem fazendo há anos, se encarrega das questões burocráticas*”. Se diz insatisfeita neste sentido, coloca: “ *é inadmissível as coisas andarem assim*”.

Os alunos retornam da merenda, a professora dá início a aula, explica aos alunos que apesar dela ser regente deles, não iria trazer chocolate de Páscoa para eles, porque falaram tanto do perigo da gordura trans, que ela decidiu não motivá-los a esse consumo. Começa a explicação do conteúdo, parando algumas vezes para chamar atenção de um ou outro aluno, passado algum tempo, outra interferência, uma professora para recolher trabalhos, isso causa um certo transtorno, com sua saída é necessário novamente retomar atenção da turma, o que leva algum tempo, e toma tempo

da aula. Os alunos ficam dispersos, a retomada da aluna é bastante difícil, a professora apresenta um olhar cansado no final da aula.

Como neste último horário da manhã, a professora não teria sala de aula, nos dirigimos a sala dos professores, que estava vazia, e começamos uma conversa que inicia com um desabafo da professora dizendo-se bastante cansada diante da forma como estão sendo as aulas com algumas turmas, muitos stressantes no sentido de que tem que ficar a todo momento chamando atenção, cobrando, *“isso é tenso”*.

Indaguei-a se ela acha que a formação que teve e ainda tem está se adequando ao ensino de História na forma como se apresenta a educação hoje, ao que ela responde : *“lembro que estudei muitas correntes teóricas da educação, da psicologia, associadas a noções de didática e outros aspectos, a universidade muito se colocava em oposição à escola pública, criticando tudo que era feito no âmbito escolar. Em relação a metodologias minha formação deixou a desejar, aprendi muito do que sei na prática e com leituras posteriores, mas acho que minha formação foi satisfatória, é que as coisas vão mudando, os jovens cada vez chegam diferentes na escola, as famílias se organizam com outros conceitos e a escola tem que se adaptar, o que é bem difícil, já que é uma estrutura que mantém quase o mesmo formato há séculos.”*

Acrescenta colocando que o projeto do PIBID, tem sido uma boa proposta para aproximar a universidade e a educação básica, pra superar um pouco do ‘ranço’ de que na escola nada funciona e a universidade tem a fórmula mágica, diz que *“Esta proposta do PIBID pode servir pra quebrar preconceitos e ilusões e substituir por uma relação troca contínua, através de cursos de formação e outros eventos promovidos em parceria, Na universidade, penso que seria muito produtivo que as aulas levassem em conta as situações práticas de sala de aula, focando em opções metodológicas concretas para o ensino de história, e uma maior reflexão acerca da importância de o professor manter uma opção teórica e leituras frequentes de teoria seria extremamente útil, embora seja muito difícil porque depois que entramos pra sala de aula, manter leituras atualizadas é difícil.”*

Coloca que para isso seria preciso, também, um esforço da secretaria de educação para priorizar essa qualidade, e a atual gestão parece que ainda busca uma identidade própria, *“será preciso um equilíbrio entre razão e sensibilidade, para que se*

*tenha um olhar voltado para as necessidades docentes, também é no chão da escola que isso pode acontecer, aqui a gestão é bastante competente na questão da organização, disciplina, salubridade, controle das atividades realizadas, etc. mas falta maior atenção aos aspectos humanos, ligados à afetividade, tão importantes quanto os outrora citados, em minha opinião”*

Continuando a conversa a professora, ainda, acrescenta, uma auto-avaliação sobre o próprio trabalho levando em conta o que havia colocado sobre formação, já que desde 2012 tem trabalhado na tese de doutorado, o que faz com que não consiga se dedicar inteiramente ao trabalho como professora de história, mas considera que está fazendo um bom trabalho, conclusão que chega pelas reações dos alunos e pelo sucesso dos projetos que desenvolveu em 2013, e vem organizando para 2014, considera que a maior dificuldade do bom desempenho profissional independente da escola, é a falta de reconhecimento e de políticas públicas adequadas que envolvem salário apropriado, momentos de formação continuada realmente produtivos, o problema, de acordo com sua fala, o que se pensa para a educação, os projetos via secretaria de educação *“seriam viáveis se fossem planejados adequadamente, com a participação efetiva de todos os agentes envolvidos. O problema é que a política é posta em prática para depois acontecer a reflexão...no ritmo do tempo de um mandato.”*

Faz um desabafo, colocando que a falta de tempo, o stress da vida (pós)moderna, cansaço ligado ao próprio ato de lecionar (o que tira a vontade de voltar no dia seguinte) e falta de reconhecimento por parte da sociedade como um todo, são fatores externos que acabam dificultando seu fazer docente, agravados pelo fato de que em alguns momentos de sua prática existem situações, que a angustiam, por exemplo quando não consegue lidar com estudantes cujos problemas não tem formação para tratar. Amplia o pensamento ao dizer que: *“ vejo que muitos colegas simplesmente não gostam do que fazem e não sentem prazer em trabalhar com sujeitos em desenvolvimento. Além disso, muitos sofrem da “vitimização” do professor: se não são reconhecidos e valorizados, passam a não mais se dedicar como deveriam ao seu trabalho, deixando a desejar. Tudo isso impede um bom trabalho coletivo, possuo uma boa relação com a maioria e vejo que, a cada ano, surgem novos colegas com uma imensa vontade de fazer a diferença.*

Finalizamos a conversa com a seguinte colocação da professora: *” hoje, sinto que a escola acaba sendo mais um ambiente para convivência e formação de amizades do que propriamente de aprendizagem, busco fazer com que desenvolvam amor pelo conhecimento do passado humano, para que possam estabelecer relações com o momento atual, através do fortalecimento dos valores humanistas, valorizando a pluralidade de opiniões e a participação democrática, se está dando resultado, só o futuro vai nos dizer.”*

## **ESCOLA 7 – PROFESSOR F**

O contato para convite a participar da pesquisa foi feito antecipadamente, o qual o professor aceitou prontamente.

**02/05/2013**

Neste dia encontrei-o na sala do professores, logo no início do turno, onde ele começa a relatar que nesta escola a forma de trabalho é mais tradicional, pois os pais exigem mais conteúdo, e a própria proposta da escola se direciona a isso, comparando com a outra escola em que trabalha, onde existe mais liberdade de escolha metodológica, onde pode optar por trabalhar com história temática, dando outros enfoques ao conteúdo. Este ano uma professora de história saiu, e os que ficaram assumiram mais turmas e aulas, gerando um acúmulo de trabalho maior.

Na sala de aula o professor estabeleceu um diálogo com os alunos para revisar o conteúdo para a prova. Trabalha bastante com o livro didático (olhei o livro e observei que tem várias marcas até onde foi trabalhado o conteúdo com cada turma). Desenvolve o diálogo através de um conjunto de tópicos no quadro, onde vai questionando os alunos, estes respondem usando o livro.

Parece haver uma relação de empatia dos alunos com o professor, mas na participação nos questionamentos são bastante tímidos, alguns não reagem às colocações do professor, que tenta dar um sequência temporal no conteúdo, levanta questões de aprofundamento político, alguns ( poucos) alunos participam bem e vão sendo instigados pelo professor.

**13/06/2013**

Cheguei na escola as 8:15 da manhã, quando já havia se iniciado a aula, o professor encontrava-se numa turma de 7º ano, trabalhando com tema sobre Joana D'arc, a turma estava bastante atenta, usando o livro didático. Fazendo uma exposição do conteúdo, professor vai aos poucos introduzindo e desenvolvendo o tema, fazendo relações com a política.

Neste momento, ocorre uma interrupção da aula pela direção para avisar da proibição dos fones de ouvido. O professor seguiu então falando do assunto, alertando que equipamentos como fones e celular serão retirados e só entregues aos pais, pois além de não fazer parte do uniforme, atrapalha o andamento da aula, desviando a atenção. Acrescenta, ainda, que é desnecessário ter esse enfrentamento já que eles devem ficar atentos as regras, já que vivemos em sociedade e devemos seguir regras, é muito incômodo ter que parar a aula a todo momento para chamar atenção por causa destes equipamentos.

Alguns alunos questionam porque a proibição do uso do boné, o professor responde que faz parte das regras da escola, os alunos continuaram questionando, o professor insistiu na explicação das regras, e que às vezes, concordando ou não devem ser obedecidas. Também se enfatizou a respeito do uso do banheiro, que é outra situação bastante complicada, já que são muitos alunos circulando fora da sala durante o horário de aula, essas são discussões que se fazem no conselho de classe, e que a partir de agora serão mais intensificadas. Pela minha prática as problemáticas colocadas pelo professor

e os questionamentos dos alunos, são comuns a muitas escolas, em algumas as cobranças são maiores, em outras menores. Ao sairmos da turma o professor foi dar atendimento a um aluno-estagiário e combinamos de nos encontrarmos na sala do café.

Na sala do café, o professor e uma colega começam a conversar sobre a hora-atividade, que foi imposta pela prefeitura, que eles estão considerando um castigo, uma forma de punição, já que os professores estão exigindo o piso, que seja então sob todas as formas, a dificuldade mais latente, é que não existe uma proposta para esta hora, que deveria ser de formação, mas para isso a direção deveria trazer "alguém" que pudesse fornecer essa formação, ou que a secretaria de educação organizasse entre as escolas. Os professores tem se mostrado bastante indignados com esta hora-atividade, já que no primeiro impacto ela foi imposta pela SMED, entendo que sem planejamento, realmente, é um momento desperdiçado já que o professor fica "cumprindo" hora na escola, mas também entendo que o professor tem autonomia para se organizar para este momento, talvez seja preciso orientação objetiva e acompanhamento, pois não é uma prática que fazia parte do fazer da categoria, até mesmo porque muitos professores usavam esses 1 ou 2 dias de 'folga' para trabalhar em outra escola, aumentando seus ganhos financeiros, ou seja, envolve outra discussão.

Os dois professores começam a debater sobre as políticas públicas que não são pensadas levando em consideração o elemento humano, hoje, os governos querem quantidade e não qualidade na educação, o que importa são os números que a educação apresenta, índices de aprovação, em algumas etapas existe a progressão automática, o que leva a alunos chegarem no 6º/7º ano semi-alfabetizados, e se formam como analfabetos funcionais. Penso que a forma como a escola é organizada tem ampla responsabilidade sobre essas problemáticas, mas que envolve uma estrutura pré-estabelecida e padronizada, a questão salarial também interfere, já que a ampla maioria dos profissionais trabalham em 2 ou 3 escolas, não conseguindo dar conta de uma proposta que possa se adequar a esse novo tempo, seria preciso uma reforma no sistema escolar de forma radical, começando na base, e com a disponibilidade de outras áreas de apoio que fossem disponibilizadas para cada instituição.

Na continuidade da conversa, os professores falam sobre a inclusão, que não inclui ninguém, na visão do professor é uma "falácia" já que tudo acaba ficando só no

papel, é uma falsa inclusão, pois não existe um suporte institucional para atender esses alunos, que muitas vezes apresentam graves problemas familiares que fogem das possibilidades do professor resolver. Creio que vivemos uma crise muito grande na estrutura familiar e isso tem interferência direta na aprendizagem dos alunos, não estou me referindo só a questão financeira, mas sim a suporte psicológico e emocional para que o jovem possa e tenha segurança para estudar, dando a orientação necessária para a aprendizagem, entretanto penso que não é possível, nós, professores, ficarmos nos lamentando das 'coisas' como deveriam ser, e pensar como fazer para lidar com a realidade tal, qual ela se apresenta.

Novamente, a discussão mudou o foco para relação entre professor-aluno que deve ser cada um no seu espaço, onde os professores colocaram que não deve haver contatos como nas redes sociais, pois isto gera uma certa relação de "igualdade" que não deve acontecer, pois a hierarquia, embora, hoje, mal vista por alguns segmentos, deve existir para que se mantenha um clima de respeito. As redes sociais devem ser usadas com muito cuidado.

Neste momento, a conversa girou em torno das salas de informática, que num primeiro momento foram criticadas pela falta de acesso a internet, na maioria das vezes, falta de monitores para auxiliar no uso, o controle que tem que haver sobre o uso dos alunos, o sistema operacional LINUX, que não é o mais usado por ai, acaba fazendo uma falsa "inclusão" digital, pois não é o que os alunos vão encontrar ai fora. Existe uma angústia muito grande das situações externas a sala de aula, que interferem diretamente no fazer diário da escola, isso me parece que coloca um peso muito grande sobre o professor, que tem que apresentar resultados positivos quando uma série de situações negativas cercam sua atividade.

**1º/08/2013**

Cheguei na escola por volta das 8hs da manhã, o professor já estava na sala com os alunos. Fui recebida de forma simpática, o professor já estava iniciando a correção de uma atividade com os alunos. Isso me oportunizou perceber melhor a sala, que é um ambiente cercado de informações didáticas, muitos cartazes, mapas, banner de ciências, trabalhos de alunos, de outra turma. Ao corrigir as questões, o professor dá um foco na religião, fazendo uma relação com a vinda do Papa ao Brasil, mostrando o quanto a



Igreja Católica ainda arrasta multidões. A turma está bem tranquila, mas algumas " não estão" na aula, em contraste com outros que interagem com o professor na troca de informações sobre o conteúdo. O professor passa a fazer uma espécie de 'sabatina' oral com os alunos. A apresentação que o professor faz é bem tradicional e conteudista, mas todo momento ele chama atenção dos alunos no sentido de que devem compreender o assunto e não decorá-lo, pois dessa forma eles acabam se confundindo, já que não compreenderam o tema.

Em outra turma, o professor direcionou a conversa com os alunos sobre as avaliações, chamando atenção para o fato de que muitos não fazem os trabalhos e acabam ficando pressionados com a prova, e o trabalho é mais tranquilo por ter um acompanhamento mais direcionado, e destaca que prefere desenvolver trabalhos, pois tem mais liberdade em desenvolver atividades diferentes.

Os alunos pedem para o professor usar mais o projetor de slides ( como fazia o estagiário que até então estava dando aula na turma), ao que o professor explicou que o uso destes recursos são bem interessantes, mas que agora a dinâmica iria mudar um pouco, já que ele havia explicado lá no início do ano, que neste ano ele havia ficado muito assoberbado de turmas, além de outra escola, e nem sempre dá tempo de preparar a aula de forma mais diferenciada, e que neste ano está trabalhando de forma mais tradicional, embora não seja muito de seu gosto.

O professor estava justificando o fato de não usar outros recursos, e senti essa justificativa direcionada a mim também, demonstrando que o professor tem consciência ou entende que tem por dever dinamizar a aula. No horário do recreio, o professor me questionou sobre o que tenho observado nas escolas. Se, em geral, os professores estão trabalhando de uma forma mais tradicional ou tem apresentado outras propostas de trabalho? Aproveitando a minha resposta ele colocou sobre as dificuldades impostas pelo nº de turmas e carga horária oferecida a disciplina, colocou que na outra escola, por apresentar um projeto diferenciado, é possível fazer outro tipo de trabalho usando outros recursos, pois além dos projetos de aprendizagem, as aulas são sempre dobradas.

**07/11/2013**

Ao ir ao encontro do professor, faz no meio da manhã, encontrei-o numa turma de 7º ano, me recepcionou na porta, a turma me cumprimentou, me acomodei ao seu

lado, e foi logo me esclarecendo que esta fazendo uma atividade de revisão do conteúdo para tentar dar oportunidade para que eles consigam melhorar suas notas, mas não há muito interesse, eles enrolam para fazer ou não fazem, comenta que na turma anterior, somente 4 alunos fizeram.

Começa a fazer uma comparação com a outra escola em que ele trabalha, onde a proposta é outra, são salas ambiente, e que é escola de periferia, com um público diferente, mas que os resultados parecem bem melhores, o que ele conclui que é pela proposta da escola. Diz: *“Aqui é mais tradicional, os pais e os alunos tem mais preocupação com a nota, não existe um olhar mais direcionado ao qualitativo, a proposta pedagógica.”* O fato da escola se focar de um olhar mais atento da SMED (que na minha visão não impede mudanças), faz a direção adotar uma postura mais autoritária, já que também fica sob uma pressão dos pais. Por sua vez, o corpo docente também fica sob essa pressão e olhar dos pais e direção, e acabam querendo ou não, adotando também uma postura tradicional que não se alinha aos alunos desta geração, são mais agitados, conseguem lidar com diferentes recursos, por isso o livro didático, apenas, se torna de uso massacrante. Neste sentido, professores andam numa mão, e os alunos na contramão, ou vice-versa.

O fato da escola estar num espaço central, e por ter um certo status, a faz ser muito visada, isto limita a atuação no sentido dos questionamentos, a direção, embora não se posicione contra inovações, também não incentiva mudanças, desta forma, complica para que aja uma mudança da prática pedagógica. A escola por ter sido criada para ser diferenciada apresenta problemas de recursos, o que complica, já que para utilizar vídeos, multimídias, notebooks, caixa de som, sempre causa um certo transtorno no turno que acaba desmotivando o uso.

Como este ano houve um acúmulo de turmas para 2 professores (7 para cada) e para 1 (4 turmas), gerou um desestímulo já que houve o privilégio de uma colega, diante da alegação que ela surta com muitas turmas, em detrimento do ‘surto’ dos outros. Essas injustiças causaram um clima de constrangimento que reflete no trabalho. Ainda há outros agravantes na relação entre os colegas que colocam esta escola num status privilegiado dando mais valor a questões de pouca relevância pedagógica, que acaba causando uma divisão no grupo de trabalho.

Também existe a exigência dos mais conservadores que limitam atividades diferenciadas na sala de aula. O professor admite que este ano tem trabalhado de forma muito tradicional aqui, focado no livro didático, isto é muito chato, tanto para ele quanto para os alunos, mas admite também que não tem uma motivação para tentar de outra forma, a situação da carga horária pesou nesta situação.

Durante a conversa, o professor ia atendendo os alunos que chamavam, alguns alunos não faziam nada, virados para trás conversando, e o professor a todo tempo chamando atenção para que realizassem a atividade, era a oportunidade de recuperar nota e revisar conteúdo.

Ao término da aula, o professor se desculpa, se despede, pois irá se ausentar mais cedo.

**16/04/2014**

Cheguei a escola antes do início do turno, 8hs da manhã, grande movimentação na frente, pais largando seus filhos, alguns pais ficam até filho entrar, outros largam no portão e vão embora, adolescentes que chegam a pé, a grande maioria sozinhos, em geral, os que vêm com os pais chegam de carro. Todos uniformizados, visto que já houve a distribuição dos uniformes pela prefeitura, portanto, o uso é obrigatório.

Entrei na escola pela porta de frente, juntamente com os muitos professores, que vão me cumprimentando, com ar de reconhecimento, não sei se por, eu também ser professora da rede ou por lembrarem de minha presença ali como pesquisadora desde o ano anterior. Cheguei até a secretaria, onde encontrava-se a vice-diretora, que ao me cumprimentar pergunta de imediato se vim para falar com os professores de História, logo que confirmei, ela passou-me os horários deles e me orientou que fosse a sala dos professores, já que logo seria dado o sinal.

Sai dali, fui me dirigindo a escada, onde encontrei-me com o professor de história, que me cumprimentou, e perguntou se eu estava retomando as visitas, quando disse que sim perguntei se tudo bem, ele logo concordou e fomos subindo em direção a sala dos professores, perguntei como estava as coisas este ano, o professor me respondeu com um ar um pouco desencantado: *“ Tu sabes né, os problemas se repetem, não importa se a escola é de periferia ou de centro, os alunos chegam pra gente cheio de problemas, família distante e desestruturada o que se reflete na sala de aula. Os*

*jovens de hoje convivem em lares com pais separados, com madrastas e padrastos, ou sendo criados pelos avós, enfim, jovens que trazem para escola suas exasperações. A escola tenta fazer o possível mas, o poder público não. Seria preciso ocupar esse aluno com atividades atrativas e uteis a vida real de cada um.”*

Chegamos a sala, os professores, pegando seus materiais, conversando, me cumprimentam, uns mais animadamente, outros sem muito entusiasmo, ao toque do sinal, todos vão saindo em direção a suas salas de aula, acompanho o professor a uma sala no mesmo corredor.

Vamos nos aproximando, os alunos já se acomodando, muita algazarra, conversa, arrasta cadeiras, mesas, alguns me olhando curiosos, o professor vai cumprimentando-os, pedindo calma, cuidado, ao que ele se acomodam, o professor me apresenta como sendo uma colega que está fazendo um trabalho de pesquisa, sento-me no cantinho da sala, junto a mesa com o professor, que pede silêncio, faz a chamada, pede que os alunos peguem o material ( caderno, livro..), enquanto isso coloca: *“tem sido difícil planejar aulas que chamem atenção dos jovens, hoje eles tem uma imensa quantidade de informações imediatas e vivem numa sociedade de consumo e massificada, isso torna a escola pouco atrativa então se perdem em facilidades virtuais. Nós temos que despertar esse jovem para o algo mais que existe nesse mundo de informações instantâneas, fazer com que entendam que é preciso saber filtrar o vendaval de informações e utilizar toda a tecnologia em prol de tornar-se um cidadão pleno de seus direitos, mas não é fácil, eles não querem escutar, e em turmas assim como essa onde eles tem 11, 12 anos é ainda pior, só querem brincar.”*

O professor se levanta, e começa a retomar o conteúdo da aula anterior, relembrando coisas que já tinha explicado, e dando continuidade a partir do que se apresenta no livro didático. Os alunos, a maioria, escuta, alguns ficam folhando o livro aleatoriamente, outros assumem uma atitude de total desinteresse, “atirados” nas cadeiras, e não há uma interação, uma situação de troca, eles não pergunta nada, o professor vai explicando, de vez enquanto pergunta alguma coisa a eles, momento em que eles se manifestam, ao final da explicação, o professor se dirige ao quadro, e passa uns exercícios que devem ser feitos, do livro, dá um tempo para que eles façam, já que termina a primeira aula, combinando que corrigiriam ainda nesta aula. Senta-se ao meu

lado, perguntando como vão as coisas no mestrado, aproveito esse momento para perguntar algumas coisas sobre seu trabalho, em relação a sua formação em História, questionei sobre a adequação da mesma para prática docente hoje, ele respondeu: *“Considero adequada porém se o profissional não acompanhar a evolução principalmente tecnológica corre o risco de ficar preso a uma mesmice acadêmica, uma vez que, hoje em dia tudo é muito dinâmico e o professor precisa estar inserido nas novas possibilidades que se apresentam e, lançar mão principalmente da internet como ferramenta atual e muito útil para o trabalho com história.”* Entre um atendimento a dúvidas de alunos ele ainda acrescenta que, *“acho que hoje em dia, um professor deve ter capacidade crítica de interagir em qualquer acontecimento seja do passado ou da atualidade, deve saber utilizar as mídias e redes sociais, pois vivemos numa sociedade imediatista e, nós, da História precisamos estar atualizados para poder dialogar com os desafios de uma época com essa em que estamos, em ebulição e se desafiar a encontrar um caminho para a educação ter espaço em plena era da informação.”*

Diante dos inúmeros chamados dos alunos, ele levanta e vai atendê-los de classe em classe, neste momento passo a perceber que a escola encontra-se bastante silenciosa, a porta está fechada, mas existem basculantes na sala que dão para o corredor, e pouco se escuta do lado de fora, isso faz com que dentro da sala qualquer barulho a mais seja observado, uma conversa em tom mais alto, um estojo que cai no chão, os alunos chamando o professor constantemente, isso agita a sala, são vários chamados juntos, o professor se virando de um lado a outro, é possível perceber que os alunos tem grande dificuldade em resolver aqueles exercícios passados.

O professor, também percebendo isso, resolve parar tudo e explicar uma por uma das atividades, o que leva até o final da aula, combinando a correção para a próxima. Ao sinal, me despeço da turma e saí com o professor em direção a próxima, no corredor um pequena movimentação, alunos nas portas, professores trocando de sala. O professor comenta que eles, os alunos, tem dificuldade de interpretação, por isso tem tanta dificuldade em resolver atividades, especialmente dos livros didáticos, e este como é novo, eles ainda não conhecem bem.

Chegamos na próxima sala, os alunos são um pouco maiores, em torno de 13, 14 anos, me olham já perguntando, pra mim mesma quem eu era, se era estagiária, fui

esclarecendo, os meninos, fazendo piada com o professor, por eu ser mulher, o professor foi tentando cortar as brincadeiras, dizendo para ele me respeitarem, que eu estava ali como professora e pesquisadora, que não queria saber de brincadeiras bobas, os alunos foram se acomodando, o professor já pediu que pegassem o caderno para corrigir as tarefas da aula anterior, alguns alunos, questionando que não sabiam, outros falavam alto, que tinham feito, mas que muitos não tinham realizado os temas, a turma bastante agitada, me acomodei numa mesinha no fundo da sala, enquanto o professor os acalmava e começava a correção.

De fato, foi possível perceber, que a maioria não tinha feito, pois o professor foi apontando um e outro para responderem e muitos não tinham feito, o professor bastante irritado, fala em alto tom sobre interesse, dedicação ao estudos, responsabilidade, dizendo que eles não queriam nada com nada, só brincadeira, que ele não iria ficar dando respostas de atividades que eles deveriam ter feito, muito zangado começa a anotar os nomes de quem não realizou a tarefa, ordenou que fizessem naquele momento, enquanto ele olhava de quem fez. E assim a aula transcorreu até o sinal, entretanto, de onde eu estava era fácil perceber que muitos não estavam realizando as atividades.

Novo sinal, agora era recreio, os alunos foram saindo, e o professor avisando que olharia os cadernos na próxima aula. Fui em direção ao professor que diz: “ *Viu, isto é em casa, eles não tem ninguém por eles, ninguém olha caderno em casa, manda estudar, eles, nem a família estão nem ai, a gente que se vire.*” Fomos saindo em direção a sala dos professores para o café.

Chegando na sala, a vice-diretora estava dando um recado sobre o sábado de aula que iria acontecer nesta semana, orientando sobre quem deveria vir e quem teria formação com a SMED. Este ano a SMED está oferecendo nos sábados letivos ( 1º e 3º do mês) formação para os professores, alguns vão para os locais de formação, e os que não tem vão dar aula na escola.

Quando termina os avisos, alguns professores reclamam bastante, que trabalhar aos sábados não rende, perdem o final de semana, que os alunos faltam, outros reclamam das formações, mas são retrucados por colegas que estão considerando a iniciativa da SMED boa, pois é um momento de contado e troca com os colegas, não há

um consenso. Vendo a polêmica, o professor de História, me diz que: “ *Prefiro vir para formação, que dar aula na escola, pois sábado não rende mesmo.*” Perguntei o que ele achava das formações: “ *“Acho que a iniciativa é boa, mas ainda falta recurso humano de qualidade que possa vir conversar conosco, muitas vezes quem palestra são colegas que tem as mesmas experiências que nós, e ou, não tem respostas para nossos problemas, ou acham soluções mirabolantes, que sabemos bem que só funcionam no pape, mas é uma oportunidade de encontrar colegas da mesma área e descobrimos que enfrentamos quase os mesmos problemas.*” Perguntei quais, o professor riu e me disse: “ *Ah ta Luiza, tu não sabes? Não dá aula também? Não vai me dizer que o mestrado te trouxe uma fórmula mágica?*” Respondi que eu tenho problemas profissionais sim, mas que queria ouvir dele, o que ele identifica como tal. Ele respondeu: “ *estes que sempre te digo, alunos com problemas de disciplina, família que não participa, recursos materiais, logística para as aulas, salário baixo, muitas turmas, mais de uma escola etc....*”

Ao término do recreio, me despeço, avisando ao professor que retornaria para conversarmos de novo, ele concordou e nos despedimos.

**23/04 /2014**

Hoje cheguei a escola no horário do recreio, os professores já estavam tomando seus cafezinhos, o professor me acenou, já falando que achava que não iria aparecer, pois sempre chego cedo. O cumprimentei, me desculpei pela hora, ele colocou que sem problema, mas que ele não teria aula após o recreio pois seria feito uma atividade com os alunos de um projeto da FURG sobre saúde escolar, perguntei se ele se importaria de ficarmos conversando, ele disse que sem problemas.

Sentei-me ao seu lado, logo terminou o recreio, os professores foram saindo, ficamos nós dois, na sala dos professores, ele me indagou o que eu queria saber, perguntei a ele sobre gestão, o que ele poderia me dizer sobre seu entendimento de gestão, como ele via as experiências que tinha, ele respondeu: “ *acho que um gestor tem que estar sempre presente ao lado dos profissionais que coordena, preocupado em atuar junto buscando soluções para que a luta diária possa sair vencedora diante das dificuldades, com atitudes reais e não o faz de conta costumeiro. Um gestor presente na*

*escola como um todo, sala de aula, corredores, sala dos professores. Alguém que mostre a sua presença no campo de batalha e não no gabinete ou nas reuniões com pouca ou nenhuma objetividade. Infelizmente tenho uma gestão distante dos profissionais, que se coloca num pedestal, embora eu tenha uma boa relação com meus gestores, sempre manifesto aquilo que não concordo e que penso deveria ser diferente.” Pergunto sobre o regimento e o PPP, ele diz: “ conheço um pouco dos dois e procuro seguir as orientações, mas algumas coisas precisam ser modificadas, não participei da elaboração do mesmo e não sei se houve participação dos docentes da escola, porque quando foram feitos eu não trabalhava aqui.”*

Enquanto conversávamos, um ou outro professor entrava e saía da sala, notei que o professor parava de falar ou disfarçava o assunto, pareceu incomodado em falar sobre gestão Perguntei-lhe se estava satisfeito na forma como desenvolvia seu trabalho, ele colocou: *“nem sempre trabalho da forma que gostaria, tentei algumas experiências mas não gostei do resultado. Gosto levar aos meus alunos novas maneiras de fazer as leituras da História, tento levá-los a uma análise crítica, mas acho que ainda não é o que espero. Sou exigente comigo mesmo. Muitas vezes nos acomodamos e fazemos um trabalho mecânico sem muita inspiração. Quando uma aula acontece há uma interação professor x aluno. Quando isso não ocorre é muito chato de parte a parte. Acho que ter inspiração diária para a criatividade é o mais difícil. E a correria de uma escola para a outra atrapalha, cansa, devido a necessidade de melhorar o salário.”*

Respondi que isso era um problema para a maioria dos professores da rede pública e estadual, ao que o professor acrescenta: *“é um problema de políticas públicas, acho que continuamos vivendo um momento de muitos modismos na educação. Continua a falácia sobre a educação e atitudes nada efetivas, políticos desacreditados que mais visam atender a opinião pública guiada pela mídia e justificar-se perante órgãos internacionais do que realmente resolver situações, como está que são óbvias, e comum, mas ninguém faz nada”*

Neste momento, uma professora vem dar um recado ao professor que está sendo chamada na sala da direção para conversar, ele se admira, desço com ele, e na escada ele se despede. Aviso que seja provável que eu não volte a acompanhá-lo pois vou tentar pensar na escrita da pesquisa, mas que caso seja necessário iria procurá-lo, ele diz



que sem problema e que gostaria de ler meu trabalho depois de pronto, com um comentário, “*quero ver se tu vai falar mal de mim..*”

## **ESCOLA 8 – PROFESSORA G**

**A professora concordou em participar da pesquisa desde que não tivesse que assumir responsabilidade de preencher questionários.**

**28/06/2013**

Cheguei na escola as 10hs, horário do recreio e festa junina, em seguida nos dirigimos para uma sala de 6º ano. A professora me recebeu com curiosidade já que havia feito contato com a mesma, já fazia algum tempo.

A conversa começou em torno da escolha do livro didático, onde a professora comentou suas preferências na hora da escolha, em função da criatividade ( imagens, atividades e sugestões do autor), argumenta que muitas informações é complicado porque os alunos não leem e tem uma "cabeça" muito limitada, citou exemplos de alunos que vem a escola e passam a manhã sem fazer nada.

A professora trabalha com ensino de História há 10 anos, mas não é formada na área, e sim em pedagogia, o que me deixou muito surpresa, pois não me parece uma prática atualmente. Diz que começou a dar aula de História incentivada por uma colega da escola, surgiu uma vaga, não havia profissional disponível para assumir, então como ela sempre gostou, a diretora permitiu que assumisse, e a colega, formada na área a ajudou no início. No turno da tarde, ela trabalha com uma turma de 4º ano, na mesma escola. Iniciou um curso de TIC-EDU na FURG, mas desistiu pois não deu conta de tantas atividades. Começou outro, em supervisão e orientação escolar, a distância, pela Faculdade Mauá, este se encaixou melhor na sua disponibilidade.

A professora desabafa falando sobre sua preocupação com as limitações na aprendizagem que os alunos tem demonstrado cada vez mais a cada ano que passa, não leem, não querem aprender, não tem estímulo familiar, inclusive já pensou em desenvolver seu TCC ( especialização) relacionando a qualidade de vida dos alunos com sua aprendizagem. Comentou que em uma aula a conversa girou em torno das mobilizações e protestos que tem ocorrido em todo país, e a dificuldade que os alunos tem de compreender a relação entre as manifestações com a negatividade da violência, pois é um processo que se volta contra a própria população, mas que os alunos não tem esse olhar. Além disso, ela acrescentou que falta aos alunos iniciativa para facilitar a aprendizagem, eles não sabem nem "colar", ou indagar de outros colegas, por ex: o que caiu numa prova, nem se dão por conta quando o professor dá a prova antes da data em forma de exercícios, e ainda assim eles se saem mal. Existe reprovação em massa. Inclusive, citou os alunos do 4º ano, onde ela já observa essas problemáticas na aprendizagem.

A distância entre uma observação é outra se deu em virtude do recesso escolar e porque a professora esteve afastada um tempo em licença saúde.

**13/09/2013**

Cheguei na escola às 07:45, a professora estava dando aula de religião numa turma, me pediu para esperar até o próximo horário, quando iria para uma turma com a disciplina de História, enquanto aguardava pude observar a movimentação da escola, bastante tranquila, a escola é pequena, de forma que entre os dois prédios é possível

visualizar toda a escola. Sentada num banco, 3 pessoas vieram me indagar sobre a minha presença, mais no sentido de saber se eu precisava de alguma ajuda.

Na sala de aula, poucos alunos, pois a turma sairá mais cedo, mesmo assim a professora propõe um trabalho avaliado, em dupla. Chamou atenção o fato da professora trazer a filha para a escola em dias que ela tem prova na sua escola, a professora explicou que é uma forma de fazê-la estudar e ir ajudando quando precisa e argumentou que ela estuda numa escola particular, então, há muita exigência, num contraponto com a escola pública.

Os alunos começam a copiar as atividades e contam para a professora que na segunda fugiram da escola ( alguns ), numa postura de normalidade, um deles inclusive argumenta: *"se eu tivesse ido pro centro, tudo bem, mas eu fui para casa, dormir"*, a professora diz a ele que dessa forma acabará repetindo de ano de novo, numa associação direta entre conduta e aprendizagem. Os alunos (dois em especial) continuaram argumentando em relação a aula, que não tem vontade de vir a escola, então inventam em casa que não tem aula, ou que entram mais tarde, hoje vieram porque gostam de História e Geografia.

A professora começa a relatar a situação desta turma, são alunos repetentes, a maioria, faltam muito a aula, são problemáticos na aprendizagem, o nível de exigência é mínimo, trabalho para casa nem pensar, não volta, ela diz: " o que fazer?", em comparação com as outras turmas é complicado.

Como a professora trabalha a tarde com alunos menores, ela faz a seguinte relação: dando aula para o 4º ano, depois ela os recebe novamente no 6º ano, o fato de já conhecê-los é muito bom, pois conhece possibilidades e limitações, a família, o trabalho flui muito melhor, sem contar que sempre são os menores, que ela chama de turma-padrão. Outra relação: teve um período que ela seguiu com a mesma turma no 4º, 5º ano, e depois com História no 6º ano, agora eles são do 8º ano, ela identificou como uma turma maravilhosa de trabalhar, considerando essa continuidade como benéfica para a aprendizagem.

O problema: no turno da tarde, tem professores que só querem trabalhar com 5º ano, se ela insistir em seguir do 4º para o 5º ano com a mesma turma, vai causar um "transtorno" com as colegas, então ela deixa como está.

Quanto as dificuldade e problemas que apresentam no âmbito da sala de aula, em relação a aprendizagem e também quanto a conduta, ela coloca: *"tudo é família"*, se não tem suporte, a escola não consegue dar conta de tantos problemas: pobreza, agressividade, falta de interesse, vivências e experiências além da sua idade.

**1º/11/2013**

No momento em que cheguei na escola me deparei com uma cena que traz a tona uma série de questionamentos, uma mãe chorava no balcão da secretaria, choramingando devido a alguma situação que se estabelece com seu filho, ela dizia que não sabia o que fazer, pois criou o filho para ter valores e não para aprontar na escola, as professoras que ali se encontravam tentavam consolar a mãe de alguma forma, colocando que ela não se culpasse, que isso acontecia, ela não era a primeira, nem seria a última que o filho aprontava na escola, indo contra os valores transmitidos pela família. Um conflito é percebido, uma vez que tantas vezes os professores reclamam que a família não acompanha seus filhos, não dão estrutura para eles estudarem. E quando dão? Como pensar essa questão no ambiente escolar?

Fui notada na porta, e encaminhada a sala da professora, esta já se encontrava dando aula, fazendo uma revisão oral do conteúdo, o assunto era Roma, e os alunos, por alguns momentos, demonstraram interesse interagindo com a professora, em outros, assumem uma postura de completa alienação do que se passa na sala, em geral, quietos, cochilando ou só com olhar perdido. A professora destaca com eles o conteúdo que vai cair na prova, na próxima semana, apontando a necessidade deles estudarem, alguns alunos pedem que a prova seja de 'marcar' (objetiva), ao que a professora responde que já fez assim, e que eles simplesmente não estudam e não lêem a questão simplesmente vão na sorte. Este pedido é bastante comum entre os alunos, uma vez que eles consideram muito mais fácil 'chutar' as respostas em questões objetivas, do que numa prova dissertativa onde eles tem que responder questões, neste caso, muitas vezes eles nem realizam as atividades, ou quando fazem colocam qualquer coisa que lhes veem a cabeça, numa tentativa fracassada de enganar a professora e a eles mesmos de que fizeram alguma coisa, e merecem algum ganho ( nota).

Tenho percebido que, muitos alunos, não conseguem associar a construção da aprendizagem com a nota, pois é bastante comum, quando chega o 3º tri, os alunos que

se saíram mal no 1º e no 2º tri, se darem por conta que não será possível recuperar a nota, e que terão que fazer exame, essa descoberta, muitas vezes vem em tom de surpresa, mesmo sendo eles avisados várias vezes, isso traz a discussão a questão do imediatismo que essa geração de adolescentes tem demonstrado. Se seus atos vão lhes trazer uma consequência imediata, neste exato momento, eles demonstraram alguma preocupação, às vezes, nenhuma, mas se preocupam, daí eles pensarem nisso só no final do ano, às portas do exame ou de uma possível reprovação.

A professora está fazendo um curso de pós-graduação, onde ela tem como temática a relação do supervisor escolar com os professores no ambiente escolar, trabalhando numa perspectiva de escola democrática, ao que ela salienta não ser o caso dela. Ela faz esta colocação e não desenvolve a ideia, deixa no ar num tom irônico, numa demonstração clara de insatisfação.

Mudando o tom da conversa, chama atenção para uma reportagem que ela leu sobre progressão automática, que a cidade de São Paulo, foi pioneira há 21 anos atrás, e agora os estados revelaram não ter havido avanços, inclusive com a constatação de que os alunos estão chegando ao 9º ano semialfabetizados. Diante disso, foi extinto o projeto de progressão automática na cidade de São Paulo, a professora destaca a pergunta: “- *Se com eles não deu certo, porque com nós vai dar? Eles estão extinguindo lá, e nós estamos adotando e ampliando aqui um projeto falido.*” Aborda, ainda, a questão das classes de estudos diferenciados, que tem como projeto do MEC serem extintas, o que é um erro, pois os alunos que frequentam essa classe, precisam realmente de um atendimento diferenciado, a professora inclusive, destaca que deveria haver nos 6º anos, também, pois quando chegam aqui, muitos alunos apresentam problemas sérios de aprendizagem, neste ponto, a professora chama atenção para a questão familiar que não dá suporte, ou muitas vezes não sabe o que fazer, a professora diz: “-*Digo para as mães usarem a pedagogia do chinelo ( e ri) ou como ela faz com a filha, pelo mérito, só terá o que deseja se estudar, ou em troca de...*” Me chama atenção a forma como a professora pensa a questão da aprendizagem, como objeto de troca, no caso da filha não há um olhar reflexivo sobre a importância da aprendizagem a partir do qual ela orienta os estudos da filha ou dos seus alunos, e sim uma forma de obter resultados finais positivos, sem pensar no processo de construção dos mesmos.

Enquanto conversamos os alunos estão realizando algumas atividades sobre o conteúdo, mas nota-se uma total falta de interesse. Ao término da aula, a professora se despedi, combinando um outro dia para a correção.

Em outra turma, a professora novamente começa a fazer uma revisão oral do conteúdo, ao falar sobre Roma e reforma agrária, ela questiona os alunos sobre o que é reforma agrária, o que eles sabem do assunto, eles respondem que não sabem nada, que na TV eles só assistem novela, quando ela questiona sobre o MST, apenas um aluno coloca que já tinha escutado falar, mas não soube dar explicação. Na continuidade da explicação, muitas ‘gracinhas’ ditas pelos alunos, que a professora teve jogo de cintura para contornar por várias vezes, mas por outras tantas teve que parar, chamar atenção, pedir silêncio, em alguns momentos demonstrando cansaço, foi resumindo a explicação e encerrando, coloca atividades no quadro.

Quando os alunos questionaram minha presença, para minha surpresa ela disse a eles que eu era do Conselho Tutelar e estava ali para observar quem eram os alunos que vinham para escola só para incomodar, pois ganham tudo: uniforme, material, passagem, merenda e passam só perturbando. Diante dessa suposta ameaça, parece que alguns foram se acalmando. Alguns alunos passaram a me olhar muito desconfiados, mesmo depois que a professora esclareceu quem eu era. Essa desconfiança é reflexo de situação que perturba as famílias, que é a fiscalização indesejada do Conselho Tutelar, que por muitos é visto como ameaça.

A professora esclarece que tem muitos alunos fora da idade no 6º ano, e que alguns vão repetir pela 2ª vez, colocando como situação complicada, pois também são alunos que faltam muito a aula, não justificam, não se preocupam com avaliações perdidas, deixando o professor diante de um problema difícil de ser solucionado, pois está fora de sua alçada.

**07/05/2014**

De volta a escola, fui recebida pela vice-diretora, que com um abraço afetuoso, me recepcionou e prontamente já me indicou a sala onde encontrava-se a professora. Hoje, observei uma movimentação diferente na escola, o espaço que leva às salas de aula, para o qual todas estão viradas é o mesmo espaço onde ocorrem as atividades de Ed. Física, ou seja, as alunos se exercitam e/ou jogam bola nas portas das salas, por isso

todas as portas ficam fechadas. Desviando dos alunos e da bola fui em direção a sala de aula onde se encontrava a professora, que de pronto me atendeu, e solicitou que aguardasse na sala dos professores, pois naquele momento estava dando aula de religião, e a partir do 2º horário estaria com estagiário, daí poderíamos conversar na biblioteca. Percebendo que ela realmente não se sente a vontade com minha presença nas aulas de religião, me dirigi a sala dos professores para aguardá-la.

Esta sala, também, com sua entrada voltada para o pátio interno, ou seja, onde está acontecendo a prática de Educação Física, é um ambiente espaçoso, porém ocupado por muitos objetos, especialmente pilhas de caixas com os uniformes que chegaram para serem entregues aos alunos, armários, muitos troféus do grupo folclórico de danças gauchescas da escola, livros, tudo num bom estado de conservação.

Enquanto aguardava a professora, eu visualizava e escutava a algazarra da atividade física imaginando que dentro das salas de aula ecoavam os mesmos sons.

Logo chegou uma das professoras que eu acompanho em minha pesquisa, mas em outra escola, com a qual não contactei, ainda, este ano. Conversamos, e ela foi logo desabafando que este ano está muito difícil, com uma 8ª série que caracteriza como “*terríveis, infantis e não querem nada com nada, não fazem tema, não levam material, não realizam atividades, muito complicado, bem diferente do ano passado, que era bem tranquilo, este ano parece que os alunos chegaram empurrados.*” Diante do meu interesse em ir visitá-la, ela se mostrou bem reticente, alegando que não saberia lidar com uma visita naquelas turmas, com a minha insistência e o argumento de que seria bem interessante este contraponto para a pesquisa, ela concordou, mas escolheu o dia da semana para que isso acontecesse. Ao sinal, se despediu e se dirigiu para sala de aula, enquanto a professora que aguardava veio a mim.

Fomos para a biblioteca, onde começamos a conversar, num primeiro momento ela me questionou muito sobre a qualificação do mestrado, onde fui explicando como se deu, ela argumentando que, na verdade, não passa de uma espécie de ritual, pois em todos o funcionamento é o mesmo. Falando sobre o pós-graduação que está fazendo, enviou o trabalho final, que retornou com muitos ajustes a serem feitos, o que ela ainda não se animou a fazer. Como o trabalho é sobre a relação entre os professores e supervisão escolar, ela foi desenvolvendo o assunto, colocando que ali (naquela escola)

não tem supervisão, os professores ficam um pouco a mercê, quem acaba fazendo este papel é a diretora. O curso também direciona na área de orientação, ao que ela argumenta “*que todo professor acaba sendo, pois estando em sala de aula é inevitável assumir este papel.*” Diz que gostaria de terminar sua carreira na função de supervisão, mas que acha pouco provável já que dificilmente mandariam alguém para seu lugar, ela ainda deve trabalhar mais uns 5 anos.

Este ano ela se mantém com os 6º anos de História, além de religião dos 6º, 7º e 8º anos, o que lhe desagrada, inclusive sugeriu assumir duas turmas de Geografia, pois estão sem professor, em troca de religião, mas a direção não concordou, já que ela não tem formação, ao que ela riu dizendo; “*mas também não tenho em História, só tenho mais tempo dando aulas de História, mas Geografia eu tiro de letra, pois acompanho minha filha na escola*”. Sobre a filha coloca que estuda numa escola particular, que é bem puxada no ensino, já desde o 4º ano, são professores por área para irem se acostumando, optou por particular porque ela fez a pré-escola e o 1º ano na pública, nesta escola, mas no 1º ano, a menina teve 5 professoras no mesmo ano, e além disso ela começou a observar o meio em que a filha estava se relacionando, colegas onde a família não dava respaldo no estudo, e ela queria para filha outros exemplos, por isso, também a troca de escola, mas que no ensino superior ela almejava para a filha o ensino público, pois o particular não é bem visto, o problema é que as cotas acabaram excluindo os outros, neste caso a filha.

Voltou a se referir ao curso de pós-graduação, que é de uma instituição particular, mas que apesar disso é bem puxado, pois é a distância, então ela tem atividades na plataforma praticamente todos os dias, isto para quem trabalha 40hs é bem problemático, pois apesar do objetivo maior ser a mudança de nível na carreira para melhorar um pouco o salário ela quer apresentar qualidade no que está fazendo.

Neste ponto, ela fala da falta da hora-atividade no turno da tarde, pois neste dia, onde ela não dava aula, conseguia adiantar muitas coisas e este não está sendo possível porque para que elas, as professoras do currículo, possam ter este dia de 15 em 15 dias, é preciso fazer uma acomodação dentro da escola, onde umas cobrem as outras. Então ela direcionou sua fala para a questão das leis que acabam sendo feitas, mas não é dado suporte, pois a hora-atividade é lei, e não existem recursos humanos para tal, é como a



lei Maria da penha, onde ela cita a fala de um delegado amigo que colocou que no papel é bem bonita e que serve para identificar quem matou, já que induz a denúncias, mas suporte de proteção a mulher pouco existe.

Acrescenta, ainda, que a atual administração tem deixado muito a desejar, além de problemas com recursos humanos, que tem faltado nas escolas, o material para trabalhar não tem chegado, coisas básicas como folhas de ofício, não é permitido que se peça aos alunos, se estabelece um problema, em reunião com pais, ela falou a eles que não pediria material, mas que disponibilizaria uma lista com o que os alunos deveriam ter, no mínimo, para se fazer um trabalho razoável, e em tom irônico coloca: “ *inclusive, papel higiênico, que a escola não tem, a Secretaria de Educação não manda, eu tive que comprar e deixar no armário para quando os alunos precisam, é um desaforo, ter que pagar para trabalhar e ter que dizer aos pais que tem que dar material aos filhos, coisa que eles também deveriam saber.*”

No tempo que passamos ali naquela sala a professora estava bem a vontade, falando de forma muito espontânea, de vez enquanto parava, ficava pensativa, querendo lembrar de coisas que queria falar, pois espontaneamente ia introduzindo novos assuntos.

Começou a falar de gestão, onde coloca que entende como sendo o setor administrativo e gostaria que fosse mais democrática, onde as pessoas pudessem escolher o que querem e o que precisam, “ *tenho uma gestão não participativa, as decisões são tomadas pela equipe diretiva, não há preocupação com as prioridades de quem precisa*” cita exemplo de quando, em um determinado foi perguntado as professores sobre suas necessidades na escola, a qual ela respondeu que queria um quadro-negro novo, houveram muitas ‘caras-feias’, questionando sobre o que ela usava, que considerava muito ruim, o que aconteceu, foi adquirido um pior, que ela rejeitou e continuou usando o velho, foi questionada, explicou que era ruim, até que tomaram uma providência para melhorá-lo, diz: “ *pra que tanta cara-feia? Eu não estava solicitando nada absurdo, era só uma forma de melhorar um pouco minha condição de trabalho, vai ficar toda a tarde com uma turma em condições precárias para ver o que é bom? Essas coisas na gestão é que me chateiam.*”

Quando perguntei se conhecia o PPP da escola, diz que não, que quando foi elaborado a portas fechadas, só foi lhe solicitado que elaborasse um objetivo para o ano trabalhado. No conjunto não conhece, não participou da elaboração do todo, e não é colocado a disposição pela direção. Diante da minha afirmação de que ela tem o direito de ter acesso ao documento no momento que desejasse, ela colocou que não tinha interesse já que não participou da elaboração, e ela sabe bem o que deseja de seus alunos.

Foi colocando que para o ensino de História ter mais qualidade seria necessário que os alunos tivessem um pouco mais de conhecimento de mundo, acompanhar notícias, estarem acompanhando as coisas que acontecem, diz: *“ não sei se eles não tem essa capacidade ainda, ou falta mesmo uma forção de casa com incentivo para educação, valorizar mais o ensino de História nos anos iniciais, para que eles chegassem ao 6º ano conhecendo um pouco mais alguns conceitos, por ex: de tempo, de relações sociais, espaço.....às vezes parece que falamos grego com eles”* acrescenta, *“ isso, também, acaba fazendo com que eu não faça as coisas como gostaria, queria ter mais tempo para ver umm filme, mais material pedagógico d etrabalho, mais recursos, para tentar ter mais retorno, mais questionamento dos alunos, perguntas inteligentes, isso acaba desmotivando o trabalho para melhorar, o retorno do aluno é o mais motivador para o professor, não concordas?* Coloca que se fosse professora de matemática talvez tivesse mais isso, pois há uma maior preocupação com essa disciplina por parte deles. Em História e Geografia há uma falsa noção de que é só decorar. Os alunos vem sem sem conhecimento de história, confundem com geografia, dizem que dá na mesma.

Acrescenta dizendo que: *“ A escola para eles é um grupo social: amigos, confusões, onde eles tem tudo, deixou de ser espaço de ter conhecimento e passou a ser o lugar onde eles recebem tudo ( comida, uniforme, material, atenção, encaminhamentos....), inclusive porque muitos não tem em casa.”*

Por não ter formação, a professora coloca que é um pouco limitada, falta mais conhecimento, mas por isso mesmo procura mais, busca esse conhecimento, às vezes muito mais que do que aqueles que são formados, pois tem alguns que pela formação dão sempre as mesmas coisas. Acha até que deveria existir um projeto político

pedagógico a exigência de que os professores exigissem mais dos alunos: mais leitura, fichas de leitura. O problema é que quando um professor exige mais, há reprovação, daí o professor que não é bom.

Fala da progressão automática, “ *o interesse da família é aprovação. A política quer aprovação, isso não devia acontecer. Chegam no 6º ano, sem saber interpretar textos*” Por outro lado, muitos professores trabalham 60hs, porque precisam se sustentar, não fazem um trabalho de qualidade, pois não tem tempo de se dedicar as atividades profissionais, o que acontece é prejudicial ao trabalho na sala de aula.

Volta a falar da família como um fator que prejudica o ensino, “ *a família que é a base de tudo não está presente na vida escolar, e acham que o professor tem que fazer tudo, inclusive dar educação que deveria vir de casa. A família desvaloriza o professor frente aos alunos.*” Usou como exemplo a filha que reclama da professora de matemática, mas ela sempre diz pra menina ter respeito e obedecer a professora. “*Aqui, na escola, qualquer coisa que tu diga, a família ve tirar satisfação, acusa o professor de rotular e perseguir alunos. Os pais denegrim a imagem do professor. Não existe cooperação da família, quem tem que colaborar om a escola são os pais*” Ela coloca que falou isso a eles, em reunião. Acrescenta colocando que dá pra dizer que 80% trabalha ao contrário da escola, “ *a gente faz eles desfazem.*”

Com o toque do sinal, a professora se despedi de mim, demonstrando bastante entusiasmo, dizendo: “*hoje rendeu a conversa*”, e sai em direção a sala do professores.

## **ESCOLA 9 – PROFESSOR H**

Este professor foi contactado em 2013, conversamos, ele se disponibilizou a participar, mas acabou que só consegui acompanhá-lo uma única vez, pois acabei concentrando minhas visitas a outra professora, onde se estabeleceu uma afinidade, talvez por isso, eu o tenha meio que deixado de lado.

**23/04/2013**

Ao iniciar este ano, voltei a entrar em contato com o professor que prontamente aceitou novamente o convite.

Ao chegar na escola, a porta de entrada estava aberta, sem ninguém, diante da janela da secretaria que fica a esquerda de quem entra, uma fila de pessoas aguardando para, aparentemente, resolver questões burocráticas. Fui adentrando, temerosa de ser vista como uma intrusa, mas diante do fato de não ter uma pessoa responsável por ali, fui indo até a sala da direção, que estava vazia, na sala dos professores, duas professoras conversando, não me notaram, no laboratório uma movimentação de alunos atrás de pilhas de livros, notei que estavam ajudando a bibliotecária a distribuir os mesmos. Fiquei aguardando no corredor, observando a movimentação dos alunos com os livros, até que apareceu alguém que pudesse me localizar o professor. Em alguns minutos, a supervisora, que logo me reconheceu, diante da solicitação de onde estaria o professor, me encaminhou e seguiu seu rumo, fui atrás do mesmo, sentindo uma sensação bastante confortável dentro do espaço da escola, talvez o calor do sol, e o seu brilho que iluminava as saídas por onde passei para me dirigir ao prédio dos fundos, onde encontraria o professor.

Lá, o encontrei, passando em algumas salas, dando alguns recados para alunos. Me recebeu, mostrando-se simpático com meu retorno, e logo me convidando a acompanhá-lo, enquanto ele pegava seu material fiquei observando a movimentação dos alunos, já que foi dado o sinal para troca de professores, neste momento, eles se dirigem às portas, onde batia o sol, em grupos, aguardando os professores, poucos se afastando. O professor vem com o material e nos dirigimos a sala de aula, onde ele me apresenta rapidamente, sem maiores questionamentos dos alunos.

Dá início a aula, resolvendo questões de encomendas de moletons, já que é uma turma de oitava série, e ele é o regente, encarregado de desenvolver atividades pertinentes a formatura. Distribui um bombom para cada aluno em lembrança a Páscoa, a relação com os alunos é bem íntima, enquanto circula na sala, lembra aos alunos que um autor com o qual trabalharam nas primeiras aulas, faleceu nesta semana, Manoel Garcia Marquês, onde os alunos fizeram alguns comentários.

Recolhe alguns trabalhos e dá início a uma explicação sobre Estado, há uma boa atenção e participação dos alunos, eles comentam, perguntam, opinam. Passa um pequeno esquema no quadro, e enquanto os alunos copiam o professor me indaga o que estou achando da turma, respondi: “ *Achei que eles são bastante participativos,*

*interagindo contigo e perguntando*”. Diante disso o professor fala: “*Considero muito importante a relação que o grupo estabelece com o conhecimento, então logo que conheço uma turma vou tentando dar significado ao estudo da História para eles, também observo o contexto social do grupo, o que me faz pensar nas demandas desse grupo. E, por consequência, na organização de um currículo próprio que possa dialogar com o coletivo que se está trabalhando.*”

Ao sinal do recreio, todos saem, nos dirigimos a sala dos professores, no caminho muitos alunos vem em direção ao professor cumprimentá-lo, dando tapinha nos ombros, boa receptividade em meio aos alunos. Ao chegarmos na sala, muitos professores já ali reunidos, alguns me cumprimentam, outros me olham questionadores, apenas uma pergunta se sou professora nova na escola, diante da explicação se dá por satisfeita.

O professor coloca que neste ano ficou apenas com uma turma de ensino fundamental, por opção, pois já eram seus alunos no ano anterior, e ele gostaria de seguir adiante com eles, as outras turmas são do ensino médio, e está ainda “quebrando o galho” em Sociologia. Trabalha noutra escola somente com ensino médio. E a tarde, em outra atividade, no porto, com licenciamento ambiental, que coloca; “*é trabalho que me paga melhor, ocupa bastante seu tempo e o desvia de atividades acadêmicas.*”

Acrescenta, que não gosta de trabalhar com o 6º e 7º anos, em função principalmente dos conteúdos, especialmente o 6º ano, com História Antiga, que ele considera ultrapassada para ser trabalhada na escola, acaba sendo conteúdo recreativo, coloca “*se eles não tem afinidade com o bairro como terão com a Grécia?*” Acrescenta que os conteúdos de 8º e 9º anos são mais significativos para direcioná-los à realidade mais próxima dos alunos. A fala do professor se remete a questão sobre sua formação onde ele diz que considera sua formação adequada muito mais por iniciativa própria do que uma grade curricular propicia a isso. Ele diz: “*O que temos, no meu entender, é um curso de historiografia, que é acadêmico, solitário, e está na busca de outras demandas esse possível “aperfeiçoamento” que leva ao curso ser “adequado”.* (usa sinais de aspas). *Por exemplo, a busca por projetos de extensão, é uma iniciativa individual, que forja experiência, contato com a realidade das comunidades escolares, ou afins. Porém, até 2009 (quando me formei) projetos de extensão eras escassos no*

*curso de História, principalmente relacionando-se com a extensão. Era preciso estar interado com outros cursos , possuir contatos para saber dos projetos (o que não acontecia no curso de História, em que os projetos não só eram individuais como pouco divulgados).”*

Comentamos sobre o mestrado, onde o mesmo coloca que quando fez, estava focado apenas nisso, nem imagina como seria trabalhar e fazer um curso com tal intensidade juntos. Os professores que ali encontravam-se, tinham suas atenções uns com os outros, a maioria em duplas, em conversas separadas, em conversas que não representavam estar direcionadas a questões pedagógicas e docentes, estavam voltados a si mesmos. Ao toque para término do recreio, nos levantamos e nos dirigimos à sala, a mesma que estávamos antes, ao chegarem, a maioria dos alunos já aguardavam, foram entrando, se acomodando e logo o professor retoma as discussões que foram bastante produtivas, segundo expressão do próprio professor ao final da aula, neste ponto o professor coloca *“é importante que na formação do professor de história fosse enfatizada a importância do entendimento de intervenção na realidade, que seja na realidade escolar ou no âmbito da pesquisa. A abstração do curso é necessária, faz parte do próprio objeto em seu trato com conceitos, mas limitar a isso é reduzir a amplitude do que pode ser a nossa formação. E essa noção de “intervenção” dificilmente faz parte de currículos tão “conteudistas”, pois ela é, em verdade, uma postura político-social em relação à profissão, e mesmo ao sentimento de classe.”*

**30/04/2013**

Ao chegar a escola hoje, encontrei no pátio de entrada alguns grupos de alunos, que parecem estar aguardando o horário de entrar, hoje mais tarde, pois neste momento a escola já está em funcionamento, me olharam com curiosidade mas não focaram atenção muito tempo em mim, logo voltando ao bate-papo.

Adentrei o prédio, fui recebida por uma funcionária que já me conhece, bem alegre foi-me convidando a entrar, o corredor que dá acesso as salas, em silêncio, deparei-me com a diretora, a cumprimentei, e diante de seu olhar interrogativo, relembrei minha presença aqui, no que ela concorda plenamente.

Aguardando a chegada do professor, que entra mais tarde, sentei-me em uma mesa neste corredor, onde pude perceber uma logística de funcionamento: diretora na sua sala, em outra sala a supervisão com dois pais, duas funcionárias absortas em seus afazeres, um ou outro aluno passando por ali, todos bastante envolvidos em suas tarefas, me olham, me cumprimentam, seguem em frente.

Depois de algum tempo, ao toque do sinal, os alunos que se encontravam na rua, entram no prédio, fazendo um algazarra que quebra um pouco o silêncio que envolve o lugar. Momentos antes, se dirigem a sala de aula, aos poucos, começa uma movimentação que marca a troca de horários entre os professores.

Ao sinal, encontro-me com o professor, o qual me comunica que o funcionamento da escola estará diferente hoje, pois haverá eleições para escolha do Conselho escolar, então ele dará somente uma aula e, depois os alunos soltam para participar das eleições, as quais, ele próprio não sabia, numa expressão de desconhecimento, falta de interesse no assunto.

Nos dirigimos a sala de aula, ao chegar ele logo vai comunicando aos alunos que dará uma aula adaptada na aula, em função da mudança de funcionamento do horário, estabelece-se uma certa discussão, pois existe uma certa confusão nas informações, os alunos tem uma, o professor tem outra. De qualquer forma, o professor dá início a aula, resolvendo questões que envolvem a compra de moletons, orçamento, etc..., pois ele é o regente da turma, que é um oitavo ano, então estão já envolvidos com coisas ligadas a formatura.

Feitos os combinados, ele comenta sobre avaliação que será feita na próxima semana, onde confirma que, como sempre, os alunos podem usar seu material sem problemas. Os mesmos, muito tranquilos, escutam, pergunta alguma coisa, demonstrando uma atenção a fala do professor. Este mantém um grupo com os alunos nas redes sociais, onde ele mantém um contato fora do ambiente escolar, mas ligado a questões pedagógicas. Ele me explica: “ *eu acho importante manter este vínculo extra classe com os alunos, para estreitar laços e conseguir entender melhor o contexto da sala, bem como fazê-los valorizar mais o espaço da escola*”, pois considera que uma das problemáticas é “ *quando percebo que os alunos não veem sentido algum em ir para*

*escola. Isso é difícil pra mim, pois cresci em um universo de valorização do ensino, da educação, e de ver nesse trajeto o único para algum tipo de satisfação pessoal, e ainda, acho muito difícil o ato da avaliação, pois é quando fica muito claro a insuficiência das formas de avaliação que estão postas – uma avaliação quantitativa, que não corresponde, por exemplo, a aptidões que hoje poderiam ser consideradas demandas reais, conhecendo melhor os alunos fica um pouco mais fácil.”* Acrescenta que é importante saber o contexto social do grupo de alunos que se tem. É impossível saber de todos individualmente, mas é necessário ter uma espécie de “média social”, de identificação, o mais importante é saber que papel a educação tem para aquela criança. Isso é que vai determinar todo o resto.

O professor começa a passar um texto no quadro, e com o silêncio é possível ouvir claramente a fala na sala ao lado, pois a repartição entre as duas salas, apesar de bem firme, parece um material modulado, e deixa um vão nos cantos, por onde passa o barulho da sala ao lado, às vezes de forma mais clara, outras de forma mais confusa, de acordo com a agitação de ambas as turmas, situação que parece desconfortável, pois a outra está bem barulhenta, e é possível perceber que a professora passa pedindo silêncio a eles, o que é ouvido nesta sala.

Quando o professor começa a explicar e conversar com os alunos, o barulho na outra sala parece incomodar, pois o professor para várias vezes, dá uma pausa na fala e faz uma expressão de desagrado, e os próprios alunos questionam sobre o que estaria acontecendo na sala ao lado com tanto barulho. Mas, mesmo incomodado, o professor nada faz, segue com sua aula, levantando o volume da voz, e aguardando que o barulho diminua naturalmente, o que pouco acontece. Mesmo diante desta situação, há uma concentração e um bom envolvimento da turma com o professor. Dá o sinal para o recreio, o professor junta seu material e avisa aos alunos que irá se inteirar da situação do horário diferenciado, e após os comunica.

Ao nos dirigirmos para o prédio, onde fica a sala dos professores, uma grande movimentação dos alunos saindo em direção ao pátio, alguns com material, outros sem, um pouco confusos quanto a tal eleição.



O professor claramente insatisfeito fala que houve falta de comunicação da equipe diretiva, e diz: *“Para mim gestão é a condução administrativa e político-pedagógico de uma instituição, e deve estar bem estabelecidos os papéis, responsabilidades e definição de horizontes a serem alcançados em curto, médio e longo prazo. Tanto aqui quanto na outra escola em que trabalho, percebo que atendem de forma parcial o meu entendimento de gestão, mas que fica complicado avaliar ou criticar já que seria preciso levar em consideração a historicidade de cada escola – que possui especificidades históricas que explicam as gestões atuais. Mas, independente disso, um problema é “gestão da tarefa”, falta um cronograma mínimo de trabalho, com objetivos claros, horizontes a serem alcançados, e quando não problematizados. Trabalha-se com o que tem no dia, com “o que vamos fazer hoje?”, aprova está esta confusão desta eleição que ninguém sabe direito como vai funcionar.” Eu tenho uma boa relação com a equipe diretiva de ambas escolas que me dão, autonomia de trabalho e liberdade de criação, mas acho que de falta a definição de papéis na equipe diretiva. Saber quem faz o que” é importante, pois atribui responsabilidades e evita a centralização da gestão.”*

Ao chegarmos na sala dos professores, um membro da direção estava explicando que após o recreio os alunos voltariam para sala e seriam chamados para votar. Os professores, muito agitados, reclamavam que isso deveria ter sido explicado antes, para que cada um pudesse programar sua aula de acordo com este funcionamento, e que a essas alturas os alunos estavam muito agitados e que ninguém conseguiria mais dar aula direito, até porque eles achavam que iriam embora.

A agitação vai diminuindo, os professores voltam suas atenções ao café, e o restante do intervalo transcorre calmamente, com conversas aleatórias, algumas professoras falam sobre filhos, pois o professor que acompanho será pai em breve, então, a conversa gira em torno das preocupações e dificuldades de se criar um filho nos dias de hoje, mas que acima disso está o amor incondicional que se sente. É dado o sinal, os professores começam a levantar para sair. Alguns mais rápidos, outros bem calmamente, vão saindo da sala em direção as salas de aula. Os alunos, também, numa agitação, parando os professores para saber se iriam votar e ir embora, ou voltariam para sala, uma certa confusão.

De volta a sala, os alunos reclamando, que estava tudo uma bagunça, perguntam: *“ Por que não podemos ir embora? Cada hora é uma coisa, não dão os avisos direito.”* O professor tenta justificar, alegando que nem sempre as coisas saem como deveriam, mas que no fim dava tudo certo. Se volta ao quadro, passa um atividade e solicita que os alunos copiem e façam enquanto não são chamados.

Sentei-me junto ao professor na sua mesa de trabalho e perguntei sobre o PPP da escola, se ele conhecia ou tinha acesso a ele, ao que me respondeu: *“Conheço de uma das escolas, a da outra nunca foi dado o acesso. ( ELE NÃO ESCLARECE DE QUAL ESCOLA ESTAVA FALANDO) Quanto a que conheço, a mim espanta encontrar citações e passagens que remetem a moral cristã – indo contra o princípio básico de Estado laico. Observo um conservadorismo no PPP assustador, como se a escola ideal fosse àquela de décadas atrás, uma nostalgia ingênua de um tempo que não pode nem deve voltar. Estamos diante de outra escola, de outros desafios, e pensar em termos do passado é um retrocesso, ou uma ilusão cômoda, não participei desta construção.”*

Logo, vem uma professora que chama os alunos para que se dirijam ao local de votação, eu e o professor permanecemos na sala e a conversa gira em torno do desenvolvimento do trabalho onde o professor fala que: *“ existem turmas em que eu fico completamente realizado com o trabalho, pois as propostas acontecem, existe um andamento adequado, existe um diálogo que realmente acontece. Porém, outras turmas não, a “coisa não anda”, parece que nenhuma aula rende, isso depende de cada turma, pois existem razões para ambos os comportamentos – que precisam ser problematizados e adequações precisam ser feitas.”* Na sua fala ainda acrescenta que, *“ muitos fatores dificultam o desenvolvimento do trabalho sobre a falta de estruturas de ensino, pois a rede estadual é carente em laboratórios, espaços diferenciados de aprendizagem e mesmo uma biblioteca que funcione efetivamente, e não seja um simples depósito de livros, além disso as políticas públicas e projetos pensados para educação são uma piada, pois é inviável continuar pensando em termos de curto prazo em qualquer política estatal para educação no Brasil. Mudanças são geracionais, e devem ser pensadas como tal.”*

Perguntou-me sobre como tem sido os acompanhamentos nas escolas? Se tenho vistos realidades muito diferenciadas? Se as falas dos professores são muito diferentes?

E foi comentando que reflete muito sobre a sua prática, e que tenta a partir daí tentar, sempre que possível ou necessário mudar tanto a forma quanto o conteúdo de tudo que está sendo trabalhado, *“num movimento constante de reavaliação do próprio trabalho”*. Destaca a importância de atualização bibliográfica, coloca que *“atualização dos conteúdos a serem trabalhados na minha disciplina, na nossa, hoje ainda reproduzem uma historiografia de 70 anos atrás. Mesmo que os PCN’s tenham nos “libertado” da obrigação do conteúdo, abrindo muitas possibilidades, ainda não foi feito nenhum esforço no sentido de atualizar as demandas da nossa disciplina.”*

Indaguei-o sobre o espaço da escola nas relações profissionais, pois percebi que ele existe uma grande quantidade de professores que parecem já ter um bom tempo de profissão, em tom de desabafo, ele diz: *“tenho colegas em “tempos diferentes” na profissão. Quem está quase se aposentado tem uma forma de encarar a sua profissão. Tem os que estão cansados, os insatisfeitos, os negligentes depois de um tempo de exercício da profissão. Da mesma forma, existem os que não perderam o desejo, a vontade de mudar, de se atualizar, e esses, infelizmente, fazem parte de uma minoria (imensa minoria). É a desmotivação somada da acomodação que irrita. E existem os novos, nos que acho que me enquadro, com pouco tempo na rede estadual, que acreditam que muita coisa precisa ser feita e mudada. Porém, muitas vezes é desmotivador ouvir coisas como “não quero fazer nada que precise pensar”. Isso é muito desmotivador vindo de quem deveria ter outro discurso.”*

Os alunos retornando, bastante agitados, falando alto, rindo, ao entrarem já foram guardando material para ir embora, pois a aula encontrava-se no fim, enquanto ele se organizavam o professor diz *“é incrível a diferença que percebo entre uma escola e outra, na outra eles não se identificam, não encontram nela um espaço de sociabilidade, ela é um prédio, e pronto. Aqui o cenário muda, existe a relação com a escola gostam de participar dos projetos que exigem, por exemplo, vir em outro turno. E, em relação a disciplina, o interesse deles é praticamente idêntico, consiste em encontrar uma “função prática” para o conteúdo, não percebendo, por exemplo, na apreensão de conceitos uma ferramenta importante. Daí o desafio do professor, de fazer essa mediação entre a teoria e o universo prático.”*

Ao sinal, os alunos vão saindo, e o turno é encerrado o professor se despedi de mim, colocando que achou que a manhã rendeu muito, pois conversamos bastante e ele ( rindo) não parou de falar.

## **Diário pessoal da pesquisadora**

Observar e escutar as falas dos meus colegas na escola, tem despertado em mim algumas problemáticas ligadas ao ensino partindo do olhar dos professores, que muito tem me levado a questionar as práticas escolares. Uma cansaça já estabelecida logo no início do ano letivo: os problemas antecipados mesmos antes de aparecerem, o que traduz uma desmotivação que vem se arrastando há um certo tempo.

As falas expressam conceitos pré-estabelecidos pelos professores com mais tempo de sala de aula, e os professores mais jovens, na profissão, ficam com um olhar pouco questionador, numa postura de pouca atenção, o que me deixa com um sentimento de angústia, já que sendo novos na carreira e na idade parece já estabelecido um certo conformismo.

Não sinto uma disposição no meu ambiente de trabalho numa proposta de trabalho coletivo, existe uma certa apatia no ar, o que emana também da direção, um acomodamento, existe uma preocupação com disciplina que os professores não estão associando com a dinâmica das aulas. Sabemos que não é esta solução dos problemas, mas uma relação a se pensar. A disciplina dos alunos está ligada a dinâmica da aula? Ou vice-versa?

Na reunião dos professores para escolha do livro didático para 2014, eles demonstram uma preocupação em olhar o livro, que seja bem acessível, mas percebi que alguns preocupam-se, ou melhor comentam sobre o que é oferecido pela editora em termos de vantagens, pois neste ano as editoras estão competindo em ofertas digitais (OVAS, planos de aula, banco de questões, banners...) entretanto, quando comentei com meu colega, que também ministra aula de história sobre o banco de imagens para elaboração do livro, que deve ser usado pelos editoras, ele me pareceu bem surpreso, e percebeu que por trás daquelas ofertas existe muito mais do que nós percebemos ou sabemos. Em geral, notei que os professores comentavam sobre os autores dos livros, muitos procurando olhar com mais atenção determinados autores. Eu não tive esse olhar ao analisá-los, foquei muito mais nos livros que pareciam mais atrativos ao olhar do aluno: imagens, textos compactos, letra grande, temas que focassem em outras temáticas, que somente os conteúdos mais tradicionais, atividades diferenciadas com documentos, imagens, mesclando com atividades mais objetivas e textos

complementares, e ao "negociar" com meu colega da disciplina, que é bem jovem na profissão, busquei mostrar a ele minha visão, ao que ele me colocou que realmente, ele estava muito focado em olhar no livro que mais lhe agradasse, não pensando em primeiro lugar o que poderia ser que mais agradasse ao aluno, mudou seu olhar, chegamos a um consenso. Em geral, observei que os professores de todas as áreas que estavam presentes neste momento, estavam com uma visão bem próxima a minha. Mas, o que me chamou atenção, é o fato dos professores mais experientes estarem conduzindo os mais jovens, como eu mesma fiz.

No horário do recreio a conversa gira em torno do calendário de mobilizações enviados pelo CPERES, onde o mês de agosto tem como foco dias específicos para debater a situação na escola e esclarecimentos a comunidade sobre a preparação de uma possível greve do magistério estadual, em função do pagamento do piso. Estabelece-se um certo clima de tensão, pois alguns colegas ( poucos) se posicionam pela necessidade da greve como forma de pressão ao governo, entretanto outros colocam que embora concordem que é necessário fazer este movimento, o corte do ponto dos salários é um entrave a adesão, uma vez que muitos vivem só do salário do estado, se vem o corte se instalam as dificuldades, é preferível, segundo este, não aderir ao movimento, do que aderir e na primeira ameaça, voltar, envergonhado, estabeleceu-se um impasse.

Paira uma angústia no ar, em especial por causa de uma turma da escola ( 7º ano ), me sinto incapaz de lidar com eles em relação a disciplina de História, essa minha angústia, é expressa por outros professores, onde percebo um desânimo cada vez que um colega tem que ir para aquela sala, e não conseguimos, talvez por uma inércia institucional e pedagógica, pensar em possibilidades para aquela turma, acabamos por jogar a responsabilidade para a família, que não os controla, ou educa, pois eles são extremamente difíceis de lidar: falam todo tempo, se xingam, gritam uns com os outros, a impressão que se tem é que eles não entendem nada do que se diz, meus colegas colocam a mesma coisa, que sentem que quando estão explicando o conteúdo são 3 ou 4 alunos que prestam atenção e entendem.

A inércia institucional de que falo se refere a posição de que não há o que se fazer com esses alunos, supervisão não traz um reforço positivo, e direção lavou as mãos, no sentido de que quando passam dos limites, ligam para família e mandam embora para casa. Isso tem me incomodado porque a forma como os alunos agem na

aula reflete a completa falta de entendimento de coisas básicas do que explicamos, consequentemente eles perdem o interesse, ou não tem interesse, pois não entendem. Exemplo disso foi uma atividade que fiz com o mapa mundi, onde eles tinham que identificar os continentes, mostrei, trabalhamos com atlas, passado um tempo, quando falava em Europa e América, eles simplesmente começaram a falar umas aberrações em relação a geografia, isso me deixa chocada já que eu mesma já havia esclarecido, demonstrado, explicado e exercitado os continentes no mapa mundi, para que eles conseguissem abstrair esses conceitos quando voltasse a eles. Onde está a raiz desse problema? São alunos que já estão fora da idade/série. Então, penso que o problema vem arrastando de outros anos. Entretanto, quando penso nas 7 turmas com as quais trabalho, seria necessário fazer planejamentos diferentes para cada um deles, a questão é, como? De que forma planejar aulas diferentes para turmas do mesmo ano ou série? Que tempo?

O momento na escola é meio tenso, foi deflagrada a greve do magistério, as professoras que não aderiram, entre elas, eu, encontram-se numa posição difícil, sentem-se como que traindo a categoria, uma vez que são sindicalizadas, e a decisão foi tomada em assembléia. Os(as) colegas que aderiram ao movimento tem vindo a escola na tentativa de convencimento, e numa espécie de pressão indireta, como quem diz, a categoria está reclamando dos "desmandos" do governo e não vai fazer nada? Vão continuar trabalhando normalmente? As professoras alegam que não podem segurar um corte de ponto, sabe-se lá até quando, já que os 3 dias de paralisação de abril, ocorreu o corte e não houve negociação ainda.

Nas salas de aula, os alunos pouco perguntam sobre a greve, somente para saber quem está aderindo ou não, mas não indagam o por quê, a conversa só acontece quando os professores tentam explicar a situação.

Neste clima desconfortável e de velada democracia, o trabalho pedagógico fica bastante afetado, ergue-se um muro invisível entre os grevistas e os não-grevistas, que ficam a todo momento justificando sua não adesão ao movimento.

Tensões se estabelecem na escola, as relações estão abaladas, direção-professores, professores-professores, professores -alunos. No primeiro caso, percebe-se o acúmulo de responsabilidades, a falta de recursos humanos para um bom nível de organização abala a estrutura administrativa da escola. Falta orientadora educacional,

que é a pessoa que representa a mediadora dos conflitos com os alunos, fazendo a ponte com a família. A diretora passa a maior parte do tempo envolvida com burocracia e prestação de contas, fazendo orçamentos, contratando serviços terceirizados, afogada numa papelada, sem contar que se divide entre os 3 turnos de funcionamento da escola. A supervisora, acumula sua função com a administração do projeto MAIS EDUCAÇÃO do governo federal, responsável pela circulação de alunos de outro turno na escola, sem contar que não tem conseguido fazer uma articulação entre a equipe docente, para que possamos desenvolver um trabalho em conjunto, ficando a equipe um tanto solta, num trabalho individualizado, cada um dono de sua disciplina, fechados nos seus espaços da sala de aula. Lembrando que alguns professores são contratados e cumprem carga-horária em 2 ou 3 escolas, fora alguns que mesmo concursados, tem horas de convocação nos dias em que deveriam estar em hora-atividade na escola. A vice-diretora assume todas as funções ao mesmo tempo, claro que não dá conta de tudo, por vezes mediando conflitos, por vezes envolvida nos conflitos. Uma funcionária do apoio que se desdobra no atendimento de informações aos pais, atendendo necessidades dos professores ( xerox, recursos materiais etc....) e dos alunos.

No peso de tantas responsabilidades e atribuições, não tem existido um diálogo aberto entre direção e professores, tudo tem sido motivo de "enfrentamento": atrasos de alunos, cobrados por professores, que também atrasam e são cobrados por direção. Alunos que enfrentam professores com atitudes e palavras de baixo calão, os professores cobram da direção uma atitude, a qual argumenta não ter o que fazer, tudo isso agravado pela situação da greve que deixa os professores, num clima de espera, de falta de ação, de sentimento de culpa.

As relações professores- professores estão abaladas neste conjunto de conflitos por falta de envolvimento num projeto em comum, cada um faz o que quer, como quer, como acha que deve fazer, neste montante visualizo possibilidades, de que poderia ou deveria ser feito, mas me sinto incapaz de agir, presa nesta inércia, já que acumulo as funções de trabalho e com os compromissos de minha formação no mestrado e responsabilidades familiares e me percebo em falta com todos eles.

Os problemas nas relações professores -alunos cada vez mais se evidenciam nos enfrentamentos que tem trazido a tona situações de conflitos, onde alunos agredem professores com suas posturas de descaso, por sua vez os professores revidam com



atitudes de domínio do poder, utilizam de meios quantitativos para tentar controlar essa situação, e as relações se abalam, prejudicando ainda mais o desenvolvimento das aulas.

Hoje, muita chuva, sem alunos, os professores estão reunidos na sala dos professores, assuntos diversos, começa o assunto de formação de professores, e eventos que tem como foco a prática docente que tem como apresentadores pessoas que não tem essa prática, são acadêmicos, e nesse ponto um colega comentou: " qualquer dia vou escrever um trabalho sobre a sala dos professores e o que acontece e o que se fala na sala dos professores para ver se eles ( eles, academia) vão aceitar", o que me pareceu uma situação até irônica já que com meu diário é justamente isso que estou fazendo. Alguns colegas reclamam que as seleções para pós-graduação, em geral, nas universidades públicas são com carta marcada, o que acaba por desmotivar o ingresso.

Após longo feriadão, pela passagem do dia do professor, voltamos ao trabalho, mas isso não se refletiu num descanso e numa disposição, professores estão cansados, desabafam, alguns, com anos de carreira para se aposentar, que está na hora de parar mesmo, porque não tem condições de continuar como está, especialmente com a falta de educação dos alunos, sem limites, falam o que querem dentro da sala, fazem absurdos e nada é feito para resolver essas questões de disciplina, os mais jovens concordam. Outros acrescentam, inclusive eu, que tudo está mais pesado porque não estamos trabalhando em conjunto, a supervisão não faz reunião pedagógica, não há uma proposta de trabalho.

A relação que o grupo docente tem estabelecido com os alunos tem sido numa postura defensiva, há uma espécie de enfrentamento velado, onde um jogo de forças se estabelece. Os alunos a todo tempo testam o limite de seus atos, até onde eles podem ir, e os professores, em geral, tem uma certa passividade em estabelecer até onde vai este limite, uma vez que muitos são extremamente permissivos, já que dizem que: "se forem levar ao pé da letra tudo que os alunos fazem e dizem em aula, não conseguem dar aula, vão passar todo tempo parando a aula para chamar atenção ou encaminhar a direção, que no fim das contas pouco tem a fazer. Esta, por sua vez, coloca que, muitas vezes os alunos ultrapassam os limites porque os professores não tem pulso, não adotam uma postura, são permissivos, a supervisão chama de "pedagogia da indiferença", ou seja, para muitos tanto faz o que os alunos fazem, quando está demais simplesmente tiram

alguns da sala e mandam para direção sem nenhuma atividade, e mesmo tendo é complicado, pois não existe profissional disponível para ficar com estes alunos, resta ligar para família vir buscá-los, mas muitos casos não tem quem busque, ou quando vem um responsável, adotam duas tipos de posturas: ou a escola está perseguindo, os professores não gostam do aluno, ou os pais desabafam que não sabem mais o que fazer, em geral, são jovens que inclusive já tomam medicamentos para diversos problemas, hiperatividade é o mais comum, aliás, estamos lidando com uma geração que já se mantém por conta de medicamentos. Meus colegas dizem: “Quem deve dar educação aos filhos são os pais, minha função é transmitir conhecimento”

Estamos chegando num momento do ano letivo onde os professores já começam a contar os dias para encerrar, mas ao mesmo tempo uma preocupação latente com a possibilidade de um alto índice de reprovação. Inicia-se algumas tentativas ‘desesperadas’ para ‘salvar’ alguns, trabalhos extras, facilidades para as provas, tudo que possa levar alguns alunos a aprovação. Isto tudo porque existe uma ‘certa’ pressão vinda nem sabemos exatamente de onde para cuidar os índices estaduais e nacionais, existe um padrão a ser alcançado, isso coloca uma espécie de ‘arma’ apontada para os professores como quem diz: - vocês são os culpados, e no fim das contas os professores se sentem mesmo, por isso as tentativas de facilitar tudo que for possível para a aprovação. Professores me dizem: - *Passei toda a prova no quadro em forma de exercício um dia antes, eles nem se deram por conta porque não estudaram, reprovam com a maior facilidade.*

Por outro lado, não há uma conversa aberta entre professores, direção e supervisão escolar, no sentido de perceber de que forma está sendo conduzida as aulas e a aprendizagem.

Marcada uma reunião administrativa-pedagógica, discutiu-se questões de organização das turmas e da carga horária para 2014, as ordens de CRE é de no máximo 13hs/aula para cada professor, isso reduzirá o nº de turmas para cada docente, aproveitando este ganho, os professores da área das ciências humanas ( História e Geografia) levantam a problemática do nº de aulas, propondo que se aproveitasse a mudança da carga horária para ampliar o nº de aulas instala-se polêmica: para ampliar as aulas de História e geografia deverá diminuir as aulas de Português e Matemática, os

professores destas disciplinas não demonstraram nenhuma simpatia com a proposta. Ainda existe uma outra questão a ser analisada pois essa mudança envolve a possível sobra de carga horária de algum colega, e a saída do mesmo na escola.

O professor de geografia insiste na discussão, propõe que seja organizado um grupo para analisar a situação. O que aconteceu a partir desse momento me fez perceber que, eu e a prof<sup>a</sup> de geografia ( que somos mais antigas na escola em relação aos nossos colegas de área das humanas) acabamos colocando ‘panos mornos’ na discussão, e a jogamos para a direção a função de resolver a situação, e ver as possibilidades, ou seja, acabamos tirando de nós mesmas a discussão que é do nosso interesse e passamos para a direção, que obviamente vai acomodar de forma que facilite seus interesses enquanto setor administrativo. Isso é reflexo da minha posição, também, com o gestor na outra escola, que acabo por ter esse olhar mais apurado para ambos os segmentos.

Passado alguns dias, parece que vai se efetivar as alterações pedidas na carga horária de ampliação do nº de aulas para as disciplinas de História e Geografia, um desejo almejado há muito tempo, isso nos abre a possibilidade de fazer um trabalho melhor pois serão menos turmas, menos alunos, menos avanços, planejamentos mais focados, diante disso, as cobranças virão com certeza já que sobre a tecla da questão carga horária estava vinculada a questão qualidade de trabalho, se a primeira melhorou, automaticamente a segunda deverá apresentar melhores resultados.

Término do ano letivo, olhar exausto de todos, alunos, professores, direção, encerramento das atividades, burocracia, resultados insatisfatórios revelam um desejo de fim deste ciclo, e o preparo para outro, um intervalo se faz necessário.

Os alunos expressam, agora, seu entendimento de um ano inteiro de conteúdos, quando me olham e dizem: “Poxa professora, a senhora usou quase todo o livro.”, como se aquilo tudo fosse uma grande surpresa.

Novo ano letivo, a chegada na escola é bastante agitada, ao mesmo tempo que se tem uma animação pelo ‘novo’, se tem uma nostalgia dos dias de descanso, pois sabemos que algumas dificuldades serão enfrentadas, especialmente as questões estruturais: ainda falta recursos humanos na biblioteca, no apoio as atividades pedagógicas, no laboratório de informática, as máquinas estão ultrapassadas, não são em número suficiente para os alunos, pouco acesso a internet, não tem bibliotecária em

todos os turnos, uso do multimídia depende da organização prévia do professor, que nem sempre disponibiliza de tempo, são suportes pedagógicos que, por sua inexistência, algemam o professor a uma prática que muitas vezes não satisfazem nem a ele mesmo, isso empurra para um cansaço que ainda nem existe.

## Referências Bibliográficas:

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonsi de. Etnografia da prática escolar. Campinas, SP: Papirus, 13ª Ed.2007 – ( Série Prática Pedagógica).

APOLINÁRIO, Maria Raquel. Projeto Araribá – História. São Paulo: Editora Moderna, 2010.

BRODBECK, Marta de Souza Lima. Vivenciando a história: metodologia de ensino da história. Curitiba: Base Editorial, 2012.

BRODBECK, Marta de Souza Lima. O Ensino de história: um processo de construção permanente. Curitiba: Módulo Editora, 2009.

CABRINI, Conceição. CIAMPI, Helenice. VIEIRA, M. do Pilar Araújo. PEIXOTO, M. do Rosário da & BORGES, Vavy Pacheco. O Ensino de História: revisão urgente. São Paulo: Brasiliense,2004.

CAMPOS, Helena Guimarães. A história e a formação para a cidadania. São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

CANO, Márcio Rogério de Oliveira ( coord.). A reflexão e a prática no ensino.São Paulo: Blucher, 2012.

CARVALHO, Larissa Camacho. A questão do método no processo da crise do ensino de História. 2004.67p. Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do curso de Bacharelado em História, FURG, 2004.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. POLONIA, Ana da Costa. PINTO, Celeida B. G. Cintra. CASTRO, Fausto Calaça Galvão, MONTENEGRO, Maria Eleusa. & ZINATO, Vitorina Angélica M. O Autoconceito e a Motivação na Constituição da Subjetividade : Conceitos e Relações. Intermeio: Revista do Mestrado em Educação, Campo Grande, MS, v. 10, n. 20, p. 30-41, 2004.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: Desvendando máscaras, 3ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1990, p.87-121.

CUNHA, J. L.; CARDÔZO, L. S. Ensino de História. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 42, p. 141-162, out./dez. 2011: Editora UFPR.

DE PINA CABRAL, João. (2008) Sem Palavras: Etnografia, hegemonia e quantificação. Mana14(1):61-86.

FABIAN, Johannes. O Tempo e o Outro: Como a antropologia estabelece seu objeto. Tradução de Denise. Jardim Duarte – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Être Affecté. In: *Gradhiva: Revue d'Historie et d'Archives de l'Anthropologie*, 8, 1990, p.3-9. Traduzido por Paula Siqueira, em *Cadernos de campo* n.13: 155-161, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes & FRANCO, Renato. *Aprendendo História: reflexão e ensino*. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

FERREIRA, Letícia de Farias. *O tempo e o voto: uma etnografia da política no cotidiano de famílias assentadas*. 2010. Tese de doutorado em Ciências no curso de pós-graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

FIGUEIRA, Cristina Reis & MIRANDA, Lílian Lisboa. *Educação Patrimonial de história nos anos iniciais do Ensino Fundamental: conceitos e práticas*. São Paulo: Edições SM, 2012.

FONSECA, Selva Guimarães. *Fazer e Ensinar História*. Belo Horizonte: Dimensão, 2009. Porto Alegre: Arte Médicas, 1993.

FORQUIM, Jean Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Trad. Guacira Lopes Louro, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 51ª ed. – São Paulo, Cortez, 2011.

FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicação das Normas da ABNT - 17 ed.* – Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2014.

GALLO, Silvio. *Pedagogia Libertária: princípios políticos-filosóficos*. Publicado em *Educação Libertária: textos de um seminário*, organizado por Maria Oly Pey - Rio de Janeiro/Florianópolis: Achieamé/Movimento, 1996. <http://www.cedap.assis.unesp.br/cantolibertario/textos/0137.html> Acessado em 12 de novembro de 2014.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo, 19ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GOLDMAN, Marcio. *Os Tambores do Antropólogo: Antropologia Pós-Social e Etnografia*. PONTO URBE - Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Ano 2, versão 3.0, julho de 2008.

GOLDMAN, Marcio. *Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica*. In: *Etnografia*. Vol. X, 2006, p. 161-173.

[Http://portal.mec.gov.br/seesp](http://portal.mec.gov.br/seesp) ( Secretaria de Educação Especial).

[Http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/etn/v10n1/v10n1a08.pdf](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/etn/v10n1/v10n1a08.pdf) . Acessado em 6 de dezembro de 2014.

GIL, Carmem Zeli de Vargas & ALMEIDA, Dóris Bittencourt. A docência em História: reflexões e propostas para ações. Erechim: EDELBRA, 2012.

GIL, Carmem Zeli de Vargas & ALMEIDA, Dóris Bittencourt: Práticas pedagógicas em História: espaço, tempo e corporeidade. Erechim: EDELBRA, 2012.

GUSMÃO, D. S. & JOBIM E SOUZA, S. História, memória e narrativa: a revelação do "quem" nas histórias orais dos habitantes do Córrego dos Januários. *Psicologia & Sociedade*, 22(2), 288-298, 2010.

GUSMÃO, Emery Marques. Memórias de quem ensina História: cultura e identidade docente. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (org). *Vida de professores*. Porto, Portugal: Editora Porto. 1992. ( Coleção Ciências da Educação).

[http://www.portal municipal.org.br/entidades/famurs/dado\\_geral/mumain.asp?iIdEnt=5523&iIdMun=100143321](http://www.portal municipal.org.br/entidades/famurs/dado_geral/mumain.asp?iIdEnt=5523&iIdMun=100143321).

JUNIOR, Alfredo Boulos. *Sociedade e Cidadania*. São Paulo: FTD, 2010.

KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2010.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. de. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 2012.

MASCARENHAS, Maíra. Simmel e Goffman: contribuições para o estudo das relações sociais no ambiente escolar. *INTRATEXTOS*, Rio de Janeiro, 4(1):240-257, 2012.

MATTOS, Júlia Silveira. *Ensino de História, diversidade e livros didáticos: história, políticas e mercado editorial*. Rio Grande: Ed. Universidade Federal do Rio Grande, 2013.

MONTEIRO, Ana Maria F. C. *Professores de história: entre saberes e práticas – Rio de Janeiro: Mauad X*, 2007.

NEMI, Ana, MARTINS, João Carlos & ESCANHUELA, Diego Luiz. *Ensino de História e experiências: o tempo vivido*. São Paulo: FTD, 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2006.

PARO, Vitor Henrique. *Educação como exercício de poder: crítica ao senso comum em educação*. 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

- PEIRANO, Mariza .A favor da etnografia. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1995.
- REY, Fernando Luiz González. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. GT Psicologia da Educação. <http://www.anped.org.br/reunioes/24/te7.doc>. Acessado em 27 de novembro de 2013.
- PEIRANO, Mariza . A teoria vivida e outros ensaios de antropologia. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR editora, 2006.
- PERRENOUD,Philippe: A prática reflexiva no ofício de professor: Profissionalização e Razão pedagógica. Porto Alegre, Artmed Editora, 2002.
- PERRENOUD,Philippe. Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas. Lisboa, Dom Quixote, 1993.
- PINTO, Julio Pimentel & TURAZZI, Maria Inez. Ensino de história: diálogos com a literatura e a fotografia. São Paulo: Editora Moderna, 2012.
- Rio Grande do Sul. Conselho Estadual de Educação. Coletânea de Leis, Decretos e Atos Normativos da Educação Federal e Estadual. Porto Alegre, 2011. Organizado no CEED.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da & ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. In: Cesar Augusto Guazzelli/Celi Regina J. Pinto (orgs). Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008.
- ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. A escrita como condição para o ensino e aprendizagem de história. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v.30, nº60, p.121-142 – 2010.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora & CAINELLI, Marlene. Ensinar História; FONSECA, Selva Guimarães: fazer e Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2009.
- SILVA, Marco Antonio & PORTO, Amélia. Nas trilhas do ensino de História: teoria e prática. Belo Horizonte: Roma, 2012.
- SILVA, Paulo Robério Ferreira. HISTORIA PARA A VIDA: SABERES QUE NECESSITAMOS. In: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=816>. Acessado em 04 de novembro de 2014.
- URIARTE, URPI MONTOYA. O que é fazer etnografia para os antropólogos. abril, 2012. <http://www.pontourbe.net/educacao11-artigos/248-o-que-e-fazer-etnografia-para-os-antropologos>. Acessado em 10 de agosto de 2013.
- WACQUANT, Loïc J. D. Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de box. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.



WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.